

A Agencia Thompson e Cía

Julio Verne

CAPÍTULO I

Sob o Aguaceiro

Apoiando-se fortemente sobre as pernas e com o olhar perdido no horizonte brumoso do sonho, Roberto Morgand permanecia, havia uns cinco minutos, imóvel, em frente dessa grande parede negra toda coberta de cartazes, marginando uma das mais tristes ruas de Londres.

Chovia torrencialmente. A enxurrada, que subira a pouco e pouco até ao passeio, minava sorrateiramente os pés do sonhador, enquanto o resto do corpo estava muito ameaçado pelo temporal. A mão, abandonada pelo espírito, que partira para alguma longínqua viagem, deixara a pouco e pouco escorregar o guarda-chuva protector, e a chuva escorria livremente do chapéu para o fato, transformado em esponja, antes de se juntar ao curso tumultuoso da torrente.

Roberto Morgand nem reparava nesta malícia das coisas.

Não sentia o jacto gelado que lhe fustigava as costas. Era de balde que fitava as botas com uma atenção apaixonada, porque não as via — tão grande era a sua preocupação — transformarem — se em dois recifes, contra os quais a torrente se encarniçava, descontente, em húmidos cachões.

Toda a sua atenção estava concentrada num misterioso trabalho a que a sua mão esquerda se entregava.

Escondida no bolso das calças, agitava, sopesava, abandonava e retomava algumas pequenas moedas de um valor total de 33 francos e 45 cêntimos, valor que tinha já verificado repetidas vezes.

Francês, tendo chegado a Londres seis meses antes, depois de uma cruel transformação súbita na sua existência, Roberto Morgand acabava de perder, nessa mesma manhã, o lugar de preceptor que lhe dava o suficiente para viver.

Tendo verificado rapidamente o estado das suas finanças — e na verdade muito rapidamente — saíra, caminhando sempre pelas ruas, em busca de uma ideia, até ao momento em que, inconscientemente, parara na praça onde o encontramos.

E o problema era este: que fazer, só, sem amigos, nessa grande cidade de Londres, tendo como única fortuna 33 francos e 45 cêntimos?

Problema difícil. Tão difícil que ainda o não conseguira resolver e começava a desesperar de alguma vez o conseguir.

Roberto Morgand, a julgar pela aparência, não parecia, no entanto, homem que perdesse a coragem facilmente.

A tez clara, a fronte larga e límpida, coroada por uma abundante cabeleira castanha, cuidadosamente cortada, o grande bigode gaulês separando uma boca bem feita de um nariz modelado em curva enérgica, tornavam-no um homem encantador debaixo de todos os pontos de vista. Melhor ainda: era a bondade e a rectidão em pessoa.

Notava-se isso mesmo, logo à primeira vista, nos seus olhos de um azul sombrio, cujo olhar, apesar disso muito doce, não reconheceria senão um único caminho: o mais curto.

O resto não desmentia o que se lhe lia no olhar. Ombros largos e elegantes, peito vigoroso, membros musculosos, harmonia de movimentos, os dedos finos e bem cuidados, tudo indicava o atleta aristocrata, modelado pela prática dos jogos desportivos, exala flexibilidade e força. Ao vê-lo dir-se-ia: — Eis um belo rapaz, bom e perfeito! — Roberto já dera provas de que não era daqueles que se deixam descoroçar pelo choque absurdo das coisas e prová-lo-ia ainda, sempre preparado para a defesa, digno sempre da vitória.

No entanto são brutais os embates com o destino e o melhor cavaleiro tem desculpa se, por um momento, perde as estribeiras.

Roberto, se quisermos continuar com esta imagem tirada da arte de cavalgar, perdera o equilíbrio e tentava retomá-lo, incerto sobre o que deveria fazer. Quando ele propunha inutilmente, a si mesmo, pela centésima vez, esta questão, levantou os olhos ao céu na esperança, talvez, de aí encontrar a resposta. Foi só então que notou a chuva e descobriu que os seus absorventes pensamentos o tinham imobilizado num charco de água, em frente de uma grande parede negra, coberta de cartazes multicores.

Um desses cartazes, de grande formato, impresso em tintas discretas, parecia, mesmo na sua frente, chamar-lhe a atenção. Maquinalmente — porque ninguém volta depressa do país dos sonhos — Roberto pôs-se a percorrer esse cartaz com a vista e, quando terminava a leitura, recomeçou-a uma e outra vez, sem conseguir compreender o seu conteúdo. Apesar disso, à terceira leitura, sobressaltou-se. Uma linha impressa, em tipo miúdo, no fundo do cartaz, acabava repentinamente de lhe saltar à vista.

Vivamente interessado, releu-o pela quarta vez. Eis o que ele dizia

Agência Baker & Cia, Limitada 69, Newgate Street, 69 — London

GRANDE EXCURSÃO OS TRÊS ARQUIPÉLAGOS

AÇORES — MADEIRA — CANÁRIAS

no soberbo steamer The Traveller, de 2500 toneladas e 3000 cavalos sob o comando do CAPITÃO MATHEWS

SAÍDA DE LONDRES: A 10 DE MAIO, ÀS 7 H. DA NOITE

REGRESSO A LONDRES: A 10 DE JUNHO, AO MEIO-DIA Os senhores passageiros não terão de desembolsar dinheiro algum além do preço estipulado.

Guias e trens para excursões Permanência em terra em hotéis de 1ª ordem Preço da viagem, incluindo todas as despesas, 78

Para todos os esclarecimentos dirigir-se aos Escritórios da Agência, 69, Newgate Street, 69 —London Precisa-se de um cicerone-intérprete.

Roberto aproximou-se do cartaz e certificou-se do que lera. Pedia-se um cicerone-intérprete. Resolveu imediatamente que seria ele esse intérprete, salvo se a Agência Baker & C.a o não aceitasse.

Antipatizariam com ele? Ou estaria o lugar já tomado?

Era-lhe necessário diferir a conclusão no que dizia respeito ao primeiro ponto. Quanto ao segundo, o aspecto do cartaz salvador tranquilizava-o bastante.

Novo e fresco ainda, parecia ter sido colado mesmo naquela manhã ou, quando muito, na noite anterior.

Contudo, não tinha tempo a perder. Um mês de tranquilidade assegurando-lhe o tempo de reaver os estribos perdidos, a perspectiva de uma quantia razoável economizada ao voltar — porque, sem dúvida alguma, dar-lhe-iam de comer a bordo — e, ainda por cima, uma viagem agradável e interessante, tudo isto não era para ser desprezado por um capitalista tal como Roberto. Apressou-se pois a chegar a Newgate Street. Às onze horas em ponto abria a porta número 69. A antecâmara e os corredores, que percorreu atrás de um criado, produziram nele uma impressão favorável. Os tapetes estavam visivelmente coçados, as tapeçarias eram apresentáveis mas usadas. Evidentemente era uma agência séria que não tinha sido fundada de véspera. Sempre precedido pelo seu guia, Roberto foi finalmente introduzido num confortável escritório onde, por detrás de vasta mesa, estava sentado um gentleman, que se levantou para o receber.

— O Sr. Baker? — perguntou Roberto.

— Não está, mas na sua ausência sou eu quem o substitui — respondeu o gentleman, convidando com um gesto Roberto a sentar-se.

— Senhor — disse este — li os cartazes em que a vossa Agência anuncia a viagem que organiza e por eles soube que procuram um intérprete. Venho propor-me para desempenhar esse cargo.

O subdirector olhou mais atentamente para o visitante.

— Que línguas sabe? — perguntou após um momento de silêncio.

— Francês, inglês, espanhol e português.

— Bem?

— Sou francês. Pode concluir se sei ou não o inglês. Falo o espanhol e o português com a mesma facilidade.

— Muito bem, mas não basta. É preciso ter vastos conhecimentos dos países compreendidos no nosso itinerário. O intérprete deve ser ao mesmo tempo cicerone.

Roberto hesitou um momento.

— É assim mesmo que eu entendo — respondeu.

O subdirector disse: — Tratemos das condições: Nós oferecemos 300 francos, cama, mesa e todas as mais despesas pagas. Agradam-lhe estas condições?

— Completamente — declarou Roberto.

— Nesse caso, se me pudesse fornecer algumas referências.

— Será difícil, senhor, porque há pouco tempo que me encontro em Londres, mas aqui tem uma carta de Loyd Murphy, que lhe dará informações completas a meu respeito e lhe explicará ao mesmo tempo a razão por que me encontro desempregado — volveu Roberto estendendo ao seu interlocutor a desagradável carta, recebida de manhã, concebida, afinal, em termos bastante lisonjeiros.

A leitura foi demorada. Homem excessivamente ponderado e sério, o subdirector pesava cada palavra de per si como para tirar dela todo o sumo. Em compensação a resposta foi rápida e clara.

— Onde mora?

— Cannon Street, 25.

— Hei-de falar a seu respeito ao Sr. Baker — concluiu o subdirector, tomando nota da direcção -, Se as informações que vou colher concordarem com as que já tenho, pode considerar-se pertencendo à Agência.

— Então, senhor, está combinado? — insistiu Roberto satisfeito.

— Perfeitamente — confirmou o inglês, levantando-se.

Foi em vão que Roberto tentou agradecer.

Time is money^[1]. Mal teve tempo de esboçar um cumprimento de despedida e já estava na rua, aturdido pela facilidade e rapidez do bom êxito.

CAPÍTULO II

Uma Excursão Verdadeiramente Pública

Roberto, no dia seguinte, 26 de Abril, logo de manhã, teve o cuidado de ir reler o cartaz que na véspera lhe fora indicado pela Providência. Devia-lhe, na verdade, essa peregrinação. Encontrou facilmente a rua, a extensa parede negra e o ponto exacto onde, debaixo de chuva, ele tinha patinhado na lama, mas o cartaz foi mais difícil de encontrar.

Posto que o seu formato não tivesse mudado, estava irreconhecível. As cores, discretas na véspera, tinham-se avivado. O fundo cinzento tornara-se de um azul-carregado e as letras haviam passado de negras à berrante cor de um escarlate brilhante.

A Agência Baker, sem dúvida, tinha-o removido, porque Roberto com o seu oferecimento tornara inútil o apelo aos cicerones-intérpretes desempregados. Foi verificar. O seu olhar correu ao fundo do anúncio. Teve um sobressalto. A menção final estava, com efeito, mudada. Anunciava agora que um cicerone-intérprete, falando todas as línguas, se contratara para a excursão.

— Todas as línguas! — exclamou Roberto. — Mas eu não disse isso!

Parou na expressão do seu descontentamento por causa de uma descoberta inesperada. Os seus olhos, subindo, notaram no alto do cartaz uma firma social onde o nome de Baker já não figurava.

«Agência Thompson Ca», leu Roberto, admirado, compreendendo que a nova menção relativa ao intérprete não lhe dizia respeito.

Não teve dificuldade em decifrar o enigma.

E se esse enigma lhe aparecera afinal por um instante fora porque as cores berrantes que esse Thompson escolhera atraíam o olhar de uma maneira irresistível, sacrificando assim os cartazes que o rodeavam.

Ao lado do intruso, unido a ele lá estava, bem patente, o cartaz de Baker.

— Bem! — disse para si Roberto, voltando-se para o vistoso cartaz. — Mas porque o não vi ontem? havendo dois cartazes, há portanto duas viagens?

Convenceu-se disso por uma rápida comparação.

Excepto a firma social, o nome do navio e o do capitão, eram perfeitamente iguais estes dois cartazes. O soberbo steamer *The Seamew* substituía o soberbo steamer *The Traveller*, e o valente capitão Pip sucedera ao valente capitão Mathews.

No resto era um plagiato mútuo. Tratava-se, pois, de duas viagens, organizadas por duas companhias distintas.

— Eis aqui um caso engraçado — pensou Roberto vagamente inquieto, sem bem saber porquê., E a inquietação aumentou nele quando reparou numa quarta e última mudança. Enquanto Baker & C.a exigia 78 aos passageiros, a Agência Thompson contentava-se apenas com 76.

Esta ligeira diminuição de duas libras não seria suficiente, aos olhos de muita gente, para fazer inclinar a balança para o seu lado?

Roberto, sem dúvida, advogava já os interesses dos seus patrões, de tal forma os advogava que, levado por essa preocupação, voltou a passar, de tarde, em frente dos cartazes gémeos. O que viu tranquilizou-o plenamente. Baker aceitava a luta. O seu cartaz, ainda há pouco discreto, fora substituído por um outro, mais deslumbrante ainda que o da agência concorrente.

Quanto ao preço, Thompson fora não só atingido mas ultrapassado.

Baker fazia saber urbi et orbi que oferecia a viagem aos três arquipélagos por 75! Roberto deitou-se portanto bastante tranquilo. Mas ainda não terminara tudo. Thompson & C.a não iriam replicar e abaixar mais o preço? No dia seguinte reconheceu que eram fundados os seus receios. Desde as oito horas da manhã, um aviso, colado no cartaz, dividia-o em dois, com as seguintes palavras:

«*PREÇO DA VIAGEM, COMPREENDENDO TODAS AS DESPESAS, 74*».

Contudo este novo abatimento era menos inquietante. Ninguém duvidava que Baker continuasse a defender-se, visto que aceitara a luta. E, com efeito, Roberto, que desde então vigiava cuidadosamente os cartazes, viu durante todo o dia sucederem-se e acumularem-se os avisos nos cartazes. Às dez horas e meia a Agência Baker descera o seu preço a 73, às doze e quinze, Thompson apenas pedia 72, Baker, à uma e quarenta, assegurava que a soma de 71 era mais que suficiente, e, às três horas em ponto, Thompson declarava que lhe bastavam 70. Os que passavam, divertidos por estes abatimentos sucessivos, começaram a interessar-se pela contenda.

Paravam alguns instantes, lançavam um golpe de vista, sorriam-se e retomavam o seu caminho. Entretanto continuava este combate com ataques e defesas sucessivas. O dia terminou ainda pela vitória da Agência Baker, cujas pretensões não iam além de 67 £.

No dia seguinte os jornais ocuparam-se destes incidentes e julgaram-nos a seu modo.

O Times, entre outros, censurava a Agência Thompson & C.a por ter declarado esta guerra de selvagens.

O Pall Mall Gazette, pelo contrário, bem como o Daily Chronicle aprovavam-na completamente. Não era afinal o Público beneficiado com estes abatimentos causados pela concorrência universal?

Acontecesse o que acontecesse, este reclamo não podia deixar de ser extremamente proveitoso para a agência que ganhasse a vitória final. Isto tornou-se evidente na manhã de 28. Os cartazes não deixaram nesse dia de ser rodeados por grupos compactos, de entre os quais partiam numerosos gracejos. De resto, a luta continuava, ainda mais acalorada e mais acesa do que na véspera.

Agora, já nem uma hora se passava entre duas defesas, e a multidão acumulada tomava proporções consideráveis. Ao meio-dia, a Agência Baker parecia vencedora. A viagem era já possível, segundo os seus cálculos, mediante a bagatela de 61.

— Vamos, rapazes! Eu cá por mim — exclamou um cockney -, só compro bilhete quando me custar um guinéu. Aqui está a minha direcção: 175, White Chapel, Toby Langher... Esquire! — acrescentou com importância.

Uma gargalhada partiu da multidão. É verdade que pessoas mais bem informadas do que este garoto londrino poderiam com mais forte razão esperar tão grande abatimento. Havia precedentes que as autorizavam a isso...

Não é verdade ter acontecido, por exemplo, que a concorrência encarniçada dos caminhos de ferro americanos, o Lake-Shore e o Nickel-Plate, e sobretudo a guerra que houve entre as Trunk-Lines levaram as companhias a dar ao público, por um só dólar, o trajecto dos 100 quilómetros que separam Nova Iorque de São Luís?

Se a Agência Baker pôde almoçar sobre as suas propostas, a Agência Thompson dormiu sobre elas. Mas por que preço! Quem possuísse 56, podia já fazer a viagem. Quando este preço chegou ao conhecimento do público eram apenas cinco horas. Baker ainda teria tido tempo de replicar. Mas não o fez. Cansado desta luta aborrecida, recolhia-se antes de jogar a última cartada. Foi isto o que pensou Roberto, que começava a apaixonar-se por esta corrida de novo género.

Os factos deram-lhe razão. Na manhã do dia 29, quando os afixadores de cartazes da Agência Baker afixavam um último aviso, chegava ele junto dos cartazes. O esforço desta vez era mais rude. o preço descia a 50, diminuindo assim 6 de uma só vez. Thompson & C.a iam com certeza ficar esmagados. Acaso poderiam eles baratear mais o preço, um xelim que fosse? Todo o dia se passou de facto sem que eles dessem sinal de si. Roberto julgou ganha a partida. Mas aguardava-o um desagradável despertar no dia 30. Durante a noite foram arrancados os cartazes da Agência Thompson e substituído por outros, mais violentos, parecendo querer ofuscar o Sol. E sobre esses cartazes, de um formato enorme, lia-se em grandes letras:

«PREÇO DO PERCURSO, TODAS AS DESPESAS COMPREENDIDAS, 40 £».

Se Baker esperava esmagar Thompson, este derrotara Baker. Alcançara o melhor êxito!

Mil francos por uma viagem de 32 dias, ou sejam perto de 31 francos por dia! Era um mínimo que se tornava impossível ultrapassar. Foi esta a opinião da Agência Baker, porque se passou todo o dia sem dar acordo de si.

Apesar disso, Roberto ainda esperava. Julgava que no dia seguinte haveria uma dessas manobras assassinas chamadas de última hora. Mas uma carta que recebeu nessa tarde tirou-lhe todas as ilusões.

Fixavam-lhe, sem mais explicações, uma entrevista para o dia seguinte, 1 de Maio, às nove horas da manhã. Não deveria ele ter tudo a recear deste convite, depois dos incidentes que conhecia? É desnecessário dizer que foi pontual à entrevista.

— Recebi esta carta — começou ele, dirigindo-se ao subdirector, que o recebia pela segunda vez.

Mas o subdirector interrompeu-o. Não gostava de palavras inúteis.

— Perfeitamente! Perfeitamente! Eu queria apenas informá-lo de que desistimos da viagem aos três arquipélagos.

— Ah!... — disse Roberto, admirado da calma com que essa notícia lhe era anunciada.

— Sim, e se acaso viu alguns dos cartazes...

— Vi-os todos — respondeu Roberto.

— Nesse caso deve compreender que nos é impossível persistir no assunto. Pelo preço de 40 £ a viagem torna-se um logro para a Agência ou para os passageiros e talvez para ambos. Para ousar propô-la é necessário ser um intrujão ou um doido. Não há meio termo!

— A Agência Thompson? — insistiu Roberto.

— A Agência Thompson — concluiu o subdirector num tom incisivo -, é dirigida por um farsante que faz loucuras ou por um doido que tenta intrujar. Não há outro termo.

Roberto pôs-se a rir.

— E então os vossos passageiros? — objectou ele.

— Já lhes foi restituído, pelo correio, o dobro do sinal, a título de justa indemnização, e é precisamente para nos entendermos sobre o assunto da sua que lhe pedi que viesse cá esta manhã.

Mas Roberto não queria indemnização. Pagarem-Lhe um trabalho realizado era natural, mas especular de qualquer modo com as dificuldades que a sociedade, que o acolhera, encontrara, não lhe convinha.

— Muito bem! — aprovou o seu interlocutor, sem insistir. — De resto, posso em troca dar-lhe um bom conselho.

— Que conselho?

— Simplesmente o de se apresentar na Agência Thompson & C.a para aí desempenhar o mesmo cargo a que estava destinado aqui. E autorizo-o a apresentar-se da nossa parte!

— É muito tarde — respondeu Roberto. — O lugar já está tomado.

— O quê? Já? Como sabe isso?

— Pelos cartazes. A Agência Thompson anuncia até um intérprete com que eu não poderia rivalizar.

— Então, é só pelos cartazes?.

— Unicamente.

— Nesse caso — concluiu o subdirector, levantando-se -, tente sempre.

Roberto achou-se na rua deveras desapontado. Esse lugar, apenas alcançado, escapava-se-lhe. Via-se sem recursos como dantes. Mas para que seguir o conselho da Agência Baker? Que probabilidades havia de que o lugar estivesse livre? Por outro lado, não devia ele tentar a sorte até ao fim?

Nesta irresolução, deixou-se conduzir pelo acaso. Porém decididamente o céu tinha-o tomado debaixo da sua protecção, porque inconscientemente parou diante dos escritórios da Agência Thompson & C.a quando um relógio vizinho fazia ouvir dez horas. Com um gesto de desalento empurrou a porta e entrou sem dificuldade numa vasta sala bastante luxuosa, no meio da qual se curvava em hemicyclo uma fila de guichets. Eram pelo menos 15. Um deles, o único aberto, deixava ver um empregado absorvido no seu trabalho. No meio do espaço reservado ao público, passeava um homem agitado, lendo e anotando um prospecto. Numa das mãos, armada do lápis, ostentava três anéis, um no dedo mínimo e dois no anelar. Na outra, que segurava o papel, brilhavam quatro. Esta personagem, de estatura mediana e obesa, caminhava com vivacidade, agitando uma cadeia de ouro, cujos inúmeros berloques tilintavam sobre o ventre proeminente.

Ora baixava a cabeça para o papel, ora a levantava para o tecto, como para procurar nele a inspiração.

Todos os seus gestos eram exuberantes. Era evidentemente um desses homens sempre agitados, sempre em movimento, para os quais a existência não é normal senão quando contrariada por emoções sempre renovadas e por inextricáveis dificuldades.

O que mais surpreendia era ele ser inglês, porque, pela gordura, pela cor da pele, pelo bigode negro e pelo aspecto geral do seu ser, continuamente agitado, julgar-se-ia estar em

presença de um desses italianos que têm a «Excelência» tão fácil.

O exame das minudências confirmava o aspecto do conjunto. Olhos risonhos, nariz arrebitado, a testa escondendo-se debaixo de uma cabeleira escura, encaracolada, tudo denotava uma finura de carácter pouco vulgar.

Vendo Roberto, o passeante interrompeu o passeio e a leitura, precipitou-se ao seu encontro, saudou-o com repetidas medidas e excessos de amabilidade, e depois com voz melíflua: — Poderíamos ter a satisfação de lhe ser úteis, senhor, em alguma coisa?

Roberto nem teve tempo de responder. O outro continuava: — Trata-se, sem dúvida, da vossa excursão aos três arquipélagos?!

— Certamente — disse Roberto-, mas", De novo foi interrompido.

— Soberba viagem! Admirável, senhor! — exclamou o gordo interlocutor -, e que nós tornamos, posso afirmá-lo, o mais barata possível. Aqui tem, senhor, veja esta carta — mostrava-lhe uma carta geográfica pendurada na parede -, note o percurso a realizar. Pois bem? Oferecemos tudo isso por quanto? Por 200 £? Por 150? Por 100? Não, senhor, com todas as despesas pagas, apenas pela ridícula soma de 40 £! Alimentação de 1ª qualidade, steamer e aposentos confortáveis, trens e guias para as excursões, alojamentos em terra, nos hotéis de 1ª ordem!

Enquanto recitava o seu prospecto, Roberto tentou debalde impedir esse fluxo de palavras! Vão lá fazer parar um expresso lançado a todo o vapor!

— Sim. Sim. Conhece já estas minudências pelos cartazes? Então também deve saber a luta que sustentámos! Luta gloriosa, senhor, tenho a vaidade de o dizer!

Se Roberto, impaciente o não detivesse, esta eloquência poderia ter durado horas inteiras.

— Faz-me o favor, indica-me o Sr. Thompson? — perguntou ele, num tom seco.

— Sou eu mesmo e estou completamente ao seu dispor — respondeu o seu enfadonho interlocutor.

— Nesse caso, faz-me o favor de me dizer — continuou Roberto -, se é bem verdade, como me afirmam, ter um intérprete para essa viagem?

— Como! — exclamou Thompson — Duvida disso? Por acaso, seria possível tal viagem sem intérprete? É certo termos um, admirável, para quem todas as línguas são, sem excepção, igualmente familiares.

— Nesse caso, nada mais tenho a fazer do que apresentar-lhe as minhas desculpas.

— Que quer dizer? — perguntou Thompson, embaraçado.

— Vinha precisamente propor-me para esse lugar, mas, visto que já está preenchido...

Enquanto falava, Roberto cumprimentava delicadamente e dirigia-se para a porta. Mas não teve tempo de lá chegar porque Thompson correu atrás dele, dizendo: — Ah! Era para isso?!... A gente explica-se!... Que diabo de homem!. Vamos ver, vamos ver. Faça favor de me seguir.

— Para quê?

Thompson insistiu: — Mas venha cá!

Roberto deixou-se conduzir ao primeiro andar, a um gabinete cuja mobília, muito modesta, contrastava singularmente com o luxo um pouco exagerado do rés-do-chão. Uma mesa de acaju, já sem verniz, e seis cadeiras de palhinha, era o único mobiliário. Thompson sentou-se, convidando Roberto a fazer o mesmo.

— Agora, que estamos sós — disse ele-, confesso-lhe abertamente que não temos ainda intérprete.

— Apesar disso — objectou Roberto -, ainda não há cinco minutos...

— Oh! — replicou Thompson — há cinco minutos tomava-o por um cliente!

Pôs-se a rir com tanta vontade, que Roberto, mesmo sem querer, teve de tomar parte na hilaridade.

Thompson continuou: — O lugar está livre. Mas, primeiro que tudo, tem referências?

— Julgo que serão desnecessárias — respondeu Roberto-, sabendo que ainda há uma hora pertencia à Agência Baker & C.a.

— O senhor vem da casa Baker?! — exclamou Thompson.

Roberto teve de lhe contar palavra por palavra como as coisas se tinham passado. Thompson estava radiante. Absorver a companhia rival e até o seu próprio intérprete, era o cúmulo! ria, batia nas coxas, levantava-se, tornava a sentar-se, sem sossegar em parte alguma, exclamando: — Bravo, bravo! Soberbo! Estranhamente original!

Quando se acalmou um pouco: — Se isso é verdade, está o negócio concluído, meu caro senhor. Mas, diga-me, antes de entrar para casa desse pobre Baker, que fazia o senhor?

— Era professor — elucidou Roberto -, Ensinava a minha língua materna.

— Qual é? — interrogou Thompson.

— O francês.

— Bom! — aprovou Thompson — sabe outras linguas?

— Com certeza — respondeu Roberto, rindo -, embora não as saiba todas, como o seu famoso intérprete. Além do francês, conheço o inglês como está vendo, o espanhol e o português. Nada mais.

— E não é pouco! — exclamou Thompson, que apenas sabia o inglês e esse mesmo mal!

— Se isto lhe basta, está o negócio em bom caminho — declarou Roberto.

Thompson continuou: — Falemos agora, um pouco, do ordenado. Será indiscrição perguntar-lhe quanto ganhava na casa Baker?

— De forma alguma. Estava estipulado que ganharia 300 francos livres de todas as despesas.

Thompson de súbito pareceu distraído.

— Sim, sim — murmurou ele -, 300 francos não é muito.

Levantou-se.

— Não, não é muito, a falar a verdade — continuou ele, com energia. Tornou a sentar-se, e mergulhou-se na contemplação de um dos seus anéis.

— Contudo, para nós, que baixámos o preço até aos últimos extremos da barateza — aos últimos extremos, repare bem! -, esse preço é um pouco elevado.

— Torna-se então necessário sofrer uma diminuição de ordenado? — perguntou Roberto.

— Sim, talvez! — murmurou Thompson -, uma diminuição, uma pequena diminuição.

— Enfim, de quanto? — inquiriu Roberto, contrariado.

Thompson levantou-se e, passeando pelo gabinete: — Por Deus, meu caro senhor, falo-lhe à razão. Assistiu à luta que travaram connosco esses danados...

— Resumindo. De forma que...? — interrompeu Roberto.

— De forma que temos de consentir num abatimento de cinquenta por cento do primeiro preço estipulado. Não é isto verdade, meu caro senhor? Não é tão claro como 2 e 2 serem 4? Pois bem! Para podermos fazer este sacrifício é necessário que os nossos colaboradores nos auxiliem e se deixem levar pelo nosso exemplo, que nos imitem.

— E que reduzam as suas pretensões a cinquenta por cento — terminou Roberto, enquanto o seu interlocutor fazia um sinal de aprovação.

Roberto esboçou uma careta.

Então Thompson pôs-se em frente dele e deixou espriar a sua eloquência.

Era preciso saber sacrificar-se pelas cousas de interesse geral.

Não dera ele o exemplo? Reduzir quase a nada o preço das viagens, outrora tão caras, tornar acessíveis ao maior número os prazeres reservados, nos tempos passados, a alguns ricos! Ia nisto uma questão de alta filantropia, que diabo! perante a qual um coração bem formado não podia ficar indiferente.

Indiferente estava Roberto, afinal de contas, a este rasgo de eloquência.

Ele reflectia e se, afinal, concordou, fê-lo de caso pensado. Ajustaram. Os 150 francos foram aceites e Thompson selou o contrato com calorosos apertos de mão. Roberto entrou em sua casa, relativamente satisfeito. Ainda que os seus vencimentos tivessem diminuído, a viagem sempre era agradável, e, feitas as contas, vantajosa para um homem como ele, que estava em tão precárias circunstâncias. Uma única coisa receava: Era que aparecesse terceira agência concorrente e depois, a seguir, uma quarta e assim sucessivamente, sem haver meio de aquilo acabar.

Então a que soma irrisória desceriam os ordenados do cicerone-intérprete?

CAPÍTULO III

Entre o Nevoeiro

Por felicidade nada do que pensava devia acontecer. O dia 10 de Maio nasceu à hora própria, sem que surgisse algum novo acontecimento.

Quando Roberto nesse dia embarcou, acabavam de amarrar o navio, com a proa voltada para a barra, ao pontão, donde à noite sairia, para o mar. Roberto tinha querido ocupar cedo o seu posto, mas, quando entrou no navio, compreendeu a inutilidade deste excesso de zelo. Ainda se não tinha apresentado nenhum viajante.

Roberto sabia o número do seu camarote: era o 17. A sua leve bagagem foi para aí transportada. Já livre de movimentos, olhou em volta.

Um homem com três galões no boné, evidentemente o capitão Pip, passeava sobre a ponte, de bombordo para estibordo, mascando ao mesmo tempo o bigode grisalho e um charuto. Era um espécime completo do *lupus maritimus*, ou, pelo menos, uma das numerosas variedades desta espécie da fauna humana, com a sua pequena estatura, as pernas arqueadas como as de um podengo, e a fisionomia rude e simpática. No tombadilho, os marinheiros reparavam a desordem causada pela atracação. Enrolavam em espiral os cabos, preparando-os para a partida.

Concluído este trabalho, o capitão desceu da ponte e desapareceu no seu camarote.

O imediato imitou-o imediatamente, enquanto a equipagem arriava o pano de vante. Apenas um tenente que tinha recebido Roberto, ficou junto da escada de portaló. Reinava profundo silêncio no navio deserto.

Roberto, nada tendo que fazer, encetou a visita completa ao navio, para matar o tempo.

A proa, as acomodações da marinagem e a cozinha e, por baixo, um compartimento para as âncoras, correntes e cordagem diversa. Ao centro as máquinas. A ré era destinada aos passageiros. Aí, na entreponte, entre as máquinas e a grinalda da popa, alinhavam-se sessenta a sessenta e dois camarotes. O de Roberto entrava na conta e não era nem melhor nem pior que os outros.

Por baixo desses camarotes reinava o despenseiro no seu império: a despensa. Por cima, entre o tombadilho e a falsa cobertura superior, chamada spardeck, a sala de jantar, muito vasta e bastante luxuosamente decorada. Uma mesa comprida, atravessada pelo mastro da mezena, enchia-se quase toda como centro de uma oval de divãs, que lhe mobilavam o circuito.

Esta sala, iluminada por numerosas janelas que recebiam a luz da coxia que a cercava, terminava num corredor em cruz, onde vinha entroncar o corredor dos beliches. Tanto de um lado como do outro, o ramo transversal desse corredor dava para a coxia exterior. Quanto ao ramo longitudinal, antes de encontrar a cobertura, separava e permitia o ingresso no smoking-room^[2] e, em frente, o reading-room^[3] depois, a estibordo, o vasto camarote do capitão, e a bombordo os camarotes, mais pequenos, do imediato e do tenente.

Estes oficiais podiam assim exercer a sua vigilância até ao castelo da proa.

Terminada a sua visita, Roberto subiu ao spardeck no momento em que um relógio longínquo dava cinco horas.

O aspecto das coisas tinha-se modificado desagradavelmente. Uma névoa ameaçadora, ainda que ligeira, obscurecia a atmosfera. No cais, já as linhas das casas se tornavam menos nítidas, os movimentos da multidão dos carregadores eram cada vez mais indecisos, e, no próprio navio, os mastros iam perder-se a alturas incertas.

Pesava sempre o mesmo silêncio sobre o grande navio. Apenas a chaminé revelava o trabalho interior pelo fumo negro que vomitava.

Roberto sentou-se num banco, na parte anterior do spardeck, e depois, encostando-se à balaustrada, olhou e esperou.

Quase em seguida embarcou Thompson. Enviou a Roberto um sinal, simplesmente esboçado, de boas-vindas e começou a passear, lançando para o céu olhares cheios de inquietação.

O nevoeiro tornava-se cada vez mais compacto, a ponto de tornar a partida duvidosa. Agora já não se viam as casas e nos cais não apareciam senão as sombras dos faróis. No rio, os mastros dos navios mais próximos riscavam o nevoeiro de linhas indecisas e as águas do Tâmisa corriam, silenciosas e invisíveis, ocultas por vapores amarelados. Tudo estava impregnado de humidade. Apenas se respirava água.

Roberto estremeceu e de súbito percebeu que estava encharcado. Desceu ao camarote e, munido de uma cápa de borracha, voltou ao seu posto de observação.

Às seis horas, saíram do corredor central quatro criados, de formas confusas, detiveram-se diante da câmara do imediato e, sentando-se num banco, esperaram a chegada dos seus futuros amos.

Foi apenas às seis horas e meia que se apresentou o primeiro subscritor. Pelo menos, foi o que Roberto supôs, vendo Thompson lançar-se para a frente e desaparecer, escamoteado subitamente pelo nevoeiro.

Os criados agitaram-se imediatamente, ouviu-se o ruído de vozes e, junto ao spardeck, passaram formas vagas.

Como se o recém-vindo tivesse dado o sinal, a partir deste instante não tornou a parar o desfile dos viajantes e Thompson agitou-se continuamente de um lado para o outro entre o corredor do salão e o portaló. Atrás dele vinham os turistas. Seriam homens, mulheres ou crianças? Era difícil dizê-lo. Passavam, e desapareciam como fantasmas incertos, cujos rostos Roberto não podia distinguir.

Mas ele mesmo não deveria estar ao lado de Thompson, prestar-lhe o seu auxílio e começar nessa ocasião o seu papel de intérprete? Não tinha coragem para isso. De súbito, uma tristeza profunda tinha-lhe gelado o coração como doença repentina e terrível. Qual era a causa dessa tristeza? Não o teria podido dizer, e, demais, não pensava em procurá-la.

Era, sem dúvida, esse nevoeiro que lhe paralisava a alma. Essa nuvem opaca abafava-o, prendia-o como as paredes de uma prisão.

Ele conservava-se imóvel, perdido na solidão, enquanto do tombadilho, dos cais e de Londres inteira lhe chegava aos ouvidos, como num sonho, o incessante estremeçamento da vida universal, da vida de seres invisíveis com os quais não tinha, nem nunca teria nada de comum.

Contudo o navio despertara. As clarabóias do salão brilhavam no nevoeiro. A coberta enchia-se pouco a pouco de ruído. Alguns perguntavam pelo seu camarote e ninguém os via.

Passavam marinheiros, que se distinguiram a custo. Às sete horas alguém, a gritar, pediu no coffee-room um grogue. Alguns instantes depois elevou-se nitidamente na cobertura uma voz seca e altiva, cortando um breve momento de silêncio: — Julgo ter-lhe pedido que me desse atenção!

Roberto inclinou-se. Viu uma sombra alta e delgada e, por detrás dela, duas outras, visíveis a custo, talvez de mulheres.

Justamente nessa ocasião a névoa rasgou-se recolocada durante um segundo por um grupo mais numeroso. Roberto reconheceu com exactidão três mulheres e um homem, avançando rapidamente, escoltados por Thompson e por quatro marinheiros carregados de bagagens.

Inclinou-se mais ainda. Mas o lençol da névoa tinha-se já refeito, espesso e impenetrável. Os desconhecidos desapareceram.

Com metade do corpo fora da balaustrada Roberto fitava os olhos, muito abertos, nesta sombra. Não havia, entre toda essa gente, uma pessoa para quem ele fosse alguma coisa.

E amanhã o que seria ele para esses viajantes? Uma espécie de factóctum, quase um criado temporário. Um homem que ajusta o preço com o cocheiro e não paga a carruagem. Um homem que aluga um quarto e não o ocupa, que discute com o hospedeiro e reclama o jantar dos outros. Neste momento lamentou cruelmente a decisão tomada e o seu coração encheu-se de amargura.

A noite ia caindo, ajustando a sua tristeza à do nevoeiro. Tanto os faróis dos navios como os candeeiros de Londres tinham-se tornado invisíveis. Neste algodão húmido da atmosfera pesada amortecia-se o próprio rumor da imensa cidade, que parecia dormir.

De súbito, na sombra, perto do portaló, ouviu-se uma voz gritar: — Abel.

Uma segunda voz chamou por sua vez e duas outras repetiram sucessivamente: — Abel, Abel. Abel.

Seguiu-se um murmúrio. As quatro vozes uniam-se em exclamações de angústia, em gritos de ansiedade.

Passou um homem gordo, galopando quase junto de Roberto. Ia chamando sempre: — Abel. Abel.

O tom desolado era ao mesmo tempo tão cómico, traduzia tão claramente uma tão crassa estupidez, que Roberto não pôde deixar de sorrir. Este gorducho era também um dos seus novos amos.

Já tudo se acalmava. Um grito de criança, soluços convulsivos e a voz do homem gordo exclamou: — Cá está ele. Já o achei.

O sussurro geral e confuso recomeçou, ainda que mais brando. A onda dos passageiros ia diminuindo até que acabou. Por fim, Thompson apareceu um momento à luz do corredor, para desaparecer logo detrás da porta do salão. Roberto conservava-se no seu lugar. Ninguém se ocupava dele.

Às sete horas e meia, alguns marinheiros tinham subido às primeiras enfrechaduras do mastro grande e tinham colocado os faróis nos brandais, um verde a estibordo, outro vermelho a bombordo. À proa, o farol branco dos vapores tinha sido içado sem dúvida no estai, mas não se podia distingui-lo. Estava tudo pronto para a partida, caso o nevoeiro, persistindo, não a tornasse impossível.

Não devia acontecer assim. Às oito horas menos dez, uma brisa desagradável soprou em curta rajada. A nuvem condensou-se. Uma chuva fina e gelada dissipou o nevoeiro. Num

momento a atmosfera tornou-se clara. Apareceram luzes, mortiças e embaciadas, mas já visíveis.

Em seguida surgiu um homem no spardeck. Cintilou Um galão de ouro. Ouviu-se o ruído de degraus a estalarem. O capitão subia à ponte.

A sua voz caiu lá de cima no meio da noite: — Marinheiros ao convés para aparelhar!

Sentem-se passos. Os marinheiros correm para os seus postos. Dois deles vêm quase para debaixo de Roberto, à espera de ordem para largarem um cabo que está ali amarrado.

A voz pergunta: — A máquina tem pressão?

Faz-se ouvir um ruído surdo que estremece o navio, o vapor dilata-se, a hélice dá algumas voltas, depois ouve-se uma resposta, que chega surda e apagada: — Prontos!

O capitão grita de novo: — Larga avante por estibordo!

— Larga avante por estibordo — repete, invisível no seu posto junto à serviola, o imediato.

Uma corda fustiga a água com grande ruído. O capitão manda: — Eia! Uma volta!

— Eia! Uma volta! — respondem da máquina.

— gop!

Tudo recai no silêncio...

— Larga a ré por estibordo! Avante! Devagar!

O navio é sacudido por um estremecimento, A máquina põe-se em movimento.

Mas logo pára e o escaler atraca ao navio depois de ter largado as pontas das amarras que ficavam em terra.

A marcha é retomada a seguir.

— Ala o escaler! — grita a voz do imediato.

Sente-se um ruído de roldanas batendo no convés. Depois, os marinheiros entoam uma canção em surdina acompanhando o seu esforço:

IL a deux fi-ill, rien nest plus beau!

Goth boy falloè! Goth boy falloè!

IL a deux fi-ill, rien n'est plus beau!

Hurrah! pour Mexico-o-o-o!

— Mais força! — ordena o capitão.

— Mais força! — repete o maquinista.

O navio já tinha passado os últimos navios ancorados no rio. O caminho estava livre.

— À vontade! — manda o capitão.

— À vontade! — repete o eco das profundidades.

A hélice gira mais rapidamente, A água redemoinha.

O navio toma rumo. Partem.

Então Roberto encostou a cabeça ao braço estendido.

A chuva continuava a cair. Perdido na sua tristeza, que aumentava, nem mesmo lhe dava atenção.

Todo o passado lhe revivia no coração. A mãe, de quem se recordava, o colégio, onde se tinha julgado tão feliz, o pai! Depois, a catástrofe que lhe tinha perturbado tão profundamente a vida. Quem lhe teria predito que um dia se havia de ver só, sem amigos, sem recursos,

transformado em intérprete, partindo para uma viagem cujos lúgubres preparativos de partida debaixo do nevoeiro, na sombra, à chuva, talvez lhe pressagassem o resultado final?

Quanto tempo se teria abandonado a esta fraqueza? Fê-lo levantar um tumulto. Gritos, pragas, juras. Botas pesadas martelaram o convés. Depois um ranger terrível de ferros contra ferros, e uma massa enorme apareceu por bombordo, para se perder logo na noite.

Nas vigias, apareciam rostos assustados. O convés enchia-se de passageiros aterrados. Mas a voz tranquilizadora do capitão elevou-se. Não era nada.

"Por esta vez" — disse para si Roberto, subindo ao spardeck, enquanto a coberta ficava de novo deserta.

O tempo tornara a modificar-se. A chuva, cuja violência aumentava pouco a pouco, cessara subitamente.

Fez-se como que uma mutação à vista. O nevoeiro desapareceu num grande voo, as estrelas surgiram brilhantes no céu e as margens baixas do rio tornaram-se visíveis.

Roberto consultou o relógio. Eram nove horas e um quarto.

As luzes de Greenwich tinham havia muito desaparecido no horizonte longínquo. À ré, a bombordo, ainda eram visíveis as de Woolwich e no horizonte ia-se tornando visível o farol de Stoneness. O que ficou para trás pouco depois foi o de Broamess. Às dez horas passava-se diante dos faróis de Tilburyness e vinte minutos mais tarde era dobrada a ponta Coalhouse.

Roberto viu então que o spardeck tinha um segundo passeante. O lume de um cigarro brilhava na treva, a dez passos dele. Indiferente, continuou o seu passeio e depois, maquinalmente, aproximou-se da clarabóia iluminada do grande salão.

Tinha desaparecido todo o ruído no interior. Uns após outros, os passageiros tinham recolhido aos seus beliches. O salão estava vazio.

Apenas uma passageira, meio deitada numa poltrona, lia quase em frente de Roberto. Pôde examiná-la à vontade, observar-lhe minuciosamente as delicadas feições, vivamente iluminadas, os cabelos louros, os olhos negros, o busto fino e o pezinho saindo de uma saia elegante. Admirou a graça da sua atitude, a beleza da mão voltando as folhas do livro. Com razão, achou esta passageira encantadora e durante alguns momentos esqueceu-se de tudo contemplando-a.

Mas o fumador fez um movimento, tossiu e bateu o pé! Roberto, envergonhado da sua indiscrição, afastou-se da clarabóia e retomou o seu passeio.

Os faróis continuavam a desfilar. Às onze horas e dez minutos o navio passava ao lado da estação de sinais.

Ao longe tremeluziam os de Nore e do Great-Nore sentinelas perdidas no oceano.

Roberto decidiu-se a descansar.

Abandonou o spardeck, desceu a escada dos camarotes e entrou no corredor. Caminhava como um sonhador, indiferente a tudo que o rodeava.

Em que devaneava?

Continuava o triste monólogo de há pouco? Não pensaria antes no gracioso quadro que acabava de admirar?

Passam tão depressa, às vezes, as tristezas de um homem de vinte e oito anos!

Apenas voltou à realidade quando pôs a mão na porta do seu camarote. Foi então que percebeu que não estava só.

Duas outras portas foram abertas ao mesmo tempo. No camarote vizinho do seu entrava uma mulher e no seguinte um viajante. Os dois passageiros trocaram um cumprimento familiar, depois a vizinha de Roberto voltou-se, lançando-lhe um olhar curioso, e antes de ela desaparecer reconheceu a visão do grande salão.

Então, por sua vez, impeliu a porta.

Quando a fechava sobre si, o navio levantou-se gemendo e depois caiu num marulhar de espuma. Ao mesmo tempo que chegava ao convés a primeira onda sibilou no massame o primeiro sopro do mar.

CAPÍTULO IV

O Primeiro Contacto

Quando nasceu o dia, a terra já estava longe. O céu, coberto de nuvens, o Sol brilhava livremente no imenso âmbito do mar. O tempo estava soberbo e o navio como se partilhasse da embriaguez geral da natureza, avançava alegremente, quebrando, numa luta amigável, as vagas curtas e rudes que contra ele lançava a fresca brisa do noroeste. Quando rendeu o quarto, o capitão Pip desceu da ponte onde tinha estado toda a noite e entregou o serviço ao imediato.

— A proa a oeste, Mr. Flyship — disse ele.

— Bem, capitão — respondeu o imediato que, subindo à ponte, mandou: — Os homens de bombordo à lavagem do convés!

O capitão, em vez de entrar directamente no camarote, tinha empreendido a visita ao navio, passeando por toda a parte o olhar seguro e tranquilo. Foi até ao castelo de vante e aí, inclinado sobre a roda da proa, viu o navio elevar-se sobre as vagas. Voltou à popa e examinou, por muito tempo, a esteira do vapor. Da ré, alcançou as clarabóias das máquinas e, com um ar inquieto, escutou o rumorejar dos volantes e êmbolos em movimento. Ia afastar-se quando um boné agalado surgiu fora do abismo escancarado. Mr. Bishop, primeiro maquinista, vinha ao convés respirar a brisa fresca da manhã. Os dois oficiais apertaram-se as mãos. Depois, ficam frente a frente, silenciosos, enquanto o capitão fixava um olhar inquiridor nas profundezas onde os ferros trabalhavam com ruído enorme.

Esta muda interrogação foi compreendida por Mr. Bishop.

— Sim, é certo, comandante — disse, num suspiro. Não se explicou mais.

Mas o capitão ficou com certeza suficientemente esclarecido porque não insistiu mais e contentou-se em abanar a cabeça com descontentamento visível. Os dois oficiais continuaram então, juntos, a inspecção começada pelo capitão. Ainda durava o passeio quando Thompson saiu por sua vez e subiu ao spardeck.

Roberto, vindo por outro lado, encontrou-se com Thompson.

— Ah! Ah! — exclamou Thompson -, Cá está Mr. Morgand. Como, passou a noite, Sr. professor? Está satisfeito com o seu excelente camarote? Belo tempo, não é verdade?

Instintivamente, Roberto tinha voltado a cabeça, esperando ver atrás dele algum passageiro. Com certeza esse título de professor se não referia à sua humilde pessoa.

Mas não teve o trabalho de esclarecer a dúvida. Thompson tinha-se interrompido bruscamente. Tomando de súbito uma resolução, galgou a escada e lançou-se no convés, Roberto, olhando em volta, não pôde descobrir a razão de fuga tão repentina. À excepção de dois passageiros que acabavam de subir ao spardeck, este estava vazio. Seria a vista desses passageiros a causa da fuga de Mr. Thompson? Contudo, o seu aspecto nada tinha de aterrador. Sob o ponto de vista de originalidade e singularidade, isso era outra coisa.

Se, em rigor, é possível aos franceses adoptarem outra nacionalidade sem excitar desmedida incredulidade nos seus compatriotas improvisados, é isso mais difícil para um

inglês. Os filhos de Albion mostram de ordinário os sinais da sua raça em todo o seu ser com tanta energia, que é impossível alguém enganar-se sobre a sua verdadeira nacionalidade.

Um dos dois passageiros recém-chegados, que avançavam para Roberto, oferecia um notável aspecto da justeza desta observação. Era impossível ser-se mais inglês. Chegaria mesmo a ser um grande inglês se a altura fosse razão suficiente para merecer esse qualificativo.

Além disso, tinha uma magreza proporcional à altura, sem dúvida para restabelecer o equilíbrio e não ultrapassar o peso normal a que tem direito um homem bem constituído.

Este imenso corpo apoiava-se sobre umas pernas compridas, terminadas por pés enormes, bem assentes no solo, do qual pareciam tomar posse a cada momento. Seja qual for o lugar em que se encontre, não deve um inglês plantar de qualquer modo a bandeira do seu país? Pelo aspecto geral este passageiro parecia-se muito com uma árvore velha cujos nós tivessem sido representados pelas articulações rugosas, que se enchiam de rangidos e de estalidos, como as engrenagens de uma máquina mal azeitada. Faltava-lhe com certeza no físico alguma sinóvia e no moral talvez não estivesse mais lubrificado. Para se ser levado a desconfiar disto bastava fazer subir o olhar da base às alturas da cabeça.

Primeiro notava-se um nariz delgado e comprido, terminado em ponta afilada.

De cada lado desta formidável crista e no lugar onde ordinariamente estão os olhos, brilhavam dois pequeninos carvões e, por baixo, um pequenino golpe, a que apenas pelas leis naturais se podia chamar boca, indicava um pouco de maldade. Enfim, emoldurava este quadro uma auréola de uma linda cor ruiva, começando no alto da cabeça por cabelos cuidadosamente alisados, separados por uma risca maravilhosamente direita, e comunicando com as pontas intermináveis de um par de suíças arruivadas. Por mais ignorante que se fosse do inglês, compreendia-se que a risca e as suíças gritavam rigidez de carácter. No fim de contas, este rosto era uma sucessão de montes e vales. Deus, que modela os homens com as mãos, tinha modelado este a soco. E entre esta mistura de delicadeza, de malícia, de maldade e de rigidez, o conjunto não teria sido nada feliz se, como coeficiente de correcção, não se tivesse espelhado sobre estas feições montanhosas, como um terreno de origem vulcânica, a luz de uma alma indiferente e tranquila. Este gentleman original era o protótipo da tranquilidade. Não tinha arrebatamentos, nem cóleras, nem nunca elevava a voz, essa voz que apenas tinha uma nota e que, como as notas graves, persistentes de certas páginas musicais, fazia abaixar sempre na altura conveniente o diapasão de qualquer disputa.

Não era porém ele o único no spardeck. Conduzia, ou antes, rebocava uma espécie de fortaleza ambulante, um homem também tão alto como ele, mas largo e gordo: Era um colosso de aspecto hercúleo e bonacheirão.

Os dois passageiros abordaram Roberto Morgand.

— É ao Sr. professor Morgand que temos a fortuna de falar? — perguntou o primeiro, com voz tão harmoniosa como se estivesse a ruminar podras.

— É sim, senhor — respondeu maquinalmente Roberto.

— Cicerone-intérprete a bordo do Seamew.

— Exactamente.

— Satisfeitíssimo, Sr. professor— afirmou com frieza glacial o gentleman, retorcendo as Pontas das suíças, de um ruivo tão belo -, Sou o passageiro Mr. Saunders.

Roberto fez um ligeiro cumprimento.

— Agora, que tudo está regulado, permita-me que lhe apresente Mr. Van Piperboom — de Roterdão cuja presença pareceu perturbar singularmente o seu administrador Mr. Thompson.

Ouvindo o seu nome, Mr. Van Piperboom esboçou a mais graciosa das reverências.

Roberto olhou para o seu interlocutor com certo espanto. Efectivamente Thompson tinha desaparecido. Mas porque o teria incomodado a presença de um dos seus passageiros? E por que motivo julgava Mr. Saunders dever fazer tão singular reflexão ao empregado do dito Thompson?

Saunders não explicou as suas razões. A fisionomia conservou-se-lhe grave e fria. Apenas a língua, um pouco saída da boca, teria podido mostrar a Roberto, se este conhecesse melhor esse gentleman, que, na sua opinião, tivera uma frase feliz.

— Mr. Van Piperboom — continuou ele -, não fala senão holandês e estafa-se a procurar um intérprete, como mo fez saber este bilhete, com que teve a prudência de se munir.

E Saunders exibiu um bilhete de visita, no qual Roberto pôde ler:

VAN PIPERBOOM Roterdão procura um intérprete.

Piperboom julgou sem dúvida dever apoiar o pedido expresso no bilhete porque pronunciou com voz aflautada, que contrastava singularmente com a sua corpulência: — Inderdaad mynheer, ik ken geen woord engelsch...

— Mr. Piperboom foi pouco feliz — interrompeu Roberto. — Sei tanto de holandês como o senhor.

Entretanto o rotundo passageiro continuava: — ... ach zal ik dikwyls uw raad inwinnen op die reis.

E sublinhou a frase com amigável cumprimento e sorriso prometedor.

— Como!. Pois o senhor não sabe holandês?

Então não é o senhor a quem se faz alusão neste prospecto? — exclamou Saunders, tirando das profundezas do bolso um papel que apresentou a Roberto. Este aceitou o papel que lhe era oferecido. Nesta folha, programa da viagem começada, estavam em primeiro lugar reproduzidas as indicações do cartaz e, na parte inferior da primeira página, figurava a indicação relativa ao intérprete, assim modificada:

"Um professor universitário francês, que fala todas as línguas, consentiu em pôr-se ao serviço dos senhores passageiros na qualidade de cicerone-intérprete"

Roberto, tendo acabado de ler, levantou os olhos para Saunders, baixou-os sobre o papel, tornou a levantá-los e passeou-os em roda dele como se esperasse achar no tombadilho a explicação de um facto que escapava à sua compreensão. Foi então que viu Thompson inclinado sobre a clarabóia das máquinas, parecendo absorto na contemplação das bielas e êmbolos.

Roberto, abandonando Saunders e Piperboom, correu para ele e, talvez um pouco vivamente, estendeu-lhe o desastrado programa.

Mas Thompson estava preparado Para este lance.

O seu braço introduziu-se amistoso no braço erguido de Roberto e, com esforço suave, arrastou o descontente intérprete. Julgar-se-ia serem dois companheiros falando da chuva e do bom tempo.

Contudo, Roberto não era homem que ficasse assim satisfeito.

— Pode explicar-me as afirmações do seu programa? — exclamou rudemente -, Disse-lhe alguma vez, por acaso, que falava todas as línguas?

Thompson sorria.

— Ora! ora! — disse, blandiloquo. — Isso são negócios meus caro senhor.

— Os negócios não podem desculpar mentiras — replicou Roberto, secamente.

Thompson encolheu os ombros com desdém. Ora! Nada chegava a ser mentira quando se tratava de reclame!

— Vejamos — disse com voz insinuante -, de que se queixa o senhor? Confesso que é verdadeira essa menção. O senhor não é francês? Não é professor? Não fez os seus estudos numa Universidade francesa e não foi ela quem lhe deu os diplomas?

Thompson saboreava a força das suas deduções. Escutava a sua voz e apreciava o seu talento. Chegava mesmo a persuadir-se da veracidade do que dizia.

Roberto não estava disposto a encetar uma discussão inútil. Contentou-se em responder ironicamente: — Sim, senhor, tem muita razão. Está percebido que sei também todas as línguas.

— O quê? Todas as línguas? — exclamou Thompson.

— Todas as línguas úteis, percebe? Foi esquecida a palavra úteis. Olhem a grande coisa!

Roberto designou com um gesto Piperboom, que assistia de longe a esta cena em companhia de Saunders. Este argumento não tinha réplica.

Thompson não o julgou provavelmente assim, porque se limitou a dar estalos com os dedos com ar desinteressado. Depois, os seus lábios franzidos deixavam escapar um pfum! de pouca importância, e finalmente, fazendo uma pirueta sobre os calcanhares com desenvoltura, abandonou o seu interlocutor.

Roberto talvez tivesse levado mais longe a explicação, mas um incidente veio mudar o curso dos seus pensamentos. Nessa ocasião saía um passageiro do corredor dos camarotes e dirigia-se para ele.

Louro, bem feito de corpo, de uma elegância discreta e cuidada, tinha um não sei quê de anão inglês com que Roberto se não podia enganar.

Assim, sem surpresa, mas com prazer, ouviu-se interpelado na sua língua materna.

— Sr. professor — disse o recém-chegado, com uma espécie de bom humor comunicativo -, indicaram-mo como sendo o intérprete de bordo.

— É verdade.

— E como hei-de ter com certeza necessidade do senhor nas possessões espanholas, venho, na qualidade de compatriota, colocar-me sob a sua protecção especial. Dê-me licença que me apresente: Rogério de Sorgues, tenente do 4º regimento de caçadores, com licença da junta.

— O intérprete Roberto Morgand está completamente às suas ordens, meu tenente.

Os dois franceses despediram-se um do outro.

Enquanto o seu compatriota caminhava para a proa, Roberto dirigiu-se para o obeso holandês. Já os não encontrou. Saunders tinha desaparecido, E com ele o bonacheirão Piperboom. Com efeito, Saunders tinha deixado o spardeck. Nessa ocasião, desembaraçado do seu companheiro, que o estorvava, rondava em torno do capitão Pip, cujas maneiras singulares o intrigavam.

O capitão Pip, que tinha, forçoso é reconhecê-lo, os tiques mais singulares, possuía um hábito particularmente original.

Quando estava agitado por qualquer comoção, alegria, ou desgosto, e se achava nesse «estado de alma» em que os homens têm necessidade de um confidente, mantinha o coração hermeticamente fechado. Nem a palavra lhe fugia dos lábios. Somente ao cabo de certo tempo quando dava por findo qualquer misterioso trabalho a que entregara o cérebro, é que experimentava a necessidade de uma «alma irmã», no seio da qual pudesse expandir-se. Acrescentemos que achava então sem dificuldade essa «alma irmã», assente em quatro patas e sempre a vinte centímetros atrás do dono. Este amigo fiel, da raça dos cães felpudos, mas muito cruzada dava pelo nome de Artimon.

Quando o capitão tinha qualquer desgosto ou qualquer prazer, chamava Artimon e confiava à sua comprovada discrição as reflexões que o caso lhe sugeria. Nessa manhã, o comandante estava deseioso decerto de fazer alguma confidência a Bishop.

Efectivamente, apenas Mr. se retirou, parou bruscamente ao pé do mastro da mezena e com uma voz breve chamou: — Artimon!

Perfeitamente exercitado nesta manobra, o gordo cãozito, de um amarelo sujo, que o seguia, veio imediatamente colocar-se diante dele. Depois, sentando-se serenamente nos quartos traseiros, levantou para o dono os olhos inteligentes, dando todos os sinais da mais viva atenção.

Mas o capitão Pip não se expandiu imediatamente. A confidência ainda não estava amadurecida. Por largo tempo, mudo, de sobrolhos carregados, deixou Artimon na mais cruel indecisão.

Em todo o caso Pip desejava certamente esvaziar o coração de um desgosto e não de uma alegria. A «alma irmã» não se podia enganar à vista do bigode eriçado do seu amigo e dos olhos fulgurantes, cujas pupilas divergiam notavelmente por causa da cólera.

O capitão, ao mesmo tempo que martirizava a ponta do nariz, passeava demoradamente esse olhar fulgurante desde a serviola à grinalda da popa e desde a grinalda da popa à serviola.

Feito isso e depois de ter escarrado para o mar com violência, bateu o pé e, olhando Artimon bem de frente, decretou com voz encolerizada: — Enfim, tudo isto é uma reles sucata!

Artimon baixou a cabeça com ar desolado.

— E se me caísse em cima um temporal? Hem, master?

O capitão fez uma pausa antes de concluir e voltou a torturar o desgraçado nariz inocente.

— Havia de ser o bom e o bonito — concluiu com ênfase.

Como as confidências do dono nunca eram muito compridas, Artimon julgou-se quite com o que tinha ouvido e entendeu que tinha licença para fazer um movimento. Mas a voz do capitão imobilizou-o. Este agora troçava, citando passagens do programa: — "Soberbo Seamew. Ah! ah! ah! "De 2500 toneladas"! 2500 toneladas este navio?

Ouviu-se uma voz cavernosa a dois passos dele: — Tirando-lhe cifras, comandante!

O capitão desprezou esta observação e continuou: — Uf, 3000 cavalos. Que descaramento!

— Oh! comandante, 3000 potros, talvez, mas potros de mama — pronunciou a mesma voz.

Desta vez, como já tivesse concluído a confidência Pip dignou-se ouvir. Lançado ao intruso um olhar irritado, afastou-se, enquanto o seu passivo confidente, voltando ao estado de

ção, lhe seguia os passos.

Saunders, porque era ele o impertinente interruptor, vendo afastar-se o capitão, entregou-se a uma alegria que, apesar de não ser traduzida pela maneira ordinária, não devia ser menos violenta a julgar pelos rangidos das articulações do corpo.

Depois do primeiro almoço, o spardeck começou a povoar-se de passageiros, uns entregando-se às delícias do passeio, outros assentados em grupos conversando.

Um desses grupos atraiu logo a atenção de Roberto.

Era formado por três pessoas, duas das quais pertenciam ao sexo feminino. Estavam sentadas perto dele, na parte anterior do spardeck. Numa delas reconheceu a suave visão da véspera e sua vizinha de camarote. Preparava-se para ler o último número do Times.

Quer fosse casada ou viúva, era mulher já formada e devia ter vinte e dois a vinte e três anos de idade.

Roberto tinha tido razão em achá-la encantadora e, vista à luz do sol, a sua beleza era tão agradável como à luz dos candeeiros.

A sua companheira era uma menina de dezanove a vinte anos. Eram talvez irmãs, a julgar pelas evidentes semelhanças que entre elas havia.

Quanto ao gentleman que completava o aspecto não era de molde a inspirar simpatia á primeira vista. Baixo, magro, de bigode descaído, o nariz curto e o olhar incompreensível e inquiridor. Tudo isto desagradou a Roberto.

— Mas, afinal, que tenho eu com isto? — disse.

Contudo não pôde desviar dele a atenção. Por involuntária associação de ideias, a vista dessa antipática personagem fê-lo evocar o impaciente fumador que o tinha constrangido, na véspera, a retirar do spardeck.

— Talvez seja algum marido ciumento — pensou Roberto, encolhendo os ombros.

Nessa ocasião o vento, que desde manhã mostrava tendência para refrescar, soprou numa rajada curta e rápida. O jornal, que a jovem senhora estava lendo, foi-lhe arrancado das mãos e partiu, como flecha, na direcção do mar. Roberto correu atrás do fugitivo e, tendo a felicidade de o apanhar quando ia desaparecer para sempre, apressou-se a entregá-lo à sua encantadora vizinha, que agradeceu com gracioso sorriso.

Depois de prestar esse pequeno serviço, ia retirar-se discretamente quando Thompson se interpôs. A palavra é inexacta. Dever-se-ia dizer precipitou-se.

— Bravo! Sr. professor, bravo! — exclamou ele. — Mistress Lindsay, miss Clarck e mister Lindsay, permitam-me que lhes apresente Mr. Roberto Morgand, professor da Universidade de França, que teve a extrema bondade de consentir em desempenhar o ingrato papel de intérprete, o que lhes provará mais uma vez que a Agência não recua diante de coisa alguma para assegurar o prazer dos seus viajantes!

Thompson estava soberbo, recitando a sua tirada, maravilhosa de audácia e de convicção. Quanto a Roberto, sentiu-se bastante embaraçado nessa altura.

Tornava-se cúmplice da mentira pelo seu silêncio. Mas, por outro lado, para que havia de protestar? Thompson, a seu pesar, servia-o.

Dariam mais atenção ao professor do que ao humilde cicerone-intérprete.

Deixando para mais tarde a solução deste problema, despediu-se, inclinando-se num cumprimento correcto.

— Muito simpático este gentleman — disse Mrs. Lindsay a Thompson, seguindo Roberto com a vista.

Thompson respondeu por meio de uma mímica expressiva. Levantou enfaticamente a cabeça, fez bochechas e estendeu os lábios de modo a fazer compreender que o intérprete do Seamew era uma personagem importante.

— Estou-lhe ainda mais reconhecida por me ter salvo o jornal, porque este contém uma notícia acerca de um dos nossos companheiros e portanto de um pouco de nós todos.

— Agora oiça — Esclareceu, lendo em voz alta:

"É hoje, 10 de Maio, que terá lugar a partida do Seamew, Seamew fretado pela Agência Thompson & C.a para a viagem de circum-navegação que ela organizou. Sabem que Mr. E. T. do Clube dos Suicidas, é do número dos passageiros. Teremos, portanto, de registar em breve alguma notícia original."

— Hem? Mrs. Lindsay — disse Thompson. — perdão, minha querida, dá-me licença? tirando o jornal das mãos da gentil senhora, releu a passagem com atenção e exclamou finalmente: — Esta é muito boa! Que virá fazer aqui este original? Mas, primeiro, quem pode ser ele?

Consultou rapidamente a relação dos passageiros concluindo: — O único que corresponde às iniciais, Mr. Edwarci Tigg, que... exactamente, olhe! Não o vê encostado aos ovéns do mastro da mezena, isolado e fixando os olhos no mar? É impossível que não seja ele. Eu não o tinha notado, apesar de ter aspecto bastante sinistro!

Ao mesmo tempo que falava, apontava para um gentleman de cerca de quarenta anos, moreno, cabelos anelados, barba pontiaguda, em suma um homem de bela aparência.

— Mas — interrogou miss Clarck -, o que é esse Clube dos Suicidas?

— A encantadora miss Clarck, na sua qualidade de americana, não pode efectivamente conhecer esse clube.

É uma instituição eminentemente inglesa — respondeu Thompson, com um bocado de amor-próprio. Esse clube é formado por pessoas desesperadas da vida. Todos os seus membros estão à beira do suicídio, quer tenham sofrido desgostos excepcionais, quer tenham entrado no clube por simples aborrecimento. As conversas giram em volta deste assunto e passam o tempo procurando modos originais de porem termo à vida. Não há dúvida de que este Mr. Tigg conta com os acasos da viagem para arranjar uma morte comovedora e original.

— Pobre rapaz! — disseram ao mesmo tempo as duas irmãs, olhando para o desesperado.

Thompson, que parecia muito menos comovido, exclamou: — Ah! Mas vamos pôr o caso em bom caminho. Um suicídio aqui havia de ter graça! Dê-me licença que me ausente, Mrs. Lindsay. Vou espalhar a notícia, para que tragam de olho este interessante passageiro.

— Este Mr. Thompson é um homem muito amável — disse Dolly, rindo, logo que o exuberante organizador se afastou. — Não pode pronunciar um nome sem lhe juntar qualquer epíteto lisonjeiro. A bonita miss Dolly Clarck para aqui, a deliciosa Mrs. Alice Lindsay para acolá, verdadeiramente inesgotável nos adjectivos!

— Louquinha! — disse Alice, com severidade indulgente.

— Que mãe tão rabugenta! — replicou Dolly, com um sorriso agradável.

Entretanto, todos os passageiros, uns após outros, tinham invadido o spardeck.

Desejoso de se informar tanto quanto possível acerca dos companheiros de viagem que o acaso lhe impusera, Roberto, apoderando-se de uma rockiná-chair, divertia o olhar com esse espectáculo, consultando ao mesmo tempo a lista dos passageiros.

Essa lista indicava primeiro o estado-maior, a tripulação e o pessoal do Seamew. Roberto pôde ver que figurava em bom lugar nesta nomenclatura. A César o que é de César: Thompson abria a marcha adornado com o título pomposo de Administrador-Geral.

Seguia-se o capitão Pip, depois vinha Mr. Bishop, primeiro maquinista. Logo a seguir a este, assinalava-se a presença do Sr. professor Roberto Morgand. Decididamente o Administrador-Geral era de uma delicadeza cativante para com o seu cicerone-intérprete.

Às autoridades superiores de bordo sucedia o estado-maior secundário e depois todo o humilde refugio dos marinheiros e dos criados. Roberto, se quisesse, poderia ter lido os nomes do imediato, Mr. Flyship, do tenente, Mr. Brown, do mestre da tripulação, Mr. Sky, e dos seus quinze marinheiros, do segundo maquinista e dos seus seis fogueiros, seis criados e quatro criadas e finalmente dois mordomos, pretos retintos, um extragordo, outro extramagro, já conhecidos pelos nomes de Mr. Roastbeef e Mr. Sandwich.

Mas Roberto, apenas interessado pelos passageiros, em número de 63, passou em claro esta insípida enumeração. Divertiu-se a reconstituir as famílias e a dar nomes às pessoas que desfilavam diante dele.

A tarefa seria difícil e sujeita a numerosos erros se Thompson, invertendo os papéis e constituindo-se cicerone do seu intérprete, não viesse em seu auxílio.

— Vejo o que o preocupa — disse ele, sentando-se perto de Roberto. — Quer que o ajude? É bom que tenha algumas noções dos hóspedes mais notáveis do Seamew. É inútil falar-lhe da família Lindsay. Já lha apresentei esta manhã. Conhece Mrs. Alice Lindsay, uma riquíssima americana, miss Dolly Clarck, sua irmã, e o cunhado Mr. Jack Lindsay.

— O senhor disse cunhado? — interrompeu Roberto -, então Mrs. Lindsay não é casada?

— Viúva — elucidou Thompson.

O intérprete ficaria embaraçado se lhe perguntassem por que razão ficara satisfeito.

Thompson continuou: — Passemos, pois, adiante e comecemos, se quiser, por essa senhora de idade que vê a dez passos de nós. É lady Heilbuth, uma original, que não viaja sem uma dúzia de gatos e de cães. Atrás dela, está o criado, orgulhoso nos seus galões, tendo nos braços o totó actualmente preferido. Um pouco mais longe está um casal a quem pouco conheço. Mas não é necessário ser adivinho para perceber que são recém-casados fazendo a viagem de núpcias.

- "Aquele gentleman gordo, que imperturbavelmente dá encontrões em toda a gente, tem o nome de Johnson.

— Famoso bebedor! Volte-se agora para a retaguarda. Vê aquele grande corpo perdido nas pregas da sobrecasaca? Um estimável clergyman, o reverendo Cooley.

— E aquele muito empertigado, que passeia entre a mulher e a filha?

— Oh! —olveu Thompson, com importância. — T, o nobilíssimo sir George Hamilton, a muito nobre lady Vangelina Hamilton e a muito nobre miss Margarida Hamilton. Como têm a consciência da sua elevada situação! Como passeiam, silenciosamente, gravemente, solitariamente! Quem, à excepção de Lady Heilbuth, seria digno de ser admitido na sua muito nobre intimidade?

Roberto considerou o seu interlocutor com interesse. Era divertido este homem que se apresentava sob tantos aspectos.

O lisonjeador, quando era necessário, falava bem.

Lançado o dardo, Thompson tinha-se levantado. Não gostava de gastar muito tempo na mesma coisa.

— Nada mais vejo de importante a assinalar-lhe, meu caro professor. Há-de conhecer os outros pela continuação. Dê-me licença que volte às minhas ocupações.

— E aquele gordo gentLeman. — perguntou ainda Roberto -, que parece procurar alguma coisa, escoltado por três senhoras e um rapazito?

— Esse — começou Thompson. — Olhe! Deixo-lhe o prazer de travar conhecimento com ele porque, se me não engano, procura-o.

A personagem de quem falavam tinha subitamente tomado uma resolução e dirigia-se em linha recta para Roberto. Abordou-o polidamente, enquanto Thompson se afastava.

— Cacei-o, meu caro senhor — disse ele, enxugando a testa -, mas tive um trabalhão enorme para o encontrar! Perguntava a toda a gente por Mr. Morgand? "Não conheço". Acredite que era invariavelmente esta a resposta que me davam.

Roberto experimentou certa surpresa com este preâmbulo. Apesar disso, não sentiu razão para se ofender porque não existira a intenção de magoar. Durante o intróito do seu chefe, as três senhoras desfaziavam-se em reverências, e o rapazito esbugalhava os olhos, onde se lia verdadeira admiração.

— Posso saber, senhor, a quem tenho a honra de falar? — perguntou friamente Roberto.

Era natural esta frieza. Não se apresentavam tentadoras as relações desse gorducho, todo tolice e satisfação de si próprio, e as da família, formada, pondo de parte o rapaz, por uma mulher mais que madura e por duas raparigas secas e feias que deviam orçar pelos trinta anos.

— Perfeitamente, senhor — respondeu o gordo interlocutor.

Antes, porém, de dar as indicações pedidas, pôs-se em cata de assentos para ele e para os seus. Arranjados os bancos, toda a família se instalou confortavelmente.

— Faz favor de se sentar — convidou o intruso com voz insinuante.

Roberto obedeceu ao convite, resolvido a tomar o incidente pelo lado cómico.

— Está-se melhor sentado do que de pé, não é verdade? — exclamou o gorducho, rindo grosseiramente -, Ah! Ah! Perguntava o senhor quem eu era: Mr. Blockhead, bem conhecido no seu bairro e a honradez personificada! Toda a gente lho dirá. A mercearia Blockhead, de Trafalgar Street! Ouro puro, sem latão.

Roberto fez um gesto evasivo de concordância.

— Agora, talvez o senhor pergunte como é que eu, um Blockhead, merceeiro aposentado, estou neste momento aqui? Posso dizer-lhe que, até ontem, não tinha visto o mar. Parece impossível, não é verdade?

— Que quer, meu caro senhor, no comércio é necessário trabalhar muito se se não quiser acabar no Workhouse. Pode dizer-me: e ao domingo? Ao domingo! Durante trinta anos não pusemos pé fora da cidade. Enfim, chegou a abastança e retirámo-nos do comércio.

— E quer então ganhar o tempo perdido? — perguntou Roberto, affectando vivo interesse.

— Não adivinhou. Primeiro descansámos. Depois começámo-nos a aborrecer. Faltávamos os caixeiros para reprender e os fregueses para servir. Muitas vezes dizia a Mrs. Blockhead: "Mrs. Blockhead, devíamos fazer uma viagensita". Ela, porém, não queria ouvir

falar em nada por causa da despesa. Até que enfim, há-de haver seis dias, vi um cartaz da Agência Thompson. Nesse dia fazia exactamente 32 anos que tinha casado com Georgina. Mrs. Blockhead chama-se Georgina. Então comprei bilhetes, sem dizer nada a ninguém. Quem é que ficou contente? Foram minhas filhas, que lhe apresento. Bess, Mary, vá, cumprimentem este senhor! Mrs. Blockhead resmungou um bocado, mas quando soube que eu tinha pago meio bilhete para o Abel. Abel é o meu filho. Cumprimente, Abel! É a delicadeza que distingue sempre o gentleman. Sim, senhor, meio bilhete. Abel faz dez anos a 2 de Junho. Isto é que é ter sorte, não é verdade?

— E o senhor está contente com a sua deliberação? — interrogou Roberto, para dizer alguma coisa.

— Satisfeito? — exclamou Blockhead -, Diga antes: encantado. O mar! o navio! os camarotes! Criados serviçais! extraordinário tudo isto. Estou-lhe dizendo o que penso. Sou a lealdade em pessoa.

Roberto esboçou novamente o seu cómodo gesto de concordância.

— Mas isto não é tudo — continuou o inesgotável falador. — Quando soube que ia viajar na companhia de um professor francês, fiquei maravilhado. Nunca tinha visto um professor francês!

Roberto, vendo-se transformado em fenómeno, esboçou ligeira careta.

— Depois pensei em matar de uma cajadada dois coelhos. Não lhe custava nada dar a meu filho algumas lições de francês? Ele já tem umas luzes dessa língua.

— Ah! O seu filho já tem...

— Sim. Não sabe senão uma frase, mas sabe-a bem. Abel, diga a este senhor a tal frase.

Abel levantou-se e, num tom de estudante que recita uma lição, mas sem compreender, evidentemente, o sentido da frase, articulou estas inesperadas palavras, com acentuação muito francesa: — Não há sujeitos mais ratões do que os merceeiros aposentados".

Roberto soltou uma gargalhada, com grande escândalo de Blockhead e da família.

— Na frase não há nada, segundo creio, que possa despertar o riso — disse aquele, com ar zangado -, Abel não pode pronunciar mal. Foi um pintor francês, um rapine como ele dizia, que lha ensinou.

Cortando cerce este incidente ridículo, Roberto desculpou-se de não poder aceitar o oferecimento que lhe era feito, visto que as suas funções não lhe deixavam liberdade alguma, e ia desembaraçar-se de qualquer modo deste impertinente quando o acaso veio em seu socorro.

Havia já algum tempo que Van Piperboom — de Roterdão — ia e vinha no spardeck, continuando infatigável a sua caça ao intérprete. Abordava os passageiros e interpelava-os, uns após outros, sem obter outra resposta que não fosse um gesto de absoluta ignorância.

O rosto de Piperboom, a cada tentativa abortada, alongava-se e tornava-se mais desolado.

Algumas palavras pronunciadas pelo infortunado chegaram até Blockhead e fizeram-no arrebitar as orelhas.

— Quem é este gentleman — perguntou a Roberto -, e que diabo de língua fala ele?

— É holandês — respondeu maquinalmente Roberto, cuja situação não era nada agradável.

À palavra holandês, Blockhead tinha-se levantado, ordenando: — Abel, segue-me!

Afastou-se rapidamente, escoltado a respeitável distância por toda a família.

Quando Piperboom viu esta família avançar para ele, dirigiu-se ao seu encontro. Seria finalmente o intérprete esperado?

— Mynheer, kunt u my den tolk van het schip wyzen? — perguntou a Blockhead, abordando-o graciosamente.

— Senhor — respondeu solenemente Blockhead -, nunca tinha visto um holandês. Sinto-me feliz por o meu Abel poder contemplar um filho dessa grande nação, célebre pelos seus queijos.

Piperboom abriu muito os olhos. Cobia-lhe a vez de não compreender. Insistiu: — Ik versta u niel, mynheer. Ik vraag u of gy my den tolk van het schip wilt.

— Vyzen — rematou Blockhead com ar conciliador.

Ouvindo esta palavra, o rosto de Piperboom iluminou-se. Enfim! Blockhead, porém, continuava: — Naturalmente fala holandês. Estou satisfeitíssimo por o ouvir. Eis o que nos oferecem as grandes viagens — ajuntou, voltando-se para a família, que estava suspensa dos seus lábios.

Piperboom tornara a entristecer. Evidentemente aquele que defrontava percebia tanto como os outros.

Mas, de súbito, saiu-lhe da garganta um grunhido.

Acabava de avistar Thompson em baixo, no convés.

Conhecia-o, tinha-o visto quando fizera a tolice de comprar bilhete. Ali, ou achava o que andava procurando, ou então...

Thompson, que o podia ter evitado, como fizera de manhã, esperou-o a pé firme. Era necessária uma explicação entre ambos. Mais valia agora que mais tarde.

Piperboom abordou-o com extrema delicadeza e dirigiu-lhe a frase costumada: — Mynheer, kunt u my den tolk van het schip wyzen?

Thompson deu-lhe a entender por sinais que não compreendia.

Piperboom, obstinando-se, recomeçou o discurso num tom de voz mais alto. Thompson, glacial e indiferente, repetiu os mesmos sinais. Piperboom tentou a prova pela terceira vez, mas com voz tão alta que todos os passageiros se voltaram para os dois contendores. Até Mr. Flysbip, do alto da ponte, pareceu interessar-se por esse incidente. Thompson era o único que não estava comovido. Com a mesma tranquilidade fez sinais de não compreender.

Então, perante esta frieza, perante a inutilidade dos seus esforços, Piperboom perdeu a cabeça. A voz elevou-se, tornando-se num grito. Gaguejou sons inarticulados acompanhados de gestos de indignação. Depois, como argumento final, arremessou aos pés de Thompson, furiosamente amarrotado, esse famoso programa, que um amigo lhe tinha traduzido e em que ele confiara tanto que tinha embarcado no Seamew.

Thompson foi, nesta ocasião, o que devia ter sido.

Com gesto digno apanhou o programa amarrotado. Endireitou-o com cuidado, tornou-o a dobrar e meteu-o friamente na algibeira. Só depois de ter acabado esse trabalho é que se dignou levantar os olhos para Piperboom, em cujo rosto se lia temível cólera.

Thompson não tremeu.

— Senhor — disse, num tom seco -, embora tivesse falado uma algaravia incompreensível, — compreendi perfeitamente o seu pensamento. Refere-se a este programa e censura-lhe qualquer coisa. Mas isso é razão para o pôr neste estado? Apre! Não são acções de um gentleman.

Piperboom nada objectou contra esta tirada. Cansava-se em esforços sobre-humanos para compreender alguma coisa, depois de concentrar toda a vida nos ouvidos. Mas percebia-se-lhe na angústia do olhar que perdia a esperança de apreender o sentido do discurso de Thompson.

Este triunfou do acabrunhamento do seu adversário. Deu audaciosamente dois passos para Piperboom, que recuou outros dois.

— Que tem o senhor a censurar neste programa? — E continuou com voz aguda -, Não está contente com o camarote? Não o satisfaz a mesa? Faltou-lhe alguém ao respeito? Fale! Diga alguma coisa! Não! Não é nada disto? Então de que provém a sua cólera? Simplesmente de não achar um intérprete.

Thompson pronunciou estas últimas palavras com desprezo não dissimulado. Estava assim admirável, desfazendo-se em palavras violentas, em gestos febris, repelindo sempre o adversário, visivelmente vencido. Este escutava-o com os olhos esgazeados, os braços descaídos, exausto, desanimado.

Os passageiros, tendo formado círculo em roda dos beligerantes, interessavam-se por esta cena ruidosa. Começavam a cruzar-se leves sorrisos.

— Mas tenho eu culpa disso? — exclamou Thompson, tomando o céu por testemunha. — O quê? Como? Diz que o programa anuncia um intérprete falando todas as línguas? Sim senhor, está lá isso escrito com todas as letras. E então? Alguém se queixa?

Thompson lançou em roda de si um olhar triunfante.

— Não! Apenas o senhor! Sim, todas as línguas, mas não o holandês! O holandês não é uma língua, é um dialecto, quanto muito uma linguagem grosseira! Quando um holandês quer ser compreendido, fique-o sabendo senhor, deixa-se ficar em casa!

Um riso convulsivo correu como um trovão por entre os passageiros, apoderou-se dos oficiais, espalhou-se pela equipagem e desceu até ao fim do porão. Durante dois minutos todo o navio foi sacudido por uma alegria pouco caritativa mas irresistível.

Quanto a Thompson, deixando o seu inimigo verdadeiramente aterrado, subiu ao spardeck e passou no meio dos passageiros, limpando a testa com um ar importante e glorioso.

Ainda o riso geral se não tinha extinguido completamente quando, ao meio-dia, a sineta anunciou o almoço.

Thompson pensou logo em Tigg. O incidente Piperboom tinha-lho feito esquecer.

Para que ele renunciasse às suas ideias de suicídio era necessário trazê-lo completamente satisfeito. Nessa ocasião impunha-se dar-lhe um bom lugar à mesa.

Mas o que Thompson viu tranquilizou-o. A história de Tigg espalhara-se. Algumas almas caridosas já se interessavam pelo desgraçado. Tigg dirigia-se para a sala de jantar escoltado pelas duas irmãs Blockhead. Foi entre elas que se sentou à mesa.

Era uma verdadeira luta ver quem lhe poria um coxim debaixo dos pés, quem lhe cortaria o pão, quem lhe passaria os bocados mais apetitosos. As raparigas desenvolviam um zelo verdadeiramente evangélico e não desprezavam coisa alguma que lhe pudesse fazer retomar o gosto pela vida. e pelo casamento...

Thompson sentou-se ao meio da mesa, o capitão Pip em frente dele. Aos lados, lady Heilbuth e lady Hamilton, duas damas dignas de consideração.

Os outros passageiros tinham-se instalado a seu gosto, ou por acaso, ou pela força das simpatias. Roberto fora relegado discretamente para o fim da mesa e achou-se casualmente

entre Saunders e Rogério de Sorgues, não longe da família Lindsay. Não lamentou esse acaso.

O começo da refeição fez-se em silêncio. Mas logo que o apetite foi acalmado, começaram a trocar-se conversas, primeiro particulares, depois gerais.

À sobremesa, Thompson julgou o momento oportuno para um speech sentimental.

— Dirijo-me a todos aqueles que me escutam — exclamou, no auge da embriaguez do triunfo. — Não é um encanto viajar assim? Qual de nós trocaria as casas do jantar terrestres por esta casa de jantar flutuante?

Este preâmbulo recebeu aprovação unânime.

Thompson continuou: — E comparai a nossa situação com a do viajante isolado. Entregue aos seus próprios recursos, reduzido a um perpétuo monólogo, viaja nas mais deploráveis condições. Nós, pelo contrário, temos o prazer de uma instalação luxuosa e cada um acha nos seus companheiros uma sociedade amável e escolhida. Digam-me, a quem devemos a possibilidade de fazer uma excursão incomparável por preços insignificantes, senão a esta admirável invenção das viagens económicas que, sendo uma nova forma do cooperativismo, essa reserva— do futuro, põe as suas preciosas vantagens ao alcance de todos?

Fatigado por tão longo período, Thompson calou-se para respirar. Ia retomar a palavra, quando um incidente veio estragar tudo.

Havia alguns momentos já que o jovem Abel Blockhead empalidecia a olhos vistos. Se, ao ar livre, ainda não tinha experimentado os primeiros ataques do enjoo, esse efeito usual das ondas, que ia aumentando de instante para instante, não tardou em senti-lo logo que deixou a coberta.

O rosado do seu rosto tornou-se branco e do branco passou para verde quando uma vaga mais forte sacudiu o navio. Ao mesmo tempo que a nave tornava a cair ia concavidade da ondulação, o rapaz vomitava no prato.

— Não produziria melhor efeito uma grande dose de ipeca — disse fleumaticamente Saunders no meio do silêncio geral.

Este incidente gelara a conversação. Prudentemente mais de um passageiro tinha voltado o rosto para o outro lado. Para a família Blockhead foi o sinal da derrota.

Num minuto as fisionomias dos seus membros passaram por todas as cores do arco-íris, depois as duas meninas levantaram-se e fugiram à pressa, abandonando Tigg à sua sorte. A mãe, levando nos braços o seu desgraçado filho, precipitou-se atrás delas, seguida por Mr. Absyrthus Blockhead, que comprimia com as mãos o estômago revoltado.

Logo que os criados repararam a desordem causada pelo incidente, Thompson tentou continuar o seu entusiástico discurso. Mas já ninguém estava nesse diapásão. A cada momento um dos convivas, com as feições descompostas, levantava-se e desaparecia, indo buscar ao ar livre um remédio duvidoso para o cruel incómodo, ao mesmo tempo cómico, que começava a multiplicar as suas vítimas. Depressa a mesa ficou reduzida a um terço, tendo ficado apenas os mais fortes.

Os Hamilton pertenciam a esse número. O enjoo seria capaz de atacar pessoas tão poderosas? Nada tinha podido perturbar-lhes a gravidade. Comiam com ar digno, com um desinteresse absoluto dos seres que se agitavam em volta deles.

Lady Heilbuth teve de bater em retirada. Era seguida pelo criado, carregado, com o totó favorito, e que dava também sinais inequívocos de mal-estar.

Entre os sobreviventes do massacre figurava igualmente Elias Johnson. Não se importava, como os Hamilton, com o resto do mundo. Não era por desdém que mostrava indiferença. Comia e sobretudo bebia. Os copos colocados diante dele enchiam-se e esvaziavam-se como por encanto, com grande escândalo do clergymán Cooley. Johnson não se inquietava muito com isso e satisfazia a paixão com a maior desfaçatez.

Se Johnson bebia, Van Piperboom — de Roterdão — comia. Se a articulação cubital do primeiro era dotada de grande flexibilidade, o outro manejava o garfo com notável mestria. A cada copo de vinho que Johnson bebia, Piperboom ripostava, engolindo um bocado enorme de qualquer coisa. Agora, que estava já acalmado, mostrava o rosto sereno e tranquilo. Evidentemente acabara por ver as coisas pelo melhor dos prismas, e, alijando dos ombros toda a preocupação, alimentava-se simples e formidavelmente.

Apenas uma dúzia de passageiros, entre os quais Roberto, os Lindsay, Rogério e Saunders, guarnecia com os já referidos a vasta mesa, a que continuavam a presidir Thompson e o capitão Pip.

Público restrito, mas digno de atenção no entender de Thompson, que estava ardendo por continuar o speech tão desastrosamente interrompido.

Mas a sorte era-lhe adversa. No momento em que ia abrir a boca uma voz estridente cortou o silêncio geral.

— Steard⁴⁴! — chamava Saunders, afastando desdenhosamente o prato -, não me podia mandar servir dois ovos? E depois admiram-se de que haja tantos doentes. Nem o estômago de um lobo do mar resistiria a esta alimentação.

O júzo era um pouco severo. Apesar de medíocre, a refeição podia considerar-se aceitável. Mas que importava isso ao sistemático descontente? O carácter de Saunders não desmentia decididamente as promessas do rosto. Assim, como a aparência deixava supor, havia nele um irreduzível rabugento. Que natureza tão pouco agradável. Só se houvesse uma razão oculta que o levasse a ser inimigo de Thompson. Nesse caso havia de buscar todas as ocasiões de ser agressivo e de semear a discórdia entre o Administrador-Geral e os seus administrados.

Um riso abafado correu entre os raros convivas. Thompson foi o único que não riu. Se nessa ocasião se tornou verde, não foi por certo devido ao enjoo!

CAPÍTULO V

Ao Largo

Pouco a pouco a vida de bordo retomou o curso habitual. Às oito horas, tocava para o chá, depois o sino chamava, ao meio-dia e às sete horas, para o almoço e para o jantar.

Via-se que Thompson tinha adoptado os hábitos franceses. Sob o pretexto de serem impossíveis as numerosas refeições inglesas durante as excursões projectadas, tinha-as antecipadamente suprimido a bordo do Seamew. Nenhuma escapara, mesmo a do five o'clock tão querido dos estômagos britânicos.

Sem a menor hesitação, gabava a utilidade desta revolução gastronómica, e pretendia habituar assim os seus companheiros de viagem ao género de vida que Lhes seria preciso adoptar quando começassem a percorrer as ilhas. Era uma precaução humana, que tinha o duplo mérito de ser ao mesmo tempo económica.

Esta vida de bordo era monótona, mas não aborrecida. Há sempre o espectáculo do mar eternamente variável com os cruzamentos de navios e terras que se mostram recortando o horizonte geométrico. Sob este último ponto de vista os hóspedes do Seamew tinham sido pouco felizes. Somente no primeiro dia uma névoa indicara no horizonte sul a costa francesa de Cherburgo. Depois, fora do disco líquido cujo centro moveção era formado pelo navio, nenhum ponto sólido se tinha elevado. Os passageiros pareciam acomodar-se o melhor que podiam em conversas e passeios, não deixando muitas vezes o spardeck, convertido ao mesmo tempo em salão e praça pública. É preciso notar-se que não se tratava aqui senão dos passageiros válidos, cujo número infelizmente não tinha sido aumentado desde que o auditório de Thompson fora tão largamente dizimado. Contudo o navio não tivera de lutar contra nenhuma dificuldade real. O tempo tinha merecido sempre o epíteto de bom na boca de um marinheiro. Mas um humilde terrien¹⁵¹ tem o direito de se mostrar mais difícil de contentar. Os habitantes do Seamew não se descuidavam de maldizer, sem constrangimento, o vento, bastante para tornar o mar não mau, mas marulhento e agitado.

É justo reconhecer que o navio não tinha tomado a sério esta agitação. Tinha-se portado como um barco decente e bom quer a vaga viesse de través, quer ela viesse de frente. O capitão Pip tinha-o notado por diversas vezes e a «alma irmã» da sua, na posição regulamentar, tinha recebido a confidência da sua alegria, como tinha recebido precedentemente a confidência dos seus pesares.

Apesar disso, as qualidades náuticas do Seamew não podiam impedir que os passageiros estivessem doentes e que o Administrador-Geral não pudesse fazer aproveitar os benefícios do seu talento de organizador senão a um público muito resumido. Entre os intrépidos figurava sempre Saunders.

Conversava com todos, e o seu espírito feroz divertia os companheiros, que o acolhiam bem. Todas as vezes que se cruzavam, Thompson e ele trocavam um desses olhares que valem estocadas. O Administrador-Geral não tinha esquecido a observação descortês do primeiro dia, da qual conservava um amargo rancor. Saunders, também, nada fazia para dissipar o insulto. Muito pelo contrário, aproveitava todas as ocasiões para ser desagradável, logo que a

sineta não tocasse para uma refeição à hora precisa, ele aparecia, de programa na mão, e dava cabo de Thompson com reclamações enervantes.

O infeliz Administrador-Geral tinha chegado a buscar o meio de se desembaraçar deste odioso passageiro no primeiro ancoradouro.

Saunders tinha-se ligado mais particularmente com a família Hamilton. A conformidade dos gostos dessa família e dos seus tinha sido o talismã que vencera o seu passivo desdém. Com efeito, Hamilton mostrava-se, sem razão alguma, quase tão desagradável como Saunders. Pertencia à classe desses homens que nascem caturras e morrem caturras, que põem defeitos em tudo e não estão satisfeitos senão quando acham algum motivo para se queixarem. Em todas as reclamações Saunders tinha tido nele apoio, Hamilton era o seu eterno eco.

A propósito de tudo e de nada caíam sobre Thompson estes dois perpétuos descontentes, que se tinham tornado o seu pesadelo constante.

O trio Hamilton, tornado quarteto pela ligação de Saunders, não se tinha demorado muito em se tornar quinteto. Esse feliz privilegiado era Tigg, que tinha recebido livre prática do alto baronete. Para ele, o pai, a mãe, a filha tinham-se despido da sua rigidez. É de supor que os Hamilton não tivessem procedido assim levemente, antes tivessem colhido informações, e a insistência de miss Margarida dava azo a muitas hipóteses...

Fosse como fosse, Tigg, assim guardado, não corria nenhum risco. Bess e Mary Blockhead tinham sido substituídas. Ah! se elas lá estivessem! Mas as misses Blockhead, assim como o pai, mãe e irmão, não tinham tornado a aparecer. Esta interessante família continuava a sofrer as torturas do enjoo.

Dois dos passageiros válidos formavam simetricamente o contraste de Saunders e de Hamilton. Esses não reclamavam nunca. Pareciam inteiramente satisfeitos. Um desses felizardos era Van Piperboom — de Roterdão. — O prudente holandês, renunciando a perseguir o irrealizável, tinha alcançado praticamente uma vida cheia de comodidades. De tempos a tempos, por uma questão de consciência, experimentava ainda o efeito da sua formosa frase, que a maior parte dos passageiros já começava a saber de cor. O resto do tempo comia, digería, fumava, dormia imensamente. A sua vida consistia nestes quatro verbos. Dotado de uma saúde insolente, arrastava o corpanzil de um lugar para o outro, sempre armado do seu enorme cachimbo, donde saíam imensas nuvens de fumo. Johnson fazia pendant com este filósofo. Duas ou três vezes por dia viam-no aparecer na ponte. Durante alguns minutos percorria a ponte brutalmente, fumegando, escarrando, praguejando, rolando como um barril, do qual tinha tomado a aparência, depois voltava ao coffee-room, e logo se ouvia reclamar com grande barulho algum cocktail ou algum grogue. Se não era agradável, pelo menos não incomodava.

No meio desta gente Roberto levava uma existência tranquila. De tempos a tempos trocava algumas palavras com Saunders e às vezes com Rogério de Sorgues, que parecia nas melhores disposições para o seu compatriota. Mas este, se tinha hesitado até aqui em destruir a fraudulenta lenda inventada por Thompson, entendia contudo que não se devia aproveitar dela além de certos limites. Conservava-se numa prudente reserva e não se expunha.

O acaso não o tinha tornado a pôr em contacto com a família Lindsay. De manhã e de tarde trocavam um cumprimento. Nada mais. Contudo, a despeito da insignificância das suas relações, Roberto interessava-se, contra vontade, por esta família, e sentia certo ciúme quando, apresentado por Thompson e coadjuvado pela coabitação de bordo, Rogério de

Sorgues se ligou intimamente, em breves dias, às passageiras americanas. Quase sempre só e ocioso, Roberto estava desde manhã até à tarde no spardeck e persuadia-se de que aí encontraria distração no vaivém dos viajantes. Na realidade, alguns deles interessavam-no especialmente e em geral era para o lado da família Lindsay que os seus olhares se dirigiam sem pensar nisso.

Se de repente se apercebia desta indiscreta contemplação, desviava em seguida os olhos, mas para os dirigir trinta segundos depois para o grupo que o hipnotizava. À força de se ocupar delas, sem elas o saberem, nem mesmo ele, tornava-se o amigo das duas irmãs.

Adivinhava-lhes os pensamentos que não tinham sido expressos. Vivia de longe com a alegre Dolly, e sobretudo com Alice, cuja alma encantadora e grave penetrava através do adorável invólucro do rosto. Mas, se se ocupava instintivamente das companheiras de Jack Lindsay, este era para Roberto objecto de um estudo premeditado. A sua primeira impressão não se tinha modificado: longe disso. De dia para dia se sentia impellido a um juízo mais severo. Admirava-se desta viagem empreendida por Alice e Dolly em companhia de semelhante figurão.

Como podia ser que elas não vissem o que ele, Roberto, via?

Teria ficado ainda mais surpreendido se tivesse conhecido as condições em que a viagem fora decidida.

Jack e Williams Lindsay, irmãos gémeos, tinham vinte anos quando o pai morreu, deixando-lhes fortuna considerável. Mas, ainda que semelhantes na idade, eram diferentíssimos no carácter. Enquanto Williams, continuando os trabalhos do pai, aumentava a herança em proporções enormes, Jack, pelo contrário, gastava a dele. Em menos de quatro anos tinha devorado tudo.

Reduzido aos últimos expedientes, mesmo assim não lhe tinham escasseado recursos pouco limpos, de que lançara mão. Falava-se nas reuniões desportivas em processos equívocos ao jogo, em combinações irregulares e em operações da Bolsa suspeitas. Ainda que não estivesse desonrado, estava extremamente comprometido e as famílias prudentes tinham-se posto de quarentena.

Tal era a situação, quando, aos vinte e seis anos, Williams encontrou, amou e desposou miss Alice Clarck, órfã riquíssima de dezoito anos de idade. Williams, infelizmente, fora marcado pelo destino, seis meses, contados quase dia a dia, depois do seu casamento, trouxeram-no moribundo para o palácio. Um acidente de caça, acontecimento brutal e estúpido, deixava viúva a menina havia pouco transformada em mulher.

Williams, antes de morrer, como conhecia o irmão e tinha feito juízo seguro sobre ele, pôs em ordem os negócios. Por sua expressa vontade, a fortuna passou para a mulher, a quem encarregou do pagamento de uma pensão ao miserável Jack.

Foi o último golpe para este. Exasperou-se, blasfemou contra o irmão. Tendo começado por estar irritado contra a sorte, tornou-se furioso contra as pessoas. De mau fez-se feroz.

A reflexão acalmou-o. Em vez de se despedaçar estupidamente contra este obstáculo, resolveu empreender com método o cerco dele. Oferecia-se para modificar a situação à sua vontade um meio que ele julgou prático: aproveitar-se da inexperiência da cunhada, desposá-la e reconquistar assim a fortuna de que se julgava despojado.

Em conformidade com este plano mudou imediatamente o seu modo de vida, e deixou de ser causa perpétua de escândalos.

Contudo, não obstante terem decorrido já cinco anos depois destes acontecimentos, Jack não tinha ousado confessar os seus projectos. A frieza de Alice fora sempre barreira impossível de transpor. Julgou a ocasião favorável quando, aproveitando-se da liberdade americana, aquela resolveu fazer com sua irmã uma viagem pela Europa, viagem para a qual, devido à influência de um cartaz lido por acaso e que causou nela um capricho súbito, devia enxertar-se na excursão da Agência Thompson. Jack propôs-se audaciosamente para companheiro de viagem. Alice não aceitou o oferecimento sem repugnância. Apesar disso constrangeu-se a essa companhia. Havia muito tempo que Jack parecia emendado e a sua existência mais regular. Talvez fosse chegada a ocasião de lhe arranjar uma família.

Alice teria recusado se conhecesse os projectos do cunhado, se sobretudo tivesse podido ler nele e convencer-se, assim, de que Jack se conservava o mesmo, ou talvez pior, e que era homem, enfim, para não recuar fosse diante do que fosse: cobardias, vilanias, crimes até, para a conquista da fortuna. Além disso, desde a partida de Nova Iorque, Jack não fizera alusão alguma ao que ele audaciosamente chamava o seu amor, e não tinha saído da sua prudente reserva a bordo do Seamew. Taciturno, apenas dava às duas irmãs a sua presença material, e, esperando, ocultava o pensamento. O seu carácter tornou-se ainda mais sombrio quando Rogério de Sorgues foi apresentado às passageiras americanas e se tornou bem-vindo pela sua graça natural e alegria.

Jack, porém, tranquilizou-se vendo Rogério ocupar-se infinitamente mais de Dolly do que da irmã. Quanto aos outros passageiros do Seamew nem pensava neles. Seria mesmo difícil dizer-lhes se conhecia a existência. Quanto à de Roberto, ignorava-a desdenhosamente. Alice era menos altiva. Os seus olhos penetrantes de mulher tinham notado o desacordo evidente entre a posição subalterna do intérprete e a sua aparência exterior, assim como a frieza polida com que recebia as arremetidas de certos passageiros, e especialmente as de Rogério de Sorgues.

— Que pensa o senhor do seu compatriota. — Perguntara um dia a este último, que acabara de dizer a Roberto algumas palavras, acolhidas como de costume.

— Tem aparência pouco sociável. — um homem altivo e que entende que se deve conservar no seu lugar — respondera Rogério, sem tentar dissimular a sua evidente simpatia pelo discreto compatriota.

— É preciso que esteja muito acima do seu cargo para se conservar nele. com dignidade tão firme — respondeu simplesmente Alice.

Contudo era forçoso que Roberto renunciasse a essa reserva. Estava a chegar o momento em que lhe seria preciso entrar verdadeiramente em funções. A tranquilidade presente era de molde a fazer-lhe esquecer a sua posição real. Mas o menor incidente recordar-lha-ia necessariamente — e este incidente havia de se produzir antes mesmo que o Seamew tivesse ancorado pela primeira vez.

Desde que o navio deixara a Mancha, seguira constantemente a direcção oés-sudoeste, um pouco menos meridional do que teria sido preciso para atingir o grupo principal dos Açores. O capitão Pip, com efeito, Pusera a proa em direcção às ilhas mais ocidentais, a fim de os passageiros as poderem observar. Pelo caminho que as coisas levavam parecia que não poderiam aproveitar-se muito desta atenção de Thompson. Algumas palavras ouvidas sobre o assunto excitaram a curiosidade de Rogério.

— Sr. professor, pode dizer-me quais são as primeiras ilhas que o Seamew deve encontrar? — perguntou a Roberto quatro dias depois da partida.

Roberto ficou interdito.

Ignorava completamente este pormenor.

— Bem! — disse Rogério. — O capitão no-lo dirá. Os Açores pertencem aos Portugueses, não é verdade? — Perguntou depois de curto silêncio.

— Sim — balbuciou Roberto — parece-me que sim.

— Confesso-lhe, Sr. professor, que sou completamente ignorante, sobretudo no que diz respeito a este arquipélago — continuou Rogério. — Crê que haja nele alguma coisa que nos ofereça interesse?

— Certamente — afirmou Roberto.

— De que género? — insistiu Rogério. — Curiosidades naturais talvez?

— É evidente que são naturais — disse Roberto apressadamente.

— Sem dúvida edificios?

— Sem dúvida, é evidente.

Rogério olhou um pouco surpreendido para o seu interlocutor. Um sorriso irónico nasceu-lhe nos lábios. Recomeçou as perguntas.

— Uma última palavra, Sr. professor. O programa anuncia o desembarque apenas em três ilhas: Faial, Terceira e São Miguel. Não há mais nenhuma ilha? Mrs. Lindsay desejou saber quantas tinha o arquipélago, mas não me foi possível informá-la.

Roberto estava sobre brasas. Compreendia um pouco tarde a absoluta ignorância do que tinha por dever ensinar aos outros.

— Cinco — afirmou audaciosamente.

— Muito obrigado, Sr. professor — disse enfim Rogério, ironicamente, despedindo-se do compatriota.

Apenas ficou só, este precipitou-se para o quarto. Antes de partir de Londres tinha tido o cuidado de se munir de uma colecção de livros próprios a elucidá-lo acerca dos países compreendidos no itinerário.

Porque teria esquecido tão tolamente esses livros?

Percorreu o Baedeker dos Açores. Oh! Tinha cometido um erro grosseiro atribuindo-lhe cinco ilhas apenas. Eram nove à justa. Roberto ficou muito envergonhado, e corou cruelmente, embora ninguém pudesse observar a sua vergonha.

Apressou-se a ganhar o tempo perdido. Daí em diante, passou os dias agarrado aos livros e a vigia do seu camarote iluminava-se muito antes da noite. Rogério observou o facto e alegrou-se vivamente.

"Assim mesmo é que é, meu amigo".

"Quanto a seres professor, és tanto como eu sou papa!"

Na manhã do sétimo dia, isto é, a 17 de Maio, às oito horas, Saunders e Hamilton aproximaram-se de Thompson, e o primeiro fez-lhe observar, num tom seco, que, segundo os termos do programa, o Seamew devia ter fundeado na noite anterior na Horta, capital da ilha do Faial.

Thompson desculpou-se o melhor que pôde, lançando as culpas para o estado do mar. Acaso podia prever que teria de lutar contra um vento contrário e vagas tão fortes?

Os dois parceiros nem se deram ao trabalho de discutir. Tinham feito confessar a irregularidade e isso satisfazia-os nessa ocasião. Retiraram-se com ar digno e o baronete verteu toda a bilis no seio da família.

Por outro lado, é de crer que o navio e os próprios elementos sentissem alguma emoção pelo descontentamento de um viajante tão considerável.

O vento, que logo ao romper do dia tinha manifestado tendência para diminuir, decresceu progressivamente. A vaga, por um efeito natural, caía ao mesmo tempo.

O navio navegava mais rapidamente e a amplitude do balanço diminuía. Bem depressa, como tudo assim continuava, o vento tornou-se em brisa ligeira e os hóspedes do Seamew puderam crer-se voltados ao pacífico Tamisa.

O resultado desta calma fez-se logo sentir. Os infelizes passageiros, que ninguém vira havia seis dias completos, subiram uns após outros à ponte.

Sucessivamente, apareceram, pálidos, as fisionomias descompostas, em suma, como se fossem lamentáveis ruínas. Indiferente a esta ressurreição, Roberto, encostado à amurada, pesquisava o horizonte com os olhos, buscando debalde a terra próxima.

— Sr. professor — disse de súbito uma voz por detrás dele -, não estamos num lugar outrora ocupado por um continente desaparecido: a Atlântida?

Voltando-se, Roberto achou-se em frente de Rogério de Sorgues, de Alice Lindsay e de Dolly.

Se Rogério tinha esperado embatucar o seu compatriota com esta pergunta imprevista, perdera o seu tempo. A lição precedente tinha produzido fruto e Roberto estava de ora avante preparado.

— Certo, senhor — disse ele.

— Existiu então, realmente, esse país? — perguntou por sua vez Alice.

— Quem sabe? — respondeu Roberto. — Lenda ou verdade, paira uma grande incerteza sobre a existência deste continente.

— Mas enfim — perguntou Alice -, há testemunhas em favor desta afirmação?

— Muitas — respondeu Roberto, que se preparou para recitar o guia. — Sem falar na Merópida, de que Midas tinha recebido conhecimento do velho e pobre Sileno, segundo Teopompo de Chio, resta ainda a narração do divino Platão, com Platão a tradição faz-se conto, a lenda faz-se história. Graças a ele, a cadeia da memória conserva todos os seus elos. Liga-se de uns anos a outros, de séculos a séculos, e chega assim a noite dos tempos. Platão alcançou os factos, de que se tornou historiador, de Críticas que, na idade de 7 anos, os tinha ouvido a seu bisavô Drópidas, então nonagenário. Quanto a Drópidas, não fazia senão repetir o que muitas vezes tinha ouvido contar ao seu amigo íntimo, Sólon, um dos sete sábios da Grécia e o legislador de Atenas. Sólon tinha-lhe dito como, recebido pelos sacerdotes da cidade egípcia de Sais, já com oito mil anos de existência, soubera deles que os seus mementos relatavam as guerras afamadas que tinham sido sustentadas outrora pelos habitantes de uma cidade antiga da Grécia, fundada mil anos antes de Sais, contra numerosos povos vindos de uma ilha imensa situada para além das Colunas de Hércules. Se esta tradição é exacta, era há oito ou dez mil anos que essa raça desaparecida dos Atlântides respirava, e era por aqui mesmo que se estendia a sua pátria.

— Como — objéctou Alice, depois de um momento de silêncio -, pôde desaparecer este vasto continente?

Roberto esboçou um gesto evasivo.

— Desse vasto continente nem uma pedra ficou?

— Sim — respondeu Roberto. — Alguns picos, montanhas, vulcões emergiram ainda. Os Açores, Madeira, Canárias, as ilhas de Cabo Verde não seriam outra coisa. O resto foi tudo engolido. O navio substituiu o arado nas planícies outrora lavradas.

Tudo, à exceção dos mais orgulhosos cumes, se afundou em insondáveis abismos, tudo desapareceu debaixo das ondas — cidades, edifícios, homens, dos quais nenhum voltou a contar aos seus irmãos a espantosa catástrofe.

Isto já não estava no guia. Roberto tinha-o tirado dos seus próprios recursos. Colaborava audaciosamente nele.

Contudo o resultado da invenção foi feliz. Os seus ouvintes pareciam comovidos. Se o desastre tinha acontecido já há dez mil anos, era também tão terrível que os anais do mundo não continham outro semelhante.

Os olhos, errando sobre as vagas, meditavam nos segredos ocultos pelo abismo. Aí tinham alourado searas, desabrochado flores, o sol tinha raiado sobre essas regiões mergulhadas numa sombra eterna. Aí tinham cantado avezinhas, tinham vivido homens, tinham amado mulheres, tinham chorado filhas e mães. Sobre este mistério da vida, de paixão, de dor, rolava agora, como sobre um túmulo imenso, a impenetrável mortalha do mar.

— Perdão, senhor — pronunciou uma voz -, não cheguei a apanhar senão o final do que estava dizendo.

Se acaso compreendi bem, deu-se neste lugar um medonho acidente. Uma terra importante teria sido destruída pelo mar. Pois bem! É verdadeiramente extraordinário que os jornais não tenham falado disso.

Voltando-se com um pouco de receio, os conversadores viram o amável Blockhead, acompanhado da família.

Oh! como estavam pálidos esses rostos! Como estava magra essa interessante família! Rogério encarregou-se da resposta.

— Olá! o senhor, meu caro amigo! Já restabelecido! Os meus cumprimentos. Como! Pois não leu nos jornais a narração desse acidente? Pois garanto-lhe que trataram muito dele.

O sino anunciando o almoço cortou a resposta de Blockhead.

— Aqui está um sinal que eu gosto de ouvir! — exclamou.

Rapidamente, correu para a casa de jantar, seguido de Mrs. Georgina e de seu filho Abel. Estranho fenómeno! Miss Bess e Miss Mary não o acompanharam com a pressa que um jejum tão prolongado teria tornado natural. Não, num movimento simultâneo, tinham-se ambas arremessado para o lado da ré. Um instante mais tarde viram-nas voltar escoltando Tigg, enfim reconquistado. Alguns passos atrás seguiam os Hamilton, com o olhar colérico e os lábios contraídos.

Tigg assemelhava-se a um moderno Páris, a quem três deusas, novo estilo, tivessem disputado entre si.

O provérbio — que afirma que na terra dos cegos quem tem um olho é rei fazia de miss Margarida a Vénus desse trio celeste. A ativa Mary desempenhava o papel de Juno, e o de Minerva ficava reservado a miss Bess, por causa dos seus modos belicosos... Nesse momento, era evidente que, ao contrário da tradição geralmente aceite, Minerva e Juno triunfavam.

Vénus estava pálida de raiva. Pela primeira vez depois de tanto tempo, a mesa achou-se guarnecida de ponta a ponta.

Thompson experimentou diversos sentimentos, considerando esta abundância de convivas.

No fim da refeição, Blockhead, do outro lado da mesa, dirigiu-lhe directamente a palavra: — Meu caro senhor — disse -, soube há bocadinho que estas paragens, tinham sido teatro de um espantoso acidente, que uma região inteira tinha sido submersa. Acho portanto oportuno abrir uma subscrição entre nós para as vítimas da catástrofe. Inscrevo-me de boa vontade com uma libra.

— De que catástrofe quer o senhor falar, meu caro? "Diabos me levem se já ouvi dizer algo de semelhante coisa!

— Pois olhe que eu não invento nada — insistiu Blockhead. "Foi por intermédio do Sr. professor que soube deste caso, e esse outro gentleman francês que está perto dele afirmou-me que os jornais falaram nisso.

— Perfeitamente! — exclamou Rogério, vendo que se tratava dele -, perfeitamente! "Mas essa catástrofe não sucedeu hoje. Foi há questão de alguns anos, Foi... ora espere! Há dois anos? Não, foi há mais tempo. Ah! já me recordo! Deve fazer oito mil e quatrocentos anos para o São João que a Atlântida desapareceu sob as ondas. Palavra de honra que li isso nas gazetas da primeira Atenas.

Uma gargalhada geral soou em roda da mesa. Quanto a Blockhead, tinha ficado de boca aberta. Talvez estivesse disposto a zangar-se, porque a brincadeira era um bocado pesada, mas, de súbito, uma voz caindo da ponte extinguiu ao mesmo tempo o aviso e a cólera.

— Terra por bombordo! — gritava um marinheiro.

Num abrir e fechar de olhos a sala ficou vazia. Apenas ficou o capitão Pip, acabando tranquilamente a refeição.

— Nunca teriam visto terra, senhor? — perguntou ele ao fiel confidente, deitado ao seu lado.

Os passageiros tinham subido ao spardeck e, com os olhares dirigidos para sudoeste, esforçavam-se por avistar a terra anunciada. Somente um quarto de hora mais tarde é que se começou a desenhar aos seus olhos inexperientados uma mancha semelhante a nuvem no horizonte.

— A julgar pela direcção que temos seguido — disse Roberto aos seus vizinhos imediatos -, deve ser Corvo, a ilha mais setentrional e a mais ocidental do arquipélago. "O arquipélago dos Açores divide-se em três grupos bem distintos. Um, central, compreende cinco ilhas: Faial, Terceira, São Jorge, Pico e Graciosa, um ao noroeste, com duas ilhas, Corvo e Flores, um a sudoeste, igualmente formado de duas ilhas, São Miguel e Santa Maria, além de uma reunião de recifes denominados as Desertas. Situadas a mil quinhentos e cinquenta quilómetros do continente mais próximo, essas ilhas, de grandezas muito desiguais, e ocupando mais de cem léguas marítimas, reúnem apenas entre todas vinte e quatro mil quilómetros quadrados de terra firme e setenta mil habitantes. "E há mesmo que dizer que são separadas por largos braços de mar, e que raramente a vista pode ir de uma a outra. A descoberta deste arquipélago é, como de costume, reivindicada por diversos povos. Quaisquer que sejam as disputas provocadas pela vaidade, sabe-se que foi das colónias portuguesas que se estabeleceram aí desde 1427 a 1460 que ele recebeu o nome, por causa de

uma espécie de ave muito abundante, que os primeiros ocupadores tomaram erradamente por milhafres ou açores.

Roberto deu estas indicações gerais a pedido de Thompson.

O sucesso foi deveras lisonjeiro, logo que ele abriu a boca, a maior parte dos passageiros tinha-se detido em roda dele, desejosos de ouvirem o professor francês.

Esses atraíram outros e bem depressa Roberto se tornou o centro de um verdadeiro círculo. Em suma, não podia recusar-se a esta conferência improvisada. Isto fazia parte das suas funções. Blockhead, sem rancor, tinha levado a sua vergôntea para a primeira fila dos ouvintes de Roberto.

— Escuta com atenção — dizia ele -, "escuta com atenção o Sr. professor".

Havia um outro ouvinte inesperado: Van Piperboom, de Roterdão.

Que interesse podiam ter esses discursos completamente ininteligíveis para os seus ouvidos holandeses? Mistério. Em todo o caso, estava aí, na primeira fila também, de ouvido atento, boca aberta, não perdendo uma palavra. Quer compreendesse, quer não, o que queria era não perder o seu dinheiro.

Uma hora mais tarde a ilha do Corvo cessou de ser nuvem e afirmou-se, massa confusa ainda, a uma distância de cerca de vinte e cinco milhas. Ao mesmo tempo uma outra terra subia vagamente no horizonte.

— Flores — anunciou Roberto.

O navio avançava rapidamente. Pouco a pouco apareciam as minúcias, precisavam-se, e bem depressa se pôde distinguir um rochedo alto e abrupto elevando-se a mais de trezentos metros acima do mar. O Seamew aproximou-se dele a menos de três milhas, depois o capitão, deixando-se levar para o sul, seguiu a costa. A escarpa continuava sempre alta, árida, com a base semeada de rochas inumeráveis, sobre as quais o mar se quebrava com fúria. O seu aspecto era terrível e selvagem. A bordo do Seamew os corações estavam oprimidos e hesitava-se em crer em Roberto quando ele afirmava que esta ilha ameaçadora continha e sustentava perto de mil criaturas humanas. Salvo alguns vales pouco verdejantes, o olhar encontrava por toda a parte sinais da mais terrível devastação.

Nenhum indício de vida aparecia sobre estes basaltos escuros, sobre estes rochedos áridos e grandiosos, amontoados e dispersos pelo capricho de um incomensurável poder.

— O que vêem é obra dos tremores de terra — observou Roberto.

A estas palavras, um redemoinho quebrou a multidão dos passageiros e, empurrando toda a gente, Johnson, de olhar irritado, colocou-se em frente do intérprete do Seamew.

— Que disse o senhor? — exclamou ele. — Parece-me que falou em tremores de terra. Há disso nos Açores?

— Pelo menos houve — respondeu Roberto.

— E agora?

— Agora — explicou Roberto -, se cessaram completamente nas ilhas de Flores e Corvo, já o mesmo se não pode dizer a respeito das outras ilhas, sobretudo de São Jorge e São Miguel.

Ouvindo esta resposta Johnson Pareceu encolerizar-se.

— Uma indignidade! — exclamou ele, voltando-se para Thompson. — Que diabo! Deviam avisar a gente! Imprimir isso no programa! Pois bem, senhor, pode ir a terra e levar consigo

todos aqueles que caírem na tolice de o seguir. Mas fixe bem isto que lhe vou dizer: eu-não-po-nho-lá-os-pés!

Depois de fazer esta declaração com energia, Johnson afastou-se tão brutalmente como tinha vindo e, em breve, ouvia-se-lhe trovejar a voz no coffee-room.

Meia hora mais tarde, o Seamew chegou à extremidade meridional desta ilha desolada. Neste sítio, a costa eleva-se, abaixa-se e termina numa ponta bastante baixa que Roberto designou com o nome de Ponta Pesqueiro. O capitão pôs o rumo a duas quartas para oeste e aproximou-se francamente da ilha das Flores, apenas separada da Corvo por um canal de dez milhas.

Desde o momento em que fora avistada, a ilha tinha aumentado singularmente.

Podia-se agora conceber a configuração geral. Já se distinguia o cume do Morro Grande, de novecentos e quarenta e dois metros, e a moldura das montanhas e colinas descendo em degraus até ao mar. Maior que a sua vizinha, Flores mede quinze milhas de comprimento por nove de largura, ou sejam cerca de cento e quarenta e oito quilómetros quadrados, com uma população não inferior a nove mil almas. O seu aspecto é também mais agradável e mais suave. As colinas, que desembocam no oceano, são cobertas por vasto tapete de verdura cortado aqui e ali de renques de árvores. Sobre os cumes, brilham pastos gordos. Mais abaixo estendem-se campos, enquadrados e sustentados por muralhas de lava.

Os passageiros reanimaram-se com esta natureza agasalhadora.

Quando já pouco distava da ponta Albornos, que forma a extremidade noroeste da ilha, o capitão Pip obliquou directamente para Este. O Seamew atravessou assim o canal que separa as duas ilhas gémeas, costeando de perto a ridente Flores, enquanto gradualmente Corvo desaparecia no horizonte. O capitão pôs sucessivamente a proa a sudeste e depois a sul. Às quatro horas da tarde o Seamew achava-se de través com a capital, Santa Cruz, cujas casas se distinguiam perfeitamente, iluminadas pela luz do Sol. A marcha foi então modificada e o Seamew, deixando na esteira as duas primeiras ilhas dos Açores, avançou a todo o vapor para o Faial.

A distância de Santa Cruz à Horta, capital do Faial, é de cerca de cento e trinta milhas, ou seja uma travessia de quase onze horas. Antes das sete horas, os cumes da Flores eram a custo visíveis. Bem depressa desapareceram na escuridão da noite.

Como o dia seguinte comportava um programa bastante pesado, nessa tarde o tombadilho ficou deserto muito cedo. Roberto ia por sua vez deixá-lo quando Rogério de Sorgues veio trocar com ele algumas palavras e desejar-lhe amigavelmente uma boa noite.

— A propósito — disse, no momento de se separarem -, seria indiscrição perguntar em que liceu de França foi o senhor professor?

Roberto, nada atrapalhado, pôs-se a rir.

— Na imaginação de Mr. Thompson — respondeu alegremente. — Peço-lhe que acredite que é exclusivamente devido a ele que eu devo essa nomeação, sem a ter solicitado.

Rogério, ficando só, viu-o afastar-se. Pensava: — Confessou que não é professor. Trata-se evidentemente de intérprete ocasional. Este figurão intriga-me. Quem será ele?

Cortando provisoriamente a questão com um gesto descuidado, Rogério foi o último a descer. O problema irritava-o e, depois de estendido no beliche, murmurava ainda: — Não se me tira do pensamento que já vi esta cara noutra parte! Mas onde, com mil diabos, onde?

CAPÍTULO VI

Lua de Mel

Quando no dia seguinte Roberto, pelas sete horas, subiu ao convés, o navio, imóvel, estava fundeado no porto da Horta, capital do Faial. A terra limitava o horizonte por todos os lados.

A oeste, flanqueada pelos seus dois fortes, a cidade, de aspecto agradável, dispunha-se em anfiteatro, elevando os campanários das suas igrejas uns acima dos outros e coroada por uma eminência que domina um vasto edifício, outrora convento dos Jesuítas.

Ao norte, o olhar é detido pela ponta spalamaca, limitando um dos lados da enseada, ao sul, por dois rochedos que limitam o outro lado, o Monte Queimado, sobre o qual se apoia o dique que fecha o porto, e a Ponta da Guia, antigo vulcão, cuja cratera arruinada, a Caldeira do Inferno, é invadida pelo mar e serve às vezes de refúgio aos pescadores quando o tempo se torna ameaçador.

Para Nordeste a vista estende-se livremente até à ponta ocidental da ilha de São Jorge, que fica a cerca de vinte milhas.

A este eleva-se a massa enorme do Pico. Confundem-se debaixo deste nome a ilha e a montanha, como na realidade se confundem. Fora das ondas, as margens da ilha surgem bruscamente, e, por declive ininterrupto, chegam à altura de dois mil e trezentos metros, ao cume da montanha.

Roberto não pôde avistá-lo. A cerca de mil e duzentos metros espesso nevoeiro detinha o olhar. Uma incessante tormenta agitava esta multidão de vapores. Enquanto na terra os ventos alísios sopravam do nordeste, no espaço farrapos de nuvens soltavam-se a cada instante da massa sempre reformada e iam perder-se em sentido contrário, empurrados pelos ventos contra-alísios do sudoeste.

Abaixo desta cortina impenetrável, sobre o declive que descia regularmente até ao mar, prados, campos e árvores rodeavam numerosas quintas, onde os habitantes ricos do Faial vão passar o verão, fugindo do calor e dos mosquitos.

Roberto admirava este panorama, quando a voz de Thompson o tirou da sua contemplação.

— Olá! bom dia, Sr. professor. Julgo poder dizer que é interessante esta ilha! Se estiver disposto a isso, hei-de ter necessidade dos seus serviços esta manhã. Sabe que os passageiros devem desembarcar, segundo o programa, às oito horas. São indispensáveis antes alguns preparativos.

Assim delicadamente solicitado, Roberto deixou o navio em companhia de Thompson. Seguindo a beira-mar alcançaram as primeiras casas da Horta. Thompson deteve-se pouco depois, indicando com o dedo uma grande casa, ornada de um letreiro em português, que Roberto traduziu imediatamente.

— Um hotel — disse ele. — O Hotel da Virgem.

— Vamos lá ao hotel da Virgem. Entremos, meu caro amigo, e abordemos o hospedeiro.

Mas, aparentemente, este não sofria de uma plethora de viajantes. Ainda não se tinha levantado. Tiveram de esperar um quarto de hora antes de o ver aparecer, meio vestido e com olhos ainda inchados do sono.

Travou-se este diálogo entre o hospedeiro e Thompson, diálogo de que Roberto traduzia perguntas e respostas.

— Pode dar-nos de almoçar?

— A esta hora?

— Não, às onze horas.

— Certamente. Não valia a pena incomodarem-me para isso.

— É que nós somos muito numerosos.

— Bem vejo. São dois.

— Sim, dois que estão presentes e mais sessenta e três que não viu ainda.

— Diabo! — exclamou o hospedeiro, coçando a cabeça.

— Então? — insistiu Thompson.

— Então — disse o hospedeiro, tomando resolutamente o seu partido — terão às onze horas os seus sessenta e cinco almoços.

— Por que preço?

O hospedeiro reflectiu um instante.

— Dar-lhes-ei — declarou enfim -, ovos, presunto, peixe, galinha e sobremesa por vinte e três mil réis, compreendendo vinho e café.

Vinte e três mil réis, ou perto de quatrocentos réis por cabeça, era de uma barateza extraordinária. Não foi essa a opinião de Thompson, porque, pela boca do seu intérprete, regateou desenfadadamente. Finalmente, acordaram sobre o preço de dezassete mil réis.

Regulada esta questão, começaram de novo a regatear a propósito dos meios de transporte necessários. Depois de dez minutos de discussão, o hospedeiro comprometeu-se, mediante um acréscimo de trinta mil réis, a pôr, no dia seguinte de manhã, à disposição dos turistas, sessenta e cinco montadas, cavalos e burros, sendo estes em maior número. Com respeito a carruagens, nem valia a pena pensar nisso, porque a ilha não tinha nenhuma.

Testemunha e actor dessas discussões, Roberto verificava com um misto de respeito e de inquietação que Thompson, tendo-se fiado na sua boa estrela, nada tinha preparado.

— Ora aqui está uma coisa que promete divertimento agradável! — disse impetuoso.

Depois de tudo estar bem assente, Thompson e Roberto apressaram-se a ir ao encontro dos passageiros, que havia meia hora deviam estar à espera do seu eminente administrador.

Na verdade lá estavam formando no cais um grupo compacto que gesticulava. Todos, excepto um. Segundo declarara, Elias Johnson tinha ficado a bordo, manifestando pela rigorosa abstenção o seu horror aos tremores de terra.

No grupo dos passageiros era evidente o mau humor, mas acalmou-se imediatamente à vista de Thompson e de Roberto. O único que entendeu dever protestar foi Saunders, mas fê-lo com extrema discrição. Apenas exibiu o seu enorme relógio e, de longe, convidou Thompson com o dedo a observar que o ponteiro dos minutos tinha passado notavelmente meia hora depois das oito. E foi tudo.

Thompson fingiu nada ter visto. Agitado, amável, com a frente suada pelos grandes gestos, a fim de dar uma alta ideia da sua devoradora actividade, apressava-se, e assim, pouco a pouco, sob a sua direcção a multidão dos passageiros formou-se, alongou-se e desfilou. A balbúrdia transformou-se num regimento de soldados bem alinhados.

Os ingleses, habituados a esta singular maneira de viajar, curvam-se facilmente às exigências de uma formação tão militar. Isso parecia-lhes muito natural e por si mesmo

tinham-se agrupado em dezasseis filas de quatro pessoas cada uma.

Apenas Rogério de Sorgues ficou um pouco admirado e foi obrigado a reprimir uma intempestiva vontade de rir.

À frente, na primeira fila, figuravam lady Heilbuth flanqueada por sir Hamilton. Era-lhes devida essa honra, e tal parecia ser a opinião do baronete, porque ia inchado de satisfação. As outras filas estavam organizadas ao capricho do acaso ou das simpatias. Rogério completou sem desgosto a da família Lindsay.

Thompson tinha-se excluído naturalmente da sua combinação. Ao lado do exército, como um comandante rectificando um alinhamento defeituoso, com veleidades pessoais de independência, ia e vinha como um capitão ou, mais exactamente, como um peão vigiando um comboio de soldados disciplinados.

Ao sinal de marchar a coluna moveu-se. Em boa ordem caminhou ao longo do mar, passou em frente do Hotel da Virgem, e o hospedeiro pôde da porta segui-la com um olhar de satisfação. Com passos mais longe, a convite de Roberto, obliquou para a esquerda e penetrou realmente na cidade da Horta.

Como esta, vista de perto, era menos atraente que de longe! Compõe-se quase exclusivamente de uma única rua, bifurcada na extremidade; íngreme, estreita, irregular, mal calçada, esta rua não é precisamente um passeio agradável. A tal hora do dia, o sol ardente atravessava-a de lado a lado, escaldando as nucas e as costas, e em breve começaram os queixumes, reprimidos a custo pelo olhar severo de Thompson.

As casas que bordam a rua da Horta não oferecem interesse suficiente para que a alma despreze as dores do corpo. Grosseiramente construídas, com paredes de lava de uma grande espessura, a fim de melhor resistirem aos tremores de terra, seriam o que há de mais banal se não fora a extrema porcaria que lhes dá certa originalidade. O rés-do-chão destas casas é geralmente ocupado quer por estabelecimentos, quer por cavalariças, quer por estábulos. Os andares superiores, reservados aos habitantes, enchem-se, graças ao calor e à vizinhança dos estábulos, dos aromas mais aborrecidos e dos insectos mais ignóbeis.

Cada casa ensoberba-se com uma larga varanda, fechada por um caniçado. Os burgueses indígenas fazem longas estações por detrás do seu abrigo protector, vigiando a rua, espiando os vizinhos e investigando as acções e os gestos de todos aqueles que o acaso lhes põe ao alcance da vista. Mas a esta hora matinal as varandas estavam vazias, porque os seus proprietários têm o costume de prolongar extraordinariamente as horas consagradas ao sono. À passagem da coluna, os raros passeantes voltavam-se com surpresa e os lojistas vinham ao limiar das portas. Que significava este desembarque? Tinha sido a ilha invadida como no tempo do usurpador D. Miguel? Em suma, obtinha-se um sucesso de valia. Thompson tinha o direito de estar orgulhoso e estava-o de facto.

Mas sir Hamilton ainda o estava mais. À frente, aprumado, direito, com o olhar fixo a quinze passos o máximo, todos os poros da sua pele gritavam: "Eu!" Esta atitude orgulhosa esteve a ponto de lhe pregar uma partida. À força de não olhar os pés, conservando os olhos modestamente baixos, o nobre baronete tropeçou na calçada muito desigual e estendeu-se ao comprido. Um simples gentleman teria feito a mesma coisa. Infelizmente, se os membros de sir Hamilton saíram ilesos desta aventura, já o mesmo não acontecia com um acessório pequeno, mas absolutamente indispensável. Sir Hamilton tinha partido as lunetas. Catástrofe cruel! De ora avante era possível algum prazer para este míope tornado cego?

Thompson felizmente, como administrador vigilante, tinha visto tudo. Apressou-se a fazer notar ao baronete um estabelecimento em cuja montra se viam alguns miseráveis instrumentos de óptica e, por intermédio de Roberto, foi em breve concluído o negócio. Mediante dois mil réis o negociante comprometeu-se a entregar no dia seguinte o objecto consertado.

De passagem, visitaram igrejas e conventos, e de conventos para igrejas e de igrejas para conventos chegaram enfim à eminência que domina a cidade e, suando e assoprando, mas sempre em boa ordem, detiveram-se pelas dez horas ao pé do antigo convento dos Jesuítas, construído em frente do mar. Em seguida, a coluna deslocou-se a um sinal de Thompson e o círculo formou-se em roda de Roberto. Blockhead tinha impellido para a primeira fila o jovem Abel, ao lado do qual Van Piperboom — de Roterdão — colocou a sua pessoa corpulenta e maciça.

— O antigo convento de Jesuítas — anunciou Roberto tomando a voz profissional de cicerone.

— O mais belo edifício que construíram nos Açores. Pode-se visitar, em conformidade com o programa. Julgo porém dever meu preveni-los de que, se este monumento é notável pelas suas proporções consideráveis, não oferece nenhum interesse artístico.

Os turistas, escaldados pelas visitas precedentes, declararam-se convencidos. Apenas Hamilton, de programa na mão, exigiu a sua execução completa e altivamente penetrou no convento.

Blockhead, por seu lado, observou com sagacidade que, pelo menos, se podiam ir ver as proporções, visto que Roberto as julgava notáveis, mas ninguém se dignou escutar o merceeiro aposentado.

— Nesse caso — disse Roberto -, passaremos ao artigo seguinte do programa.

E leu:

"Vista magnífica. Cinco minutos."

— Diante de todos — exclamou -, está a ilha do Pico. Ao norte São Jorge. Na ilha do Pico, uma aglomeração de quintas indica o bairro da Madalena, onde os habitantes vão passar o verão.

Depois de Roberto ter assim desempenhado as funções do seu cargo, o círculo rompeu-se e os turistas espalharam-se segundo a sua fantasia, contemplando o panorama que se desenrolava diante deles. Aos seus pés, a cidade da Horta parecia rolar para o mar. Em frente, o Pico erguia a sua massa colossal, cujo cume ia perder-se para além de um caos de vapores. O canal, entre as duas ilhas, estava agora cheio de sol e as águas espelhavam-no, incendidas, até às margens purpúreas de São Jorge.

Quando o baronete voltou, depois de terminar a visita, a coluna, já exercitada, formou-se com rapidez. Na ocasião em que ia a romper a marcha, o meticuloso passageiro brandiu de novo o inflexível regulamento. O programa dizia: "Vista magnífica. Cinco minutos." Eram-lhe precisos portanto esses cinco minutos.

Tiveram de sofrer as fantasias deste original e, num alinhamento impecável, a coluna inteira, voltada para o lado de este, concedeu a si própria, não sem numerosos e legítimos murmúrios, cinco minutos de contemplação suplementares. Hamilton, enganado pela extrema falta de vista, conservou-se invariavelmente voltado para oeste. Nessa direcção nada mais

podia ver do que a fachada do convento dos Jesuítas e isso, com a melhor boa vontade do mundo, não podia passar por «vista magnífica», pois não passava de insignificante.

O baronete olhou conscienciosamente para a parede durante os cinco minutos regulamentares. A coluna retomou enfim a marcha.

Logo aos primeiros passos o olhar vigilante de Thompson descobriu que uma das filas estava reduzida a metade. Tinham desaparecido dois passageiros. Depois de um exame mais atento, reconheceu que eram os dois recém-casados. Thompson franziu o sobrolho. Não gostava destas irregularidades. Mas logo reflectiu que esta diminuição de convivas lhe ia permitir impor ao hospedeiro um abatimento equitativo.

Eram onze e meia quando os turistas, sempre em boa ordem mas estafados, fizeram a sua entrada no Hotel da Virgem. O hospedeiro, rubicundo e jovial, recebeu-os de boné na mão.

Todos os viajantes tomaram lugar em roda da mesa. Sir Hamilton ficou em frente de Thompson, lugar que ninguém pensou em disputar-lhe. Mary e Bess Blockhead, graças a uma sábia manobra, colocaram-se longe da família e puderam assim consagrar-se exclusivamente à felicidade de terem Tigg definitivamente em seu poder.

Quando os primeiros assomos de fome foram acalmados, Thompson tomou a palavra e solicitou dos seus passageiros algumas palavras de apreciação sobre a cidade da Horta.

— Soberba! — exclamou Blockhead -, Simplesmente, muito soberba!

Mas logo pareceu que Blockhead era o único daquela opinião.

— Que cidade tão medonha! — disse um.

— E que porca! — acrescentou outro.

— Que ruas!

— Que casas!

— Que sol!

— Que calçadas!

Reconheceu-se o baronete nesta última observação.

— E que hotel! — disse por sua vez Saunders, com voz semelhante a um guincho de serra.

— Vê-se bem que nos prometeram hotéis de primeira ordem.

Forçoso era confessar que Saunders tinha bastante razão. Era certo que figuravam na mesa ovos, presunto e galinha. Mas o serviço deixava muito a desejar. A toalha estava cheia de buracos, os garfos eram de ferro e os pratos, aliás de uma limpeza duvidosa, não eram mudados.

Thompson sacudiu a cabeça com ar belicoso.

— É necessário observar a Mr. Saunders — sibilou com amargura -, que as palavras: «Hotéis de primeira ordem» têm um valor relativo? Uma estalagem nos arredores de Londres torna-se um hotel confortável na hamtchatka.

— E em geral — interrompeu Hamilton -, em todos os países habitados por povos latinos, isto é, inferiores. Ah! se estivéssemos numa colónia inglesa!

Coube nessa altura a vez ao baronete de não rematar o pensamento. Como o almoço tinha acabado, os viajantes partiram ruidosamente. Thompson, que foi o último a sair, teve a satisfação de já encontrar a coluna formada.

Cada um tinha retomado o lugar que o acaso ou a vontade lhe tinha designado de manhã. Ninguém protestou, tão certo é que a ideia de propriedade nasce facilmente entre os homens.

Pela terceira vez, no meio de um mais numeroso concurso de população, ela seguiu a rua tão fatal ao baronete. Chegado ao teatro do acidente, aquele lançou um olhar oblíquo sobre o estabelecimento onde tinha encontrado socorro. Nessa ocasião, o dono estava à porta como todos os outros mercadores, seus colegas. Tinha reconhecido o seu cliente ocasional e seguiu-o com um olhar, no qual Hamilton julgou ler — mas que ideia! — uma expressão de desprezível censura.

No cimo da rua voltaram à esquerda e continuaram a subir os flancos da colina. Bem depressa as últimas casas foram ultrapassadas. Algumas centenas de metros mais longe a estrada começava a costear uma torrente de sinuosidades caprichosas. As margens, deliciosas e que mudavam continuamente, foram quase desdenhadas pela maior parte dos turistas, muito alinhados. Uma situação que não figurava no programa não tinha importância para eles. Digamos mais: não existia.

Depois de uma marcha de, quanto muito, meia milha, a estrada pareceu de súbito fechada por enorme barreira de rochedos, do alto dos quais a água da torrente se precipitava em cascata. Sem alterar o seu admirável alinhamento, a coluna continuou a subir o declive, depois de evolucionar para a direita.

A temperatura conservava-se suportável, apesar de a hora ser a mais quente do dia. As árvores abundavam na ravina por onde seguiam. Cedros, nogueiras, choupos, castanheiros e faias espalhavam a sua sombra benfazeja.

A ascensão durava já uma hora quando o horizonte se alargou repentinamente.

Numa volta brusca, a estrada desembocou na vertente da colina, dominando o vasto vale com que a ravina se continuava.

Thompson fez um sinal e os turistas formaram de novo círculo em roda do cicerone. Os soldados, decididamente, habituavam-se à manobra. Quanto a Roberto, ressentindo-se vivamente do ridículo deste modo ultra-inglês de viajar, teve o bom senso de nada deixar transparecer no rosto. Disse sem preâmbulos e num tom frio: — Foi aqui, meus senhores e minhas senhoras, o lugar do primeiro estabelecimento dos Holandeses, que colonizaram esta ilha antes dos Portugueses. Devem ter notado que os habitantes deste vale conservaram bastante os traços físicos, os costumes, a língua e a indústria dos antepassados.

Roberto calou-se bruscamente, como tinha começado. Não era da sua conta indagar se os infortunados turistas estavam em estado de o compreender. Apesar disso, pareceram satisfeitos. Notaram o que Roberto tinha dito, mas por alto, porque isso era indicado no programa, e nenhuma reclamação surgiu.

Ao sinal de Thompson, a coluna tornou a formar como um regimento exercitado e os olhos dos viajantes desviaram-se passivamente da encantadora paisagem.

Era verdadeira pena. Encerrado entre duas colinas, sulcado por alguns ribeiros, que reunidos se convertem mais abaixo da torrente cujo curso acabavam de subir, o Vale Flamengo estende-se cheio de uma suavidade virgiliana. Aos gordos pastos onde ruminavam manadas de bois, sucediam campos de trigo, milho e cevada e, caprichosamente dispersas, casas brancas brilhavam aos raios do Sol.

— Uma Suíça normanda — disse Rogério.

— Um reflexo do nosso país — acrescentou melancolicamente Roberto, pondo-se em marcha.

Contornando a cidade pelo norte, a coluna obliquou um pouco para a direita, e o Vale Flamengo não tardou a desaparecer. Depois dos campos que lembravam as perspectivas da Normandia, atravessavam-se agora extractos de terra cheios de hortas. Cebolas, batatas, inhames e ervilhas desfilavam sem prejuízo dos frutos, como melancias, cabaças, ameixas e muitos outros.

Mas foi preciso abandonar este lugar exuberante. Como o dia avançava, Thompson julgou não dever levar o reconhecimento até ao fim do cabo Espalamaca. Seguiu a primeira estrada que encontrou à direita, e todos começaram a descer em direcção à cidade. A estrada seguia em declive suave por entre uma sucessão ininterrupta de vilas, rodeadas de jardins soberbos, numa fusão das mais díspares espécies. As árvores da Europa, extremamente aumentadas, misturavam-se com as árvores exóticas. A palmeira elevava-se junto do carvalho, ao lado da acácia viam-se a bananeira e a laranjeira. As tílias e os choupos eram vizinhos do eucalipto, o cedro do Líbano da araucária do Brasil. As fúchsias apresentavam o desenvolvimento das nossas árvores.

Eram quatro horas da tarde. Debaixo da majestosa cúpula das grandes árvores, os mais oblíquos raios do Sol penetravam já atenuados. Depois do país de Canaã este lugar era o Paraíso terreal.

Instintivamente os turistas tinham demorado o passo. Calavam-se. Desciam sem se apressar, em silêncio, gozando com o delicioso passeio, na sombra luminosa das árvores, acariciados pela brisa tépida.

Assim foi alcançado o forte de oeste e daí seguiram o parapeito que o reúne ao forte central. Eram apenas cinco e meia quando os turistas chegaram à entrada da grande rua da Horta. Então a coluna dissolveu-se. Uns preferiram ir para bordo, outros espalharam-se pela cidade à aventura.

Roberto teve de ir ao Hotel da Virgem ver se tudo estava pronto para o dia seguinte.

Depois de terminada a sua comissão, voltava para o Seamew, quando deu de caras com sir Hamilton.

Este estava furioso.

— Senhor — disse ele abruptamente -, acontece-me uma coisa singular. O oculista, a casa de quem o senhor me conduziu esta manhã, recusa-se absolutamente, não sei porquê, a fazer o conserto combinado. Como me é impossível compreender uma só palavra dessa danada algaravia, ficar-lhe-ia muito reconhecido se viesse comigo para lhe pedir uma explicação.

— Às suas ordens — respondeu Roberto.

Este, logo que entrou no estabelecimento do comerciante recalcitrante, entabulou com ele uma longa discussão ruidosa e provavelmente também divertida, porque se via que refreava violenta vontade de rir. Depois de terem sido trocadas todas as réplicas, voltou-se para o baronete: — O Sr. Luís Monteiro, oculista, diz que recusou e recusa trabalhar ao seu serviço porque...

— Porque?

— Simplesmente porque o senhor se esqueceu de o cumprimentar esta tarde.

— Hem? — disse Hamilton, estomagado.

— É por isso mesmo! Quando passámos, depois do almoço, o Sr. Luís Monteiro estava à porta, viu-o e sabe que, por seu lado, também o senhor o reconheceu. Sir Hamilton nem se dignou esboçar o mais leve cumprimento. Tal é o seu crime aos olhos do oculista.

— Que vá para o diabo — exclamou o baronete, enfurecido.

Foi a custo que ele ouviu a explicação de Roberto acerca do inverosímil rigor do cerimonial nos Açores. Ali tudo se faz segundo um inflexível protocolo. Se alguém quer visitar um amigo, tem de solicitar o seu consentimento. Se o médico consente em vos tratar, o sapateiro em vos calçar, o padeiro em vos fornecer pão, é com a condição sine qua non de o cumprimentardes muito delicadamente a cada encontro e de o honrardes com afectuosos presentes em épocas fixadas e que variam conforme as profissões^[6].

Tudo isto era dificilmente concebido pelo baronete. Contudo teve de submeter-se e Roberto, com a sua aprovação, acalmou, por meio de sentidíssimas desculpas, o susceptível Luís Monteiro e de novo foi prometido o concerto.

Hamilton e Roberto chegaram a bordo do Seamew no momento em que a sineta chamava os retardatários para o jantar. Este passou-se alegremente. Não houve um único passageiro que se não declarasse encantado com este princípio de viagem.

Mutuamente faziam notar a boa harmonia que não tinha deixado de reinar entre os turistas, congratulando-se todos com isso.

Se a cidade da Horta tinha descido para eles numa certa medida, todos estavam de acordo em reconhecer o esplendor das coisas da natureza. Não, ninguém esqueceria esta evocação da Suíça, no Vale Flamengo, nem a riqueza do campo nas proximidades da ponta Espalamaca, nem esse encantador regresso ao longo do mar ou sob a benévola sombra das grandes árvores.

No meio da alegria geral, Blockhead encarecia o passeio com ardor. Por diversas vezes tinha já declarado energicamente ao seu vizinho que nunca — nunca, entendam bem! — tinha visto nada mais belo.

O partido da oposição fora reduzido à impotência. A esmagadora maioria do Administrador-Geral impunha silêncio a Hamilton e a Saunders.

Este último parecia de humor particularmente feroz. Porquê? Seria o seu íntimo tão mau que a alegria dos outros fosse, para ele uma injúria? Ou sofreria o seu amor-próprio de uma chaga secreta, sobre a qual o contentamento geral lançasse chumbo derretido? Na verdade, ser-se-ia levado a crê-lo ouvindo-o murmurar os epítetos mais desprezíveis que ele applicava furiosamente aos seus companheiros, cuja satisfação permitia pressagiar um brilhante resultado para a viagem empreendida. Ele não se pôde conter e, abandonando a mesa, subiu a passear os seus acerbos pensamentos pelo spardeck.

O ar livre trouxe-lhe pouco a pouco a paz ao coração ulcerado. Nos lábios delgados, como o bordo de um golpe, nasceu um sorriso. Encolheu os ombros.

"Sim, sim — murmurava ele -, é a lua de mel!", estendendo-se num rocking-chair^[7], contemplou tranquilamente o céu estrelado, no qual, era certíssimo, nasceria à hora própria a lua de fel.

CAPÍTULO VII

Enevoa-se o Céu

Ao romper do dia um alarido ensurdecido interrompeu o sono dos hóspedes do Seamew. A máquina rugia, o convés retumbava com a queda dos objectos pesados.

Os passageiros, mais obstinados no sono, tiveram de ceder. Desde o primeiro até ao último, praguejando enfurecidos, fizeram antes das sete horas a sua aparição no spardeck, que nesse dia não recebera a lavagem habitual. Ao longo da amurada estavam amarrados lanchões, donde os sacos de carvão que conduziam eram tirados pelo cabrestante e precipitados nos paióis.

— Que coisa tão engraçada! — comentou Saunders, em voz bastante alta, na ocasião em que Thompson passava perto dele. — Como se não se pudesse embarcar este carvão duas horas mais tarde!

Esta observação justa encontrou eco entre os passageiros.

— É evidente — aprovou sir Hamilton com energia.

— É evidente! — repetiu o pastor Cooley, de ordinário mais conciliador, no meio dos murmúrios de todos os passageiros.

Thompson nem viu nem ouviu nada. Atravessava sorridente os grupos e era o primeiro a rir do contratempo. Apesar de tudo, afirmava ele, "não há nada melhor do que uma pessoa levantar-se cedo!" Como é que se não havia de ficar desarmado ante esta indestrutível alegria? Nesse dia, o programa anunciava uma excursão à Caldeira, nome habitual dos vulcões dos Açores. A partida fez-se correctamente às oito horas. No cais, um esquadrão de burros e burriqueiros esperava os viajantes.

Apesar das promessas do hospedeiro, nenhum cavalo humilhava com a sua presença esses primos degenerados. Apenas havia burros. Sessenta e cinco burros e sessenta e cinco condutores, à razão de um homem por cada animal.

À vista deste numeroso bando de burros elevaram-se de novo protestos entre os turistas. Montar em burros!

Primeiramente muitos recusaram-se a isso, com energia. Uns, e entre eles o pastor, alegaram ter reumatismo; outros, como lady Heilbuth, fundamentaram a sua recusa com o pudor, e outros ainda, e particularmente sir Hamilton, falaram da sua dignidade comprometida. Saunders não deu nenhuma razão e foi o mais tímido nas recriminações. Thompson teve de parlamentar muito tempo.

Durante um quarto de hora os gritos das mulheres, as pragas dos burriqueiros, os pedidos, apelos e interjeições misturam-se numa dissonância e harmonia.

No fundo a maioria divertiu-se enormemente.

Presos durante sete dias, arregimentados no oitavo, os turistas alegravam-se bastante com este passeio imprevisto. Esse carregamento humano do Seamew, magistrados, oficiais, negociantes, capitalistas, gente grave pelo estado e pela idade, tornava-se jovem por um dia e bem depressa novos e velhos, magros e gordos, se bifurcavam alegremente nos burros indiferentes e pacíficos.

Saunders, com a fronte mais carregada à medida que a alegria dos companheiros se acentuava, foi o último a saltar para a albarda, sem pronunciar palavra. Tigg tinha sido o primeiro, Bess e Mary, os seus dois anjos da guarda, não tinham perdido o tempo durante o decurso da discussão. Tinham examinado sucessivamente os sessenta e cinco burros, passado em revista todas as selas e separado as três montadas melhores e as mais confortavelmente guarnecidas. Tigg, com vontade ou sem ela, teve de se instalar num desses burros, continuando a ser rodeado pelas misses Blockhead dos mais ternos cuidados. "Estava bem? Faltava-lhe alguma coisa?"

As mãos brancas das duas irmãs tinham regulado o comprimento dos estribos.

Ter-lhe-iam metido as rédeas na mão, se o burro açoriano necessitasse desse acessório ou doutro que se lhe assemelhasse.

Nos Açores, as rédeas são substituídas por um burriqueiro. Este caminha ao lado do animal, armado com um comprido aguilhão, com que o dirige. Se o burro vai muito depressa ou desce um declive pouco íngreme, o burriqueiro retém-no muito simplesmente pela cauda.

— Questão de latitude! — disse Rogério, rindo. — No nosso país o freio não está no mesmo lado, eis tudo!

Quando toda a gente estava pronta, Thompson percebeu que três burros ficavam sem dono. O enérgico perturbador Johnson, segundo a sua promessa, estava entre os ausentes. Quanto aos outros, não podiam ser senão os dois recém-casados, que se tinham tornado invisíveis desde a véspera.

Às oito horas e meia, a cavalgada — burricada seria mais exacto — pôs-se em movimento. À frente «burricava» Thompson, ladeado pelo seu ajudante, Roberto, e atrás deles o regimento seguia, formado a dois.

Subindo a rua principal da Horta, este bando de sessenta e dois cavaleiros, escoltados por sessenta e dois peões, fez necessariamente revolução. Todos aqueles que não se tinham deixado embalar pela doçura matinal dos lençóis apareceram às portas e janelas. Entre esses estava o cerimonioso Luís Monteiro. Envolvido nobremente num amplo manto, encostado à ombreira da porta, numa posição cheia de dignidade, viu desfilar a longa fila de turistas, sem que traísse as agitações possíveis da alma por qualquer movimento.

Apesar disso, num dado momento esta estátua da delicadeza pareceu animar-se. O seu olhar brilhou à passagem de sir Hamilton.

Ainda que privado do auxílio da luneta, o baronete teve contudo a ventura de reconhecer o seu inflexível professor de civilidade, e, com a morte na alma, esboçou uma soberba saudação. Esta saudação foi correspondida pelo altivo Luís Monteiro, que se curvou até ao chão e entrou imediatamente no estabelecimento. Sem dúvida, já abrandado, ia proceder ao concerto prometido!

Chegaram depressa ao sítio onde a rua principal se bifurca. Quando a frente da coluna se ia aventurar pela rua da direita, ouviu-se um grito seguido de arrastar de pés e exclamações. Todos pararam e Thompson, voltando atrás, fez-se conduzir rapidamente ao teatro do incidente.

Numa das últimas filas, dois corpos jaziam na calçada desigual. Um era o de um burro, o outro, um pouco menos vasto, o de Van Piperboom — de Roterdão.

Este, aparentemente, não tinha o menor ferimento.

Thompson viu-o levantar-se tranquilamente e contemplar a infeliz montada.

Apesar de o burro açoriano ser um animal robusto, há um limite para a sua força. Este limite tinha sido transposto por Van Piperboom e, pela ruptura de qualquer vaso ou por outra qualquer causa, o burro estava morto e bem morto e não se tornou a levantar. A verificação não foi feita sem barulho enorme. Antes que fosse oficialmente reconhecida decorreram dez minutos no meio das gargalhadas dos turistas e das exclamações dos guias.

Faltava achar o remédio. Não ia qualquer outra montada ter a mesma sorte?

— Que diabo! — exclamou Thompson, impacientado -, nós não podemos ficar aqui até à noite. Se um burro não basta, montem-no em dois!

Ouvindo esta proposta, fielmente traduzida por Roberto, o burriqueiro bateu na testa com ar inspirado e, rapidamente, desceu o declive. Alguns instantes depois viram-no tornar a aparecer acompanhado de três colegas, escoltando quatro burros folgados. Os burros eram reunidos dois a dois, por um aparelho bizarro, feito de duas varas fortes, tendo ao meio silhas dispostas em forma de cadeira. Piperboom, no meio dos aplausos dos companheiros, foi içado à força de braços para um desses assentos improvisados e a caravana pôde enfim continuar a viagem.

Roberto, a pedido de Thompson, perguntou para que serviam os dois burros emparelhados que seguiam sem carga. O burriqueiro, interrogado, mediu com o olhar a massa inquietadora do seu viajante, dizendo: — São muda.

Apesar de tudo ter sido feito rapidamente, a coluna só se pôs em marcha às nove horas.

Thompson recomendou ao guia que se apressasse o mais possível. Não havia tempo a perder se quisessem transpor os dezoito quilómetros que separam da Horta a Caldeira, ida e volta. Mas o guia interpelado abanou a cabeça de modo pouco animador e os burros não deram um passo mais rápido. Roberto acalmou o melhor que pôde o impaciente Thompson, explicando-lhe que seria em vão que se tentaria modificar o andamento, sempre igual, do burro açoriano: Esses burros são animais pacatos. Em compensação, podem ser apreciados pela segurança das patas nos caminhos difíceis que em breve seria preciso afrontar.

— No caso, nesta ocasião a estrada é boa — resmungou Thompson.

Com efeito, a estrada, bastante estreita, não apresentava dificuldade alguma digna de nota.

Depois de ter atravessado, ao sair da Horta, belas plantações de laranjeiras, a coluna achava-se agora num largo vale, cujos flancos eram cobertos de campos e prados plantados de faias.

Subida suave e regular oferecia ao pé dos animais um apoio sólido. Mas, à medida que os turistas se afastavam do mar, o aspecto da região modificava-se. Às faias sucederam primeiramente os pinheiros, apertados uns contra os outros, depois, por graus sucessivos, toda a cultura acabou e a estrada, tornada atalho, deu uma volta para a esquerda e elevou-se em ziguezague pelo flanco apertado do vale.

Foi então que os burros mostraram do que eram capazes. Os bons animais, bem secundados pelos condutores, que os excitavam com a voz e com o aguilhão, elevaram-se sem darem um passo em falso, durante hora e meia, por este cerro de solo rochoso e fugidio.

No decurso desta ascensão, Piperboom esteve em posição muito crítica. Com as voltas bruscas, a rede em que ia sentado mostrou-se mais de uma vez suspensa fora do caminho estreito. Deve-se reconhecer que o nosso homem ficou impassível e que, se experimentou algum temor, ninguém viu a combustão do cachimbo perturbar-se um só instante. Chegados ao cume deste atalho difícil, os turistas desembarcaram num novo vale, muito mais largo que o

precedente e desenvolvido num vasto planalto rodeado de colinas. Piperboom mudou aí de cadeira, a fim de deixar descansar merecidamente os oito pés da outra. Ao correrem em volta o primeiro olhar, os turistas julgaram-se noutra região bem diferente.

A pobreza substituíra a abundância. Por toda a parte se viam sinais da riqueza natural e da incúria humana.

Estendia-se por todos os lados uma terra fértil, abandonada às ervas ruins pelos habitantes indolentes. Apenas verdejavam alguns campos de tremoços, de mandioca ou de inhame, em breve limitados pela desolação que os circundava.

Grandes extensões de brenhas compostas de mirtos, de zimbros, de buxo, de cedros enfezados, que o atalho atravessava ou contornava, sucediam a grandes extensões de ervas esparsas. Algumas cabanas, ou antes casebres apareciam de longe em longe. Apenas pelas onze horas e meia foi encontrada uma aldeia, obstruída por porcos e cães, no meio dos quais se tornou difícil achar passagem. Depois surgiu a solidão. Os raros habitantes com que a coluna cruzava, na maior parte mulheres, passavam graves e silenciosos, envolvidos nas pregas das amplas capas, com o rosto oculto debaixo de enorme capuz. Tudo indicava a miséria dessas ilhas, cuja vida se tinha concentrado no litoral, em virtude da falta de estradas.

Já tinha dado uma hora quando a coluna chegou à ponta extrema da Caldeira, a 1021 metros de altitude. Extenuados, morrendo de fome, os viajantes desfizeram-se em recriminações.

Hamilton e Saunders já não eram os únicos a queixar-se do desprezo a que fora votado o programa. Os melhores caracteres correspondem de ordinário aos melhores estômagos, e portanto não era de admirar que as pessoas habitualmente mais pacíficas se mostrassem em contingência semelhante as mais ardentes em protestar.

Mas, de súbito, os legítimos agravos foram esquecidos. Os viajantes acabavam de chegar ao cume da Caldeira. Por mais ingleses, isto é, por mais indiferentes que fossem, não puderam conservar-se insensíveis perante o espectáculo sublime que se lhes oferecia aos olhos.

Sob a imensidade do azul, no meio do mar iluminado por um sol triunfal, a ilha desenrolava-se-lhes aos pés. Aparecia inteira, nitidamente desenhada, com os seus picos secundários, contrafortes, vales, regatos, recifes bordados de espuma alvíssima. A nordeste, surgia no horizonte o cume da Graciosa. Mais perto e mais para este, a comprida ilha de São Jorge parecia estender-se suavemente sobre as vagas, como num berço, e uma bruma indecisa, por cima das montanhas e planícies, mostrava o lugar da Terceira, nos confins do horizonte longínquo. Ao norte, ao oeste e ao sul apenas havia o espaço.

O olhar, seguindo nessas direcções impecável curva, detinha-se repentinamente, para os lados de este, na massa gigantesca do Pico. Por um acaso muito raro, o Pico, liberto dos nevoeiros, lançava-se de um só jacto no céu luminoso. Com imponência real, erguia-se mil metros acima dos montes circunvizinhos, mais humildes, orgulhoso e dominador, na gloriosa paz deste belo dia!

Depois de cinco minutos de contemplação tornou o grupo a pôr-se em marcha e um espectáculo doutro género surgiu duzentos metros mais longe. A antiga cratera cavava-se, diante dos turistas alinhados, desenhando um circuito regular de seis quilómetros. Aí o solo afundava-se, descendo de chofre o que tanto tinha custado a subir. Das paredes deste abismo, de seiscentos metros, irradiavam do centro para a periferia arestas torcidas formando estreitos vales obstruídos por impenetrável vegetação. No fundo, sob os raios perpendiculares do sol,

cintilava um pequeno lago, povoado havia pouco pelo aborrecimento de um inglês por ciprinóides¹⁸¹ de escamas de ouro e prata. Em roda deste lago pastavam carneiros, pondo manchas brancas na erva verde-clara e no arvoredo de um verde mais sombrio.

O programa indicava uma descida ao fundo da cratera extinta. Apesar disto, em vista do adiantado da hora, Thompson abalançou-se a alterar, desta vez, o programa.

Alguns protestaram, mas os outros, em muito maior número, opinaram pelo imediato regresso. Novidade imprevista! Sir Hamilton foi o mais feroz desses desprezadores do que se combinara. É que, na verdade, a sua situação era muito miserável. Debalde tinha religiosamente seguido a direcção do dedo indicador de Roberto debalde se tinha voltado conscienciosamente para o Pico, da Terceira e, finalmente, para esse lago sepultado nas profundezas da montanha, sir Hamilton, privado das indispensáveis lunetas, nada tinha visto de todas estas maravilhas, e a admiração, menor para ele que para qualquer outro, não podia contrabalançar os sofrimentos do estômago.

Venceu a maioria, como é de uso, e a coluna tornou a percorrer, em sentido inverso, o caminho já percorrido. De resto, foi preciso menos tempo para tanto. Às duas horas e um quarto os turistas chegaram à aldeia antes atravessada. Nesse lugar é que devia ser o almoço, declarou Thompson.

Os mais intrépidos sentiram-se inquietos penetrando nesta aldeia miserável, que apenas continha uma dúzia de cabanas. Inquiriu-se como tinha Thompson podido esperar almoço para cento e vinte e seis maxilas exasperadas por prolongado jejum.

Pôde-se então verificar que Thompson nada tinha preparado e que contava apenas com a sua boa estrela para resolver tão árduo problema. A caravana detivera-se no meio do atalho ampliado que formava a rua da aldeia. Rodeados de uma afluência de porcos e de cães, misturados com crianças de fisionomia embrutecida, cujo número fazia honra à fecundidade lendária das esposas açorianas, permaneciam imóveis, todos esperando: burros, burriqueiros e turistas. Depois de ter passeado longo tempo em torno de si um olhar angustiado, Thompson tomou finalmente o seu partido.

Chamando Roberto em seu socorro, dirigiu-se para a cabana mais vasta, à porta da qual estava encostado um homem com ar de bandido, contemplando o aspecto, para ele insólito, da caravana inglesa. Foi à custa de muito trabalho que Roberto chegou a compreender o dialecto bárbaro deste camponês. Contudo compreendeu-o e Thompson pôde anunciar que o almoço seria servido dentro de uma hora.

Rebentaram violentos murmúrios ao ser ouvida esta declaração. Passava das marcas. Thompson teve de desenvolver todo o seu génio. Falando a uns e a outros, prodigalizou as amabilidades mais delicadas, os cumprimentos mais lisonjeiros. Pedia que o acreditassem nesta ocasião. Havia prometido que o almoço estaria pronto às três horas e meia — e havia de estar.

E efectivamente foi certo.

O camponês tinha-se afastado rapidamente. Em breve voltou, acompanhado de dois indígenas do sexo masculino e seis do sexo contrário. Toda esta gente conduzia os animais que deviam figurar nos pratos do almoço, e entre os quais figurava uma vaca cuja fronte era ornada de graciosos chifres e cuja corporatura não ia além de oitenta centímetros, quase a estatura de um cão grande.

— É uma vaca do Corvo — explicou Roberto -, Esta ilha tem a especialidade desta criação, de modelo perfeito mas reduzido.

O rebanho e os condutores desapareceram no interior. Daí a uma hora, Thompson pôde anunciar que o almoço estava pronto.

Foi bem singular esta refeição.

Apenas alguns turistas tinham conseguido um lugar dentro de casa. Os outros tinham-se instalado o melhor possível ao ar livre, quer na soleira das portas, quer nalguma grossa pedra. Todos tinham sobre os joelhos uma cabaça que desempenhava o papel do prato ausente. Quanto a colheres e garfos, seria insensato quem pensasse neles. Assistindo a tais preparativos, Saunders sentia-se alegre. Era possível que gente decente tolerasse a incrível desenvoltura com que era tratada por Thompson? Decerto iam surgir protestos, sobreviveriam conflitos e talvez dramas. A este pensamento Saunders impava de contentamento.

E, de facto, parecia que a cólera germinava no coração dos passageiros. Falavam pouco. O Administrador-Geral tinha demonstrado ausência absoluta de estudos preliminares de excursões, falta total de organização, e as suas fantasias eram muito mal recebidas.

Roberto também compreendia, tanto como Saunders, a que prova Thompson, pela sua imprevidência, punha a paciência dos seus subscritores. Que refeição para esses burgueses abastados, habituados a todos os confortos! Para essas mulheres elegantes e ricas! Mas, ao contrário de Saunders, longe de se alegrar com a situação, esforçava-se em reparar, na medida das suas forças, os erros do chefe hierárquico.

Farejando pelas cabanas da aldeia, descobriu uma pequena mesa quase decente e escabelos quase completos. Ajudado por Rogério, transportou para debaixo da sombra de um cedro esta presa, que foi oferecida às senhoras Lindsay. Continuando a caçada, os dois mancebos fizeram outros achados. Guardanapos, alguns pratos, facas, três talheres de estanho — quase logo.

Em poucos minutos as passageiras americanas tiveram diante de si uma mesa de aspecto mais sedutor.

Se os dois franceses tivessem necessidade de um salário, ficariam largamente pagos com o olhar com que foram gratificados pelas duas irmãs. Evidentemente, tinham-lhes salvo mais do que a vida, evitando-lhes o comerem com os dedos. Mas toda a paga teria sido usurária. Esta caçada movimentada tinha sido por si mesma um prazer. Levado pela alegria, Roberto saía dos seus hábitos de reserva. Ria, gracejava e, a convite de Rogério, não pôs dificuldade em tomar lugar à mesa que havia alcançado graças ao zelo engenhoso.

Entretanto começava-se a servir o almoço, se este eufemismo pode ser empregado. Os improvisados cozinheiros tinham-se transformado em pitorescos mordomos. Transportando para meio dos grupos, caprichosamente disseminados, uma vasta panela de barro, enchiam as cabaças de uma espécie de guisado extravagante, fortemente apimentado para fazer passar o vinho espesso da região. Outros criados rústicos dispunham ao lado dos convivas nacos de pão, próprios para infiltrar o terror nos estômagos mais robustos, devido às proporções colossais.

— É o país do pão — explicou Roberto, em resposta a uma exclamação de Alice. — Não há camponês que consuma menos de um quilo dele. Um dos seus provérbios diz: comer tudo com pão faz o homem são.

Era duvidoso que os estômagos europeus mostrassem capacidade equivalente.

Não houve viajante que não esboçasse uma careta ao enterrar os dentes nesta massa grosseira, feita de farinha de milho.

As Lindsay e os seus companheiros tomaram alegremente o seu partido nesta insólita refeição. A mesa toda branca, graças aos guardanapos justapostos, dava à aventura o ar de festa campestre. Todos se divertiam jovialmente. Roberto esquecia que era o intérprete do Seamew. Por espaço de uma hora tornava-se um homem como os outros e mostrava-se tal qual era, isto é, alegre e cheio de espírito. Infelizmente, enquanto ele alijava inconscientemente o fardo da posição, esta não o abandonava. Um pormenor insignificante ia chamá-lo à realidade das coisas.

Ao guisado sucedera uma salada. Não era este o momento próprio de se tornarem difíceis. Contudo, apesar do vinagre com que estava largamente temperada, esta execrável salada fez que todos os convivas soltassem gritos.

Roberto, chamado por Thompson, teve de interrogar o camponês.

— São tremoços, Excelência — respondeu ele.

— Pois bem! — continuou Roberto. — O vosso tremoço é coriáceo.

— Coriáceo? — repetiu o camponês.

— Sim, coriáceo, duro.

— Isso não sei — disse o indígena, com ar estúpido -, eu não o acho duro.

— Ah! Você não o acha duro? E salgado também não?

— Ah! salgado, sim! É água do mar, excelência. O tremoço talvez tivesse ficado de molho muito tempo.

— Bem — disse Roberto. — Mas para que puseram os tremoços de molho na água do mar?

— Para lhes tirar o amargo, Excelência.

— Pois bem, meu amigo, sinto dizer-lhe que o amargo ficou.

— Então — respondeu o camponês, sem se alterar -, é porque não esteve de molho tempo suficiente.

Evidentemente nada havia a fazer com este rústico. O melhor era resignarem-se em silêncio.

Os convivas tornaram a lançar-se sobre o pão de milho, cuja quantidade mais de um estômago britânico, contra todas as previsões, achou insuficiente. Roberto fez como os outros.

Mas a sua satisfação desaparecera e não tornou a sentar-se à alegre mesa.

Solitariamente, acabou a refeição, tendo voltado à primitiva reserva, de que já lamentava ter saído durante momentos.

Pelas quatro horas e um quarto a caravana tornou a pôr-se em marcha. Como o tempo apertava, os burros tiveram forçosamente de acelerar o passo. A descida do atalho em ziguezague foi das mais movimentadas. Agarrados às caudas dos burros, os burriqueiros deixavam-se arrastar pelo declive íngreme e escorregadio. As mulheres e mesmo os homens chegaram a soltar mais de um grito de inquietação. Apenas Piperboom continuou a mostrar a fronte serena. Depois de ter engolido quantidades enormes de tremoço, sem dar o mais simples sinal de mal-estar, deixava-se balouçar mansamente pelos dois burros. Confortavelmente instalado, desdenhava das dificuldades da estrada e, tranquilo, rodeava-se da eterna nuvem de fumo que lhe encantava o constante repouso.

Na rua da Horta, Hamilton, acompanhado de Roberto, apressou-se a ir reclamar as lunetas, que lhe foram entregues com grandes demonstrações de delicadeza, às quais não se dignou responder. Satisfeitos os desejos, voltava imediatamente à insolência natural. Às oito horas, depois de despedidos e pagos burros e burriqueiros, todos os viajantes se acharam, extenuados e esfomeados, em roda da mesa do Seamew e nunca a cozinha do cozinheiro de bordo teve tão grande sucesso.

Tendo regressado alguns instantes antes, os noivos estavam também sentados à mesa comum. Onde tinham passado esses dois dias?

Talvez nem eles o soubessem. Evidentemente nada tinham visto e agora mesmo nada mais viam senão as suas pessoas.

Saunders não tinha as mesmas razões para estar distraído. E o que ia observando enchia de contentamento este amável cavalheiro. Que diferença entre este jantar e o da véspera. Então, tudo conversava alegremente, tudo estava contente. Hoje, os convivas mostravam rostos sombrios e comiam em silêncio. Decididamente esta fantasia do almoço não fora recebida tão bem como Thompson tinha ousado esperar. Saunders não pôde conter a sua alegria até ao fim. Era necessário que Thompson recebesse dele algum salpico de lama.

— Steward^[9] — disse com voz retumbante, — Faça favor de me dar mais um bocado desse romsteck.

Depois dirigindo-se, através da mesa, ao baronete, seu compadre, rematou com ênfase irónica: — A alimentação dos hotéis de primeira ordem tem pelo menos, de bom que torna suportável a de bordo.

Thompson deu um salto na cadeira como se tivesse sido mordido por um insecto. Contudo nada replicou. Desta vez a oposição tinha por si a opinião pública.

CAPÍTULO VIII

As Festas do Pentecostes

Fatigados por esta excursão movimentada, os passageiros do Seamew dormiram na noite seguinte durante muito tempo. Estavam já longe do Faial quando, a 20 de Maio, os primeiros subiram ao spardeck. O Seamew, tendo partido às sete e meia, seguia em direcção à Terceira um caminho caprichoso, a fim de dar aos turistas algumas luzes sobre as ilhas em que não havia desembarque. No momento em que Rogério, escoltando os passageiros americanos, apareceu por sua vez no spardeck, o navio, costeando a margem meridional do Pico, achava-se em frente da montanha que vai cair no mar por uma escada de montes decrescentes. Via-se Lajes, a capital da ilha, dominada pelo imponente convento de Franciscanos e rodeada por choupanas esparsas, cujos tectos cônicos, feitos de canas entrelaçadas, dão a ilusão de um campo. A costa conservava-se áspera, mas o campo tornava-se mais suave. As eminências, de que é formada a aresta média da ilha, abaixavam-se e cobriam-se de magníficos pastos.

Pelas dez horas e meia passou o navio defronte da vila da Calheta. Meia hora mais tarde era dobrada a extremidade oriental do Pico, descobrindo-se a ilha de São Jorge, no momento em que a sineta tocava para o almoço.

Durante toda a manhã Roberto ficou encerrado no quarto. Rogério não deixou de fazer notar a ausência dele a Mrs. Lindsay.

— Estuda a Terceira — disse-lhe rindo. — Ah! um cicerone muito singular, este que nós temos!

Perante o olhar interrogador de Alice, foi mais explícito. Era certo que a sua exclamação não tinha nenhum sentido desagradável. Pelo contrário. Mas, além de que as atitudes elegantes de Morgand contrastavam estranhamente com a modéstia das suas funções, era também, como Rogério tinha observado, de uma ignorância extraordinária em tudo quanto dizia respeito ao seu aparente mister. Em suma, estas observações não faziam senão confirmar as que Alice tinha já feito acerca do intérprete do Seamew.

— Enfim — concluiu Rogério -, estou absolutamente seguro de que já o encontrei outrora em qualquer parte. Onde foi? Não sei. Mas hei-de chegar a sabê-lo e ao mesmo tempo hei-de saber também porque é que este rapaz, evidentemente um mundano, se meteu na pele de um professor.

O resultado desta conversação foi o de excitar a curiosidade de Alice Lindsay.

Assim, quando Roberto subiu à ponte, depois do almoço, dirigiu-lhe a palavra, entretendo-se em tentar apanhá-lo em falso.

O Seamew avançava então entre o Pico e São Jorge. Costeava de perto esta última ilha, espécie de dique de trinta milhas de comprimento por cinco de largura, apenas arremessada para este sítio pelo capricho da natureza.

— Que cidade é esta? — perguntou Alice a Roberto no momento em que o Seamew passou diante de uma aglomeração de casas dispostas em andares. Mas Roberto sabia nessa altura o guia na ponta da língua.

— Urzelina — respondeu -, Foi aqui que teve lugar, em 1808, a última e a mais terrível erupção que estas paragens experimentaram. Aterrorizou os habitantes do Pico e do Faial. Quinze crateras, uma das quais enorme estavam abertas. Durante vinte e cinco dias vomitaram chamas e lavas. A cidade teria sido irremediavelmente destruída se o rio de lavas não fosse milagrosamente desviado e não tivesse tomado o caminho do mar.

— E depois?

Foi Johnson que fez esta pergunta. Deve-se acreditar que este problema vulcânico o atraía, em virtude de afinidades desconhecidas, porque, tinha chegado justamente no momento preciso de ouvir o princípio da explicação de Roberto. Em seguida interrompera o passeio e escutava atentamente. Roberto voltou-se para ele.

— Depois, nunca mais se deu outra erupção no sentido rigoroso da palavra. Não se passa, porém, um ano que a ilha não sofra abalos mais ou menos violentos. São Jorge é, de resto, de origem mais recente do que as outras ilhas que formam o arquipélago, e está, como a parte ocidental de São Miguel, mais sujeita a este género de acidentes.

— All right! — disse Johnson com ar satisfeito, continuando o seu passeio sem outra formalidade. Porque estava ele contente? Seria porque a resposta de Roberto justificava a resolução que tinha tomado de não ir a terra? Este original parecia aplaudir-se interiormente com isso. A vida compreendida assim corria completamente a seu gosto. De manhã, ao meio-dia e à noite viam-no, durante cinco minutos, andar de um lado para o outro, acotovelando, empurrando, fumando, escarrando e mastigando palavras inarticuladas. Depois não se tornava a ouvir falar dele. Quanto às ocupações que lhe absorviam o resto do tempo, facilmente se adivinhavam. O rosto, mais vermelho ao meio-dia que de manhã, mais à noite que ao meio-dia, e tornando-se mais carregado de dia para dia, dava a este respeito informações muito precisas.

Às duas horas da tarde o Seamew dobrou a ponta Rosales, na qual, para nordeste, se afila a extremidade de São Jorge, e dirigiu-se rapidamente para a Graciosa, situada a noroeste. Os passageiros puderam então avistar a costa norte de São Jorge bordada por um rochedo assustador de seiscentos metros, à medida que se afirmara o cume moderado da Graciosa. Às quatro horas o Seamew já não estava senão a três milhas desta ilha, que contrasta, pela doçura das suas linhas, com as outras terras do arquipélago, quando, a um sinal do capitão Pip, evolucionou e dirigiu-se rapidamente para a Terceira, cujas altas margens se desenhavam a vinte e cinco milhas de distância.

Foi neste momento que Piperboom apareceu na ponte, seguido de Thompson, congestionado. Este último fez um sinal a Roberto, que, deixando logo os seus interlocutores, acudiu ao chamamento do Administrador-Geral.

— É então definitivamente impossível, Sr. professor — disse-lhe, mostrando o holandês considerável, rodeado segundo o uso, de uma nuvem opaca de fumo -, fazer-se compreender por este paquiderme a vapor?

Roberto esboçou um gesto afirmativo.

— Isto é vexante! — exclamou Thompson. — Imagine-se que este cavalheiro recusa absolutamente pagar os suplementos por ele consumidos.

— Que suplementos? — perguntou Roberto.

— Que suplementos? Um burro assassinado, a viagem dos outros três e de três burriqueiros suplementares, se o cálculo está bem feito.

— E recusa?

— Absolutamente. Cansei-me a explicar-lhe a questão com a voz e com o gesto. Foi o mesmo que falar com uma pedra. E olhe se ele tem um aspecto comovido!

Piperboom, com efeito, tranquilamente estendido numa rocking-chair, tinha-se perdido nas doces nuvens da cadeira de balouço.

Como num sonho. Com os olhos fitos no céu, tirando fumaças com a regularidade de um êmbolo, parecia ter definitivamente lançado para longe de si os vulgares desgostos deste mundo. Roberto comparou com um sorriso irónico o semblante irritado de Thompson com o rosto plácido do seu viajante.

— A fortuna tem destas alternativas — disse, esboçando um gesto vago, e Thompson, de boa ou má vontade, teve de se contentar com esta resposta.

Às seis horas e meia o Seamew apenas distava algumas milhas da costa ocidental da Terceira. Havia muito tempo que se via nitidamente o cume da sua Caldeira, cuja altura ultrapassa mil metros. Para o sul o declive parecia bastante suave e deslisava até ao mar, onde a terra acabava num rochedo a prumo.

Mas, por todos os lados, avistavam-se sinais de um recente trabalho subterrâneo. Porções de lava destacavam-se em escuro sobre o verde dos vales, cones de cinza e de pedra-pomes erguiam-se em frágeis elevações, que a chuva e o vento faziam desaparecer lentamente.

Às sete horas descobriu-se num promontório escarpado o monte Brasil, que parecia obstruir o caminho. Meia hora mais tarde, surgiu a cidade da Angra, depois de se ter dobrado esse cabo selvagem. Antes das oito horas as âncoras mordiam o fundo da baía e o capitão Pip podia dar ordem de parar a Mr. Bishop, que, sem apagar o fogo da máquina, o deixou amortecer.

Admiravelmente colocados no centro da baía de Angra, os passageiros do Seamew podiam contemplar um dos mais admiráveis panoramas com que a terra mãe alegra o olhar de seus filhos. Por detrás deles o vasto mar, semeado de quatro ilhéus, as Frades e as Cabras, à direita e à esquerda, rochedos negros e ameaçadores abaixando de um e de outro lado como que para formar uma cama imensa onde a cidade de Angra se estendia harmoniosamente.

Flanqueada pelos seus fortes, ao norte e ao sul, elevava em anfiteatro, aos raios do dia que morria, as suas casas brancas, os campanários com as suas cúpulas. Mais longe, servindo de moldura ao quadro, elevavam-se colinas esmaltadas de quintas, laranjeiras e vinhas, em escada suave até ao campo verdejante e fecundo que coroava os seus últimos cumes, o ar estava agradável, o tempo soberbo e uma brisa perfumada soprava da terra próxima. Encostado à balaustrada do spardeck, os passageiros admiraram este espectáculo apenas inferior ao que oferece a baía de Nápoles. [?] pelas suas menores dimensões, até ao momento em que desapareceu na noite, que se ia adensando.

Insensível às seduções desta costa, o capitão Pip quis retirar-se para o seu beliche quando um marinheiro lhe apresentou um estrangeiro que acabava de acostar ao navio.

— Capitão — disse o recém-vindo -, tendo conhecimento da sua chegada à baía da Angra, veio-me ao pensamento juntar-me aos seus passageiros, se contudo...

— Essas questões não me dizem respeito, senhor — interrompeu o capitão Pip-Bishop e ajuntou, dirigindo-se ao marinheiro -, conduz este senhor a Mr. Thompson.

Thompson, no seu camarote, discutia com Roberto o programa do dia seguinte, quando o estranho foi introduzido.

— Às suas ordens, senhor — respondeu, ouvidas as primeiras palavras do recém-vindo -, Ainda que os lugares de que podemos dispor sejam bastante limitados, é-nos ainda possível. O senhor conhece as condições da viagem, não é verdade?

— Não conheço — respondeu o intruso.

Thompson reflectiu um momento. Não teria de abater ao preço total uma certa soma, representativa do caminho já percorrido? Não pensou nisso, sem dúvida, porque disse finalmente, ainda que com um pouco de hesitação: — O preço, senhor, foi até aqui de 40 libras.

— Muito bem — disse o estranho. — Como somos três.

— Ah, os senhores são três?...

— Sim, eu e os meus dois irmãos. Perfaz isso a quantia de 120 libras, que vou pagar.

Tirando da carteira um maço de notas do banco colocou-o sobre a mesa.

— Não era preciso já o dinheiro — observou polidamente Thompson, que, depois de o ter contado, o guardou e se preparou para fazer o recibo.

— Recebido do senhor? — interrogou com a pena suspensa.

— Dom Higino Rodrigues da Veiga! — respondeu o estranho, enquanto Thompson fazia deslizar a pena sobre o papel.

Durante este tempo Roberto analisava silenciosamente o turista da última hora. Ainda que tivesse explêndido aspecto, não lhe agradava muito. Alto, de ombros largos, a barba e os cabelos pretos, a tez morena, ninguém se enganaria acerca da sua nacionalidade. Era português¹⁰¹. E esta hipótese era confirmada ainda pelo acento exótico com que falava o inglês.

D. Higino, tendo aceitado o recibo das mãos de Thompson, dobrou-o cuidadosamente, meteu-o no lugar das notas e depois ficou um instante silencioso, como que indeciso.

Tinha ainda com certeza alguma coisa a dizer, alguma coisa importante, a julgar pela fisionomia do novo passageiro.

— Ainda uma palavra — pronunciou enfim. — pode-me dizer quando é que tenciona abandonar a Terceira?

— Amanhã — respondeu Thompson.

— Mas... a que hora?

D. Higino fez esta pergunta com voz um pouco nervosa.

Evidentemente ligava à resposta importância particular.

— Amanhã à noite, às dez horas — volveu Thompson.

D. Higino soltou um suspiro de satisfação. Imediatamente perdeu alguma coisa da rigidez.

— O senhor tem provavelmente a intenção de consagrar este dia a visitar Angra? — disse mais amavelmente.

— Com efeito assim é.

— Posso nesse caso auxiliá-lo. Conheço com todas as minuciosidades esta cidade, que habito há mais de um mês, e ponho-me à sua disposição para servir de cicerone aos meus novos companheiros.

Thompson agradeceu.

— Aceito com reconhecimento — respondeu. — Tanto mais que a sua complacência dará um pouco de repouso ao Sr. professor Morgand, que tenho a honra de lhe apresentar.

D. Higino e Roberto trocaram uma saudação.

— Amanhã de manhã, às oito horas, estarei no cais completamente ao seu dispor — afirmou o primeiro, despedindo-se e tornando a embarcar.

D. Higino Rodrigues da Veiga foi exacto no rendez-vous. Quando no domingo, 21 de Maio, Thompson desembarcou à frente dos passageiros, achou-o no cais. Sob o olhar vigilante do seu Administrador-Geral a coluna pôs-se imediatamente em marcha num impecável alinhamento. D. Higino prestou auxílio precioso.

Conduziu os seus companheiros através de Angra com segurança que Roberto não poderia ter tido.

Fez-lhes percorrer as ruas da cidade, mais largas, mais regulares, mais bem construídas e mais numerosas que as da Horta.

Conduziu-os às igrejas, cheias nessa ocasião de uma multidão de fiéis. Durante todo este tempo o baronete não o deixou um instante.

Deve-se acrescentar que o baronete estava muito só desde que embarcara no Seamew. Não havia dúvida de que Mr. Saunders o distraía um pouco.

Mas isto não era uma ligação séria. Saunders não pertencia ao mundo em que ele vivia. Apesar disso, fora obrigado a contentar-se com ela, visto que a lista dos passageiros não oferecia nada mais distinto. Talvez lady Heilbuth? Mas lady Heilbuth só se comprazia com os seus gatos e cães. Esses animais formavam toda a sua família.

Eram os únicos seres que lhe povoavam o espírito e lhe enchiam o coração. Desde que fora iniciado nos costumes particulares de Cesar, Job, Alexander, Black, Phann, Punch, Foolich, etc, etc, o baronete tinha evitado recomeçar a sua educação sob este ponto de vista e tinha o maior cuidado em fugir da idosa passageira, a quem um irreverente francês teria sem hesitação qualificado de raseuse.

No fim de contas, sir Hamilton estava verdadeiramente só.

Ouvindo as aristocráticas sílabas que formavam o nome do novo passageiro, havia compreendido que o céu lhe concedia um verdadeiro gentleman, e tinha-se feito imediatamente apresentar por Thompson, trocando o nobre português e o nobre inglês um cortês aperto de mão. Como se viu bem que eles se sentiam em terreno conhecido pelo abandono e espontaneidade que puseram neste gesto de bom acolhimento! A partir desse instante o baronete incrustara-se, incorporara-se no novo guia: Enfim, tinha um amigo! Ao almoço que teve lugar a bordo e em que D. Higino tomou parte, monopolizou-o, designou-lhe um lugar junto dele, o que D. Higino deixou fazer com alta indiferença. A mesa estava completa, se exceptuarmos os noivos, cuja ausência nos ancoradouros começava a tornar-se natural. Thompson tomou a palavra.

— Penso — disse ele -, ser o intérprete de todas as pessoas presentes agradecendo a D. Higino da Veiga o incómodo que voluntariamente impôs a si mesmo esta manhã.

D. Higino esboçou um gesto de protesto delicado.

— Com certeza! Com certeza! — insistiu Thompson -, Sem o senhor não teríamos visitado Angra nem tão depressa, nem tão bem. Pergunto a mim mesmo o que nos falta fazer para passarmos esta tarde.

— Esta tarde! — exclamou D. Higino. — Mas até á noite temos todo o tempo ocupado. Não sabe que é hoje a festa de Pentecostes?

— Pentecostes? — repetiu Thompson.

— Sim — tornou D. Higino -, uma das maiores festas católicas e que é celebrada aqui de maneira particularmente solene. Mandei reservar um lugar donde verá perfeitamente a procissão, que é muito bonita, e na qual figura um crucifixo que recomendo à sua atenção.

— Então que tem de particular esse crucifixo, meu caro D. Higino? — perguntou o baronete.

— A grande riqueza — respondeu Higino -, A bem dizer não tem grande interesse artístico, mas o valor das pedras preciosas de que é literalmente coberto passa, ao que se diz, de dez mil contos de réis!^[11]

Thompson estava encantado com o seu novo recruta. Quanto a sir Hamilton isolava-o, orgulhosamente, dos outros.

D. Higino cumpriu as suas promessas com exactidão.

Deixando o Seamew, entendeu contudo dever fazer uma recomendação que amedrontou mais de um passageiro.

— Meus caros companheiros — disse -, um bom conselho antes de nos pormos em marcha.

— E é... — sugeriu Thompson.

— É que evitem a multidão tanto quanto possível.

— Não será fácil — observou Thompson -, mostrando as ruas pejudadas de gente.

— Sei isso bem — concordou D. Higino. — Façam porém o possível por evitar os contactos.

— Mas que razão há para essa recomendação? — perguntou Hamilton.

— Meu Deus, meu caro baronete, a razão não é muito cómoda de dizer. É que os habitantes desta ilha não são muito limpos e são extremamente sujeitos a duas doenças, cujo resultado comum é fazerem uma insuportável comichão. Uma dessas doenças tem um nome já muito feio, visto que se trata da sarna. Quanto ao outro...

D. Higino deteve-se, como se fosse incapaz de achar uma perífrase conveniente. Mas Thompson, a quem nenhuma dificuldade assustava, veio em seu auxílio. Lançando mão da pantomima, tirou o chapéu e coçou energicamente a cabeça, olhando para D. Higino com ar interrogador.

— Precisamente! — disse este rindo, enquanto as senhoras voltavam a cabeça, escandalizadas por esta coisa realmente shocking.

Seguindo D. Higino, atravessaram ruas desviadas, seguiram travessas quase desertas, porque a multidão tinha acorrido às grandes artérias que deviam ser percorridas pela procissão.

No entanto apareciam alguns homens nestas travessas.

Esfarrapados e tendo um aspecto sórdido e sinistro, justificavam a observação feita por mais de um turista.

— Que cabeças de malfeitores! — disse Alice.

— Com efeito! — aprovou Thompson. — Sabe o senhor quem é esta gente? — perguntou a D. Higino.

— Tanto como o senhor.

— Não serão agentes de polícia disfarçados? — insinuou Thompson.

— Deve-se confessar que o disfarce seria perfeito! — exclamou com ironia Dolly.

Iam em breve chegar ao termo da viagem. De súbito a coluna desembocou numa vasta praça, onde formigava a população sob um sol brilhante.

O português, graças a hábil manobra, conseguiu conduzir os viajantes até uma pequena eminência, próxima de uma casa de grandes proporções. Aí tinha sido reservado por alguns agentes um espaço vazio e posto ao abrigo da multidão.

— Meus senhores, minhas senhoras — disse D. Higinio.

— Aproveitei-me das minhas relações com o governador da Terceira para lhes reservar este lugar junto do palácio.

Confundiram-se todos em agradecimentos.

— Agora — continuou -, não-de dar-me licença que retire.

Tenho alguns preparativos a fazer antes da partida. Demais não têm já necessidade de mim. Guardados por estes valentes agentes, estão maravilhosamente colocados para ver tudo e julgo que vão assistir a um espectáculo curioso.

Pronunciadas estas palavras, D. Higinio cumprimentou graciosamente e perdeu-se no meio da multidão. Não temia com certeza o contágio. Os turistas não tardaram a esquecê-lo. A procissão chegava, desenrolando as suas magnificências.

No cimo da rua, no espaço que a polícia desimpedia diante do cortejo, pendões de ouro e seda, andores levados aos ombros, auriflamas, coroas e pálios avançavam entre o fumo odorífero do incenso. Brilhavam uniformes ao sol no meio dos vestidos brancos das virgens.

As vozes elevavam-se sustentadas pela banda de música, lançando pelo espaço a prece de dez mil criaturas, enquanto de todas as igrejas caía em nuvens sonoras o clamor dos sinos, cantando também a glória do Senhor.

De súbito, um sopro passou pela multidão. Um mesmo grito saiu de todas as bocas.

— O Cristo! O Cristo!

O espectáculo era solene. O bispo aparecia, por sua vez, com o seu traje roxo, contrastando com o ouro resplandecente do pálio. E, com efeito, diante dele era conduzido, deslumbrante, por cima da multidão ajoelhada, um crucifixo cujas pedrarias reflectiam em inúmeros relâmpagos os raios do Sol.

Mas, de repente, um movimento insólito pareceu perturbar a procissão nas circunvizinhanças do bispo.

Sem saber de que se tratava, a multidão levantou-se, levada por curiosidade súbita.

De resto, ninguém viu nada. Os próprios ingleses, ainda que admiravelmente situados, nada puderam compreender do que se passava. Um redemoinho colossal, o pálio rolando e balouçando como um navio para depois desaparecer, ao mesmo tempo que o opulento crucifixo, na multidão, como se fosse um mar, gritos ou antes, rugidos, uma população inteira fugindo como louca, a esquadra de polícia colocada à frente do cortejo esforçando-se em vão por se opor à irresistível onda dos fugitivos, eis tudo o que viram, sem poder discernir a verdadeira causa do fenómeno.

Num instante o cordão de agentes que os protegiam foi roto e, tornados parte integrante da multidão em delírio, foram levados como pedaços de palha nesta formidável torrente. Escorados uns contra os outros, Rogério, Jack e Roberto tinham conseguido proteger Alice e Dolly. Tinha-os, felizmente, servido uma esquina.

Repentinamente o espantoso fenómeno extinguiu-se.

Rapidamente, sem transição, a praça achou-se erma e silenciosa.

No alto da rua, no sítio em que tinham desaparecido, no furioso redemoinho, o pátio do bispo e o crucifixo, agitava-se ainda um grupo, formado em grande parte pelos agentes colocados à frente do cortejo e que, segundo o uso, tinham chegado tarde. Baixavam-se, levantavam-se, transportando para as casas próximas as vítimas deste inexplicável pânico.

— Parece-me conjurado todo o perigo — disse Roberto ao fim de instantes. — Creio que faríamos bem em procurar os nossos companheiros.

— Onde? — objectou Jack.

— A bordo do Seamew, naturalmente. Estas questões não nos dizem respeito e julgo que estamos mais em segurança, aconteça o que acontecer, sob a protecção do pavilhão inglês.

Reconhecida a justiça desta observação, apressaram-se a ganhar o cais e depois o navio, onde a maior parte dos passageiros estava reunida discutindo com animação as peripécias desta estranha aventura. Muitos desentranhavam-se em queixas acrimoniosas. Alguns falavam em reclamar uma indemnização ao Gabinete de Lisboa e, entre eles, desnecessário é dizê-lo, figurava em bom lugar sir Hamilton.

— É uma vergonha! Uma vergonha! — declarava ele em todos os tons -, Mas são portugueses. Se a Inglaterra quisesse ouvir-me, civilizaria estes Açores e ver-se-ia enfim acabarem semelhantes escândalos!

Saunders nada dizia, mas o seu semblante falava eloquentemente. O certo era que, se ele tivesse desejado a Thompson incidentes desagradáveis, não teria podido imaginar outros melhores do que o que ocorrera. Era um incidente de respeito! Segundo todas as probabilidades ia faltar à chamada uma dezena de passageiros pelo menos, e depois de um tal drama impunha-se a dissolução da caravana e um triste regresso à Inglaterra.

A chegada dos primeiros sobreviventes não alterou a alegria deste organismo encantador. Não podia razoavelmente esperar que toda a coluna tivesse sucumbido no desastre. Mas a frente sombreou-se-lhe à medida que os últimos passageiros iam subindo ao navio, o que acontecia a todos os instantes. Avaliou logo que o caso descambava numa verdadeira brincadeira. Ao jantar Thompson fez a chamada e reconheceu que faltavam apenas duas pessoas. Mas quase em seguida esses dois retardatários desceram à sala de jantar, sob a forma dos recém-casados, e Saunders, depois de verificar que o pessoal do Seamew estava completo, retomou logo o seu aspecto habitual de cão pouco satisfeito. O jovem par tinha a sua aparência ordinária, isto é, manifestava uma indiferença, tão divertida quanto absoluta, pelo resto do universo.

Evidentemente nem o marido nem a mulher desconfiavam dos graves acontecimentos que se tinham desenvolvido no decurso desse dia. Assentados um ao lado do outro, limitavam, como sempre, a si mesmos uma conversação, na qual a língua tomava menos parte do que os olhos, e a conversação geral cruzava-se em torno deles sem os atingir.

Havia alguém quase tão feliz como este par enternecedor: era Johnson. Tinha-se distinguido nesse dia. Com um esforço mais e chegaria a uma perfeita embriaguez. Aplaudia, tanto quanto o permitia compreender a conversa travada em roda dele, a própria obstinação de não pôr pé no arquipélago dos Açores e sulcava cheio de alegria o rumo tortuoso do álcool.

Tigg era a quarta pessoa perfeitamente feliz da numerosa assembléia. Quando fora, como todos os outros, levado pela multidão furiosa, as suas duas vigilantes guardas experimentaram um instante de angústia cruel. Que ocasião melhor de acabar com a vida se podia oferecer a esta alma desejosa ao mesmo tempo da morte e da originalidade?

À custa de um esforço heróico, Bess e Mary tinham chegado a meter Tigg entre si e tinham-no protegido com uma dedicação que a agudeza dos seus ângulos tornou eficaz. Tigg tinha, portanto, saído indemne daquela desordem e para si pensava que os seus companheiros exageravam muito a importância do tumulto.

O mesmo não acontecia com a infeliz Bess e a infortunada Mary. Cobertas de pancadas, com o corpo manchado de nódoas negras, tinham boas razões para não tornar a esquecer a festa do Pentecostes, na Terceira.

O respeitável Blockhead, pai, igualmente infeliz ainda que sob outro aspecto, teve de jantar só no camarote.

Não tinha uma beliscadura, mas Thompson julgara logo prudente, por ter notado no seu passageiro sinais de inquietantes pruridos, sugerir-lhe um isolamento protector.

Blockhead tinha-se submetido a esta sensaboria com a melhor boa vontade do mundo. Nem mesmo parecia incomodado com a particular distinção com que a sorte o gratificava.

— Parece que apanhei alguma doença desta região — disse às filhas com importância, coçando-se desesperadamente. — Não há ninguém como eu para estas coisas!

D. Higino voltou a bordo quando Mr. Sandwich servia o assado.

Acompanhavam-no os seus irmãos.

Ninguém podia duvidar de que D. Higino e os companheiros fossem irmãos, por isso que ele mesmo o tinha declarado positivamente, mas seria difícil adivinhar esse parentesco. Era impossível assemelharem-se menos. Assim se D. Higino tinha um certo ar de nobreza, os irmãos tinham um aspecto vulgar e comum. Um, alto e forte; o outro, largo e atarracado, a julgar pelas aparências não ficariam deslocados numa barraca de lutadores. E, circunstância singular, ambos pareciam ter-se ferido recentemente. O mais alto tinha a mão esquerda envolvida em panos, enquanto uma notável cutilada, cujos bordos estavam ligados por uma faixa de emplastro encerado, sulcava a face direita do mais baixo.

— Permita-me, senhor — disse D. Higino a Thompson, designando os seus dois companheiros, e começando pelo mais alto -, que lhe apresente os meus irmãos D. Jacob e D. Cristóvão.

— Esses senhores são bem-vindos a bordo do Seamew — respondeu Thompson — Vejo com desgosto — continuou ele quando Jacob e Cristóvão se sentaram à mesa -, que foram feridos.

— Uma queda desastrosa numa vidraça da escada durante as idas e vindas da partida — interrompeu D. Higino.

— Ah! — disse Thompson. — Responde à minha pergunta adiantadamente. Ia perguntar se esses senhores tinham também sido maltratados no decurso do terrível tumulto desta tarde.

Roberto, que estava olhando maquinalmente para Jacob e Cristóvão, julgou vê-los estremecer: Mas, evidentemente, tinha-se enganado e os dois irmãos nada sabiam do drama incompreensível a que tinha sido feita alusão, porque D. Higino respondeu imediatamente, com o acento da mais sincera surpresa: — De que tumulto fala o senhor? Aconteceu-lhes alguma coisa?

Houve um rumor de exclamações. Como podiam esses senhores Veigas ignorar uma aventura que tinha quase posto a cidade em revolta!

— Meu Deus, é muito simples a razão — respondeu D. Higino -, Nós não deixámos a casa toda a tarde. De resto, é provável que exagerem involuntariamente alguma rixa sem

importância.

Toda a gente protestou e Thompson fez a Higino a narração dos acontecimentos da tarde, com o que aquele se mostrou surpreendido.

— Não posso explicar como a piedosa população desta ilha ousou portar-se assim durante a procissão. Deixemos ao futuro o cuidado de nos dar a chave deste enigma! Porque o senhor parte esta noite, não é verdade? — ajuntou, voltando-se para Thompson.

— É certo. — respondeu este.

Ainda não tinha terminado a frase quando um tiro de peça fez estremecer surdamente as vidraças da sala. Poucos ouviram e nenhum notou esta detonação, abafada como um eco.

— Sente-se indisposto, meu caro amigo? — perguntou o baronete a D. Higino, que empalidecera subitamente.

— Um bocadinho de febre, apanhada na Praia. esta cidade é decididamente muito insalubre — respondeu o português, cujo rosto retomava a cor natural.

A voz do capitão Pip caiu da ponte.

— Marinheiro ao cabrestante!

Quase ao mesmo tempo ouviu-se o ruído seco e regular da lingueta caindo sobre o ferro da engrenagem. Os passageiros subiram ao spardeck para assistir aos preparativos da partida.

O céu tinha enegrecido enquanto jantavam. Na noite de um sujo cor de tinta, nada se via senão as luzes de Angra, de onde vinham murmúrios confusos.

A voz de Mr. Flyship elevou-se à proa: — A âncora está a pique, comandante.

— Agente! — respondeu, da ponte, o capitão.

À sua ordem o vapor penetrou nos cilindros, a máquina começou a trabalhar, a hélice bateu a água durante alguns segundos.

— Ala a âncora! — mandou o capitão.

A lingueta do cabrestante fez de novo ouvir a sua queda regular, e a âncora ia deixar o fundo quando uma voz chamou na noite, a alguns metros do Seamew: — Oh do vapor!...

— Oh! — respondeu o capitão, que acrescentou, voltando-se para a proa: — Agente, Mr. Flyship!

Uma embarcação de dois remos saiu da sombra e acostou por bombordo.

— Desejava falar ao capitão — disse em português um homem lívido, a que a noite impedia de ver distintamente.

Roberto traduziu o pedido.

— Aqui estou — disse o capitão Pip, descendo da ponte e indo encostar-se à amurada.

— Esta personagem, comandante — voltou a traduzir Roberto -, pede que arriem a escada para subir a bordo.

Satisfeito o pedido, bem depressa subiu ao convés um homem cujo uniforme todos puderam reconhecer, por o terem visto nessa tarde, vestido pelos guardas inúteis.

A julgar pelos galões que brilhavam na manga, este polícia era de graduação elevada. Entre o capitão e ele estabeleceu-se logo a conversação, por intermédio de Roberto: — É ao capitão do Seamew que tenho a honra de falar?

— A ele mesmo.

— Chegado ontem à noite?

— Ontem à noite.

— Pareceu-me que o senhor fazia os preparativos de partida?

— Com efeito!

— Ouviu o tiro de peça?

O capitão Pip voltou-se para Artimon: — Ouviu o tiro de peça, master? Eu não vejo em que nos possa interessar esse tiro de peça, senhor.

— O capitão pergunta — traduziu livremente Roberto -, que relação tem esse tiro com a nossa partida.

O inspector pareceu admirado.

— Ignora então que o porto está fechado e que todos os navios ancorados na baía estão embargados?

Aqui está a ordem do governador — respondeu, desdobrando um papel sob os olhos de Roberto.

— Bem! — disse filosoficamente o capitão Pip -, se o porto está fechado, o navio não parte. Deixe cair a corrente, Mr. Flyship! — gritou para a proa.

— Perdão! Perdão! Um instante! — disse Thompson, avançando — Há talvez um meio de nos entendermos... Sr. professor, faz-me o favor de perguntar a esse senhor porque está o porto fechado?

Mas o representante da autoridade não respondeu a Roberto, e, deixando-o com a maior sem-cerimónia, dirigiu-se de súbito para um dos passageiros.

— Não estou enganado! — exclamou ele. — D. Higino, a bordo do Seamew!

— Como vê — respondeu aquele.

— Então deixa-nos?

— Oh! com esperança de voltar!

Trocou-se um colóquio animado entre os dois portugueses. D. Higino traduziu logo o essencial aos seus companheiros.

No decurso do tumulto da tarde alguns malfeitores ainda desconhecidos, tinham-se aproveitado da desordem, causada pela sua agressão, para se apoderarem do famoso crucifixo.

Numa travessa afastada tinha-se encontrado apenas a madeira do engaste, viúva das pedrarias, num valor total de seis milhões de francos^[12]. O governador, em consequência disso, embargara todos os navios, até ao momento em que a quadrilha dos sacrílegos ladrões fosse detida.

— E isto pode durar? — interrogou Thompson.

O inspector fez um gesto vago, ao qual Thompson respondeu com uma careta de desapontamento.

Sustentar cento e quatro pessoas tornava caros os dias de atraso.

A seu pedido Roberto insistiu, mas em vão.

Mas, por mais furioso que estivesse Thompson, Saunders ainda parecia estar mais. Um novo obstáculo anteposto ao programa! Isto fazia-o sair fora de si.

— Com que direito nos retêm aqui? — pronunciou ele energicamente. — Suponho que debaixo do pavilhão que nos cobre não temos ordens a receber dos portugueses!

— Perfeitamente — aprovou o baronete — E, depois, que necessidade temos nós de obedecer a este policeman? Parece-me que não tem a pretensão de deter, ele só, um navio com setenta passageiros, além do estado-maior e da equipagem!...

Thompson com o dedo mostrou os fortes, cujas massas sombrias se perfilhavam no norte, e esta resposta muda pareceu sem dúvida eloquente ao baronete, porque nada achou para replicar. Felizmente ia-lhes chegar um socorro inesperado.

— São apenas os fortes que nos detêm — disse D. Higinio ao ouvido de Thompson. — Não são muito perigosos. Têm pólvora e peças, mas não têm projecteis.

— Não têm balas? — perguntou Thompson com incredulidade.

— Podem ter algumas, mas nenhuma cabe nas peças — afirmou D. Higinio em voz baixa — Tanto aqui como nas outras ilhas do arquipélago.

— Como? Meu caro Higinio — exclamou o baronete, admirado -, o senhor, um português, é nosso aliado nestas circunstâncias?

— Neste momento sou apenas um viajante — respondeu, um pouco secamente, D. Higinio.

Thompson estava indeciso.

Hesitava. Arriscar-se a tal aventura era bastante perigoso. Por outro lado não era desagradável ver interrompida a viagem, com geral descontentamento dos passageiros, e com grande prejuízo para a Agência? Um ranger de dentes de Saunders, uma zombaria de Hamilton e uma nova afirmação de D. Higinio acabaram de o decidir à empresa audaciosa. Chamou o capitão Pip.

— Capitão, o navio está detido por ordem das autoridades portuguesas.

O capitão aquiesceu com um sinal de cabeça a esta proposição.

— Se apesar disso... eu, Thompson, lhe ordenasse que partisse, obedeceria?

— Imediatamente, senhor.

— Contudo, não ignora que o navio está debaixo do fogo dos fortes de Angra?

O capitão Pip olhou o céu, depois o mar, depois D. Higinio e finalmente apertou o nariz com ar de soberano desprezo.

Se tivesse falado, não teria indicado melhor que, com o mar calmo e noite escura, inquietava-se tanto com as balas enviadas pelos artilheiros portugueses como um peixe com uma maçã.

— Nesse caso, senhor, ordeno-lhe que parta.

— Pois que assim o quer — respondeu o capitão, com a maior tranquilidade-, não poderia levar este cavalheiro, com cara de Páscoa, para o salão durante cinco minutos?

Acedendo a um desejo formulado em termos tão enérgicos, Thompson insistiu com o inspector para lhe fazer aceitar um refresco.

Assim que ele desapareceu com o seu hóspede, o capitão mandou a equipagem para o cabrestante.

Tomou apenas a precaução de fazer levantar a lingueta a fim de evitar o ruído revelador. Em alguns minutos a âncora largou o fundo, foi guindada e atravessada, tudo no maior silêncio. A equipagem desenvolvia zelo enorme no trabalho.

Assim que a âncora deixou o fundo, o navio começou a derivar. A diferença da posição em relação às luzes da cidade era já sensível quando o inspector subiu ao tombadilho em companhia de Thompson.

— Comandante, faz favor? — gritou ao capitão, que estava no seu posto sobre a ponte.

— Que deseja, senhor? — respondeu aquele, inclinando-se graciosamente sobre o guarda-fogo.

— O Sr. inspector — disse Roberto, traduzindo a observação que lhe era feita -, pensa que a âncora está em falso.

O capitão olhou em roda com ar incrédulo.

— Julga isso? — disse com bonomia.

O inspector sabia do seu officio. Com um olhar percorreu a equipagem silenciosa e compreendeu imediatamente.

Sacou da algibeira um comprido apito, tirou dele um som abafado, bizarramente modulado, que, no silêncio da noite, devia alcançar longe. Em breve tornou-se evidente que assim tinha sido, porque apareceram luzes sobre o parapeito dos fortes.

Angra está defendida por dois fortes: o Morro do Brasil, ao sul, o forte São João Baptista, ao norte.

Era para o segundo que a corrente impelia o Seamew com a proa para a frente quando o apito veio dar o sinal de alarme.

— Senhor — declarou friamente o capitão -, se apitar segunda vez, mando-o atirar ao mar.

O inspector compreendeu, pelo tom em que isto foi dito, que o caso se tornava sério e, como a ameaça lhe fosse fielmente traduzida, deu-se por entendido.

Logo que o comandante tinha ordenado aos marinheiros a manobra do cabrestante, a chaminé do Seamew vomitara turbilhões de fumo e mesmo de chamas. Isto entrava nos planos do capitão, que assim fazia uma reserva de vapor que mais tarde poderia utilizar.

Com efeito, as válvulas, ainda que sobrecarregadas, estremeciam com ruído, enquanto o penacho luminoso da chaminé decrescia. Em breve desapareceu completamente.

Neste momento dois tiros de peça soaram simultaneamente e dois projecteis, vindos cada um do seu forte, ricochetearam a quinhentos metros de cada bordo.

Era uma advertência. Perante este incidente inesperado, Thompson empalideceu. O que lhe tinha estado a contar D. Higino?

— Pare, capitão, pare! — exclamou com voz consternada.

Ninguém se admirará se se disser que mais de um passageiro juntou a sua voz à de Thompson. Contudo houve um, pelo menos, que guardou silêncio heróico. E esse passageiro foi o estimável merceeiro aposentado. Estava comovido, com certeza, e é necessário confessar que chegava mesmo a tremer. Mas por nada deste mundo teria renunciado à alegria de assistir à primeira batalha da sua vida. Nunca tinha visto tal coisa!

O próprio Rogério de Sorgues não teria trocado o seu lugar por um império. Por uma extravagante associação de ideias, esses tiros evocavam nele o almoço de opereta no Faial e divertia-se razoavelmente com isso.

Recostando-se, pensava: — Agora bombardeados! É o cúmulo!

À voz de Thompson o capitão ergueu-se do banco de quarto, dizendo com voz altiva que ninguém lhe conhecia: — Tenho o desgosto de lhe desobedecer. Tendo aparelhado por ordem do meu armador, sou de ora avante o único senhor do navio. Se Deus quizer, conduzi-lo-ei ao largo.

O valente comandante, em toda a sua vida, nunca tinha feito um discurso tão grande.

Conforme as suas instruções, o navio tomou um andamento moderado. A manobra era de natureza a surpreender, porque o Seamew não se dirigia para o mar. Seguia em linha recta para o forte São João Baptista, formando um alvo bem fácil de atingir, graças às luzes que o capitão, com grande assombro de todos, não mandava apagar.

De resto, em breve se tornou evidente que a astúcia tinha dado bom resultado. Tranquilizados sem dúvida pela direcção seguida, os fortes tinham cessado fogo.

— O leme todo a bombordo! — mandou o capitão de súbito.

E o Seamew, sempre iluminado, pôs a proa ao largo, a todo o vapor. Troaram sucessivamente três tiros de canhão, igualmente inofensivos. Um dos projecteis, lançado pelo forte de São João Baptista, passou sibilando sobre o cimo dos mastros. O capitão esfregou alegremente o nariz. A manobra dera resultado. Este forte estava já reduzido à impotência e contra os seus tiros era o navio protegido agora pela terra. Quanto aos dois outros projecteis, enviados pelo Morro do Brasil, o primeiro caiu à ré do Seamew e o segundo feriu o mar a alguma distância da proa, quando o capitão parou o navio.

Logo que este quinto tiro foi disparado, a uma voz do capitão todas as luzes do navio, incluindo os faróis, se extinguiram a bordo do Seamew.

A clarabóia da máquina foi coberta com oleados. Ao mesmo tempo, a um impulso do timoneiro, o navio girou sobre si mesmo e voltou para terra a todo o vapor.

Contornou assim a barra até ao limite onde vinham morrer as luzes da cidade.

Escuro na noite negra, devia passar e passou despercebido.

Atravessada a baía em toda a sua largura, o Seamew costeou com uma audácia extrema os rochedos do Morro do Brasil.

Neste lugar teria sido fatal um novo silvo de apito. Mas desde o princípio da acção o capitão tinha prudentemente feito descer o inspector a um camarote, onde estava guardado à vista com os dois homens da canoa.

De resto, parecia bem que tinha desaparecido o perigo. Tornado agora inconscientemente o único perigoso, o forte São João Baptista não fazia fogo, enquanto o morro do Brasil persistia em bombardear o vácuo na direcção do seu parceiro.

O Seamew deslizou rapidamente ao longo da margem, confundido com os rochedos sombrios.

Chegado à extremidade da ponta, contornou-a. e fez-se ao largo, direito ao sul, enquanto os dois fortes decidindo-se a recomeçar o seu inútil duo, enviavam para o este balas supérfluas.

Quando estava a três milhas, o capitão Pip deu-se o prazer de iluminar brilhantemente o navio. Fez em seguida subir o inspector e convidou-o a voltar para a embarcação. Polidamente escoltou-o ao portaló e depois, inclinado sobre a âncora, de boné na mão: "Vê, senhor — julgou ele dever observar, embora o infeliz inspector não estivesse em estado de apreciar a finura da observação por não saber uma palavra de inglês -, como um marinheiro inglês joga à cebra-cega com as balas portuguesas? A isto chamo eu uma peripécia. Tenho a honra de o cumprimentar".

Dito isto, cortou com a própria faca o cabo da embarcação, que dançou no rasto do navio, subiu ao banco do quarto, tomou o rumo do sueste e depois, contemplando o mar, o céu, e enfim a Terceira, cuja massa negra desaparecia no norte, escarrou no mar orgulhosamente.

CAPÍTULO IX

Uma Questão de Direito

No dia 22, o Seamew fundeou cedo em frente de Ponta Delgada, capital de São Miguel, último porto de escala nos Açores.

Esta ilha é a mais importante do arquipélago, com uma superfície de setecentos e setenta quilómetros quadrados e cerca de cento e vinte e sete mil habitantes, e, a capital, com dezassete mil almas, é a quarta cidade de Portugal. Sendo protegida a este e a oeste por dois cabos, Ponta Delgada, donde lhe vem o nome, e a Ponta da Galé, forma uma baía muito segura e fechada, com amplidão suficiente para cem navios. Foi entre este dique e a margem que o Seamew fundeou, no meio de um grande número de outros navios de vela e a vapor.

Ao norte, Ponta Delgada elevava-se em terraços, sedutora pelas suas casas muito brancas e dispostas simetricamente. Irradiavam para todos os lados, afundando-se pouco a pouco num oceano de jardins soberbos, que dão à cidade uma auréola verdejante. Como a maior parte dos passageiros ficassem na cama até muito tarde, o desembarque foi efectuado à tarde.

O programa consagrava três dias completos à ilha de São Miguel e bastavam apenas quatro ou cinco horas para percorrer Ponta Delgada. Não havia pois motivos para pressas.

Contudo não foi sem tempestade que se tomou esta decisão. Alguns manifestaram vivo descontentamento.

Saunders e Hamilton estavam no grupo dos mais recalcitrantes. Mais uma alteração no programa! Aquilo ia-se tornando intolerável.

Foram levar as suas reclamações à Administração.

O Administrador respondeu que esses senhores tinham a liberdade de desembarcar, se isso lhes agradasse.

Saunders replicou que deviam desembarcar todos, com o administrador e o intérprete, e tudo à custa da Agência. Thompson aconselhou-o a persuadir os seus companheiros e a entrevista terminou de um modo um pouco áspero.

Em resumo, apenas dois passageiros desembarcaram de manhã: o amoroso par, que viajava a seu modo. Thompson ficou certo de que não os tornaria a ver senão à própria hora da partida. Quanto a Saunders e Hamilton, tiveram de meter a viola no saco.

Com quatro ou cinco companheiros, quase tão desagradáveis como eles, ocuparam os seus momentos de ócio numa troca de palavras maledicentes. Este grupo da oposição não era muito numeroso. Apesar disso existia, e Thompson foi obrigado a reconhecer que os seus verdugos conquistavam prosélitos. Pela primeira vez uma cisão ligeira mas real separava os hóspedes do Seamew em dois campos felizmente muito desiguais.

Era fútil o motivo dessa cisão, mas parecia que todas as sensaborias precedentes voltavam à memória e se reuniam para aumentar, sem razão, o incidente actual.

Thompson confiou ao tempo o encargo da reconciliação. Depois do almoço, efectivamente, quando as embarcações lançaram no cais da Ponta Delgada todos os passageiros, à excepção do irreconciliável Johnson e do pestífero Blockhead, pareciam já esquecidas todas as desinteligências e, conduzidos por Roberto, começaram a visitar a cidade

em filas de uma exemplaridade tal que anunciava perfeito acordo. Visitaram assim as igrejas e os conventos que Ponta Delgada encerra nos seus muros, e, perseguidos pela obsessão dos sinos eternamente agitados, percorreram até ao fim da tarde as ruas estreitas e sujas.

Que decepção! As casas, tão brancas de longe, apareciam agora pesadas e maciças.

Irtas calçadas passeavam com desenvoltura porcos enormes na sua grande maioria, pelo meio dos quais era necessário abrir caminho. E essa cinta de jardins verdejantes? Muros altos punham-nos ao abrigo dos olhares. Só às vezes, por acaso, se distinguia de longe o cimo de uma dessas roseiras brancas ou camélias, cuja altura em São Miguel se aproxima de uma árvore alta. Esse passeio enfadonho aborrecia a olhos vistos os turistas, de modo que a ordem de regresso foi bem acolhida.

A coluna, quando descia em direcção ao porto, já não avançava na admirável ordem que até aí tinha respeitado. Era grande sem dúvida o seu respeito pela disciplina para que esses calmos ingleses ousassem desrespeitá-la pela primeira vez. Mas fazia-se sentir um evidente cansaço. Os intervalos entre as filas eram aumentados uns em detrimento dos outros, o que quer dizer que entre os turistas alguns havia muito ronzeiros.

Thompson observava e suspirava.

Quando chegaram à borda de água, os passageiros sofreram uma emoção de surpresa.

No cais estendia-se uma multidão numerosa, donde saíam clamores irritados.

Levavam os punhos em gestos de ameaça. Estavam evidentemente em presença um do outro dois partidos trocando insultos prévios, prestes a transformarem-se em pancadaria. Iria repetir-se o tumulto da Terceira?

Thompson, e todos os passageiros por detrás dele, tinham-se detido indecisos. Era impossível chegar aos escaleres de bordo através da multidão que lhes tapava o caminho. Restavam as embarcações da terra e havia muitas no porto, mas o que faltava eram marinheiros.

À roda dos turistas não havia ninguém. Toda a vida estava concentrada em frente do Seamew, no lugar em que a multidão, rugindo, parecia a ponto de saldar uma dívida antiga. De súbito Thompson soltou um grito. Tinham-se destacado do cais seis embarcações e, acompanhadas pelos clamores da multidão, afastavam-se à força de remos, em dois grupos distintos, parecendo três dar caça às restantes. De qualquer maneira os barcos dirigiam-se para o Seamew, e pela experiência da violência açoriana, adquirida na Terceira, era lícito tremer seriamente pela sorte do navio. Thompson, no auge da agitação, passeava sacudidamente pelo cais.

De súbito tomou um partido. Puxando pelo cabo de um dos barcos mais próximos, embarcou resolutamente, arrastando consigo Roberto, acompanhado por Rogério e os Lindsay. Num instante o cabo foi desamarrado, a âncora recolhida, e, sob o impulso dos quatro remadores, o barco dirigiu-se rapidamente para o navio ameaçado. Electrizados por este exemplo, os outros passageiros apressaram-se a imitá-los. Encheram as embarcações, os homens pegaram nos remos, familiares à maior parte dos ingleses, e, cinco minutos mais tarde, uma esquadra em miniatura perturbava as águas do porto com o choque dos remos.

Thompson, quando acostou ao Seamew, ficou um pouco mais tranquilo. As seis embarcações suspeitas pertenciam com efeito a dois campos opostos, e o seu antagonismo trazia aos cercados um socorro inesperado. Cada vez que um deles tentava um movimento de

avanço, um barco do partido adverso atravessava-se diante dele e de modo a tornar-lhe impossível a aproximação da escada, guardada, além disso, por doze marinheiros.

— Que é isto, capitão? — perguntou Thompson, esbaforido, saltando no tombadilho.

— Não sei — respondeu fleumaticamente o capitão.

— Como, capitão, o senhor não sabe o que deu origem a este tumulto!

— Completamente nada. Estava no camarote quando Mr. Flyship me veio prevenir de que uma menina tinha subido a bordo e que no cais se tinham reunido grupos, em atitude ameaçadora. Ignoro se estes dois factos têm relação um com o outro, porque me foi impossível compreender uma só palavra da maldita algaraviada da rapariga.

— E que fez o senhor dessa pequena, capitão?

— Está na sala de jantar.

— Tenho de lá ir — disse Thompson com ênfase, como se fosse ao encontro da morte. — Enquanto espera, capitão, continue a velar pelo navio de que tem a responsabilidade.

Por única resposta, o capitão sorriu para si com ar desdenhoso.

A situação, no entanto, não parecia muito crítica.

Os passageiros tinham atravessado sem custo a linha dos beligerantes. Uns após outros foram subindo a bordo. O Seamew podia sofrer por muito tempo, sem dano algum, um bloqueio tão mal organizado.

Em suma, era certo que, se por motivos desconhecidos, o Seamew tinha inimigos no solo de São Miguel, também possuía, por motivos igualmente ignorados, alianças sólidas, cujo concurso, pelo menos naquele momento, bastava para a sua defesa.

Entretanto Thompson e Roberto tinham entrado na sala. Assim como lho tinha anunciado o valente capitão, acharam uma menina literalmente estendida no divã, com o rosto oculto pelas mãos, soluçando cruelmente. Ouvindo aproximar os dois homens, levantou-se vivamente e, esboçando um modesto cumprimento, descobriu o rosto encantador, que nessa ocasião exprimia cruel confusão.

— Menina — disse Roberto -, há uma espécie de tumulto em roda do navio. Pode dizer-nos se esse tumulto tem alguma relação com a sua presença neste navio?

— Ai! senhor, julgo que sim — respondeu a rapariga, chorando cada vez mais.

— Nesse caso, queira explicar-se. Em primeiro lugar como se chama?

— Targela Lobato^{13}.

— E porque veio a menina Targela para bordo?

— Para ser defendida de minha mãe! — respondeu resolutamente a jovem açoriana.

— De sua mãe!

— Sim, é uma mulher má.

— E depois.

— Depois — murmurou a jovem Targela, cujas faces se ruborizavam -, por causa de Joaquim Salazar.

— Joaquim Salazar? — repetiu Roberto. — Quem é esse Joaquim Salazar?

— É o meu noivo — respondeu Targela, ocultando o rosto entre as mãos.

Roberto retorcia o bigode com ar aborrecido. Era um caso que descambava no ridículo. Que se havia de fazer dessa criança? Como Thompson observou, com impaciência, não tinham vindo a São Miguel para proteger os amores das raparigas contrariadas nas suas inclinações.

Roberto, contudo, pensou que um pouco de moral bastava para fazer voltar a paz a esta cabecinha louca.

— Vejamos, minha filha — disse ele com bonomia, — é necessário tranquilizar-se. A menina não reflectiu, com certeza, que não é bonito uma pessoa revoltar-se contra sua mãe.

Targela levantou-se vivamente.

— Ela não é minha mãe — gritou com voz rouca e com a face empalidecida por cólera súbita — Fui abandonada a essa miserável mulher, cujo nome uso por não ter outro senão o de Targela. E, além disso, quando mesmo fosse minha mãe, não teria o direito de me separar de Joaquim.

E, caindo sobre o banco, desfez-se de novo em lágrimas.

— Tudo isso é muito bonito, meu caro senhor — disse Thompson a Roberto. — Mas, enfim, ainda que a situação desta criança seja muito triste, nós nada temos com ela, nem nada podemos fazer em seu proveito. Faz favor de lho fazer compreender. Já é tempo de acabar com esta comédia.

Mas logo às primeiras palavras que Roberto pronunciou para explicar a sua impossibilidade de fazer qualquer bem, Targela levantou o rosto, iluminado por alegria triunfante.

— Podem-no fazer! — exclamou ela. — Está na lei!

— Na lei? — insistiu Roberto.

E foi em vão que apresentou o caso de todos os modos e feitios.

Targela sabia que a lei era por ela e nada mais.

Além disso, se os senhores ingleses queriam informar-se melhor, porque não chamavam Joaquim Salazar? Ele não estava longe, sabia tudo e responderia às perguntas que lhe fizessem.

E, sem esperar resposta, Targela, arrastando Roberto ao convés, conduziu-o à pavesada de bombordo e mostrou-lhe com um sorriso, que lhe iluminou o fresco rosto, um rapaz alto, de pé ao leme de uma das embarcações beligerantes.

— Joaquim! Joaquim! — chamou Targela.

A este grito responderam vociferações. Quanto ao timoneiro, dando uma volta feliz ao leme, acostou ao Seamew e saltou para o tombadilho enquanto a embarcação voltava ao combate.

Na verdade era um bonito rapaz, de aspecto franco e decidido.

O seu primeiro cuidado foi levantar Targela nos braços e gratificá-la, em frente dos céus e da terra, com dois sonoros beijos, que fizeram redobrar os clamores dos campos adversos. Cumprido este dever, começou um colóquio animado entre os noivos, e, enfim, Joaquim, voltando-se para os passageiros, que contemplavam esta cena com curiosidade, agradeceu-lhes em nobres termos o auxílio que tinham prestado à sua querida Targela.

Roberto traduziu fielmente. Thompson fez uma careta. Que diplomata que era este rapaz! Não o comprometia ele perante a tripulação e os passageiros?

Entretanto Joaquim continuava a sua arenga improvisada. O que Targela tinha dito era exacto. A lei dos Açores permitia aos rapazes e às raparigas casar à vontade, com a ajuda do meio que ela tinha adoptado^[14].

Bastava para esse fim abandonar a casa dos pais, para fugir ipso facto à sua autoridade e cair debaixo da do juiz, obrigado então a dar a autorização solicitada. Certamente, Joaquim

conhecia as minúcias da lei, mas podia-se ir imediatamente a casa do corregedor, que esclareceria esses senhores ingleses, tanto sobre o valor moral da tia Lobato, como sobre os direitos da sua pupila Targela, como sobre o noivo desta última, o facundo Joaquim. Se alguém perguntasse por que razão tinha Targela escolhido o Seamew para refúgio, em lugar da casa de um amigo, diria que era simplesmente porque os pobres não têm amigos. Além disso, a tia Lobato, meio bruxa, meio usurária, conservava na mão, quer pelo temor, quer por interesse, a metade da baixa população dos arrabaldes, como o provava a manifestação actual. Em terra, Targela teria corrido o risco de ser apanhada. A bordo do Seamew, sob a salvaguarda do nobre povo inglês, não aconteceria certamente o mesmo.

Tendo acabado, o orador calou-se.

A frase final tinha atingido o alvo. O jovem açoriano teve a prova disso pela mudança de atitude de sir Hamilton.

Sem o conhecer, tinha-se dedicado a convencer essa personagem, cuja aparência circumspecta o designava como o mais cabeçudo de todos os seus ouvintes. Ora, incontestavelmente, o gelo de Hamilton tinha-se fundido. Aprovou mesmo, com um sinal de cabeça, a conclusão do discurso.

Thompson, indeciso, lançava olhares furtivos para a direita e para a esquerda.

— Que pensa de tudo isto, capitão? — perguntou ele.

— Hum! — fez o capitão, voltando-se modestamente.

Mas por detrás dele estava Artimon no seu posto.

— Tu que és gentleman inglês — disse ao seu velho amigo -, serias capaz de repelir uma mulher?

— Hum! — disse por sua vez Thompson, volvendo para os passageiros um olhar incerto.

— Palavra de honra! senhor — disse Alice Lindsay, saindo corajosamente do círculo dos companheiros -, julgo que, sem estar com mais conjecturas, podia fazer o que este rapaz propõe, isto é, ir a casa do corregedor, que nos há de indicar qual é o nosso dever.

— Seja feita a sua vontade, Mrs. Lindsay — exclamou Thompson. — A Agência nada pode recusar aos seus passageiros.

Ressoaram bravos.

Evidentemente, o jovem casal tinha feito a conquista dos habitantes do Seamew.

Hamilton evitou juntar os seus aplausos aos dos outros. E, fenómeno surpreendente, a sua atitude tornou-se de súbito correcta como sempre, mas glacial. Como uma cidadã americana tomara a direcção deste caso, a questão deixara subitamente de o interessar. De ora avante tinha de ser regulada entre esses dois povos inferiores: portugueses e americanos.

A Inglaterra, representada por ele, Hamilton, não tinha nada que ver com o facto.

— Em todo o caso — disse Thompson -, essa diligência não pode ser feita senão depois do jantar, cuja hora já foi bastante ultrapassada. Falta, portanto, ultrapassar a linha dos sitiantes. Meu caro professor, o senhor devia submeter a questão a esse mancebo.

— Com todo o prazer — aquiesceu Joaquim.

Aproximando-se da pavesada, chamou os beligerantes e deu-lhes parte da resolução tomada. A comunicação recebeu acolhimentos diversos. Mas, enfim, visto que já não se tratava de um rapto com a cumplicidade de estrangeiros, visto o negócio dever receber uma solução regular, nada mais tinham do que submeter-se a ela e submeteram-se, deixando cada partido ao antagonista a liberdade de atribuir a si mesmo a vitória. Os flancos do Seamew

ficaram livres logo, e, quando, acabado o jantar, Thompson e Roberto, em companhia de Joaquim, desembarcaram no cais, acharam nele uma calma relativa.

Em todo o caso, os três companheiros chegaram ao gabinete do oficial escoltados por numerosos grupos de populares.

O corregedor^[15] não estava.

Foi necessário mandar um agente procurá-lo.

Apareceu pouco depois.

Era um homem nem velho, nem novo, calvo, com uma cor de tijolo cozido, indicando temperamento irascível e bilioso.

Irritado sem dúvida com este incómodo imprevisto, interrogou asperamente os seus tardios visitantes.

Roberto em poucas palavras pô-lo ao corrente dos factos e perguntou-lhe a sua opinião. Mas por mais rapidamente que tivesse exposto o caso, fora muito prolixo, atendendo à pressa do impaciente corregedor, cujos dedos batiam na mesa, por detrás da qual estava assentado, uma marcha extremamente tempestuosa.

— A tia Lobato — respondeu em estilo telegráfico -, reputação deplorável, Joaquim Salazar e Targela, excelente. Direito absoluto de esta última se refugiar onde lhe convier e de esposar quem lhe parecer, quando eu, corregedor, assim o tiver ordenado. Tal é a lei. Contudo, não posso dar semelhante ordem se não for reclamada por Targela quer por escrito, quer de viva voz.

— Ei-la — disse vivamente Joaquim, estendendo uma carta ao corregedor.

— Bem — aprovou este, agarrando na caneta, de que se serviu para traçar um parágrafo ameaçador sobre uma folha impressa "Designo Hoje, 22, casamento a 25.

D. Pablo Terrazo, igreja de Santo António.

O corregedor levantou-se e premiu a campainha. A este sinal entraram dois agentes no gabinete do magistrado.

— Meus senhores, boa tarde — pronunciou aquele, enquanto os três justiceiros se tornavam a achar na rua.

— Eis a questão concluída, meu valente — disse Roberto a Joaquim. — Daqui a três dias o senhor casa com a sua Targela.

— Oh! senhores, como lhes hei-de agradecer? — exclamou Joaquim, apertando calorosamente as mãos dos obsequiadores estrangeiros.

— Tornando sua mulher feliz, meu rapaz —olveu Roberto, rindo. — Mas que vai fazer até o dia do seu casamento?

— Eu? — perguntou Joaquim, admirado.

— Sim. Não tem nada a temer de todos esses energúmenos de há pouco?

— Ora! — disse negligentemente o mancebo, mostrando os dois braços. — Tenho isto.

E, assobiando alegremente uma polca, perdeu-se nas ruas sombrias da capital de São Miguel.

CAPÍTULO X

Onde se Prova que Johnson é Homem de Juízo

A ilha de São Miguel afecta grosseiramente a forma de uma cabaça. Ao centro, nas duas curvaturas que formam a parte mais delgada da cabaça, há duas cidades: Ponta Delgada, ao sul, Ribeira Grande, ao norte. Uma estrada boa e fácil, cuja altitude não vai além de duzentos metros, reúne essas duas cidades, quase iguais pelo número de habitantes e afastadas uma da outra dezoito quilómetros.

Mas o resto da ilha, à direita e à esquerda desta depressão, eleva-se em cristas mais elevadas. Para o segundo dia estava reservada a parte de oeste, depois de uma noite passada na Ribeira Grande, para onde seriam levados cavalos de muda de Ponta Delgada. Para a visita da parte oriental devia bastar o primeiro dia.

Tendo em conta as sinuosidades da estrada, cabia a cada dia um trajecto de quarenta quilómetros, o que era uma tarefa difícil de empreender. Pelas informações dadas por Roberto e pelos guias, Thompson julgou dever antecipar para as seis horas e meia a partida, finada pelo programa às oito.

Esta decisão valeu-lhe uma cena terrível de Hamilton e Saunders. Os dois acólitos queixaram-se violentamente dessas continuas alterações no programa, que devia ser, contudo, a lei das excursões.

— Retenha bem isto — tinha concluído Saunders acentuando as sílabas — não-par-ti-rei-às-seis-ho-ras-e-mei-a!

— Nem eu — afirmara o baronete, desejoso de igualar o modelo -, e lady Hamilton e miss Hamilton hão-de ir tanto como eu. Estaremos todos no cais às oito horas, como o indica o programa, e esperamos achar aí os meios de transporte que ele nos promete. Fica entendido!

As observações de Hamilton e de Saunders talvez tivessem fundamento, mas Thompson, sentia a paciência esgotada com esses senhores. Limitou-se a cumprimentá-los secamente, sem lhes dar a honra da menor resposta.

Deixando a bordo a jovem Targela, a cavalgada, muito semelhante à do Faial, afastou-se no dia seguinte, às sete horas em ponto, a um sinal de Thompson. À primeira vista notavam-se numerosas deserções.

Estavam ausentes os noivos, ausente o tímido Johnson, que continuava a fugir dos tremores de terra.

— Esse senhor não tem necessidade de tremores de terra para oscilar! — permitiu-se observar Rogério.

Estavam igualmente ausentes os Hamilton e Saunders. Enfim também não apareceram dois ou três passageiros cuja idade lhes não permitia uma excursão tão extensa.

A coluna apenas contava cinquenta e quatro turistas, compreendendo D. Higino da Veiga, cujos irmãos tinham preferido ficar a bordo.

Foi graças a D. Higino que Blockhead figurou entre os excursionistas. Thompson tê-lo-ia afastado impiedosamente, se o português não tivesse intercedido por ele, prometendo a cura do interessante doente para essa mesma manhã. Deste modo, o merceeiro aposentado tinha

sido admitido, com a condição de que se conservaria afastado cem metros da última fila da coluna. Caminhando só, sem outra companhia além da do burro e do burriqueiro, Blockhead não parecia muito zangado com a sua situação anormal. Era daqueles que sabem interessar-se por tudo e encarar as coisas pelo lado bom. Que carácter tão feliz esse do merceeiro, carácter situado nos antípodas do de Hamilton!

Tendo saído da cidade pelo lado de este, os turistas chegaram às oito horas ao campo. Puderam julgar-se voltados aos arredores da Horta. Os mesmos campos de cereais e legumes e as mesmas árvores elevavam-se em massas verdejantes. Contudo, em breve foi acusada uma diferença essencial entre o Faial e São Miguel e essa diferença era a favor desta última ilha. Nesta havia menos espaços áridos, e o olhar não podia descobrir uma polegada de terra que não estivesse cultivada. O recorte dos vales deixa aperceber, nos cumes dos montes, mais choupos ressequidos, mas o olhar também descansa nos bosques de pinheiros, admirável resultado dos incessantes esforços da administração local que, sem se cansar, há cinquenta anos cobre a terra de milhares e milhares de árvores.

Um pouco antes do meio-dia a caravana desembocou à borda de um vasto vale.

— O Vale das Furnas — anunciou o guia da frente.

Rodeado por uma cinta de montanhas áridas, o Vale das Furnas afecta quase a forma de um grande círculo com um raio de cerca de três quilómetros. A linha das montanhas abaixa-se para sudeste, para deixar escapar uma ribeira que penetra, a noroeste, no vale por uma estreita brecha.

Os turistas subiram esta ribeira, a Ribeira Quente, cujas margens são consagradas à cultura das plantas de frutos temporãos, até às nascentes termas situadas para além de uma aldeia de que se avistavam, a dois quilómetros de distância, os tectos doirados pelo sol. Este recanto da ilha é singular. Surgem de todos os lados nascentes, umas quentes, outras frias, mas tendo todas um grau notável de mineralização. Algumas, reduzidas a simples fio de água, são chamadas pelos naturais olhos. Outras são mais importantes e, entre elas, uma que vai surdir numa bacia em forma de tanque, lança, com grande ruído, à altura de um metro, um jacto de água a ferver, cuja temperatura se eleva a 105 graus centígrados. Em roda dela a atmosfera é obscurecida por espessos vapores sulfurosos, que, depondo-se no solo, cobrem ervas, arbustos e flores de uma verdadeira crosta de pedra.

Blockhead, convidado com insistência por Thompson, teve de afrontar esses vapores. Era esta a cura imaginada por D. Higino, que se contentava, em suma, com aplicar um remédio popular em São Miguel, remédio indicado há muito tempo à razão humana pelo exemplo dos animais, incomodados pelos parasitas. O remédio era efectivamente enérgico.

Na orla dos vapores da nascente era a custo que se podia suportar o calor. Apesar disso, Blockhead não hesitou e desapareceu ousadamente por detrás da cortina de vapores ardentes. No seu íntimo não se sentia descontente por experimentar esse remédio insólito. Quando Blockhead saiu da estufa, talvez não viesse curado, mas vinha indubitavelmente cozido. Apareceu congestionado, com o suor a cair-lhe em bagas do rosto, formando regatos no chão, enfim num estado lamentável. Entretanto o seu suplício não tinha ainda acabado. Por indicação de D. Higino os turistas reuniram-se em volta doutra nascente, a dez metros da primeira. Ainda mais feroz que a primeira, essa nascente, que recebeu o nome de Pêro Botelho, ferve no fundo de uma espécie de caverna que os indígenas crêem fortemente ser uma das bocas do inferno. O facto é que no fundo desta caverna a água invisível sibila de uma maneira

aterradora, enquanto escorre para fora uma enorme quantidade saponácea, com a qual contava D. Higino para acabar a cura do seu doente.

Por sua ordem, Blockhead, depois de se despir, foi mergulhado diversas vezes nessa lama, cuja temperatura é pelo menos de quarenta e cinco graus centígrados. O desgraçado Blockhead já não podia mais e começou a soltar verdadeiros rugidos, cobertos pelas estridentes gargalhadas dos seus impiedosos companheiros.

Mas a esses gritos e a esses risos respondeu um espantoso bramido. Sulcado por ameaçadoras línguas de fogo, um espesso fumo saiu da caverna, enquanto uma tromba de água se elevava nos ares e recaía numa chuva ardente sobre os audaciosos visitantes.

Estes tinham fugido aterrados. Para os reanimar foi preciso os guias assegurarem-lhes que estes fenómenos se produziam frequentemente e com tanto maior violência quanto maior fosse o ruído existente nas circunvizinhanças, sem que ninguém pudesse dar dele uma explicação aceitável.

Blockhead tinha aproveitado o pânico para fugir do banho de lama. Rolava-se na Ribeira Quente, cujas águas, ainda que tépidas, lhe pareciam agora deliciosamente geladas.

Mas teria o remédio indicado por D. Higino as propriedades que lhe atribuíam os indígenas? Ou teria Absyrthus Blockhead uma doença imaginária? Não se aprofundou a questão. O certo é que o merceeiro honorário foi considerado curado a partir desse momento e pôde tornar a tomar parte na vida comum.

Depois do almoço, fornecido a muito custo pela aldeia, almoço que, assemelhando-se muito à refeição campestre do Faial, foi contudo um pouco menos fantasista, a coluna concentrou-se pelas dez horas. Ia partir, tinha já dado os primeiros passos, quando desembocou, por sua vez, na aldeia uma segunda caravana. Esta, diminutivo da primeira, compreendia ao todo oito pessoas. Mas também que pessoas! Nada menos que Saunders, sir, lady e Miss Hamilton, acompanhados pelos quatro guias, partidos à hora regulamentar, isto é, com seis quartos de hora de atraso, Que, cuidadosamente, tinham conservado.

Gravemente, Hamilton e Saunders, apeando-se dos burros, avançaram para Thompson, que assobiava por entre dentes com ar indiferente.

— Há aqui almoço para nós? — perguntou Saunders.

— Palavra de honra que não sei — respondeu Thompson, com encantadora desenvoltura. — Se se dirigir a esse bom estalajadeiro, que o senhor vê ali à porta, talvez ele o possa satisfazer, caso os seus companheiros de viagem tivessem deixado alguma coisa que comer.

Thompson emancipava-se. Levantava a cabeça e sacudia o jugo. Hamilton ficou singularmente surpreendido com essas veleidades de independência. Também, que olhar ele lhe lançou! Saunders esperou voluptuosamente que, à falta de alimentos, o terrível baronete satisfaria a fome à custa do audacioso administrador.

Mas este tinha voltado as costas indolentemente, e, sem outra formalidade, tinha dado aos seus fiéis o sinal da partida.

Deixando o Vale das Furnas, a caravana costeou durante algum tempo o lago do mesmo nome, que enche uma depressão oval, outrora cratera.

Em seguida teve de subir um atalho em ziguezague, que a conduziu gradualmente até aos planaltos superiores. Esta ascensão foi bastante fatigante. Em breve as patas dos animais trilharam, com ruído de pano amarfanhado, um solo friável e seco, composto unicamente de uma espécie de cinza escura que, crepitando, se esmagava debaixo das ferraduras.

— A Lagoa Seca^{16} — anunciou o guia da frente.

— A Lagoa Seca — repetiu Roberto -, Estamos aqui no lugar de uma antiga cratera, sobre a qual existia outrora um lago de duzentos hectares de superfície e trinta metros de profundidade. Esse lago desapareceu por sua vez e a cratera foi nivelada pela erupção de 1563, que abalou esta ilha. Foi no decurso desta erupção que uma montanha inteira, «o monte vulcão», se abismou nas entranhas da terra. No seu lugar estende-se hoje o lago do Fogo. Julgo que o veremos daqui a pouco.

E, de facto, viram-no, e a muitos outros. Eram crateras transformadas em lagos, umas atingindo cento e dois metros de profundidade, outras não excedendo dois ou três. Com a continuação o espectáculo tornava-se monótono.

Era noite fechada quando, por caminhos em declive, a caravana desceu em direcção à cidade da Ribeira Grande. Os turistas, fatigados, gastaram apenas o tempo de jantar numa miserável estalagem onde as cavalgadas de muda esperavam para a excursão do dia seguinte. Em seguida reclamaram camas. Mas não havia na Ribeira Grande um único hotel que pudesse alojar uma caravana tão numerosa. Era preciso separarem-se e deviam julgar-se muito felizes por terem sido preparados antecipadamente os alojamentos.

— A partida amanhã é às sete horas em ponto — tinha declarado Thompson.

Quantos faltaram à reunião! Foi preciso tocar a reunir. Thompson por um lado e Roberto por outro galoparam através da cidade à procura dos refractários. A maior parte das vezes foi trabalho perdido. Declararam-se todos estafados e lastimaram-se de que lhes tivessem tornado o sono impossível alguns batalhões de belicosos percevejos. Foi a custo que Thompson e o seu imediato chegaram a reunir um terço dos viajantes.

Eis o que restava da imponente caravana: vinte e dois turistas!

E desses intrépidos a maior parte apresentava um aspecto lastimoso. Entre esses vinte e dois valentes figurava naturalmente a família Lindsay. Uma viagem de quarenta quilómetros não podia abater viajantes destes. E o mesmo acontecia com Rogério, fiel cavaleiro servente da risonha Dolly. Juntem-se a estes a família Blockhead. Podia o merceeiro deixar escapar uma ocasião de exercitar as suas faculdades de admiração? A bem ou a mal arrastara a mulher e os filhos, que avançavam com passo talvez um pouco entorpecido, arrastando por seu turno Tigg.

Quanto a Saunders e ao trio dos Hamilton, que haviam chegado correctamente na véspera à Ribeira Grande com hora e meia de atraso, tiveram o cuidado de não faltar a um só dos artigos do programa. Acabariam a excursão, mortos ou vivos. Por isso, fiéis aos seus imutáveis princípios, não haviam de partir senão à hora marcada.

O programa marcava a partida para as oito horas, e foi portanto às oito horas que tomaram posse das suas novas montadas, e sem a preguiça dos companheiros teriam recommençado a brincadeira da véspera.

A coluna, tornada de regimento em batalhão, de batalhão em companhia e desta em simples pelotão, deixou rapidamente para a retaguarda as últimas casas da Ribeira Grande. Tendo chegado tarde e partido cedo, esses intrépidos viajantes ficavam sem conhecer esta cidade, povoada por uma população superior a treze mil almas.

Deviam lastimar-se por esse motivo? Muito pouco. Além de as suas nascentes serem inferiores às do Vale das Furnas, essa grande aldeia, suja e mal construída, nada possui de interessante.

Durante meia hora o caminho desenvolveu-se numa região plana e abundante de numerosos cones vulcânicos. Mas em breve o solo elevou-se. Entrava-se na região das montanhas. O campo conservava o seu carácter de riqueza e de fecundidade. Tudo indicava o paciente trabalho humano. Não havia uma única crista que não estivesse arborizada, um canto de terra cultivável que não tivesse sido cultivado.

A população parecia mais densa neste distrito de oeste. De espaço a espaço os viajantes cruzavam-se com casais de camponeses. Majestosamente, caminhava à frente o homem e atrás, a dez passos de distância, seguia humildemente a mulher. Estas, tímidas, apagadas, dissimuladas debaixo do seu vasto manto de capuz, mais pequeno mas mais fechado que o do Faial, passavam como fantasmas, sem que se lhes pudesse distinguir o rosto.

À medida que a caravana se afastava dos centros populosos, os capuzes fechavam-se mais. Mesmo, quando às dez horas os turistas atravessavam uma aldeia, viram com espanto as mulheres, à sua aproximação, voltar-se modestamente para a parede.

Dolly, achando uma razão bem feminina nessas esagerações de pudor, observou: — É preciso que sejam muito feias!

À saída dessa aldeia a estrada fez-se atalho, quando o declive se acentuava notavelmente. Quatrocentos metros acima deles, os turistas distinguiram então a crista da montanha, cujo flanco lhes ocultava o horizonte. Trepando penosamente os ziguezagues do cerro, chegaram a meia encosta, mas então todos imploraram um momento de repouso. Tinham já transposto, desde a manhã, vinte quilómetros nas mais fatigantes condições. Viajantes e burros estavam sem forças.

Quando a coluna se ia pôr em marcha, um quarto de hora depois, elevou-se um ruído confuso no cume da montanha. Ao mesmo tempo formava-se uma nuvem de poeira e deslocava-se rapidamente, parecendo seguir as sinuosidades do atalho.

O ruído inexplicável crescia de segundo em segundo. Ouviam-se sons estranhos. Eram mugidos, uivos ou latidos? Os próprios guias pareceram inquietos. Colocando as cavalgadas ao abrigo de um casebre abandonado que, por fortuna, se achava nas proximidades, em breve todos os passageiros ficaram abrigados. Apenas faltou o tempo ao infeliz Blockhead. Ainda a garupa do burro não estava escondida no ângulo da casa, e já a tempestade irrompia como um raio. Num instante, o infortunado merceeiro aposentado foi levantado e arrebatado.

Desapareceu!

Os viajantes soltaram um grito de terror.

Mas a tromba já tinha passado, levando a sua fúria devastadora mais longe, e Blockhead levantava-se, a espirrar, mas sem ferimento aparente.

Precipitaram-se todos para ele, mas o gordo merceeiro não parecia sucumbido. No rosto plácido lia-se-lhe uma admiração real. E enquanto o seu olhar maravilhado seguia a nuvem de poeira, que descia o declive, saía-lhe dos lábios esta exclamação imprevista, dita num tom de viva admiração: — Que porcos!

É certo que lhe acabava de suceder uma partida desagradável, mas os companheiros acharam esta expressão um pouco forte. Que diabo, uma pessoa deve-se saber conter! As senhoras voltaram-se abafando gargalhadas.

Contudo, depois da explicação, forçoso foi reconhecer a inocência de Blockhead. Ele tinha sofrido o assalto terrível de um bando de porcos. Quanto à origem deste pânico, quanto à

causa que tinha transformado em irresistível catapulta esses animais, ordinariamente inofensivos, nem mesmo os guias a souberam explicar.

Quando os turistas chegaram à crista da montanha, era precisamente meio-dia. A grandeza do espectáculo deteve-os pregados ao solo, como já tinha acontecido no cume da Caldeira do Faial.

O solo, ultrapassando tudo o que a imaginação pode conceber, cavava-se diante deles, numa bacia de quatrocentos metros, desenhando uma admirável oval regular de vinte e oito quilómetros de perímetro. Para lá da estreita crista a descida seguia imediatamente à subida. Os declives interiores, ornados da mais magnífica vegetação, conduziam suavemente até ao fundo da extraordinária depressão, no meio da qual se levantava do solo uma aldeia, banhada por dois lagos cujas águas eram mais azuis que o próprio céu.

Transpondo os limites deste abismo, o olhar percorria livremente a ilha inteira. Ao norte havia um caos de escarpas, semeadas de renques de laranjeiras, depois mais longe campos e casas, para este, estendia-se um oceano de cumes e o campo, ora verdejante, ora sulcado de barrancos negros e selvagens, enfim, para além das costas de São Miguel, distinguiam-se, como manchas no imenso espelho do mar, os vagos contornos da Terceira, a noroeste, e Santa Maria, a sudeste.

Como o adiantado da hora não permitia um descanso muito prolongado, a caravana dirigiu-se rapidamente para a aldeia. À medida que se aproximava dela o encanto desaparecia pouco a pouco e desvaneceu-se completamente quando chegaram às primeiras casas. Não era nem mais nem menos suja, lamacenta e miserável do que as outras, essa aldeia enobrecida de longe pela auréola enganadora do sol.

— As Sete Cidades — disse Roberto.

E verdadeiramente calhava este nome pomposo àquela aglomeração de lamentáveis casebres.

— É aqui que devemos almoçar — disse Thompson.

— Dado o caso que se encontre alguma coisa para o almoço! — murmurou Rogério entre dentes.

Os recursos limitados da aldeia chegaram, em todo o caso, para o reduzido bando de turistas. Hora e meia mais tarde, razoavelmente restaurados, os viajantes puderam começar a pensar no regresso. Já não se tratava nem de visitar os vulcões, as quebradas, os numerosos precipícios no vale da cratera, nem de admirar as pitorescas cascatas que a região contém. Não havia tempo para tanto.

— É muito inglês este modo de viajar — observou ironicamente Rogério ao seu compatriota — Para que é preciso ver qualquer coisa? Para quê, desde o momento em que os viajantes devorem o número de quilómetros indicados no guia?

Cerca de onze milhas separam a aldeia das Sete Cidades de Ponta Delgada. Os viajantes, tendo partido às três horas da tarde, deviam transpor essa distância antes do pôr do Sol.

Depois de entrarem no vale pelo lado do norte, subiram os declives meridionais, não sem lançar de tempos a tempos um olhar de saudade para a aldeia, cuja graça renascia à medida que a distância aumentava.

Durante esta primeira parte do caminho, os viajantes não trocaram entre si uma só palavra. Inclinação sobre o pescoço das montadas e agarrados aos selins, calavam-se, absortos pela penosa ascensão do caminho pedregoso. Também que suspiro de satisfação saiu de todos os

peitos quando, ao chegarem à crista da montanha, receberam em pleno rosto a brisa do mar, cujas ondas longínquas se espelhavam seiscentos metros mais abaixo! Então as línguas soltaram-se, falando sobre o espectáculo que os turistas acabavam de contemplar.

— Pode-nos dizer, Sr. professor — perguntou Thompson a Roberto -, qual é a origem do abismo que acabamos de atravessar e donde vem esse nome de Sete Cidades?

— A origem — respondeu Roberto -, é sempre a mesma. Trata-se sempre de vulcões extintos cujas crateras foram cheias pela chuva. Esta é apenas mais vasta que as outras. Quanto ao nome de Sete Cidades, é provavelmente uma recordação das sete cidades fundadas na ilha fantástica da Antília pelos sete bispos lendários que se exilaram de Portugal quando da invasão dos mouros^[17]. Segundo uma crença popular, as cidades fundadas pelos bispos foram engolidas pelo mar juntamente com a ilha fabulosa sobre que tinham sido fundadas. O povo quis, sem dúvida, perpetuar a lenda, dando este nome à cratera, cuja origem foi também um afundamento de solo no decurso da erupção de 1445.

— Tão perto de nós! — exclamou Thompson, com um certo receio que lembrava os terrores de Johnson. — Suponho que esses fenómenos cessaram há muito tempo?

— Sim e não. Outras erupções violentas tiveram lugar em 1522 e 1652. Por outro lado, a ilha de São Miguel e sobretudo a parte oeste onde nos achamos está particularmente exposta às convulsões vulcânicas. A última convulsão importante foi a de 1811. É bastante recente.

— Quer dizer, foi há noventa e nove anos — exclamou Thompson, alarmado desta vez muito seriamente, depois do silêncio consagrado ao cálculo.

— Nem mais nem menos — respondeu filosoficamente Roberto.

Mas Thompson quis ficar tranquilizado e perguntou ainda: — Enfim, o Sr. professor pensa que se possam produzir novas catástrofes?

— Palavra de honra que nada posso dizer a esse respeito. — respondeu Roberto, sorrindo -, É certo que, tanto nos Açores como noutras regiões, a actividade vulcânica tem grande tendência para decrescer. Contudo...

Roberto não teve tempo de acabar. Como se o solo lhes tivesse fugido de debaixo dos pés, homens, mulheres e animais foram derribados num montão confuso. Felizmente, ninguém tinha sofrido a menor contusão.

Puseram-se de pé num momento.

— Eis a resposta — disse Roberto a Thompson, mas, de súbito, um dos guias soltou um grito terrível e, estendendo o braço para o cume do monte, fugiu a sete pés pelo vale abaixo, como que enlouquecido pelo espanto.

Com efeito, um terrível perigo ameaçava os turistas.

A menos de cem metros por cima deles, o solo era agitado por terríveis convulsões. Entre rugidos, semelhantes aos de cem jaulas de feras, levantava-se como o mar, entrechocando as pesadas vagas de areia. O Sol já se ocultava por detrás de uma opaca nuvem de poeira.

Os infelizes viajantes estavam neste momento encurralados entre dois enormes rochedos, cujas paredes a pino formavam um corredor de quinhentos metros de largura por quase outros tantos de comprimento. Precipitaram-se atrás dos guias para o rochedo da direita, para o abrigo de uma reentrância enorme que talvez fosse o único salvatério para eles. Era tempo.

Com um terrível impulso, as terras desunidas arremessaram-se pelo declive abaixo. Um bocado de montanha, desmoronando-se, caía. A velocidade da avalanche, ao princípio fraca, acelerava-se de metro para metro, tornando-se vertiginosa. O alarido tornou-se ensurdecedor.

Os turistas olhavam, com os corações oprimidos, as bocas fechadas e estreitando as mãos. O meteoro passou.

Ao primeiro choque o rochedo protector foi arrebatado e, perdido no turbilhão, tornou-se num dos projecteis com que a montanha bombardeava o vale. Desde essa ocasião nada já defendia os viajantes e o turbilhão desencadeado das rochas rolou a algumas polegadas dos seus peitos desarmados.

No fim de vinte segundos, tudo estava acabado. Já há muito que a natureza tinha readquirido a sua calma imensa, e ainda nem um gesto tinha quebrado a rígida imobilidade dos terrificados espectadores do cataclismo.

A vida parecia tê-los abandonado. Uns estavam deitados junto da base da formidável muralha de rochedos, outros, com os braços em cruz e o corpo comprimido contra ela, num esforço sobre-humano, como para diminuir a espessura dos corpos.

A primeira a voltar à realidade foi Alice Lindsay. De súbito, viu-se acorada numa anfractuosidade dos rochedos. Como teria ela chegado ali? Quem a teria levado?

Seu cunhado? Ou não seria antes Roberto que, inconscientemente, continuava a protegê-la, cobrindo-a com o corpo?

— É já a segunda vez, se se contar o tumulto da Terceira, que o senhor se torna credor do meu reconhecimento — disse ela, levantando-se.

Roberto pareceu nada ter compreendido.

— Minha senhora, deve-me tanto a mim como a outro qualquer a quem o acaso tivesse, nestas circunstâncias, colocado perto de si.

O movimento de Alice tinha quebrado o encanto que paralisava os seus companheiros. Em breve todos se sacudiam, resfolegavam e, pouco a pouco, todos os corações começaram a bater regularmente.

Já não havia que tratar do caminho para voltar a Ponta Delgada. A montanha descia agora num declive regular, semeada de uma infinidade de blocos, detidos na queda. Mas o facto mais grave foi o ter perecido a maior parte dos burros. Os que restavam foram reservados às mulheres e assim se aventuraram com precaução por sobre este solo desigual.

Antes da partida, cinco ou seis guias, reunindo as vozes, tinham chamado o seu companheiro desaparecido. Foram porém improficuos os seus esforços. Teria o infeliz, na sua corrida insensata pelo vale, sido alcançado pela avalanche? E onde dormiria agora ele debaixo da espessa mortalha de vinte metros de terra?

Puseram-se a caminho sem perda de tempo. Convinha apressarem-se porque o que tinha sucedido podia repetir-se. Todavia, a marcha teve de ser forçosamente lenta neste solo arruinado e a caravana não pôde atingir a estrada antes da noite. Havia ainda a transpor os dez quilómetros que a separavam de Ponta Delgada. Esta distância foi vencida em duas horas, e às oito e quarenta minutos os turistas subiam para bordo do Seamew, fatigados, mas são e salvos.

Os seus companheiros, tendo voltado da Ribeira Grande pela estrada, já ali se achavam havia muito tempo. Ficaram satisfeitissimos com a sua preguiça quando conheceram os incidentes desse dia.

Houve, porém, um que ficou mais satisfeito ainda, porque estava triunfante. Era Johnson, cuja resolução de não ir a terra não parecia tão tola como dantes.

— Com que então — disse a Roberto, sem modéstia alguma -, parece que o senhor esteve a ponto de ficar por lá hoje?

— É verdade.

— Eh! Eh! — exclamou Johnson. — Havia de acontecer-me o mesmo se eu tivesse feito a asneira de os seguir!

— É provável — admitiu Roberto. — Mas faz favor de notar que chegámos todos a porto de salvamento.

— À excepção de um guia, pelo que ouvi dizer — continuou Johnson, sem se perturbar.

— Os outros ficam para a outra vez!. Mas, diga-me uma coisa, quando deixarmos São Miguel vamos à Madeira, não é verdade?

— Sim, senhor — respondeu Roberto, sem saber aonde aquele original queria chegar.

— E na Madeira há também tremores de terra?

— Parece-me que não — disse Roberto.

— Bem — voltou Johnson -, Portanto, dizemos que não há absolutamente nada a temer nessa ilha deliciosa.

— Não. não vejo. Salvo talvez as inundações.

— Inundações! — interrompeu Johnson -, O senhor disse: inundações? Há lá disso?

— Às vezes.

— Muito bem — concluiu friamente Johnson. — Agora assente isto nas suas notas — apontou ele, espaçando as palavras -: Não ponho o pé na sua danada Madeira!

E o incorrigível poltrão, voltando as costas, entrou no coffee-room, onde a sua voz ressoou pouco depois, pedindo qualquer bebida aperitiva e reconfortante.

Enquanto Johnson triunfava assim, Thompson era acabrunhado por uma surpresa muito desagradável.

Assim que chegou a bordo, atracou ao Seamew uma grande embarcação. Num abrir e fechar de olhos o convés foi invadido por vinte agentes, comandados por um oficial superior.

— Senhor — pronunciou secamente o oficial, num inglês razoável -, o aviso a vapor Camões acaba de chegar ao nosso porto. Traz-nos a narração dos factos inqualificáveis de que aquela foi teatro. Eu não venho tratar dessa questão, que diz respeito à nossa diplomacia. Mas há um ponto de que posso tratar: é da descoberta do ladrão. Como a vossa conduta nos autoriza a crer que lhe destes asilo, ficais avisados de que o vosso navio fica detido no porto de Ponta Delgada. É expressamente proibido, tanto aos passageiros, como ao senhor e à tripulação, sair de bordo ou comunicar com a terra antes de ser passada busca ao navio.

Este discurso tinha sido pronunciado num tom que não admitia réplica. Um inglês às vezes é arrogante, mas aqui não valia a pena pensar nisso. Thompson fez-se bom rapaz e perguntou:

— Quando é que terá lugar essa busca?

— Amanhã.

— Quanto tempo estará o meu navio detido?

— Não sei — disse o oficial -, mas há-de estar tanto tempo quanto o necessário para que o culpado seja descoberto e encarcerado. Um seu criado, meus senhores.

A estas palavras, o oficial tocou ao de leve na pala do boné e embarcou, deixando Thompson completamente desesperado.

CAPÍTULO XI

Um Casamento em São Miguel

Na manhã de 25 de Maio foi moroso o despertar a bordo do Seamew. Este devia ter partido na véspera ou mesmo na antevéspera, se se não tivesse perdido um dia antes de fundear no Faial.

Ninguém tinha pensado no resultado dos acontecimentos da Terceira, ainda que esse resultado fosse lógico.

Quando o Seamew deixava a baía de Angra nenhum outro navio estava ali ancorado. Poder-se-ia prever que o Camões chegaria a tempo de apanhar os fugitivos em São Miguel?

Poucos passageiros aceitavam de ânimo sereno esse novo incidente de viagem. A maior parte não deixava de manifestar o seu mau humor e, um pouco injustamente, atribuíam a Thompson a responsabilidade deste infortúnio de que era, com certeza, a primeira vítima. Que necessidade havia de afrontar abertamente as autoridades da Terceira?

Se tivesse feito as coisas com circunspecção, o caso teria tomado outro aspecto.

Ainda mais! Quando se remontava às origens, via-se que a culpa era da Agência Thompson. Se, contrariamente às suas promessas, o navio não tivesse chegado a 18, em lugar de 17, ter-se-ia Partido na noite de 20 de Maio. Os passageiros do Seamew não se veriam metidos, de modo nenhum, nesta absurda história de ladrões, cujo resultado se não podia prever.

Os irreconciliáveis Saunders e Hamilton mostravam-se (seria de admirar o contrário!) os mais ardentes a martelar neste tema. Não haveria circunstância mais propícia às manifestações da sua bulhenta pontualidade. Em voz alta, discursavam no meio de um círculo aprovador, em cuja primeira fila figurava, sempre agarrado ao cachimbo, Van Piperboom — de Roterdão.

Teria o holandês compreendido em que desagradável situação se encontravam ele e os seus companheiros? Em todo o caso, não se mostrava sóbrio de sinais de aprovação, ao escutar, sem aliás compreender uma palavra, os períodos dos leaders da oposição.

D. Higino fazia-se também notar entre os mais inflamados. Desfazia-se em palavras violentas. Sendo português ameaçava o seu próprio país com as represálias do Gabinete de Saint-James. Que necessidade tinha este senhor português de se deslocar? Que importância tinha uma pequena demora para um homem que, segundo dizia, não sabia em que havia de empregar o tempo?

Thompson, quando passava ao lado do grupo hostil em que Saunders fazia o papel do rabujento Tirteu, baixava humildemente a cabeça. No seu íntimo, desculpava o mau humor dos seus passageiros. Propor uma agradável viagem de cerca de um mês, obrigá-los a pagar uma respeitável soma e deixá-los fechados no porto de Ponta Delgada era o bastante para fazer desesperar os mais pacientes. Thompson sentia que pouco faltava para que, mesmo aqueles que se lhe tinham conservado fiéis, o abandonassem.

Sem se entregarem a violentas recriminações, como o faziam Saunders, Hamilton e os seus sectários, alguns, como o clergyman Cooley, tinham já insinuado que, se as coisas se não compusessem rapidamente, renunciariam à viagem começada e regressariam a Inglaterra no

vapor que passa mensalmente por São Miguel. Isto era um sintoma grave. À vista desta poderosa oposição, quais eram agora os Partidários do Administrador? Apenas a família Blockhead, copiando servilmente o optimismo do seu chefe. O excelente merceeiro aposentado conservava sempre a mesma cara satisfeita e declarava a quem o queria ouvir que não estava descontente de se achar envolvido em complicações diplomáticas.

Quanto aos Lindsay e Rogério, eram neutros. Nem adversários, nem partidários da Administração. Apenas indiferentes. Preocupavam-se muito pouco com os incidentes que tanto preocupavam os outros passageiros. Na Ponta Delgada, como em toda a parte, Alice e Dolly tinham o prazer da sua recíproca presença e podiam distrair-se com a alegre verbe do oficial francês.

Ajudado pelas facilidades da vida de bordo, este tinha-se facilmente apoderado de um lugar abandonado pelo enfadonho e taciturno Jack. Pouco depois da partida, ele e as duas irmãs já não se separavam e a sua intimidade dava que fazer à má-língua dos seus companheiros. Mas que importava isso às duas americanas? Rogério também não parecia incomodar-se muito com os murmuradores, divertindo as duas irmãs com a sua alegria permanente. Principalmente entre Dolly e ele havia um riso constante. Mesmo nesta ocasião, o novo incidente servia de pretexto a gracejos sem fim e Rogério não cessava de se alegrar com esta viagem tão bem organizada.

Roberto entremetia-se pouco a pouco nesta intimidade dos três passageiros.

Por maior que fosse a sua prudente reserva, teria sido de mau gosto resistir muito às avançadas do seu compatriota e de Mrs. Lindsay, cuja curiosidade tinha sido despertada pelo intérprete. Este tinha-se tornado menos selvagem e já ia conversando. E o humilde cicerone, à medida que ia deixando desvendar um pouco do seu espírito, justificava o lisonjeiro acolhimento dos passageiros que o admitiam na sua companhia. Conservando-se prudentemente no seu lugar, perto deles deixava descair um pouco a libré de empréstimo que tinha envergado, tornava a ser o que fora e, às vezes, abandonava-se à conversa, em que achava um encanto cada vez maior. Quando fora do desmoronamento nas Sete Cidades, foi apenas ao acaso que devera os agradecimentos de Alice. É certo que esse acaso foi singularmente ajudado pelos seus novos hábitos, que iam multiplicando os encontros entre as duas irmãs e ele.

Mas mesmo metendo estes indiferentes na conta dos seus partidários resolutos, Thompson era obrigado a convir em que o seu exército estava muito reduzido e dava voltas ao miolo a procurar os meios de pôr fim a tão lamentável situação. O primeiro, sem duvidar, era recorrer ao cônsul britânico. Infelizmente, isso era-lhe proibido, visto não poder ir a terra. Thompson procurou entabular negociações com o tenente, comandante das forças de polícia que estavam a bordo do Seamew. Era preciso esperar que se fizessem as buscas ao navio. Até aí nada havia a fazer.

O capitão Pip assistia de longe ao colóquio em que se chegou a esta conclusão. Adivinhava, sem as ouvir, as palavras dos dois contendores e, cheio de cólera, martirizava cruelmente a ponta do nariz, enquanto as pupilas se tornavam divergentes, num temeroso estrabismo. Ver o seu armador reduzido a essa humilhação de solicitar um favor do polícia português era superior às forças do valente capitão. Se Thompson o tivesse consultado, o honrado marinheiro talvez lhe aconselhasse alguma cabeçada, como, por exemplo, sair a barra em pleno dia, de bandeira desfraldada, sob o fogo dos canhões dos fortes.

Mas Thompson não pensava em recorrer à ciência do capitão. Todo entregue à conciliação, esforçava-se por contemporizar, satisfazendo toda a gente. Tarefa difícil ou, antes, impossível.

Uma das pessoas menos pacientes era a pobre Targela. Se não fossem esses desgraçados incidentes, estaria prestes a ser mulher de Joaquim. Sentia o desejo imperioso de ir falar ao oficial, que, sendo inflexível para todos, talvez o fosse menos para ela.

E, quando viu Joaquim, vindo ao seu encontro, fazer-lhe do barco sinais desesperados, já não hesitou em tentar essa audaciosa diligência.

Targela dirigiu-se resolutamente para o oficial da polícia e expôs-lhe a situação em que a colocava a ordem do governador. Seja pela justiça da sua causa, pelo barulho que esse caso tinha feito na ilha ou simplesmente pelos belos olhos da suplicante! Fôsse qual fosse o motivo, o certo é que o oficial se deixou convencer. Mandou a terra um emissário que, em breve, voltou trazendo a licença para a rapariga desembarcar, com a condição de que, ao chegar a terra, seria sujeita a uma inspeção rigorosa. Bastava esta cláusula para indicar quanto o bloqueio era apertado, se os passageiros o não soubessem já.

Estando livre, podia a jovem açoriana aproveitar-se da liberdade. Contudo, antes de o fazer, teve o cuidado de ir agradecer a Thompson e a Alice Lindsay, que se tinha mostrado particularmente favorável à sua causa. Agradeceu-lhes muitíssimo, convidando-os gentilmente a assistir ao baile das suas bodas, com todos os seus passageiros.

Thompson, a este convite, não respondeu senão com um pálido sorriso, enquanto Alice o aceitava, apenas com as restrições impostas pelas circunstâncias.

Cumprido o seu dever de gratidão, Targela foi-se embora alegremente.

Eram perto de quatro horas quando uma embarcação trouxe a bordo três pessoas, em que podiam facilmente reconhecer, pelo aspecto, três magistrados, seguidos por duas mulheres, cujo papel futuro se apresentava incerto. Entre os recém-vindos Thompson reconheceu ao primeiro golpe de vista, o lacónico corregedor, com quem dois dias antes tinha travado relações. Foi este quem tomou a palavra e fê-lo o mais resumidamente possível.

— A busca — disse ele, pondo o pé no convés.

Roberto traduziu imediatamente.

Thompson inclinou-se e esperou as ordens dos visitantes, que, antes de procederem à inquirição, se tinham detido junto do portaló e lançavam antecipadamente um olhar investigador sobre o conjunto do navio.

Quando entendeu que este exame era bastante, o corregedor convidou Thompson a mandar subir ao spardeck todos os passageiros. A ordem tinha-se executado adiantadamente, de modo que o Administrador se limitou a indicar, com um gesto, o círculo de rostos inquietos de que estavam rodeados.

— Meus senhores — declarou o corregedor -, foi cometido na Terceira um roubo de dez mil contos de réis. Oferece-se a gratificação de um por cento, ou sejam cem contos de réis, a quem descobrir o ladrão. Não é necessário dizer-vos a importância que o Governo liga a esta questão, que despertou a indignação das nossas populações religiosas. Em virtude da conduta estranha do vosso capitão e dos vossos armadores (aqui o capitão Pip trocou com Artimon um olhar de piedade e do alto da ponte escarrou para o mar com desprezo), suspeita-se fortemente que o ladrão se oculta neste navio. Tendes pois todos o interesse em prestar-vos docilmente ao

cumprimento das instruções que estou encarregado de vos transmitir e que, sendo preciso, farei executar pela força.

O corregedor fez uma pausa. Tinha pronunciado de um fôlego este discurso, evidentemente preparado. Ia agora voltar à sua habitual concisão.

— Passageiros e oficiais no spardeck — disse, voltando-se para Thompson -, a tripulação no castelo. Serão guardados pelos meus homens, enquanto estivermos procedendo á visita do navio.

Em conformidade com esta ordem, traduzida por Roberto, todos, incluindo o capitão, que mascava raivosamente o bigode, se agruparam no spardeck, enquanto os homens da equipagem se reuniam no castelo da proa. Apenas um dos passageiros se afastou dos companheiros e se dirigiu, sem ser visto, para o corredor central, que conduzia aos camarotes. Esse passageiro era D. Higino.

Que tinha ele a fazer no interior do navio? Porque é que esse português era o único a desobedecer à autoridade portuguesa? Talvez fosse chamar os dois irmãos, que mal tinham sido vistos desde o dia do embarque.

— Os passageiros estão todos? — Perguntou o corregedor quando viu tudo reunido. — Olhe, é melhor fazer a chamada.

Thompson obedeceu a esse desejo. Mas, quando chegou às últimas linhas, foi de balde que chamou D. Higino, D. Jacob e D. Cristóvão da Veiga.

O corregedor franziu o sobrolho e ordenou: — Mande chamar esses senhores.

Em breve apareceram os três irmãos, conduzidos pelo criado, que fora mandado à procura deles.

— Por que razão não estavam os senhores com os seus companheiros? — interrogou o corregedor, em tom severo.

Como era costume, foi D. Higino que respondeu, tanto em seu nome como no dos irmãos: — Eu e meus irmãos — disse -, ignorávamos a sua presença a bordo.

— Hum. — fez o corregedor.

Roberto não disse nada. No entanto, iria jurar que tinha visto, um pouco antes, o nobre português ao lado dos outros passageiros.

O corregedor não tinha acabado ainda o inquérito relativo aos irmãos Veigas.

— Parece-me que são portugueses? — perguntou ele.

— É verdade — respondeu D. Higino.

— Foi em Londres que embarcaram neste navio?

— Não, senhor, foi na ilha Terceira — disse D. Higino.

— Hum! — tornou a fazer o corregedor, lançando a D. Higino um olhar inquisitorial. — E, bem entendido, não têm neste navio nenhuma relações pessoais?

Hamilton estava sobre brasas ouvindo este incrível interrogatório. Aquilo eram maneiras de tratar gentlemen? Não se pôde conter que não dissesse: — Perdão, a esses senhores Veigas não faltam relações e não ficariam embaraçados para achar quem respondesse por eles.

— A quem é que tenho a honra de falar? — perguntou o meticoloso corregedor.

Hamilton levantou-se de tal maneira que magoou as costas.

— Ao baronete sir George Hamilton — declarou num tom arrogante.

O corregedor, que não pareceu ficar deslumbrado, volveu delicadamente: — Muito bem, senhor, muito bem!

Depois, tendo recomendado outra vez a todos os passageiros que não deixassem o spardeck sob nenhum pretexto, desapareceu por uma das escadas, enquanto D. Higinio trocava caloroso aperto de mão com Hamilton.

Começou a pesquisa. Sucessivamente os furões policiais iam percorrer os paióis, o porão, o compartimento das máquinas, o dormitório da tripulação, para acabar nos beliches dos passageiros.

Nem um canto, por mais oculto que estivesse, deixou de ser explorado no decurso desta visita meticulosa, cuja direcção fora confiada a um magistrado de aspecto distinto.

Os passageiros tiveram de esperar muito tempo.

Passaram-se duas horas antes que o corregedor tornasse a aparecer. Só pouco depois das seis horas é que voltou ao convés. A expressão carrancuda do seu rosto mostrava que nada tinha achado.

— Aviamo-nos, senhores — disse, ao chegar ao spardeck. — Vamos proceder à visita do convés e dos aparelhos. Durante esse tempo esses cavalheiros e essas senhoras hão-de dar licença que os revistemos.

Correu um movimento de revolta entre os passageiros. A escolta de polícia apertou o círculo.

— Muito bem! Muito bem! — advertiu o corregedor -, São livres de fazer o que quiserem. Contentar-me-ei em prender os mais recalcitrantes e encarcerá-los durante o tempo que entenda conveniente. Guardas, comecem a chamada.

Era impossível qualquer resistência. Cada passageiro desceu ao seu beliche acompanhado por um agente. Explicou-se então a presença das duas mulheres que o corregedor tinha trazido.

Este tinha acabado de percorrer o navio. Foram levantados os cabos e os mastros foram revistados, desde as gáveas até à ponta, por homens encarregados desse serviço. Nem um recanto foi esquecido no decurso desta pesquisa, levada a cabo com admirável método.

Mas o melhor sabujo nada pode encontrar onde nada há, e estava escrito que o astuto corregedor coisa alguma conseguiria nesta caça impossível. Às sete horas estava tudo visto e revisto sem resultado.

— Tem livre prática — disse asperamente o magistrado, dirigindo-se para a escada de portaló.

— Podemos ir a terra?

— À sua vontade.

— E, sem dúvida, também podemos abandonar a ilha? — insinuou Thompson.

— Há-de para isso fazer o favor de esperar que venha a resposta ao relatório que vou já mandar para a Terceira — respondeu secamente o corregedor.

E, enquanto Thompson ficava pregado ao chão, acabrunhado, o corregedor desapareceu, levando consigo a sua escolta de agentes visitantes e visitadoras. Apenas ficaram de guarda ao navio dez agentes, sob o comando de um tenente.

Durante o jantar as conversas foram animadas. Eram todos unânimes em censurar severamente o Governo português. Reter o Seamew antes da pesquisa, vá! Mas depois!

Contudo, a humanidade cansa-se de tudo e até da cólera. Bem depressa Alice pôde, no meio de calma relativa, arriscar-se a transmitir aos seus companheiros o convite da gentil Targela. Este convite foi mais bem acolhido do que seria de esperar de turistas irritados.

Obrigados a permanecer a bordo todo aquele dia, aceitaram com prazer a perspectiva de um espectáculo original.

Às nove horas quase todos os passageiros entravam na casa onde Targela celebrava, com um baile, a sua união com o seu querido Joaquim, e na qual uns cem homens e mulheres dançavam à vontade ao som de uma música infernal.

Os ingleses foram acolhidos com aclamações. Não eram os verdadeiros autores da felicidade desses dois jovens? Foi por isso que os festejaram cordialmente.

Depois de um momento de descanso, as danças recomeçaram. Quadrilhas e valsas sucediam às polcas e às mazurcas. Mas às onze horas ouviu-se um grito geral: — O lundum! O lundum!

A este sinal todos formaram círculo e Targela e Joaquim satisfizeram os seus amigos executando essa dança nacional, pela qual os açorianos de todas as classes têm uma verdadeira paixão^[18].

O lundum é irmão gémeo do bolero espanhol. O mesmo sapateado, os mesmos meneios, os mesmos semblantes mudos e provocantes. É de crer que Targela executasse habilmente esta dança difícil, porque o jovem par, quando as castanholas se calaram, foi saudado por longos aplausos.

À meia-noite a festa estava no seu auge. O vinho do Faial tinha levado ao cúmulo a alegria dos dançarinos. Os passageiros do Seamew dispuseram-se a partir. Porém, antes de o fazerem, Alice Lindsay, depois de pedida a opinião dos seus companheiros, resolveu pôr em execução um pensamento que lhe tinha ocorrido. Já que o acaso os tinha atravessado no caminho desses jovens, porque não haviam de acabar, por um impulso do coração, o que tinham começado? Targela, que tinha reclamado tão ingenuamente a sua protecção, tinha-a obtido. Restava agora ajudá-la a viver. É certo que com um rapaz corajoso como Joaquim o novo casal tinha todos os requisitos para chegar a viver bem. Mas uma pequena soma de dinheiro, que aos turistas não custava nada a reunir entre si, facilitar-lhes-ia singularmente o futuro.

Seria o dote de Targela, e Joaquim, tendo casado com ela, teria feito ao mesmo tempo um bom negócio. Ter casado Targela era bom. Assegurar-lhe o futuro era muito melhor ainda.

Alice fez uma subscrição entre os companheiros para a sua protegida e é justo dizer que nenhum deles lhe recusou o óbolo.

Blockhead, que fora o primeiro, fez o sacrificio de duas libras, o que é razoável para um merceeiro aposentado.

E Saunders, Thompson e Tigg julgaram que lhes ficaria mal darem quantia menor.

Johnson tê-los-ia seguido, sem dúvida, se, fiel ao seu juramento, não tivesse ficado a bordo do Seamew.

Rogério deixou cair rapidamente entre as graciosas mãos da Passageira cinco luízes em ouro.

Hamilton que, apesar do seu enfadonho carácter, tinha um fundo bom, subtraiu aos seus capitais uma bela nota de quatro libras, que, parece, foram dadas com prazer.

Alice agradeceu calorosamente ao generoso baronete; depois, continuando o seu caridoso peditório, deteve-se perturbada achando-se em frente de Roberto.

Sem lhe dizer uma única palavra, sem parecer envergonhado da modicidade da sua oferta, Roberto, com um gesto cheio de graça, entregou à pedinte uma moeda portuguesa de mil réis e, subitamente, Alice sentiu-se corar, mau grado seu, até à raiz dos cabelos.

Irritada por esta fraqueza, cuja causa não poderia dizer, Alice agradeceu com uma inclinação de cabeça e, voltando-se rapidamente, fez o pedido ao passageiro seguinte.

Ora o passageiro seguinte era o nobre D. Higino. Se Hamilton tinha feito as coisas Principescamente, D. Higino fê-las realmente. A sua oferta foi de quarenta libras, que ele entregou, sob a forma de uma nota de banco, a Mrs. Lindsay. Talvez tivesse posto nisso um pouco de ostentação, talvez tivesse desdobrado a nota para mostrar a toda a gente o seu valor, com uma lentidão que o bom gosto reprovava. Mas isso era um pecado meridional e Alice não se deteve com semelhantes ninharias.

Electrizados por este exemplo, os outros passageiros alargaram bastante os cordões à bolsa. Ninguém recusou cerca de 20 réis, a sua oferenda, maior ou menor segundo a fortuna do esmoler.

Terminado o peditório, Alice anunciou gloriosamente um total de duzentas libras. Era um resultado soberbo. Para o obter, para arredondar assim a soma, Alice teve de impor a si mesma uma larga contribuição pessoal. Mas não seguiu a ostentação vaidosa de D. Higino e o que deu ninguém o soube.

Pelo mesmo sentimento de modéstia e de retraimento voluntário, não quis entregar à noiva esse dote inesperado. Encarregou desse trabalho os jovens esposos selvagens que faziam uma tão singular viagem a bordo do Seamew. Por acaso estavam presentes nessa noite e a comissão recaía neles por direito.

Foi a jovem inglesa que levou à sua irmã portuguesa o dote que acabavam de lhe alcançar e acompanhou o presente com um afectuoso beijo. Todavia, não quis calar o nome da caridosa passageira à qual na realidade Targela devia o seu reconhecimento. Alice teve de receber os agradecimentos inflamados de Targela e de seu marido.

Duzentas libras eram para eles a fortuna, e nunca esqueceriam a boa fada que lhes tinha assegurado a felicidade. Os outros passageiros tiveram a sua parte nesta explosão de agradecimentos. Targela, lavada em lágrimas, andava de um para o outro lado, e Joaquim, com a cabeça perdida, apertava à sorte diversas mãos.

Contudo era necessário partir.

Com grande custo, acalmou-se a emoção dos recém-casados e os turistas dirigiram-se para a porta da casa no meio de entusiásticas aclamações.

Targela e Joaquim escoltaram-nos até à porta, pagando-lhes o benefício centuplicado pelo espectáculo da sua deliciosa emoção. Quando, enfim, saíram, Targela e Joaquim ficaram ainda à Porta, de mãos dadas e os olhos abertos na escuridão, vendo afastar e desaparecer esses caminheiros de um dia, esses viajantes que iam continuar uma viagem que não podia ser de ora avante inútil pela força de uma boa acção, lançada à terra num canto do vasto mundo.

CAPÍTULO XII

De Como o Enjôo Pode Produzir Efeitos Singulares

Quando os passageiros entraram a bordo, depois de terem deixado Targela e o seu venturoso marido, acharam cinco polícias, encarregados de os vigiar; passeando regularmente no convés, enquanto outros cinco agentes no rancho da proa e o oficial no beliche, posto às suas ordens, dormiam a bom dormir. E apesar disso, a despeito desta guarda vigilante, o Seamew, quando surgiu o dia 26 de Maio, flutuava livremente no mar largo, a mais de trinta milhas de São Miguel.

Tornava-se isto um hábito.

Para fugir não tinha sido preciso desta vez afrontar os projecteis portugueses. Foi tudo feito ao favor de uma espessa bruma que, pelas dez horas da manhã, tinha coberto a natureza com um véu impenetrável. O tenente e os cinco homens adormecidos tinham sido fechados à chave, enquanto os outros, num abrir e fechar de olhos, eram subjugados. Então o Seamew partira tranquilamente, como se não existisse absolutamente nenhuma proibição do governador para o fazer.

O tenente, liberto uma hora mais tarde, viu-se obrigado a sofrer a lei do vencedor e a aceitar uma capitulação desastrosa. Os seus homens tinham sido desarmados e o Seamew levava-os consigo, para apenas os depor na Madeira, quando se aproximasse desta possessão portuguesa.

Aterrado Por este súbito revés, o infeliz tenente passeava, com um ar acabrunhado. E, pensando quanto esta aventura lhe iria atrasar a promoção, assombreava-se-lhe o rosto, enquanto, à luz dessa manhã nascente, o olhar descobria a livre extensão do mar.

O capitão Pip não tinha ainda ido saborear um repouso, aliás bem merecido. Além do perigo que podia resultar de um grupo de recifes chamados Formigas, o aspecto do tempo solicitava a sua presença. Ainda que não ameaçasse tempestade, o mar estava agitado de maneira anormal; o Seamew apanhando-o pela proa, caminhava a custo, balançando pesadamente.

Se o capitão tomava assim para si os cuidados da navegação, era aparentemente para que os outros se aproximassem.

Thompson, cuja opinião era essa, dormia, com a consciência tranquila, a sono solto, desde a partida, quando o contacto de uma mão o acordou em sobressalto.

— Que há? Que horas são? — perguntou, esfregando os olhos.

Viu então o rosto de ébano do imediato da cozinha, master Sandwich, que lhe respondeu respeitosamente: — São seis horas.

— Que há então? — repetiu Thompson, com ar impaciente.

— Um criado da câmara dos passageiros manda preveni-lo que se ouvem terríveis gemidos no camarote do gentleman português e dos seus dois irmãos. Ele tem medo que estejam gravemente doentes e não sabe o que há-de fazer.

Thompson reflectiu que era preciso que o caso fosse muito grave para pensarem em o acordar. Portanto, respondeu: — Está bem. Já lá vou.

Quando chegou ao quarto dos senhores portugueses, não lamentou ter vindo. D. Higino e os irmãos pareciam efectivamente muito doentes. Estavam deitados de costas, lívidos, com os olhos fechados, o rosto coberto de suor, e imóveis, mas soltando sem interrupção gritos aflitivos. Devia ser intolerável o sofrimento desses desgraçados.

— Que diabo de concerto! — murmurou Thompson.

Logo ao primeiro golpe de vista, reconhecendo sinais de enjôo provocado pelo balanço, muito forte nessa ocasião, tinha-se tranquilizado.

A doença não se tornava perigosa, embora se manifestasse com violência pouco habitual.

Contudo a humanidade ordenava-lhe que prestasse socorro a esses desgraçados, e Thompson, deve dizer-se em abono da verdade, nem pensou em se eximir a esse dever: Durante uma hora prodigalizou-lhes cuidados devotados, e não foi dele a culpa se esses cuidados foram ineficazes.

Mas o estado dos três irmãos agravava-se em vez de melhorar. Além disso, Thompson notava com inquietação sintomas que não é costume observar no enjoo. De tempos a tempos, os doentes de lívidos tornavam-se roxos. Pareciam então fazer esforços sobre-humanos, para recaírem em breve esgotados, com a respiração sibilante, a pele gelada e os rostos de novo cobertos por palidez cadavérica.

Thompson, às sete horas, julgou a situação tão crítica que mandou acordar Roberto. Experimentava a necessidade de um conselho.

Infelizmente, Roberto não o pôde dar ao seu chefe hierárquico e ambos tiveram de se reconhecer impotentes para aliviar os três doentes, aos quais parecia já melhor aplicar o nome de moribundos.

— É porém necessário fazer alguma coisa — disse Roberto, às oito horas. — Se tentássemos fazer resolver estas náuseas que param sempre a meio caminho?

— Como? — interrogou Thompson. — Conhece um meio para isso?

— Água quente — sugeriu Roberto.

— Tentemos! — exclamou Thompson, que ia perdendo a cabeça.

Foi de efeito imediato o meio heróico indicado por Roberto. Logo ao segundo copo de água quente os improvisados enfermeiros obtiveram a prova certa da sua eficácia.

Mas que coisa estranha viram Roberto e Thompson? Ou, antes, o que teriam julgado ver?

A dúvida é fácil de esclarecer. Água não falta. As bacias são cautelosamente limpas e então...

Então, que deslumbramento!

No fundo destas bacias maculadas, mais de cinquenta pedras preciosas, esmeraldas, rubis e diamantes, lançam maravilhosos relâmpagos!

Thompson e Roberto, consternados, olham-se em silêncio. Num momento, tudo se explica. Ali estavam os sacrílegos ladrões do crucifixo da Terceira ou, pelo menos, os chefes, e a polícia açoriana não se enganava quando acusava o Seamew de lhes servir de asilo! Que melhor esconderijo poderiam ter achado os culpados, ameaçados pela busca de São Miguel, do que o próprio estômago?

Roberto foi o primeiro a recobrar o sangue-frio.

— Este segredo é pesado de mais para nós — disse -, Portanto, peço licença para chamar um dos passageiros, por exemplo o reverendo Cooley.

Thompson aquiesceu com um sinal de cabeça. Roberto mandou um criado à procura do respeitável clergyman.

Quando este chegou por sua vez ao camarote, onde arquejavam os irmãos Veigas, a situação era a mesma. Contudo era possível que os ladrões encerrassem no fundo do estômago mais algumas das pedras roubadas.

Para se certificarem disso bastava continuar o tratamento que tão bons resultados tinha dado.

Depressa foram recuperadas mais de trezentas pedras preciosas, na sua grande maioria soberbos diamantes.

Pareceu então que os doentes, desembaraçados do seu segredo, tinham ficado imensamente aliviados. Se ainda sofriam, já não se tratava senão do enjoo habitual e daí nenhum efeito funesto havia a temer. Redigiram então um processo verbal destes singulares acontecimentos, cujo depositário foi o pastor Cooley. Em seguida as pedras, depois de contadas pelos três conjurados, foram entregues a Thompson, que, após tê-las guardado, foi em procura do tenente, reduzido algumas horas antes a uma capitulação cruel.

Mas, quando surdia da escada, ergueu-se uma sombra diante dele, sombra representada por inevitável Saunders, flanqueado por sir Hamilton, ambos dignos, calmos e severos, como convém a passageiros descontentes.

— Dá-me uma palavra, senhor — disse Saunders, detendo Thompson na passagem. — Gostávamos de saber até que ponto conta levar esta brincadeira.

— Que brincadeira? — murmurou Thompson com impaciência. — Que temos mais?

— Mas que sobrançeria, Sr. Thompson! — exclamou Hamilton, com altivez. — Sim, senhor, desejamos saber, enfim, se continua a faltar audaciosamente a todas as promessas de um programa, no qual acreditámos como dois tolos.

— Como! Ainda essa perseguição do programa! Thompson, preocupado com questões de maior gravidade, encolheu os ombros e, afastando-se nervosamente de Hamilton, lançou-se para o convés, deixando o baronete sufocado por tal procedimento.

Assim que encontrou o tenente levou-o para o seu camarote, sob o pretexto de lhe fazer uma comunicação importante.

— Meu caro tenente — disse logo que se sentaram -, a sorte das armas foi-lhe desta vez contrária.

— É certo — respondeu o tenente, conservando-se reservado.

— Agora vai connosco para a Madeira.

— Parece que sim.

— Isto é para nós ambos uma aventura aborrecida e imagino que, se se apresentasse um bom meio de arranjar o negócio em comum benefício.

— Difícil! — disse o tenente.

— Talvez — retorquiu Thompson -, O senhor não ignora, tenente, que o governador ofereceu o prémio de um por cento a quem prendesse o ladrão.

— Sim — assentiu o tenente -, mas não vejo...

— Espere! Talvez que nos possamos entender. Porque... esse ladrão... esses ladrões...

— Esses ladrões. — Tenho-os presos — afirmou Thompson.

— Hem!? — fez o tenente.

— Tenho-os presos — repetiu Thompson -, e tenho também uma boa parte dos diamantes roubados!

O tenente, pálido de emoção, incapaz de articular palavra, empolgara o braço de Thompson. Este acabou de formular a sua proposta.

— Deste modo, compreende, o tenente, a quem pertence o prémio de um por cento. Pois bem, componha o nosso caso de qualquer maneira, dizendo que o senhor partiu voluntariamente com o fim de prender os ladrões, cuja presença dará autoridade à sua afirmação e estou pronto a abandonar-lhe uma parte, um quinto ou um quarto, sendo preciso, do prémio que me é devido.

— Oh, quanto a isso — Fez o tenente com uma indiferença nada lisonjeira para a generosidade do governador português.

— Então aceita? — insistiu Thompson.

— Se recusar?

— Se recusar — respondeu Thompson -, fazemos de conta que nada lhe disse. Desembarco-o tranquilamente na Madeira e guardo os ladrões para os entregar ao cônsul inglês, o que me dará não só honra mas até proveito.

Fazia-se agora um trabalho rápido no espírito do tenente. Recusar as propostas de Thompson era voltar a São Miguel de orelha murcha, com a vergonha de se ter deixado surpreender como uma criança. Pelo contrário, aceitá-las era voltar com as honras da guerra, porque o sucesso justifica tudo. Mesmo desprezando a sorte de chegar a alcançar um real do prémio prometido, esta aventura ser-lhe-ia favorável, dando-lhe aos olhos dos chefes grande importância, porque poderia nesse caso atribuir à sua diligência todo o mérito da captura.

Portanto, disse em tom decidido: — Aceito.

— Muito bem — aprovou Thompson -, nós vamos nesse caso regular este negócio imediatamente.

O compromisso, cujas bases acabavam de ser discutidas, foi redigido e assinado pelas duas partes. Thompson entregou imediatamente ao oficial as pedras preciosas encontradas, em troca do recibo.

Só então pôde respirar à vontade e felicitar-se de ter levado esta importante questão a bom fim.

Enquanto Thompson concluía essas negociações, amontoava-se no coração de Sir Hamilton cólera temerosa.

O baronete, voltando a si da estupefacção em que o tinha mergulhado a impertinência de Thompson, ardendo em furor, tinha-se lançado em perseguição do insolente. Não lhe foi possível encontrá-lo. Voltou-se então para o capitão Pip, que, tendo descido da ponte, passeava inocentemente, fumando o seu charuto matinal.

— Capitão — perguntou, com cólera reprimida -, poderei saber a quem devo apresentar aqui as minhas reclamações?

O capitão abriu os braços em sinal de ignorância.

— Talvez a Artimon — disse com ar sonhador.

— Capitão! — exclamou o baronete, rubro de cólera.

— Sim. — replicou o capitão, tranquilamente.

— Capitão, entendo que já se riram demasiado de mim. Visto que é o senhor o responsável pela derrota do navio, digne-se dizer-me porque é que ainda avisto à popa os rochedos Formigas? Porque é que às dez horas da manhã ainda estamos de través com a ilha de Santa Maria? Porque é que, depois de oito horas de navegação, ainda estamos à vista de São Miguel?

— São Miguel? — repetiu o capitão com incredulidade.

— Sim, senhor, São Miguel — afirmou severamente o baronete, mostrando um ponto negro que recortava o horizonte entre as Formigas e Santa Maria.

O capitão pegou num óculo.

— Se ali é São Miguel, é porque São Miguel se transformou agora numa ilha a vapor! — disse ele, com ar irónico. — Porque a tal ilha deita fumo.

E o capitão subiu à ponte, enquanto o baronete, furioso, formava no íntimo terríveis planos de vingança.

Ainda que as observações de Hamilton tivessem sido recebidas sem atenção, não eram contudo menos justas. Mas o capitão não tinha esperado por ele para as fazer. Desde o romper do dia que a barquilha lhe mostrara que, subitamente, a velocidade do Seamew descera de doze milhas para cerca de oito.

Tendo chamado Mr. Bishop, este não fora animador. Desde a partida que tinha aumentado em vão a carga do combustível. Era-lhe impossível aumentar a pressão. Parece que a culpa era da qualidade do carvão metido na Horta. Até aí tinham-se gasto as reservas da Inglaterra, mas desde a partida de São Miguel fora preciso recorrer ao carvão embarcado recentemente e já se sentiam os aborrecidos efeitos disso.

Mr. Bishop nada mais disse, nem o capitão lhe perguntou mais.

Os homens sensatos não se insurgem contra o impossível. Como não se poderiam ultrapassar os oito nós, far-se-iam oito nós e chegar-se-ia à Madeira com novo atraso de vinte e quatro horas. O capitão não tinha de que inquietar-se, visto que o mar mostrava tendências para abrandar e o barómetro conservava-se numa altura razoável. Portanto não se inquietou. Não conservou deste infortúnio senão um pouco de mau humor, que em parte havia de recair sobre Hamilton.

Por mais reduzida que fosse, bastou esta tempestade para desembaraçar o valente capitão do seu excesso de electricidade. Um carácter assim formado não podia deixar de retomar depressa o equilíbrio. Foi pois nas melhores disposições de espírito que se sentou em frente de Thompson, à mesa do almoço, bastante desguarnecida pela agitação do mar. Contudo, esse bom humor sombreou-se um pouco quando, voltando, avistou o mesmo ponto que sir Hamilton lhe tinha assinalado, obstinadamente colado à esteira do Seamew. Esta obstinação deu-lhe que fazer.

Não poderia esse vapor ter sido mandado em sua perseguição pelo governador de São Miguel? É certo que também podia ser um paquete fazendo a travessia normal entre os Açores e a Madeira. A solução deste problema ser-lhe-ia dada mais tarde.

O spardeck ignorava os cuidados da ponte e, apesar disso, não tinha a sua costumada animação. O número dos passeantes habituais tinha diminuído, não só por causa da vaga grossa, mas também porque parecia que o descontentamento da véspera continuava a pesar sobre os passageiros válidos. Andavam de um lado para o outro isoladamente. A maior parte

conservava-se de pé, agarrada às balaustradas para manter o equilíbrio, completamente refractários aos convites das cadeiras agrupadas amigavelmente.

Hamilton, com o coração ulcerado, expunha ao vento a fronte que havia corado pela violência do ultraje. Por nada deste mundo teria dirigido uma palavra a um ser vivente e o seu ressentimento estendia-se a toda a natureza. Ferido na sua dignidade, comprazia-se em recordar as cenas da manhã, enquanto sua filha, sob a vigilância de lady Hamilton, conversava com Tigg, libertado pelo mal-estar das Misses Blockhead.

Hamilton observava esta amável conversação e sofria com este isolamento. Se ainda D. Higinio estivesse ali. Mas esse amigo jazia no beliche, prostrado pelo enjoo, e Hamilton julgava-se amargamente abandonado por todo o universo.

Teria a tristeza de sir Hamilton alastrado pelos seus companheiros? Jurar-se-ia que sim pelos rostos melancólicos dos restantes passageiros.

Como Dolly estava ocupada em qualquer trabalho no seu camarote, Alice Lindsay, momentaneamente só, tinha ido sentar-se à ré, num lugar a que era particularmente afeiçoada. Encostada à balaustrada da grinalda da popa, deixava vaguear pelo oceano um olhar vago e cheio de tristeza sem causa, tristeza que lhe oprimia o coração.

A dez passos de distância, Jack, imóvel, parecia seguir no íntimo um trabalho difícil e complicado.

Quando julgou ter reflectido o tempo suficiente, dirigiu-se lentamente para a cunhada e sentou-se ao lado dela.

Esta, perdida no sonho, nem chegou a aperceber-se da presença dessa personagem sombria e taciturna.

— Alice! — murmurou Jack.

Miss Lindsay estremeceu e fitou no cunhado o olhar, ainda velado pela névoa desses mistérios que contemplava.

— Alice — repetiu Jack -, desejava conversar muito seriamente com a senhora. Parece-me favorável esta ocasião, porque o spardeck está quase deserto. Concede-me o que peço?

— Estou-o escutando, Jack — respondeu Alice, admirada deste solene preâmbulo.

Jack, depois de um momento de silêncio, continuou: — Sabe que estou quase a completar trinta e um anos. É certo que não é uma idade muito avançada, mas, se quiser modificar a minha existência, não tenho tempo a perder. A vida, que até agora tenho vivido, horroriza-me. Desejo uma outra que seja útil e fecunda. Resumindo! Pensei no casamento...

— É muito bem pensado, Jack — aprovou Alice, apenas admirada da ocasião escolhida para essa confidência. — Falta-lhe só achar uma mulher e isso não há-de ser difícil.

— É certo, Alice — interrompeu Jack Lindsay. — Pelo menos existe... uma mulher, que escolhi no silêncio do meu coração. Conheço-a há muito tempo, estimo-a e amo-a. Mas, amar-me-á ela? Chegará alguma vez a amar-me?

As mulheres são servidas por maravilhoso instinto, que as adverte do perigo. Às primeiras palavras de Jack, Alice sentiu o que a ameaçava. Voltando a cabeça, respondeu com voz breve e fria: — Será preciso perguntar-lhe, meu caro.

Jack percebeu a mudança que tinha tornado dura a voz da cunhada. Passou-lhe pelos olhos um relâmpago de cólera.

Todavia, conseguiu dominar-se, graças a violento esforço, e respondeu: — É o que faço nesta ocasião e espero a sentença com angústia. Alice — continuou Jack, depois de ter

esperado em vão uma resposta -, não gostava de conservar o mesmo nome, escolhendo um novo marido?

Amarrotando o lenço entre os dedos crispados e com os olhos cheios de lágrimas nervosas, Alice voltou-se vivamente para o cunhado, dizendo num tom de amarga zombaria: — Ora aqui está uma paixão súbita e um pedido bastante imprevisto!

— Paixão súbita! — exclamou Jack. — Como pode dizer isso, Alice? Será verdade nunca ter notado a ardência do meu amor?

— Não torne a pronunciar essa palavra! — interrompeu Alice com violência. — Não, nunca percebi nada do que me está a dizer. Pois seria tão insensata que, notando alguma coisa, lhe consentisse que me acompanhasse nesta viagem?

— Alice, a senhora é muito áspera para mim — afirmou Jack. — E que fiz eu para merecer semelhante cólera? Se o pedido é grande surpresa para si, imponha-me uma espera de algum tempo, ponha à prova o meu amor, mas não me arranque toda a esperança.

Mrs. Lindsay fitou o cunhado bem de frente, dizendo com firmeza: — Toda a esperança é inútil.

Jack deixou descair a fronte nas mãos, com todas as aparências de profunda dor. Alice ficou comovida.

— Vejamos, Jack — disse, com maior doçura -, há aí algum mal-entendido. Talvez que o senhor se engane involuntariamente. É possível que as nossas respectivas situações sejam em parte a causa desse erro.

— Que quer dizer? — perguntou Jack, levantando a cabeça.

— Fui tão pouco tempo mulher de seu irmão — prosseguiu Alice, escolhendo as palavras com precaução -, que é possível que tenha ficado desagradavelmente impressionado vendo-me herdar toda a fortuna. Julgou-se talvez lesado... despojado...

Jack Lindsay fez um gesto de protesto.

— Estou caminhando sobre terreno difícil de trilhar, — continuou Alice -, Faço todos os esforços para evitar pronunciar uma única palavra que o possa melindrar. Há-de dignar-se perdoar se não conseguir o meu intento. É também possível que esteja um pouco falto de dinheiro. Talvez mesmo arruinado. É natural que tenha então pensado num casamento que lhe poria em bom caminho os negócios e ao mesmo tempo repararia o que é a seus olhos uma injustiça. Todo entregue a esse projecto, tomou então por amor o que não passa de simples afeição familiar.

— Conclua — disse Jack, com voz seca.

— Pois bem! Se esta é a verdade, tudo se pode arranjar. Já que tenho a ventura de ser rica, mesmo muito rica, não é verdade que o posso ajudar fraternalmente? Não posso... extinguir o seu passivo... se é certo que existe... ajudá-lo depois na vida e... finalmente... dotá-lo de modo a permitir-lhe encontrar uma mulher mais agradável que a sua cunhada?

— Apenas um osso para roer — resmungou Jack, com os olhos baixos.

— Que diz? — exclamou Alice. — É preciso, pois, que tenha sido infeliz na escolha dos termos para obter semelhante resposta? Não pode avaliar o desgosto...

Mrs. Lindsay não pôde acabar. Jack levantara-se, repelindo bruscamente a cadeira.

— Basta de afectações — explodiu bruscamente, com o olhar mau e a voz áspera -, É inútil envolver a resposta em tantos floreados. A senhora repele-me! Não falemos mais nisso. Pertence-me agora examinar o que hei-de fazer.

Deixando a cunhada, que, muito abalada por esta cena e pelo violento epílogo que a terminou, se refugiara na calma solidão do seu quarto, Jack afastou-se, fremente de cólera. Contudo, pouco a pouco, essa cólera desvaneceu-se e pôde então examinar friamente a sua situação.

Ser-lhe-ia preciso renunciar a essa apetecida fortuna?

Nunca, decidiu energicamente. Restava achar meio de se apropriar dela, já que Alice recusava casar com ele.

Ao jantar, Alice não apareceu. Debalde a irmã bateu à porta. Obstinava-se na solidão.

Só no dia seguinte é que retomou a vida habitual. Mas tudo parecia esquecido entre cunhado e cunhada. Cada um deles tinha sem dúvida escondido no fundo da alma o segredo da sua resolução.

No decurso desse dia 27 de maio o mar abonançou sensivelmente e o número de passageiros válidos aumentou simultaneamente. Quando chegou a noite apenas os irmãos Veigas e a família Blockhead não embelezaram o spardeck com a sua presença.

Enquanto a vida retomava assim o seu curso pacífico a bordo do Seamew, o capitão, pelo contrário, parecia entregar-se a ideias tristes. Passeava constantemente havia dois dias sobre a ponte, distraído, preocupado, martirizando o nariz de modo ameaçador. E os olhos terrivelmente estrábicos estavam sempre voltados para esse ponto que sir Hamilton, algumas horas depois da partida, tomara pela ilha de São Miguel.

Na manhã de 28 de Maio fez o que costumava e, chegando à ponte, assestou o óculo para o ponto que se tornara uma obsessão para ele.

— Com mil diabos! — rugiu, dirigindo-se a Artimon, depois de abaixar o instrumento -, estamos metidos numa boa arriosa.

Havia muito que tinham desaparecido todas as hesitações. O Seamew não se dirigia com efeito directamente para a Madeira. Conforme indicava o programa, devia para antes contornar a ilha de Porto Santo, e o caminho de Ponta Delgada a Porto Santo não deixa de fazer um ângulo apreciável com a linha recta que une a Madeira à capital de São Miguel. Por seu lado, o navio desconhecido seguira esse mesmo rumo, que, na realidade, não ia dar a parte nenhuma, mantendo-se à distância invariável de cerca de quatro milhas. Não havia dúvida de que insistia na caça.

Esta persistência no intervalo que separava os dois navios tinha em parte tranquilizado o capitão. Pelo menos não lhe ganhava em velocidade. E que admirava isso? Não tinha também o navio português tomado carvão nos Açores? Mas o capitão Pip foi forçado a confessar que a travessia não seria eterna. O navio acabaria por chegar à Madeira e a Madeira era ainda Portugal.

O capitão, havia quarenta e oito horas, observava esta questão por todas as faces, sem chegar a uma solução satisfatória. Se fosse o senhor nesse navio, antes de se resignar aos novos carcereiros ter-se-ia lançado em linha recta na sua frente até que lhe faltasse o carvão e todas as partes combustíveis do navio estivessem feitas em cinza.

Ter-se-ia então visto qual tinha os paióis mais vastos! Infelizmente, era só meio senhor e com a condição de conduzir o Seamew a esse maldito porto do Funchal, capital da Madeira. Assim andava continuamente furioso.

Foi-lhe preciso tomar um partido quando no dia 28 de Maio, pelas dez horas da manhã, a ilha de Porto Santo começou a recortar o horizonte. O pobre capitão teve de se resignar a ir

contar o caso a Thompson e é inútil dizer se ia ou não de cabeça baixa. Com grande prazer seu, a comunicação não foi tão mal recebida como esperava.

— Crê — disse apenas Thompson -, que esse navio é português?

— Assim me parece.

— E que vem em nossa perseguição?

— Infelizmente, parece-me quase certo.

— Nesse caso, não vejo senão uma coisa a fazer.

— E é?

— Muito simplesmente parar!

— Parar!

— É verdade, capitão: parar...

O capitão ficou interdito, com os braços penderes e os olhos arregalados.

Enfim pronunciou com esforço e sem desta vez recorrer às pragas habituais: — Amém!

Executou heroicamente a ordem recebida. A hélice parou, o Seamew ficou imóvel à superfície do mar, e a distância que o separava do perseguidor diminuiu gradualmente. Efectivamente era um navio de guerra, o que se reconhecia pela grande flâmula que se desenrolava no mastro grande. Daí a vinte minutos havia apenas a distância de uma milha entre os dois navios.

Thompson mandou lançar à água uma embarcação, onde tomaram lugar os agentes de polícia. Pip não percebia nada. Agora entregavam os reféns!

Contudo o tenente e seis dos seus homens não tinham ainda embarcado. O espanto do capitão chegou ao auge quando os viu aparecer e quando, sobretudo, viu que singulares fardos conduziam.

Esses fardos humanos não eram outros senão o nobre D. Higinio Rodrigues da Veiga e os seus dois irmãos. Ainda prostrados pelos golpes de Neptuno, espécie de cadáveres, vivos, não tentavam a mínima resistência. O capitão viu-os passar por de cima da pavesada, insensíveis e inconscientes.

— Esta é boa!... — resmungou o valente capitão, incapaz de achar explicação para o caso.

Sir Hamilton ainda ficou mais surpreendido. Apesar de indignado com esse tratamento infligido a gentlemen, pôs uma prudente surdina nos seus intermináveis protestos. Pelo menos provisoriamente contentou-se em pedir alguns esclarecimentos a um marinheiro, junto de quem o acaso o tinha colocado. Hamilton não foi feliz. Esse marinheiro nada sabia e, na sua indiferença soberba, nada queria saber.

Era um velho, bronzeado, de pele curtida, com a alma demasiado engrandecida por longa contemplação da imensidade dos mares, para se interessar por essas baixeiras humanas. À pergunta do baronete, encolheu os ombros em sinal de ignorância. Contudo, dignou-se tirar o cachimbo da boca, explicando: — Segundo se diz, são uns extravagantes que se divertiram a comer pedras, o que, parece, é proibido em Portugal.

Hamilton teve de se contentar com esta resposta. Satisfeito com a explicação que dera, o velho marinheiro puxava de novo uma fumaça, e, com o olhar perdido na sucessão das ondas rápidas, pensava já noutra coisa.

Hamilton só devia conhecer a verdade mais tarde, como sucederia aos outros passageiros. Foi uma prova cruel para o vaidoso baronete.

— Lembre-se do nosso tratado — dissera Thompson ao tenente quando este se despedira.

— Fique descansado — respondera o tenente.

A embarcação largou. Depois de ter transportado o seu carregamento humano, voltou para o Seamew, cuja hélice se pôs imediatamente em movimento.

O capitão Pip continuava a não perceber nada. Thompson estava um pouco inquieto. Apesar dos protestos do tenente, não continuaria o aviso a caça, agora ao alcance do canhão? É de crer que o oficial tivesse cumprido lealmente as suas promessas e que as suas explicações fossem julgadas satisfatórias. Com efeito, o navio descrevia um grande semicírculo sobre estibordo e desaparecia no horizonte do norte, ao mesmo tempo que no do sul se elevava a costa de Porto Santo.

Ao meio-dia o Seamew costeou esta ilha montanhosa, sobretudo na sua parte setentrional, depois pôs o rumo a sudoeste e dirigiu-se em linha recta para a Madeira, ainda a uma distância de trinta milhas, que começava a elevar acima das águas a sua massa colossal.

Duas horas mais tarde avistava-se o cabo São Lourenço, enquanto, por seu turno, se erguiam do mar as Desertas, cujos três ilhéus completam o arquipélago com os recifes Selvagens. Neste momento desenrolava-se aos olhos dos passageiros a costa setentrional da ilha em toda a sua grandeza abrupta.

Ao criar a Madeira o Senhor não quis criar nada de novo. Sempre altos rochedos verticais, promontórios agudos e selvagens e montes convulsionados, separados por vales sombrios e profundos. o modelo dos Açores, mas um modelo completo, aumentado, decuplicado.

Por sobre as margens rochosas estende-se, debaixo do céu, um outro mar. Um mar de verdura, tendo por vagas um número imenso de árvores gigantescas.

Os montes, atapetados por esta imensa floresta como por uma relva de enorme altura, dispõem-se em degraus, dominados todos ao centro pelos mil oitocentos e cinquenta metros do pico Ruivo.

Pouco a pouco a margem norte foi contornada e, finalmente, o Seamew dobrou pelas três horas o cabo São Lourenço, ponta oriental da ilha. O navio aproximou-se a menos de duas milhas e pôde facilmente avistar-se o mastro dos sinais e o farol erguidos na extremidade do cabo.

O capitão fez aproximar mais o navio de terra e então desenrolou-se a costa meridional ante os olhos dos passageiros entusiasmados.

Primeiro apareceram as rochas baixas, que formam com a língua de terra que as liga ao resto da ilha o cabo São Lourenço. Depois a costa elevou-se para formar os monstruosos contrafortes que sustentam as montanhas do centro. Ocultam-se entre cada um deles vilas encantadoras, vistas a esta distância, e cujos nomes Roberto ia indicando: Machico, Santa Cruz, Caniçal.

Às quatro horas surgiu diante do navio um novo cabo, o cabo Garajau.

Algumas voltas da hélice bastaram para o dobrar, e alguns momentos depois o Seamew fundeava na baía do Funchal, no meio de uma frota numerosa, em cujos mastros flutuavam pavilhões de todas as nacionalidades.

CAPÍTULO XIII

A Solução de um Anagrama

A Madeira, distante novecentos quilómetros da ponta mais avançada da Europa, a setecentos de Marrocos, quatrocentos do arquipélago das Canárias, separada por quatrocentas e sessenta milhas de Santa Maria, nos Açores, prolonga-se numa extensão de cerca de setenta quilómetros, quase na intersecção do trigésimo terceiro grau de latitude norte e do décimo nono de longitude oeste.

É impossível imaginar mais grandioso oásis no saará do mar.

Da cadeia montanhosa que, elevando o cume mais alto a mil e novecentos metros, corre perto da costa norte da ilha, da qual forma como que a gigantesca espinha dorsal, saem cadeias laterais como afluentes deste rio de alterosos cumes. Aquelas vão morrer no mar, que recortam com os seus abruptos promontórios, um a norte, outro a sul, separados por profundos vales, cheios de extraordinária torrente de vegetação.

As costas desta rainha do Atlântico setentrional são íngremes e escarpadas, como se um gigantesco podão tivesse recortado o bloco no meio do solo. O esforço plutónico, num passado longínquo, lançou esta ilha, de um só jacto, fora das águas, que descem em torno dela a uma profundidade de quatro mil metros.

Apesar dos seus rochedos ferozes, recamados de tufos dos mais imprevisos coloridos; apesar dos violentos desnivelamentos por que ela é atormentada, a ilha tem um aspecto suave e agradável.

Suavizando os ângulos muito agudos, arredondando os cumes extremamente pontiagudos, um incomparável manto de verdura cai em cascatas até ao bordo extremo das falésias.

Em nenhum outro ponto do Globo a vegetação tem esta energia e esta amplidão. Na Madeira, os nossos arbustos tornam-se árvores, e as árvores atingem proporções colossais. Ali, mais ainda do que nos Açores, crescem lado a lado vegetais dos climas mais diversos. Prosperam lá flores e frutos das cinco partes do mundo, os caminhos são bordados de rosas e basta uma pessoa baixar-se para apanhar morangos no meio dos pés! E erva...

Que devia ser então esta ilha paradisíaca no momento da sua descoberta, quando as suas árvores, hoje relativamente novas, mas nesse tempo muitas vezes seculares, sobrelevavam as montanhas com as suas gigantescas ramagens! Nessa época a ilha era apenas uma vasta floresta, sem um palmo de terra para cultivar, e o seu primeiro governador teve de lançar fogo a esse arvoredo impenetrável. A crónica refere que o incêndio durou seis anos consecutivos, e pretende-se que a fecundidade do solo provém desse bárbaro vandalismo, talvez necessário.

Acima de tudo, a Madeira deve esta vegetação luxuriante ao seu venturoso clima. Debaixo deste aspecto, poucas regiões lhe podem ser comparadas.

A temperatura de verão, menos quente que nos Açores e a de inverno, menos fria, diferem apenas de seis graus centígrados. É o paraíso dos doentes, que vêm em grupos compactos no começo do inverno, sobretudo doentes ingleses, pedir saúde a este céu de um azul tão suave. Desta maneira fica anualmente uma soma de três milhões de francos nas mãos dos

Madeirenses, enquanto as covas abertas por aqueles que não tornarão a partir fazem da Madeira, segundo uma expressão enérgica, o maior cemitério de Londres.

A capital, Funchal, eleva-se em degraus na margem meridional da ilha, à borda do mar. Cerca de mil navios ancoram na sua enseada exterior, onde inúmeros barcos de pesca cruzam, de dia, os pontos brancos das velas, de noite o engodo enganador dos seus faróis.

Assim que o Seamew deixou cair a âncora, foi logo rodeado por uma multidão de embarcações, conduzidas por crianças seminuas, cujas vociferações se uniam num concerto discordante. Na sua linguagem anglo-portuguesa ofereciam flores e frutos ou pediam aos passageiros que deitassem dinheiro ao mar para irem, surpreendentes nadadores, buscá-lo ao fundo da água.

Quando a visita da saúde deu livre prática aos passageiros, os barcos reuniram em torno do navio, oferecendo os seus serviços para o desembarque.

Naquele dia eram inúteis essas ofertas. Eram mais de cinco horas, e já muito tarde para começar a visita ao Funchal.

Apenas dois viajantes julgaram dever deixar o navio. Reconhecer-se-ão nesses impacientes os dois noivos, que passeavam debaixo de todos os céus um amor sempre igual. Um atrás do outro, levando na mão um saquinho, dirigiram-se, mulher e marido, para um barco a que tinham feito sinal discreto.

Ambos passaram, rápidos e modestos, com modos hipocritamente embaraçados, mas tendo no fundo dos olhos baixos uma ardente alegria dissimulada, pelo meio dos viajantes, que os seguiram muito tempo com olhares de simpatia.

Os restantes passageiros ficaram a bordo.

O programa marcava uma escala de seis dias completos no Funchal, de modo que o tempo sobejava. A juntar a isso, não havia excursão alguma projectada.

«26, 27, 28, 29, 30 e 31 de Maio, estação no Funchal», eis o que dizia o programa laconicamente. Teria sido esquecimento de Thompson? Ou suporia ele não haver na Madeira coisa digna de perturbar a vida plácida levada a bordo? A este respeito não havia nada escrito.

Hamilton encarregou-se de obter um suplemento de informações.

Desde a sua última escaramuça, Thompson e ele não se tinham tornado a falar. O Administrador lançara fora todo o constrangimento perante os seus dois rabugentos passageiros, Hamilton e Saunders. Sempre buliçoso, afadigado, cheio de amabilidade, quando se tratava dos seus companheiros, tornava-se frio e polido para aqueles dois. O baronete, violentando-se, dirigiu-se a Thompson e perguntou com modo altivo: — Como se entende que o senhor não anuncie nenhuma excursão durante os seis dias de ancoradouro no Funchal?

— Veja o programa — respondeu secamente Thompson.

— Muito bem —olveu Hamilton, mordendo os lábios. — Faz favor de me dizer onde é que conta alojar-nos?

— Veja o programa — repetiu Thompson, imperturbável.

— Mas o seu programa é mudo acerca desse ponto. Não tem nenhuma indicação, nem nome de hotel.

— E este navio? — objectou Thompson.

— Como! — exclamou Hamilton, indignado. — Acaso tem a pretensão de nos deixar fechados a bordo do Seamew? É a isso que o senhor chama visitar a Madeira?

— Veja o programa! — repetiu pela terceira vez Thompson, voltando as costas ao seu irascível administrado.

Mas, caindo de Caríbdis em Cila, o infeliz administrador deu de cara com novo inimigo.

— Na verdade — pronunciou a voz estridente de Saunders -, é preciso ver o programa! Mas o seu programa é uma burla e tomo como testemunhas disso a todos estes senhores!

E Saunders indicou os passageiros, que iam formando círculo em torno dos beligerantes.

— Como — continuava entretanto Saunders -, então não há nada de curioso, na ilha, que nos mostrem? Depois de nos ter arrastado como um rebanho por essas terras sem habitantes e sem caminhos, o senhor atreve-se a reternos a bordo do seu... do seu...

Saunders hesitava.

— do seu xaveco, do seu infernal xaveco, agora que chegamos a uma ilha quase civilizada!

Thompson, com os olhos fitos no céu, agitava, com a mão na algibeira, um molho de chaves, esperando fleumaticamente o fim do temporal. Esta atitude acabou de irritar Saunders.

— Pois bem! — exclamou -, Isto não há-de ficar assim!

— Muito bem! — apoiou o baronete, com energia.

— Veremos se há juízes em Londres!

— Muito bem! — apoiou de novo o baronete com mais energia ainda.

— E, para começar, vou já para terra! Vou para um hotel, mas um hotel de primeira ordem, e há-de ser à sua custa!

Saunders enfiou após estas palavras pela escada dos camarotes. Daí a pouco viram-no tornar a aparecer, de mala na mão, chamar um barco e deixar o navio com dignidade majestosa mas bulhenta.

A maior parte dos seus companheiros, apesar de não se entregarem a protestos tão veementes, não deixavam de os aprovar.

Não havia um só que não censurasse a leviandade da Agência Thompson, e muitos certamente não se limitariam a percorrer a capital da ilha da Madeira. Pelo menos, Alice e Dolly haviam de fazer uma excursão pela ilha, e nessa excursão já resolvida seriam acompanhadas por Rogério. Foi este que se encarregou de obter de Roberto as indicações previamente indispensáveis. Decidiu-se a esclarecer na mesma ocasião uma dúvida que o atormentava havia muito tempo, e que dizia respeito ao intérprete.

— Faz o favor de me dar uma indicação, meu caro senhor? — disse ele a Roberto, abordando-o com sorriso malicioso depois da refeição da noite.

— Às suas ordens — respondeu Roberto.

-Eu e a família Lindsay desejamos fazer uma excursão no interior da ilha. Pode-nos indicar o melhor itinerário a seguir?

— Eu! — exclamou Roberto, a quem Rogério, à luz dos faróis, viu corar -, Mas sou incapaz de o fazer, porque nada sei acerca desta ilha!

Pela segunda vez Roberto compreendeu que tinha completamente esquecido os seus deveres. Isso desolava-o e humilhava-o. Que vontade tão fraca era então a dele. Que pensamentos o distraíam assim do que deveria ter sido essencial conhecer?

Ouvindo esta confissão de incapacidade, Rogério pareceu deveras descontente.

— Como! — disse -, Então o senhor não é o cicerone-intérprete do navio?

— Sou — admitiu Roberto num tom frio.

— Então como é que mostra semelhante ignorância sobre a Madeira?

Roberto, preferindo o silêncio a uma resposta humilhante, apenas respondeu com um gesto evasivo.

Rogério tomou modos chalaceadores e insinuou: — Não é verdade que se esqueceu de consultar os seus fiéis alfarrábios? Há muito tempo que a sua vigia não se ilumina à noite.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Roberto, tornando-se escarlate.

— O que lhe estou a dizer!

Roberto, um pouco desorientado, não respondeu. Havia sob a ironia das palavras do seu interlocutor alguma coisa de amistoso. Conservava-se portanto na incerteza, que em breve desapareceu. Rogério, com grande surpresa dele, segurando-o por um braço com imprevista familiaridade, disse-lhe à queima-roupa: — Vamos, meu caro, confesse que é tanto intérprete como eu sou papa!

— Confesso que não compreendo. — defendeu-se Roberto.

— Compreendo eu — retorquiu Rogério -, e isso basta-me. Evidentemente, o senhor é agora intérprete, quase como eu sou marinheiro. Mas quanto a ser profissional!. Olhe lá, eu tenho cara de padre? Ainda mesmo que seja intérprete, olhe que não é de mão cheia!

— Mas — protestou Roberto, esboçando leve sorriso.

— Creia no que digo — afirmou Rogério, com energia. — O senhor desempenha mal o seu papel. Devia dirigir, e são os outros que o dirigem. Nunca diz mais do que poucas palavras secas aprendidas em qualquer guia. Se isto é ser cicerone!...

— Mas enfim... — balbuciou Roberto.

Rogério cortou-lhe de novo a palavra. Com um bom sorriso nos lábios e a mão estendida, colocou-se diante dele e disse: — Não se esteja obstinando nesse incógnito desvendado. O senhor é tão professor como a minha bengala, é tão cicerone como o meu charuto. Confesse que anda disfarçado.

— Disfarçado? — repetiu Roberto.

— Absolutamente. O senhor entrou na pele de um cicerone-intérprete como quem veste um fato emprestado.

Roberto estremeceu.

Não podia duvidar de que a sua resolução fora boa.

Mas, por uma obstinação do orgulho, iria recusar, no seu isolamento, a amizade que se lhe oferecia com tanta confiança?

— É verdade — confessou enfim.

— Assim é que é? — aprovou tranquilamente Rogério, apertando-lhe a mão e arrastando-o a um passeio amigável. — Há muito tempo que o tinha adivinhado. Um homem bem-educado é capaz de reconhecer outro debaixo da camada de carvão de um chegador. Mas, agora que começou, espero que continue as suas confidências. Como é que foi levado a aceitar esta situação?

Roberto suspirou.

— Seria? — insinuou o seu companheiro.

— Seria o quê?

— O amor!

— Não — disse Roberto. — A pobreza.

Rogério deteve-se e tomou na mão a do compatriota. Este gesto cordial chegou ao coração de Roberto e comoveu-o bastante para que ele desabafasse sem dificuldade logo que o outro continuou: — A pobreza!... Vejamos, meu caro, conte-me isso. Diz-se que é um alívio contar as próprias desgraças e nunca encontraria um ouvinte mais propenso à simpatia. Os seus pais?

— Morreram.

— Ambos?

— Ambos. Minha mãe, quando eu tinha quinze anos, meu pai há seis meses. Até essa época, vivi a vida dos rapazes ricos, mesmo muito ricos, e só depois da morte de meu pai é que...

— Sim, compreendo — disse Rogério, num tom de profunda simpatia — Seu pai era um desses mundanos, desses pândegos.

— Não o acuso! — interrompeu vivamente Roberto. Enquanto viveu mostrou-se sempre bom para mim. O coração e a bolsa estavam sempre abertos. Demais, tinha a liberdade de organizar a vida a seu modo. O que é certo é que me vi em poucos dias sem cinco réis. Duas semanas depois da morte de meu pai nada restava, visto que tudo quanto possuía passara para as mãos dos credores da herança. Foi-me então preciso pensar em ganhar o pão. Infelizmente, perdi um momento a cabeça por estar pouco acostumado às dificuldades de uma tal vida. Em lugar de fazer frente à tempestade, de ficar em Paris e servir-me das minhas relações, senti uma estúpida vergonha da minha nova condição. Resolvido a desaparecer, mudei de nome e embarquei para Londres, onde esgotei os meus últimos recursos. Felizmente alcancei um lugar de professor e começava a refazer-me do abalo, a formar planos, como, por exemplo, o de ir procurar fortuna em qualquer colónia francesa, quando me vi de novo na rua. Tive de agarrar-me à primeira ocasião. Esta ocasião chamou-se Thompson. Aqui está a minha história em poucas palavras.

— Não é muito divertida — declarou Rogério. — Mas não disse que tinha mudado de nome?

— É verdade.

— E qual é o verdadeiro? Parece-me que, no ponto em que estamos, não deve haver indiscrição!

Roberto sorriu com amargura.

— Já disse tanto! Peço-lhe somente que guarde segredo, para não andar na boca de toda a gente de bordo. E, além disso, foi, como já lho confessei, por orgulho, que acho agora tolo, que me permiti esse ridículo baptismo. Não quis entregar o meu nome às zombarias de todos. Diverti-me então a inventar um novo e nada achei de melhor que fazer puerilmente o anagrama do meu...

— Assim em Morgand?...

— Em Morgand há Gramond. Acrescente-lhe uma partícula, que me é de grande utilidade nesta ocasião, e um título de marquês, que incontestavelmente me presta grandes serviços, e conhecerá a minha personalidade completa.

Rogério soltara uma exclamação.

— Com um milhão de diabos! — exclamou. — Bem me parecia que o conhecia de qualquer parte. Se acaso tem memória, deve lembrar-se que nos vimos muitas vezes, quando éramos crianças. Até tive a honra de ser recebido em casa de sua mãe. Creio mesmo que somos ainda um pouco primos.

— Tudo isso é exacto — confirmou Roberto. — Lembrei-me também do mesmo logo que ouvi pronunciar o seu nome.

— E persistiu no incógnito? — estranhou Rogério.

— Para que servia rompê-lo? Foram as circunstâncias que me obrigaram a responder às suas perguntas.

Os dois compatriotas passearam um momento em silêncio.

— E o seu lugar de intérprete? — perguntou bruscamente Rogério.

— O meu lugar? — repetiu Roberto.

— Quer abandoná-lo? Estou incondicionalmente à sua disposição.

— Como havia de o reembolsar? Não, não, meu caro senhor. Sinto-me imensamente comovido com o seu oferecimento, mas não posso aceitá-lo. É precisamente para não dever nada a ninguém que estou reduzido a este estado de miséria e que deixei pátria e amigos. E daqui não arredo pé.

— Efectivamente tem razão — concordou Rogério, pensativo.

Ainda por muito tempo passearam os dois compatriotas de braço dado e, pouco a pouco, Rogério aventurou-se por sua vez no caminho das confidências.

Não foi em vão que os dois amigos confiaram um no outro. Ao separarem-se, os dois companheiros de viagem tinham visto cair as barreiras que os separavam. O Seamew de ora avante transportava pelo menos dois amigos.

Roberto recebeu a benéfica impressão desta mudança imprevista. Terminara essa solidão moral, na qual se debatia havia mais de seis meses. Intérprete para todos, ser-lhe-ia valioso auxílio a consciência de ter reconquistado a sua completa dignidade aos olhos de um só.

Foi entregue a estes pensamentos que acendeu a vela e se mergulhou no estudo da Madeira, e particularmente do Funchal.

As inocentes zombarias de Rogério tinham-lhe demonstrado a necessidade disso. Esforçou-se por ganhar o tempo perdido e começou a estudar o guia muito antes da noite. Também, quando chegou a hora da partida, estava inteirado da questão, pronto a satisfazer a todas as perguntas.

Para chegar à praia, distante quase meia milha, não se deviam empregar os escaleres de bordo. O mar, muito batido no Funchal, torna o desembarque deveras difícil.

É necessário o concurso das embarcações da ilha e de marinheiros muito práticos da costa.

Embarcando com Roberto, Thompson declarou-lhe: — A nossa estada na Madeira, onde toda a gente fala inglês, é para o senhor uma espécie de férias. Basta estar às onze horas no Hotel de Inglaterra e às oito da tarde a bordo, caso queira aproveitar da mesa comum.

Em poucos instantes as embarcações, com a de Thompson à frente, chegaram à praia. Infelizmente, os pontos de desembarque estavam atravancados. Como o disse um dos marinheiros, era dia de mercado e a passagem estava obstruída por barcas de toda a espécie, donde se elevava um concerto ensurdecador. Animais, empilhados nestas arcas, grunham, mugiam, baliavam. Confessavam abundantemente o seu aborrecimento cada um na linguagem própria.

Uns após outros, todos os animais foram desembarcados. O desembarque era pouco complicado: consistia em atirá-los à água, com grande reforço de risos e de gritos. Os passageiros do Seamew tiveram de abordar à terra confundidos entre o ruidoso rebanho, sob

os olhos de um público numeroso e variado. Os que na praia recebiam os animais destinados ao mercado eram indiferentes; os atentos formavam a multidão elegante, composta na sua maioria de ingleses que, no segundo plano, passeavam no molhe, buscando algum rosto conhecido entre os recém-vindos.

De resto, ainda que não tivessem esperança de descobrir um amigo entre os visitantes da ilha, não podiam esses passeantes deixar de interessar-se pelas manobras do desembarque. Há sempre um momento de incerteza; que não deixa de ter certo encanto para todos. excepto para os actores.

Chegando a vinte metros da praia os marinheiros param e esperam a onda que os deve conduzir a terra, no meio de um cachão de espuma, mais assustador que perigoso. Os marinheiros da Madeira escolhem o momento psicológico com notável habilidade, e é raro um desembarque falhado.

Ora nesse dia devia dar-se um. Parada um pouco longe da margem, uma das embarcações não foi levada completamente pela vaga, que, retirando-se, a deixou em seco. Os três passageiros que a ocupavam apressaram-se a saltar em terra, mas, apanhados imediatamente por outra onda, foram atirados ao chão, enrolados e molhados, enquanto o barco se voltava de quilha para o ar. O banho era completo. Esses passageiros nada tinham a invejar aos vitelos... e carneiros, que continuavam a soltar gritos lamentosos.

E esses três passageiros quem eram? Nem mais nem menos que Mr. Edward Tigg, Mr. Absyrthus Blockhead e o baronete sir George Hamilton. Na desordem da partida tinham-se achado reunidos, para fazerem juntos conhecimento com a Madeira desta maneira original.

Os três involuntários banhistas tomaram o banho por maneiras diversas.

Tigg fleumaticamente. Assim que a onda o deixou em seco, sacudiu-se filosoficamente e afastou-se tranquilamente para fora de uma nova arremetida do pérfido elemento.

Teria ouvido o grito que miss Mary e miss Bess Blockhead soltaram? Se acaso o ouviu, julgou modestamente que é natural gritar quando se vê um pai servir de joguete como um simples seixo.

Quanto a esse pai, exultava. Em roda dele toda a gente ria, mas o merceiro ria ainda mais. Ter estado prestes a ficar afogado era caso para o mergulhar num prazer infinito. Foi preciso que os desajeitados marinheiros, culpados do desastre, o arrastassem, sem o que teria esperado segundo banho no mesmo lugar em que recebera o primeiro. Que natureza tão feliz a do merceiro aposentado!

Se Tigg fora calmo e Blockhead alegre, Hamilton atingiu o cúmulo do arrebatamento. Assim que se levantou, dirigiu-se, são e salvo, para Thompson, no meio do riso geral que esses banhos intempestivos tinham despertado nos dois planos da praia. Sem uma palavra, mostrou o fato encharcado àquele a quem julgava o autor responsável dos seus males.

Thompson compreendeu qual era o seu dever nessa ocasião e pôs-se à disposição do seu infortunado passageiro. Foi-lhe oferecido um barco para o conduzir a bordo, onde podia mudar de fato. Mas Hamilton recusou redondamente.

— Eu embarcar nesses infames barcos?

O furor de Hamilton aumentava com a presença de Saunders. Este assistia com olhar zombeteiro a esse desembarque movimentado. "Ora para que me havia de abandonar ontem! Eu estou seco", parecia dizer ironicamente ao baronete.

— Nesse caso, senhor — replicou Thompson -, só se um dos seus companheiros...

— Muito bem! Muito bem! — interrompeu Blockhead. — Trarei a sir George Hamilton o que quiser. Nem mesmo ficarei zangado se...

Com que é que o valente merceeiro honorário se não teria zangado? Com um novo banho, provavelmente!

Não teve essa alegria. A segunda viagem efectuou-se sem incidente e a roupa do baronete chegou seca ao seu destino.

A maior parte dos passageiros já se tinha dispersado. Rogério aproximara-se de Roberto, perguntando-lhe: — Está livre?

— Completamente — respondeu Roberto -, Mr. Thompson acaba de me dar essa boa nova.

— Nesse caso é capaz de me dirigir um pouco?

— Com o maior prazer — declarara o novo amigo do oficial.

Mas, depois de dar três passos, este tinha parado e dissera com ar irónico: — Veja lá! Pelo menos não me vá fazer perder!

— Esteja descansado — respondera alegremente Roberto, que acabara de repassar a planta do Funchal.

E de facto não se enganou senão cinco vezes na primeira meia hora, com grande gáudio de Rogério.

Tendo desembarcado mesmo em frente da torre dos sinais, os dois viajantes internaram-se logo nas ruas estreitas e tortuosas do Funchal. Mas não tinham ainda dado cem passos quando diminuíram o andamento. Pouco depois pararam, olhando com uma careta dolorosa para a desoladora calçada que lhes atormentava os pés.

Em nenhum outro ponto do globo há ruas mais desumanas. Feitas de fragmentos de arestas agudas, não há calçado que lhes resista. A respeito de passeio, nem era bom pensar nisso: é um luxo desconhecido na Madeira.

A mesa do Hotel de Inglaterra reuniu às onze horas todos os passageiros do Seamew, à excepção dos noivos, sempre invisíveis, e de Johnson, que decididamente recomeçava a brincadeira dos Açores.

Como era diferente esse almoço do do Faial! Os turistas apreciaram vivamente a mudança e pensaram que a Agência, pela primeira vez, cumpria as suas promessas. Os passageiros teriam podido julgar-se em Inglaterra se não fosse o doce de batatas feito pelas religiosas do convento de Santa Clara, e que foi servido à sobremesa. Esta gulodice exótica, mas bastante insípida, não obteve nenhum êxito entre os convivas.

Depois do almoço, Rogério apoderou-se de novo do seu compatriota e declarou-lhe que contava absolutamente com ele para o guiar através do Funchal em companhia da família Lindsay.

— Contudo — acrescentou, tomando-o de parte -, não podemos infligir a essas damas o tormento de um passeio de alguma duração sobre a belicosa calçada, cujo mau humor experimentámos esta manhã. Não haverá nenhuma carruagem cá na terra?

— De rodas não há nenhuma — respondeu Roberto.

— Diabo! — disse Rogério, perplexo.

— Mas há melhor: a rede...

— A rede?!

— A rede! Encantadora rede! Um passeio de rede deve ser delicioso.

— Mas onde encontraremos nós essas benditas redes, ó sábio cicerone?

— Na Praça do Chafariz — respondeu Roberto, sorrindo -, e vou, caso o deseje, conduzi-lo a essa praça.

— Até os nomes das ruas! — exclamou Rogério, maravilhado.

Pedindo a Alice e a Dolly que o esperassem, Rogério seguiu o seu companheiro. Mas na rua falhou a ciência deste e depressa ficou reduzido à humilhação de perguntar o caminho.

— Eu teria feito o mesmo — troçou o impiedoso Rogério. — Então o guia não tem planta?

Na Praça do Chafariz, bastante vasta e ornada com uma fonte central, formigava multidão imensa de camponeses, vindos para o mercado. Os dois franceses acharam sem custo a estação das redes e ajustaram dois destes agradáveis veículos.

Assim que Alice e Dolly se instalaram nelas, o grupo pôs-se em marcha. Primeiro aproximaram-se do palácio São Lourenço, costeando-lhe as fortificações irregulares, flanqueadas de torres redondas, pintadas de amarelo, atrás das quais se abriga o governador da Madeira.

Depois, voltando para Este, atravessou o jardim público, muito bonito e bem conservado, que se desenvolve ao lado do teatro do Funchal.

Só na catedral é que as damas deixaram as redes. Foi um trabalho que podiam ter dispensado, porque este edifício, do século XV, tem perdido todo o seu carácter debaixo das pinturas sucessivas com as quais a tem mimoseado a muito conservadora administração local.

Como Roberto afirmasse que as outras igrejas não mereciam ser vistas, os turistas resolveram não as visitar e somente se dirigiram ao convento dos Franciscanos, onde, no dizer de Roberto, havia uma curiosidade.

Para chegarem ao convento os viajantes tiveram de atravessar quase toda a cidade do Funchal. As ruas, bordadas de casas brancas, de persianas verdes e com varandas de ferro, sucediam-se igualmente sinuosas, sempre viúvas de passeios e calçadas com as mesmas pedras impiedosas. Nos rés-do-chão abriam-se estabelecimentos com aspecto convidativo, mas, a ajuizar pelas montras, tornava-se duvidoso que o comprador menos exigente pudesse sair satisfeito. Alguns desses estabelecimentos ofereciam aos amadores produtos especiais da Madeira: Eram bordados, rendas em fio de agave, esteiras e pequenos móveis marchetados. Nos mostradores dos joalheiros acastelavam-se braceletes, reduções da eclíptica, porque se viam gravadas neles os signos do Zodíaco.

De tempos a tempos era necessário apertarem-se uns contra os outros para deixar passar algum viajante que vinha em sentido oposto. Viam-se poucos peões. Os passeantes, geralmente de rede, apareciam algumas vezes a cavalo e seguidos, neste caso, pelo infatigável arrieiro, encarregado de dar caça aos mosquitos. É um tipo especial na Madeira este arrieiro. Nunca se deixa distanciar, seja qual for o andamento do cavalo. Quando o cavalo trota, o arrieiro trota, se o cavalo galopa, galopa também e nunca pede misericórdia, sejam quais forem a velocidade e a extensão da marcha.

Outras vezes, o passeante passa, todo ufano, debaixo do baldaquino impermeável de um carro, espécie de carruagem de patins, deslizando sobre as pedras polidas. O carro, puxado por bois, com guizalheiras, avança com prudente lentidão, conduzido por um homem e precedido por um rapaz, que faz as vezes de postilhão.

— Dois grandes bois a passo, lentamente. — começou Rogério, dando ao verso de Boileau nova forma.

— Passeiam no Funchal este English indolente — rematou Roberto, completando a mutilação.

Entretanto, a pouco e pouco, o carácter da cidade mudava. Os estabelecimentos rareavam, as ruas tornavam-se mais estreitas, mais tortuosas e mal calçadas. Ao mesmo tempo acentuava-se a subida. Chegavam aos bairros pobres, cujas casas, encostadas ao rochedo, deixavam ver pelas janelas abertas a miserável mobília.

Estas moradas, sombrias e húmidas, explicavam porque é que a população da ilha é dizimada por doenças que deviam ser desconhecidas neste clima ditoso: as escrófulas e a lepra, sem contar com a tísica, que os ingleses que se vão curar aclimataram ali.

Os condutores das redes não desanimavam com a aspereza do declive. Continuavam a marcha com passo igual, seguro e forte, trocando, ao perpassarem, os bons-dias.

Nestes cerros já não havia carros de bois. Eram substituídos pelos carros do monte, espécie de trenós, admiravelmente adaptados a estes declives da montanha. A intervalos, os turistas viam-nos passar deslizando a toda a velocidade e dirigidos por dois homens robustos, por meio de duas cordas fixas à parte anterior do veículo.

As senhoras apearam-se em frente do convento, quase no cimo da montanha. A «curiosidade» anunciada consistia num vasto compartimento, que servia de capela, tendo incrustados nas paredes três mil crânios humanos. Nem o cicerone nem os guias puderam explicar aos viajantes a origem desta extravagância.

A «curiosidade» foi suficientemente contemplada. Depois, desceram de novo o declive e os dois peões não tardaram a ficar para trás, incapazes de seguir as redes neste pavimento, ao qual não poupavam os epítetos mais descorteses.

— Que modo tão estranho de conservar as ruas! — exclamou Rogério, detendo-se completamente. — Vê algum inconveniente em respirar um pouco ou pelo menos em diminuir o passo?

— Ia propor-lhe isso — respondeu Roberto.

— Ora muito bem! E eu aproveitarei a nossa solidão para lhe fazer um pedido.

Rogério lembrou então ao seu companheiro que ele e as senhoras Lindsay tinham projectado para o dia seguinte uma excursão ao interior da ilha.

No decurso desta excursão havia de ser preciso um intérprete e Rogério contava com o seu novo amigo.

— O que deseja é muito difícil — objectou Roberto.

— Porquê?

— Porque eu pertença ao conjunto dos turistas e não apenas a alguns deles.

— Mas nós não faremos grupo à parte — retorquiu Rogério. — Quem quiser vem connosco. Quanto aos outros, não necessitam de intérprete no Funchal, onde toda a gente fala inglês e que se pode visitar em duas horas, metendo na conta a capela dos crânios. Além disso, como o caso diz respeito a Mr. Thompson, falarei esta noite com ele.

No sopé do monte os dois franceses juntaram-se às suas companheiras, detidas por numerosíssimo concurso de populares. O objectivo desta multidão, donde se elevavam risos e exclamações, era uma casa.

Em breve se formou um cortejo, que se pôs em marcha e desfilou diante dos turistas, ao som de uma alegre música e de cantos festivos.

Rogério soltou uma exclamação de assombro.

— Mas... Deus me perdoe! Isto é um enterro!

Com efeito, a seguir as primeiras filas do cortejo, via-se aos ombros de quatro homens uma espécie de liteira, onde o corpinho de uma menina dormia o sono eterno.

Do lugar onde estavam, os turistas distinguiam perfeitamente as menores particularidades. Viam a frente rodeada de flores brancas, os olhos fechados e as mãos postas do pequeno cadáver, a quem conduziam ao túmulo no meio de uma alegria geral.

Quanto a julgar uma cerimónia diversa, quanto a duvidar de que a criancinha estivesse morta, era impossível. Podia alguém enganar-se com essa fronte amarelada, com esse nariz afilado, com esses dois pezitos hirtos, saindo das pregas do vestido, com essa definitiva imobilidade do ser?

— Que enigma é este? — murmurou Rogério enquanto a multidão se escoava lentamente.

— Nada tem de misterioso — elucidou Roberto -, aqui, nesta região religiosa e católica, julga-se que as crianças, sendo puras de todo o pecado, vão directamente tomar lugar entre os anjos do céu. Porque as haviam de chorar? Não devem, pelo contrário, alegrar-se com a sua morte, e tanto mais quanto mais a amaram na terra? Daí os cantos alegres que ouviu. Depois da cerimónia, os amigos da família virão em massa cumprimentar os pais da pequena morta, que deverão encerrar no coração a sua dor humana e irresistível.

— Que singular costume! — disse Dolly.

— Sim — murmurou Alice -, é singular, mas também belo, terno e consolador!

Apenas chegaram ao hotel, onde se reuniam os turistas para voltar em massa para o Seamew, Rogério apresentou o seu pedido a Thompson. Thompson, felicíssimo por se desembaraçar assim de bocas verdadeiramente onerosas, não somente acolheu o pedido sem dificuldade, mas ainda fez uma propaganda calorosa em favor desta excursão extra-oficial.

Foram poucos aderentes que arranjou. Que triste ideia ajuntar um suplemento de despesas a uma viagem já muito cara!

Apesar disso, houve um que não regateou elogios e que, sem hesitar, declarou juntar-se aos excursionistas.

Chegou mesmo a felicitar Rogério pela sua ideia.

— Na verdade, meu caro — disse com voz estentórea -, o senhor é que devia ter organizado a viagem inteira, no nosso interesse!

Quem poderia ser esse insolente passageiro senão o incorrigível Saunders?

Electrizado por este exemplo, o baronete deu também a sua adesão e igualmente Blockhead, que se declarou encantado, sem se explicar mais.

Nenhum outro passageiro se juntou àqueles.

— Portanto seremos oito — concluiu Jack, com a maior serenidade.

Alice franziu os sobrolhos e olhou para o cunhado com severa surpresa. No estado em que se encontravam as suas relações, não deveria mostrar mais reservas?

Mas Jack tinha-se desviado e não viu o que não queria ver.

Mrs. Lindsay foi obrigada a ocultar o descontentamento, e o seu humor, ordinariamente sereno, tornou-se sombrio. Quando os passageiros do Seamew, exceptuando aqueles que deviam fazer parte da excursão do dia seguinte, voltaram a bordo, a formosa americana não pôde eximir-se a censurar Rogério por ter assim divulgado os seus projectos. Rogério desculpou-se o melhor que pôde. Pensara que seria útil um intérprete no interior da ilha.

— Além disso — ajuntou, sem rir -, graças aos seus conhecimentos acerca desta ilha, Mr. Morgand poderia servir-lhes de guia.

— Talvez o senhor tenha razão — respondeu Alice, sem desarmar -, contudo estou um pouco aborrecida por o ter reunido ao nosso pequeno grupo.

— E porquê? — perguntou Rogério, sinceramente admirado.

— Porque uma tal excursão dará forçosamente às nossas relações certo carácter de intimidade. Isto é delicado para duas senhoras, quando se trata de uma pessoa como Mr. Morgand. Concordo que a sua aparência é das mais insinuantes. Mas, enfim, um homem que desempenha um cargo subalterno, não se sabe de onde vem, não se conhece nada do seu passado, não tem entre nós quem responda por ele.

Rogério escutava com surpresa esta exposição de princípios, tão insólitos na boca de uma cidadã da livre América. Mrs. Lindsay tinha-o habituado a uma menor timidez. Verificava, não sem experimentar um prazer misterioso, a atenção singular que uma mulher, colocada tanto acima de um intérprete pela fortuna, se dignava conceder a esse humilde funcionário da Agência Thompson.

Pois quê! Ela falava em ter ou não ter com ele relações íntimas? Inquietava-se com as suas origens e lamentava que não tivesse abonador!...

— Perdão! — interrompeu ele. — Há um.

— Então quem é?

— Eu. Afianço-o formalmente — afirmou Rogério, seriamente, ao mesmo tempo que se despedia com amável saudação.

A curiosidade é a paixão principal das mulheres e as últimas palavras de Rogério tinham despertado a de Mrs. Lindsay. Subindo para o quarto, não conseguiu conciliar o sono. O enigma que acabava de lhe ser proposto enervava-a e por outro lado irritava-se com a falsidade da sua situação para com o cunhado. Porque não abandonava ela o navio? Porque não punha de parte essa viagem, que nunca devia ter empreendido? Esta solução era a única lógica. Punha tudo no devido lugar.

Alice era forçada a reconhecê-lo e, apesar disso, bem no fundo da sua alma, sentia que se opunha surdamente a essa resolução uma repugnância invencível.

Abriu a janela e banhou com delícia o rosto na brisa tépida.

Era uma noite de lua nova: O céu e o mar estavam claros. As águas viam-se salpicadas de luzes, dos faróis dos navios ancorados; o céu estava recamado de estrelas.

Agitada durante muito tempo por pensamentos confusos, Alice conservou-se pensativa diante do espaço cheio de uma sombra misteriosa, enquanto do mar lhe subia aos ouvidos o murmúrio confuso das ondas quebrando na praia.

CAPÍTULO XIV

O Curral das Freiras

No dia seguinte as oito redes achavam-se à hora marcada diante do Hotel de Inglaterra. Às seis, a caravana — como estava reduzida! — pôs-se em marcha pela frescura deliciosa da manhã. Dirigiu-se ao passo ligeiro dos seus dezasseis condutores, escoltada por outros dezasseis condutores de muda, pelo Caminho Novo, e, durante hora e meia, costeou o mar por esta estrada bem conservada. Antes das oito fez curta paragem na Câmara de Lobos, e depois atacou resolutamente a montanha por um caminho ao qual a extrema escabrosidade valeu o nome de Mata-Bois.

Este caminho, onde os bois sucumbem, é assaltado e domado pelos homens. Era admirável ver os condutores das redes. Durante duas horas, revezando-se de quarto em quarto de hora, prosseguiram a dura subida com esforço igual e sem uma queixa. Apenas às dez horas puderam respirar. Neste sítio a estrada, transpondo uma pequena torrente, seca nessa altura, dava lugar a terreno de bom piso.

Houve ainda uma hora de caminho e depois, tendo a caravana atravessado um bosque de velhos castanheiros, uma estepe desolada onde apareciam apenas alguns pinheiros, restos de antiga floresta, e enfim uma planície coberta de urzes odoríferas, os carregadores passaram junto da barreira rústica para além da qual apareciam os muros vermelhos da quinta do Campanário.

Esta quinta, outrora elegante habitação, nada mais é hoje do que miserável ruína. Os turistas, de preferência a buscar nela refúgio para o almoço, instalaram-se ao ar livre, num largo que os condutores desembarçaram das silvas e das pedras, assim como de detritos de toda a espécie que a imundície dos Madeirenses ali acumulara. As provisões saíram dos sacos. Uma toalha branca cobriu a terra. Enfim a mesa tinha aspecto convidativo.

Enquanto dispunham tudo para o almoço, sob a vigilância de Roberto, os turistas, lançando de passagem um olhar para o panorama explêndido, foram admirar os dois castanheiros que se elevavam junto da quinta, o mais grosso dos quais, verdadeira curiosidade da ilha, mede mais de onze metros de circunferência.

Mas o apetite aguçado por esta estopante ascensão conduziu-os depressa à mesa improvisada. Surpresa desagradável! Essa mesa estava rodeada de cabras e de crianças esfarrapadas. À custa de ameaças e de esmolas afastaram com muito custo essa horda selvagem. O estômago menos delicado não teria resistido a semelhante espectáculo.

Quando os viajantes estavam ainda no meio da refeição, a atenção foi-lhes atraída pela singular personagem que acabava de aparecer no limiar da porta da quinta em ruínas. Esta personagem, suja, coberta de miseráveis farrapos, com o rosto cor de tijolo aureolado por barba hirsuta e por cabeleira que devia ser branca se estivesse limpa, encostara-se a um dos batentes e olhava esfomeada para o grupo. Enfim, tomando uma resolução, caminhou para os turistas com passo indolente.

— Sejam bem-vindos a minha casa — cumprimentou, levantando os restos de um vasto chapéu, do qual apenas existiam as abas.

— A sua casa? — repetiu Roberto, que se levantou e retribuiu o cumprimento ao cortês proprietário.

— Sim, a minha casa, na quinta do Campanário.

— Nesse caso, desculpe aos turistas estrangeiros a sem-cerimónia com que invadiram o seu domínio.

— São inúteis essas desculpas — protestou o madeirense num inglês bastante sofrível. — Sinto-me feliz em lhes oferecer hospitalidade.

Roberto e os seus companheiros atentaram nele com surpresa. Os olhares de todos iam do seu miserável aspecto até à cabana em ruínas que servia de albergue a tão extraordinário proprietário. Este parecia gozar com a admiração dos visitantes.

— Dêem licença — disse -, que me apresente eu próprio a estas senhoras, visto não haver aqui ninguém que o possa fazer. Espero que perdoem a incorrecção a D. Manuel de Goyaz^[19], seu humilde criado.

Na verdade, debaixo dos farrapos, o nobre indigente não deixava de ter ar fidalgo. Pronunciara esta tirada num estilo meio altivo, meio familiar-excelente. Contudo, a sua delicadeza não impedia que os olhos falassem. Hipnotizados pelo que viam sobre a toalha, passeavam dos pastéis aos presuntos, acariciavam de passagem as garrafas tentadoras e gritavam eloquentemente as lamentações de um estômago esfomeado.

Alice teve pena do infeliz fidalgo. Caridosamente, convidou o senhor D. Manuel de Goyaz a participar do almoço.

— Muito obrigado, minha senhora, aceito de todo o coração — respondeu, sem se fazer instar — não julgue que almoça em má companhia. Esta aparência um pouco usada oculta aos seus olhos um morgado, nome por que somos conhecidos, e a senhora vê em mim um dos proprietários mais ricos da Madeira.

Perante o olhar indeciso dos turistas, D. Manuel pôs-se a rir, exclamando: — Ah! Ah! Naturalmente perguntam mentalmente como serão os outros? Pois vou responder! Os seus fatos têm mais buracos do que os meus, as suas casas menos pedras do que a minha quinta! Como vêem, nada é mais simples.

Os olhos do morgado brilhavam. Evidentemente o assunto era do seu gosto.

— Não, nada é mais simples, graças às leis estúpidas que regem o país. As nossas terras, que não podem cultivar, foram alugadas por meio de arrendamentos que, segundo o uso, são de grande duração. Estes arrendamentos são propriedade dos rendeiros, que os legam aos filhos e, por único aluguel, dão ao proprietário a metade dos rendimentos: Além disso, podem levantar muros, construir casas e fazer todas as construções, que muito bem lhes pareça, nas terras que lhes são alugadas, e o proprietário, quando expira o arrendamento, para entrar na posse do que é seu tem de pagar tudo isso. Qual de nós poderia fazê-lo? Apesar de proprietários, somos de facto despojados, sobretudo desde que a invasão da filoxera permitiu aos nossos rendeiros suprimir todos os pagamentos, sob o pretexto de que os seus rendimentos são nulos. Há vinte anos que isto dura e os senhores vêem o resultado. Herdei dos meus antepassados terras suficientes para construir uma cidade e nem mesmo tenho com que reparar a minha casa!

O rosto do morgado tornara-se sombrio. Maquinalmente estendeu o copo, que um dos turistas se apressou a encher. Esta consolação foi sem dúvida do seu gosto, porque a repetiu com frequência. Agora mal falava. Comia para quinze dias e bebia para um mês. Por graus

insensíveis, o olhar foi-se tornando mais suave e os olhos fizeram-se mais vagos e ternos. Em breve se fecharam completamente e o morgado, estendendo-se brandamente no chão, adormeceu beatificamente.

Os viajantes nem se lembraram de o acordar para lhe apresentar as despedidas.

— Anda-se a procurar muito longe a solução da questão social — disse Rogério no momento de partir. — E afinal ei-la aqui. Com uma tal lei não tarda que os camponeses se tornem senhores!

— E os senhores se tornem camponeses — respondeu melancolicamente Roberto. — Cabe-lhes então a vez de se tornarem a massa dos revoltados.

Rogério nada achou que responder a este forte argumento e a pequena coluna retomou a marcha em silêncio.

Os carregadores, tendo descansado e comido, avançavam a passo rápido. Além disso, iam numa descida. Em meia hora, um atalho estreito e caprichoso conduziu os excursionistas à pequena plataforma que é formada pelo cume do cabo Girão.

Desta estreita aresta avistavam a costa meridional da ilha. Em frente deles, a do Porto Santo, sem uma árvore, sem uma moita, mostrava o perfil seco. A oeste era a vila da Calheta, com um fundo de montanhas altas e nevoentas; a este, Câmara de Lobos, Funchal e o cabo São Lourenço.

Mas o número de quilómetros que faltava transpor antes do pôr do Sol não permitia longa contemplação. Puseram-se à pressa em marcha e pela estrada, depressa alcançada, os carregadores avançavam de novo a passo rápido.

Este meio de viajar tão sossegado é dos menos próprios à conversação. Os viajantes, isolados uns dos outros, sem poderem trocar impressões, deixavam-se indolentemente embalar, vendo desfilar a maravilhosa paisagem.

O caminho ora se elevava ora descia, mas a cada novo vale a altitude média aumentava, enquanto se modificavam os vegetais. Pouco a pouco as espécies tropicais deram lugar às espécies das regiões temperadas. Os carvalhos, os cedros e os bordos substituíram as palmeiras, os fetos e os cactos.

Quer fossem subidas, quer descidas, os infatigáveis carregadores conservavam sempre o mesmo passo largo e ligeiro. Depois de terem descido ao fundo de um vale, subiam ao cume seguinte para tornar a descer e a subir sem se cansarem. Treze vezes tinham feito esse esforço quando à luz do Sol poente apareceu a vila de Madalena.

Um quarto de hora depois, as redes detiveram-se diante de um hotel de aparência razoável no meio de um bando de crianças esfarrapadas, que pediam esmola em altos gritos.

Roberto e Rogério, para as afastar, distribuíram inutilmente indulgentes sopapos.

Saunders, porém, foi o único a achar um meio verdadeiramente prático. Tirando do bolso do colete um punhado de cobre, lançou, depois de o ter contado, esse tesouro pelo ar. O ávido bando precipitou-se logo a apanhá-lo, enquanto Saunders, tirando da algibeira um livrinho, inscrevia cuidadosamente a despesa. Depois, metendo na algibeira o livro, voltou-se para Roberto, que estava deveras intrigado com o manejo, e disse-lhe, com uma voz cheia de rangidos agressivos: — Pode afirmar a Mr. Thompson que tenho em dia as minhas contas.

No dia seguinte puseram-se em marcha, logo ao romper da manhã.

A caminhada é longa e fatigante, sobretudo de Madalena a São Vicente, onde deviam dormir.

Durante cerca de dois quilómetros percorreu-se o caminho da véspera depois, os carregadores, obliquando à esquerda, introduziram-se num caminho de cabras, que serpeava no fundo de um vale estreito e escuro.

Já não caminhavam, apesar de animosos, com a velocidade anterior sobre este solo íngreme e rochoso. Revezavam-se repetidamente e de quarto em quarto de hora impunha-se pequeno descanso.

Às dez horas, detiveram-se mais uma vez, embora não aparecesse o cume da subida. Nessa altura trocou-se entre eles vivo colóquio.

— Que há? — perguntou a voz mordente do baronete.

— Um incidente, que sem dúvida vai interromper a marcha — respondeu Roberto.

Seguindo-lhe o exemplo, os turistas apearam-se.

— Mas, enfim, que aconteceu? — perguntou Mrs. Lindsay.

— Nada de grave, Mrs. Lindsay, tranquilize-se — apressou-se a responder Roberto -, Temos apenas de apanhar um bocado de leste.

— De leste?

— Veja — respondeu o intérprete, mostrando o mar.

Tinha-se produzido mudança singular na atmosfera. Uma espécie de nevoeiro amarelado incendiava o horizonte. Nesta vasta nuvem, semelhante a ouro fundido, o ar tremia como se fosse submetido a calor excessivo.

— Esta nuvem — explicou Roberto -, anuncia-nos um furacão proveniente do Saara e os guias procuram livrar-nos dele o melhor possível.

— Como! — exclamou Hamilton. — Então vamos parar por causa desta maldita nuvem!

Ainda não acabara de falar e já o Meteoro chegava ao grupo dos turistas. Num momento o calor aumentou em proporções incríveis, enquanto fina poeira de areia ardente se misturava com o ar.

Mesmo na cidade é impossível aos habitantes defenderem-se deste terrível vento do deserto. A areia, que é transportada por cima dos mares, entra por toda a parte, ainda que as janelas estejam bem fechadas. Neste caminho, desprovido do menor abrigo, a situação era muito mais grave. Não tardou mesmo a tornar-se intolerável. A atmosfera parecia já ter perdido toda a humidade. Naquele hálito ardente, esvoaçavam as folhas, amarelecidas em alguns minutos. Os ramos sedentos das flores pendiam tristemente. O ar tornava-se irrespirável. Os turistas tiveram de cobrir o rosto com as mãos, a exemplo dos guias. Arquejavam. A areia, penetrando-lhes nos brônquios, determinava acessos de tosse dilacerantes e começava a devorá-los sede ardente.

Esta situação não podia prolongar-se. Felizmente Roberto descobriu remédio para semelhante mal.

Os flancos da estrada seguida pelos viajantes eram sulcados, desde a origem, por uma dessas levadas que são a glória da Madeira. À custa de trabalho gigantesco, os madeirenses cobriram a ilha de uma verdadeira rede desses aquedutos em miniatura, destinados a conduzir a água potável do cume das montanhas aos lugares habitados. Roberto teve de súbito a ideia de pedir, à que se achava nas proximidades, socorro eficaz contra o abrasado sopro, vindo do deserto africano.

Ao seu apelo, elevou-se na levada uma barreira feita de pedras amontoadas. Em breve a água transbordou, caiu, em cascata, fechando com uma cortina líquida uma anfractuosidade

existente no flanco da colina.

Esta grutazinha era infelizmente muito exígua para que todos os turistas se pudessem aí refugiar. Pelo menos Alice e Dolly acharam nela um abrigo. Havia ainda disponível um lugar. Foi ocupado pelos homens, alternadamente. Substituíam-se de cinco em cinco minutos e a ducha obrigatória, que recebiam ao entrar e sair da escavação, estava longe de lhes ser desagradável. Os guias tiveram de passar sem esses repousos. E poder-se-ia dizer que sofriam? Encostados aos rochedos, com a cabeça abafada pelos vastos capuzes, esperavam, imóveis e pacientes.

Essa paciência foi posta à prova durante muito tempo. Às quatro horas o vento continuava a soprar, sempre ardente.

Mas, de súbito, ouviu-se o canto de uma ave, a que responderam outras.

As folhas das árvores desenrolaram-se uma a uma e os guias, pondo-se de pé, deitaram abaixo os capuzes.

Vinte segundos depois, o leste cessava bruscamente e sem transição sucedeu-lhe uma brisa deliciosamente fresca.

— O imbate — disse um dos guias, enquanto os turistas soltavam em coro um hurra de entusiasmo.

Antes de se porem em marcha convinha tratar do almoço, tão desastrosamente retardado. Fizeram honra às provisões, matando a sede na benéfica cascata, que tiveram o cuidado de fazer desaparecer.

Infelizmente este atraso complicava singularmente a excursão. Com certeza não podiam chegar a São Vicente antes da noite.

Seria esta certeza que tornava tristes os guias, quando às sete horas a caravana desembocou no Paúl da Serra, vasto planalto situado a mil e quinhentos metros de altitude? Presa de angústia evidente, taciturnos e sombrios, apressavam-se tanto quanto as forças lho permitiam.

A sua angústia tornou-se tão visível e tão desproporcionada com a causa provável que Mrs. Lindsay, inquieta, abriu-se com Roberto no momento em que as suas redes se aproximaram pelo acaso de um desses curtos descansos que a singular impaciência dos guias tornava cada vez mais raros. Este tranquilizou-a. Era apenas a aproximação da noite que aumentava o terror dos guias. Mesmo em pleno dia não teriam atravessado sem tremer o Paúl da Serra, habitação predilecta dos demónios, segundo reza a lenda.

Os turistas não tiveram razão de queixa deste temor supersticioso. Apenas chegaram ao planalto as redes tomaram andamento vertiginoso. Os carregadores já não andavam, corriam em silêncio no meio desta paisagem desolada, sem cultura e sem árvores e que o crepúsculo tornava ainda mais triste. Era quase completa a solidão.

Apenas ao longe alguns rebanhos pastavam a verdura rara e o tomilho.

Antes das oito horas o pequeno grupo transpusera as três milhas que o planalto mede em toda a sua extensão e logo começou a descida, enquanto os guias faziam ouvir os seus cantos de alívio pela passagem de tão temeroso lugar.

A descida era assustadora, feita por um caminho a pique, cuja sombra aumentava a dificuldade.

A fadiga fez em breve calar o canto dos guias, que se revezavam de dois em dois minutos.

Finalmente, às nove horas e meia chegou a caravana à porta do hotel de São Vicente, cujo dono, amável e hospitaleiro, se multiplicou em torno dos seus tardios viajantes.

Em São Vicente acabava o papel das redes. Em cavalos, que desde a véspera esperavam os viajantes, iam estes seguir a excelente estrada que une esta vila ao Funchal.

Deixando no dia seguinte o hotel, situado mesmo à borda do mar, atravessaram a vila de São Vicente, elegantemente anichada no fundo de um vale verdejante, que contrasta com as rochas abruptas de que está rodeado. Depois a estrada ziguezagueou e os cavalos desceram o rude declive da montanha.

Desde a véspera o tempo tinha-se profundamente modificado. É verdade que já não havia leste, mas também o céu já não estava azul. Facto muito raro na Madeira, o vento trazia grandes nuvens, que ocupavam as zonas baixas da atmosfera. Ainda os turistas não tinham escalado duzentos metros e já entravam num opaco nevoeiro que apenas consentia ver a estrada bastante desigual.

Além disso, o ar estava saturado de electricidade, sinal de tempestade iminente. Tanto as pessoas como os animais sofriam dessa tensão eléctrica. Aquelas, taciturnas, não aproveitavam das facilidades que o novo meio de locomoção lhes dava para conversarem. Estes, cabeça baixa, ventas sibilantes, subiam, com o pêlo já coberto de suor pelo penoso esforço que empregavam.

Mas duas horas depois da partida os viajantes, chegando à passagem da Encumeada, emergiram subitamente do nevoeiro. Por debaixo deles as nuvens, impelidas por leve brisa, iam-se despedaçar nas arestas das montanhas, por cima estendia-se o azul livre de vapores, enquanto os olhos alcançavam ao norte e ao sul as ondas longínquas do mar.

O ar nestas alturas era fresco. Condutores e conduzidos sentiram a benéfica influência da mudança de temperatura. Infelizmente a estrada, tornada em caminho estreito, opunha-se por seu turno a cordiais cavalgadas.

Na passagem da Encumeada começou para os turistas a descida da vertente sul da ilha. Primeiro tiveram de costear o interminável rochedo em semicírculo da Rocha Alta. Cada vez mais estreito, o caminho seguia a garganta abrupta, no fundo da qual corria uma torrente estranhamente diminuída pela distância. Durante hora e meia foi preciso caminhar assim: de um lado rocha, do outro o abismo. Apesar da ajuda dos arrieiros, os excursionistas começavam a achar muito longa esta parte do caminho, quando, ao sair de um estreito corredor, os penhascos terminaram, ao passo que o atalho, tornado de novo estrada, obliquava para a direita.

Mas ninguém se apressou a entrar nesta estrada excelente. Agrupados em coluna, os turistas olhavam.

Estavam à borda da antiga cratera central da Madeira. Diante deles, a oitocentos metros de profundidade, abria-se um abismo impossível de descrever. Admiraram então, estupefactos, um dos mais belos espectáculos saídos das mãos do Criador.

Em silêncio, os viajantes mergulhavam os olhares nesse abismo onde outrora reinara o raio e o fogo, quando, nos tempos pré-históricos, a ilha era toda chamas figurando farol imenso no imenso oceano.

Por muito tempo tinham aí jorrado relâmpagos, e as lavas corrido pelas crateras de cem vulcões, enchendo o mar, repelindo as águas, criando as margens. Depois, a força plutónica diminuía e os vulcões pouco a pouco extinguíram-se. A terra inacessível tornara-se na ilha

agradável e maternal para os homens. Por fim, quando se tinham já passado séculos em que as ondas batiam as margens resfriadas, quando todas as crateras tinham emudecido, esta devia ainda encher-se de trovões. Mas os séculos haviam passado após esse momento e as suas cóleras apaziguavam também. As rochas fundidas solidificaram-se, deixando entre si esse prodigioso abismo de paredes selvagens. Depois, tendo-se formado o húmus, as plantas irromperam desse solo pedregoso e surgiu uma aldeia onde havia lavrado o incêndio. Da terrível cratera resta o Curral das Freiras — no fundo do qual murmura um regato.

Este lugar, onde rugiram todos os furores da terra, impressiona quem o vê. Por toda a parte se notam sinais desses furores estranhos. Ninguém seria capaz de descrever essas paredes vertiginosas, esse prodigioso amontoamento de rochas colossais e a exagerada fantasia das minúcias, rodeado por um círculo de alterosas montanhas. À esquerda os turistas viam as Torrinhãs, elevando os seus cumes semelhantes a mil e oitocentos metros, à direita, o pico Arrieiro, com mil setecentos e noventa e dois metros, na sua frente o cume mais elevado da Madeira, o pico Ruivo, elevando a frente emoldurada em névoas a mil oitocentos e quarenta e seis metros.

O tempo adornou o fundo do abismo de admirável vegetação, e no meio apareciam, como se fossem pontos, as casas e o campanário de Livramento.

O itinerário da excursão compreendia a descida para esta aldeia.

Os turistas tinham mesmo contado com ela para lhes fornecer o almoço. No entanto, o pequeno grupo conservava-se hesitante, observando a impossibilidade de meter os cavalos por esse caminho assustador, que, por meio de complicadas voltas, se infiltrava nas profundezas do Curral.

Esses oitocentos metros, que havia facilidade em descer, seriam terríveis de subir.

Os arrieiros tranquilizaram os turistas. As paredes da cratera vão abaixando continuamente a partir desse ponto. Portanto, depois de caminharem pelo fundo do abismo por um espaço de duas milhas, para tornarem a achar a estrada e os cavalos apenas teriam de subir cem metros.

Aplanadas todas as dificuldades, começou a temerosa descida, mais assustadora do que perigosa. Era porém pouco praticável para as senhoras e Alice e Dolly tiveram de aceitar o auxílio de Roberto e de Rogério.

Roberto só se aventurou a oferecer o seu auxílio à companheira de viagem depois de muitas hesitações. Até aí o intérprete não se tinha acostumado a semelhante liberdade. Contudo, uma impressão indefinível incitava-o a sair um pouco da sua discreta reserva. Mrs. Lindsay, desde que a excursão começara, dirigira-lhe frequentemente a palavra, contara-lhe as suas impressões, aceitara e mesmo procurara de qualquer forma a companhia dele. Roberto, admirado e encantado, perguntava a si mesmo se acaso Rogério o teria traído.

Apesar, porém, de qualquer desejo que pudesse ter, não tinha ainda saído da estrita delicadeza que convinha à situação, e durante os primeiros momentos da descida deixou, ainda que com pesar, a sua companheira debater-se no meio das dificuldades do caminho. Havia outros mais qualificados do que ele que lhe pudessem oferecer o socorro da mão, como o baronete, Saunders e sobretudo Jack Lindsay.

Mas Hamilton e Saunders pareciam exclusivamente preocupados com as suas preciosas pessoas e Jack caminhava no fim de todos com ar descuidado e desatento.

Se às vezes se preocupava com a cunhada, era para lhe lançar olhares que teriam dado que pensar a quem os tivesse surpreendido. Na verdade tais olhares, que passeavam de Alice até aos abismos que rodeavam o caminho, não ofereciam nada de terno. Talvez não fosse capaz de a precipitar nessas profundezas, mas não a teria retirado de lá se Alice tivesse, por descuido, caído no fundo da cratera.

Portanto, Roberto fora constrangido a prestar auxílio à abandonada. Numa passagem mais difícil que as outras, estendeu maquinalmente a mão, à qual Alice se encostou com a maior naturalidade do mundo, e assim a conduziu até o fundo do Curral. Sem dar por isso chegou ao Livramento.

À medida que foram abandonadas as altas altitudes, a temperatura tornou-se cada vez mais abafada. Mas de súbito, quando acabaram de almoçar, começou a soprar vento fresco. Evidentemente estalara a tempestade. Devia chover nos cumes do Arrieiro e Ruivo, ocultos por detrás de impenetráveis vapores.

Em todo o caso, no vale não chovia. Embora o céu se mantivesse pardacento, a terra conservava-se seca, e parecia que semelhante estado não se modificaria. Um camponês, consultado sobre a situação, mostrou-se muito afirmativo. Assim, teve um gesto de desaprovação quando conheceu o projecto, que os turistas tinham formado, de seguir por espaço de duas milhas o fundo do Curral. O seu olhar indeciso fixou-se um momento no cume enevoadado do Ruivo, depois abanou a cabeça de maneira pouco tranquilizadora.

Debalde Roberto o apertou com perguntas: não pôde conseguir explicações precisas desta espécie de rústico, que se limitou, sem nada mais acrescentar, a recomendar aos viajantes que se não aproximassem das margens da torrente.

Roberto transmitiu este conselho aos companheiros.

— É provável — disse -, que este rústico tema uma dessas inundações que são aqui muito frequentes. Quando uma chuva forte cai nas montanhas, acontece muitas vezes que os cursos de água, quase secos nesta época do ano, subam repentinamente de maneira prodigiosa. Esta subida dura apenas algumas horas, mas deixa atrás de si verdadeiras ruínas. Faremos portanto muito bem em seguir os conselhos deste campónio.

Contudo, depois de meia hora de caminho, tornou-se evidente que o tempo ia serenando. As nuvens cortavam-se no zénite e, se ainda giravam nevoeiros sobre os picos, tornavam-se entretanto menos espessos e manifestavam tendência para se dissiparem na atmosfera resfriada.

Os turistas julgaram poder desprezar a prudência. Além disso, o solo tornava-se extremamente rochoso, enquanto quinze metros mais longe, mesmo à borda da torrente, reduzida a inofensivo fiozinho de água, se estendia um leito de fina areia, que devia ser excelente tapete para pés fatigados.

Os viajantes aventuraram-se sobre esta areia elástica, que, com efeito, constituía um solo muito propício para a marcha, e o pequeno grupo seguiu alegremente. Roberto e Rogério colhiam flores para as suas companheiras: rosas, pilriteiros e violetas, que às centenas cresciam nos interstícios dos rochedos.

Mas em breve o vale, que não tinha deixado de estreitar desde o Livramento, se achou reduzido ao leito da torrente.

Esta obliquava, ao mesmo tempo e bruscamente, para uma espécie de corredor limitado à esquerda por uma muralha a pique, enquanto a margem direita, de acesso bastante difícil por

causa dos rochedos de que estava semeada, se elevava em declive relativamente suave até à estrada, onde, quinhentos metros mais longe, os cavalos deviam esperar.

Antes de se aventurarem por este corredor os turistas tiveram a precaução de lançar um golpe de vista para a retaguarda. O olhar estendia-se a mais de um quilómetro e ao longe avistava-se o campanário do Livramento. O céu tornava-se cada vez mais claro. Nada de extraordinário aparecia neste vale.

Júpiter enlouquece aqueles que quer perder, disse o poeta. Contudo, aos viajantes não tinham faltado avisos. A experiência não fora avara de conselhos, manifestando-se pela boca de Roberto, que repetia a lição dos seus livros, e pela boca do camponês do Livramento. Todos desdenharam esses conselhos, até mesmo aquele que os tinha dado, e, tranquilizada pela volta do bom tempo, a caravana seguiu com confiança a torrente na sua nova direcção.

Trezentos metros mais adiante, Roberto, calculando que se devia estar próximo do lugar marcado para o encontro, ofereceu-se para fazer um curto reconhecimento. Juntando a acção à palavra, escalou a margem direita e desapareceu rapidamente por entre os rochedos, enquanto os seus companheiros seguiam a marcha mais vagarosamente. Ainda não tinham decorrido dois minutos quando pararam de súbito. Um ruído vago e terrível partira das profundezas do Curral e aumentava de segundo para segundo.

Imediatamente voltaram aos imprudentes viajantes a razão e a memória. Todos compreenderam o que este rugido queria dizer, e, com um movimento igual, lançaram-se para a margem esquerda, Rogério sustentando Dolly, e os outros entregues a si mesmos. Com pressa febril subiram o pendor íngreme da montanha.

Num momento Dolly, Rogério, Hamilton, Blockhead e Saunders puseram-se a salvo do perigo, enquanto Jack, um pouco mais longe e oculto por um acidente do terreno, se achava em segurança sobre o vértice do rochedo escalado. Era tempo.

O ruído tinha-se tornado em silvo, uivo e mugido, e já a vaga chegava, enorme, furiosa, arrastando nas suas ondulações inúmeros destroços.

Alice, inconscientemente, seguira o caminho do cunhado. Tendo sido demorada por uma queda, chegou à base do rochedo quando ele estava já no cume. Primeiro esforçou-se por escalar por sua vez o bloco, mas compreendeu que não tinha tempo para isso.

Bastava talvez que conseguisse elevar-se dois ou três metros. Mas para aí chegar a tempo era-lhe necessário um socorro que somente Jack podia prestar-lhe.

— Jack!... — gritou ela.

A este chamamento Jack abaixou os olhos. Viu-a. Em seguida inclinou-se, estendeu-lhe a mão.

Mas que infernal sorriso foi esse que se lhe desenhou nos lábios?

Que olhar repleto de pensamentos íntimos foi esse que arremessou à vaga ameaçadora e fez depois incidir sobre a cunhada, com a rapidez do relâmpago? Depois de curta hesitação, levantou-se sem ter prestado o socorro pedido, enquanto Alice soltava um grito de desespero, prontamente abafado pela vaga, que, bramindo, a cobriu e arrebatou no turbilhão.

Pálido, arquejante, como se tivesse feito hercúleo esforço, Jack afastou-se de salto do lugar onde se tinha desenrolado o drama. Apareceu à vista dos companheiros e, silenciosamente, reuniu-se-lhes. Ninguém nunca saberá o que se passou!... e já os seus olhos se voltam para Dolly meio desfalecida e socorrida por Rogério, de joelhos a seu lado.

Ao mesmo tempo que Jack Lindsay concorria assim para o desaparecimento de Alice, Roberto, lançando-se numa corrida louca, juntava-se aos companheiros.

Do alto do declive viu a torrente arremessando a vaga ameaçadora e apressou-se a alcançar os seus amigos ameaçados. Chega muito tarde! No entanto, a tempo de conhecer o drama abominável que se acaba de desenrolar, sem que o seu autor o saiba. Pelo menos existe uma testemunha que o há-de punir.

Grande Deus! Mas Roberto não pensa em castigar! Com a cabeça nua, lívido e um aspecto de loucura nos olhos, passa com toda a velocidade diante dos seus amigos estupefactos e, sem uma palavra de explicação, salta e desaparece na torrente, regato transformado em rio enorme e terrível, enquanto Dolly, compreendendo de súbito a desgraça que a fere, se levanta, conta com o olhar os que a rodeiam e torna a cair, soltando um grito despedaçador, nos braços de Rogério aterrado.

CAPÍTULO XV

Frente a frente

Iria a estrela de Thompson empalidecer? O céu, a bordo do Seamew, entroviscava-se.

A hidra da revolução levantara ali audaciosamente a cabeça.

A 30 de Maio os passageiros tinham desembarcado, logo de manhã, como na véspera. Exactamente como na véspera, a mesa do Hotel de Inglaterra havia-os reunido e, ainda como na véspera, tinham passado o dia a percorrer o Funchal e arredores.

Mas, à noite, quando entraram no navio, o pensamento de que seria preciso passar ainda quatro dias a repetir o que tinham feito nos dois primeiros começou a enchê-los de tal desânimo que no dia 31 metade recusou desembarcar.

Thompson, resolvido a ser cego e surdo, pareceu não dar pelo descontentamento geral. Aceitou, sem dificuldade, estas deserções económicas e desembarcou com semblante risonho, à frente da reduzida falange, para ir presidir ao almoço.

Teve, porém, de abrir os olhos e os ouvidos.

Durante esse dia enfadonho passado na baía urdira-se um complot entre os recalcitrantes e, quando o Administrador-geral subiu ao convés não pôde deixar de reconhecer que os turistas confiados aos seus cuidados, ordinariamente pacíficos, estavam agitados por certa efervescência. Evidentemente preparava-se uma revolta.

Esta estalou na manhã do primeiro de junho, quando, ao mau humor dos que tinham persistido em não deixar o Seamew, se veio juntar o dos outros. Estes também estavam furiosos por essas dez horas passadas estupidamente a vaguear nas ruas do Funchal, e muito decididos a protestar contra semelhante gracejo.

Por isso, quando, no dia 1 de Junho, chegou o momento da partida, Thompson viu-se abandonado no portaló. Porém, ainda lhe restava um companheiro sob a forma de Van Pimperboom, de Roterdão, cujos ouvidos continuavam cerrados a tudo e, portanto, a todas as agitações exteriores.

A propaganda revolucionária não tinha exercido nenhuma acção sobre ele. Persistia, imperturbavelmente, em andar atrás do único passageiro em quem reconhecia carácter oficial e Thompson tornara-se, pouco a pouco, o cornaca deste elefante. Durante esses três dias, não o tinha largado nem um momento. Aonde Thompson fosse, Pimperboom também ia. E agora ainda se conservava fiel, o último fiel, ao chefe abandonado pelos soldados.

Vendo o «seu séquito» reduzido a uma única unidade, a despeito do seu aprumo habitual Thompson ficou perplexo no momento de deixar o navio.

Que havia de fazer? Julgou ouvir Hamilton e Saunders responderem-lhe: "O programa, senhor, o programa", e, obedecendo às supostas ordens desses terríveis argumentadores, ia descer o primeiro degrau da escada quando rebentaram violentos rumores entre os passageiros reunidos no spardeck.

Thompson deteve-se novamente, indeciso. Num momento foi rodeado por vinte fisionomias irritadas.

Um dos passageiros fez-se o intérprete dos sentimentos dos outros.

— Com que então o senhor vai hoje ao Funchal? — disse ele, esforçando-se por se conservar tranquilo.

— Com certeza que vou — respondeu Thompson, tomando ares de inocente.

— E amanhã? E depois de amanhã?

— Exactamente a mesma coisa.

— Pois bem! — formulou o passageiro, engrossando bem contra vontade a voz. — Atrevo-me a informá-lo de que achamos isso monótono.

— É possível? — exclamou Thompson, com ingenuidade encantadora.

— Sim, senhor, monótono. Não se obrigam pessoas de juízo a visitar, seis dias a seguir, uma cidade como o Funchal. Nós contávamos com passeios, excursões...

— Contudo, o programa não promete nada disso — lembrou Thompson.

O passageiro respirou com força, como pessoa que quer conter a cólera.

— É verdade — disse -, e de balde buscamos a razão disso. Ora não nos diz porque é que não procede para a Madeira como procedeu para os Açores?

A razão era que os preços se iam civilizando com os costumes dos habitantes.

Thompson receava o custo de uma excursão nessa ilha, estragada pelos ingleses. Mas como poderia apresentar semelhante argumento?

— Não há nada mais simples — respondeu, chamando em seu socorro o sorriso mais amável. — A Agência pensou que os passageiros se não aborreceriam por descansar um pouco das excursões gerais e que organizariam excursões particulares, que se tornam aqui mais fáceis pela difusão da língua inglesa, que...

— Então a Agência enganou-se — interrompeu o orador do spardeck -, e por conseguinte...

— Enganou-se? — exclamou Thompson, interrompendo por sua vez o advogado da parte contrária. — Enganou-se! Sinto-me feliz por ver que me acusam de um simples engano.

Saltou para o tombadilho e correu um a um os passageiros.

— Porque enfim, senhores, sabem bem que a Agência nada poupa para assegurar o bem-estar dos seus passageiros. A Agência não recua diante de coisa alguma!

Ia aquecendo.

— A Agência, senhores, a Agência é a amiga dos passageiros! Uma amiga infatigável e dedicada! Que estou dizendo? Mais do que dedicada, uma mãe!

Thompson enternecia-se. Pouco faltava para chorar.

— Felizmente, não a acusam de ter desprezado, com conhecimento de causa, qualquer coisa que lhes pudesse dar prazer! Essa acusação ter-me-ia revoltado! Agora, enganado, é outra coisa! Posso ter-me enganado. Admito que me tivesse enganado, porque toda a gente se pode enganar. Meus senhores, peço-lhes desculpa desse engano. Com os erros não se conta, não é verdade?

— Não tem mais que repará-los — observou o passageiro num tom frio, depois de ter deixado passar essa verborreia inútil.

— De que modo? — perguntou Thompson, amavelmente.

— Improvisando amanhã uma excursão, em vez de nos fazer perder ainda dois dias no Funchal.

— Isso é impossível! — exclamou Thompson -, a Agência nada preparou, nem previu, e o tempo é curto para isso. Para fazer uma excursão é necessário estudá-la maduramente e

organizá-la antecipadamente. Exige grandes preparativos.

Uma gargalhada geral cortou a palavra a Thompson. Que graça! Eram bonitos os preparativos que a Agência tinha feito para as excursões anteriores! Mas Thompson não se deixava ir a terra.

— É impossível! — repetiu com nova energia.

Na sua voz havia qualquer coisa que mostrava que nesse ponto seria inabalável. O orador, intimidado, não insistiu mais.

— Então, vamo-nos embora! — exclamou uma voz zombeteira entre os viajantes.

Thompson, agarrando esta proposta com ambas as mãos, adoptou-a imediatamente.

— Querem partir, meus senhores? Nada mais desejo saber. A Agência está toda ao seu serviço, como já lhes disse. Atenção, vamos pôr a partida à votação.

— Sim, sim, partamos! — gritaram os passageiros unanimemente.

— Será feita a vontade de todos — declarou Thompson. — Tanto agora como sempre!

Renunciando a ir a terra, deu novas instruções ao capitão Pip, enquanto Piperboom, vendo que decididamente não iriam ao Funchal, se foi estender tranquilamente e acendeu o seu eterno cachimbo. Não havia coisas imprevistas para a sua soberba indiferença.

Todavia, não podiam levantar ferro imediatamente. Era preciso esperar a volta dos oito passageiros que haviam partido na antevéspera. Além disso, esse regresso não podia tardar. Deviam estar a bordo antes das cinco.

No decurso deste dia Thompson teve ocasião de aproveitar as suas raras faculdades de diplomata. Embora assinado um tratado de paz entre os beligerantes, esta não existia no fundo dos corações.

Adversários e partidários da repentina partida votavam, como a pior das resoluções, todos eram inimigos de Thompson.

Este fingia admirável ignorância a tal respeito. Ninguém lhe dirigia a palavra. Quase que se não desviavam quando ele passava. Todas estas picadas deslizavam sobre ele sem lhe fazerem mal. Sempre sorridente, atravessava os grupos hostis com a habitual desenvoltura.

Contudo, às cinco horas sentiu-se atacado de verdadeiro mal— estar. Saunders e Hamilton estavam quase a chegar. Que diriam esses eternos rabugentos a esta nova alteração do programa?

Thompson ao pensar nisto sentia frio na espinha.

Mas, sucessivamente, deram cinco, seis, sete horas sem que os excursionistas aparecessem. Ao jantar os passageiros entretiveram-se com esta inexplicável demora e as famílias Hamilton e Blockhead começaram a inquietar-se seriamente.

A sua inquietação aumentou ainda mais quando a noite sobreveio sem chegarem novas dos viajantes. Que lhes teria acontecido?

— Tudo, senhor, tudo e mais alguma coisa — disse, num tom confidencial, Johnson, com voz pastosa, ao clerygyman Cooley, que recuou, sufocado pelo hálito do prudente ébrio.

Às nove horas e meia Thompson resolvera-se a buscar informações no Funchal, quando, finalmente, uma embarcação acostou ao Seamew por estibordo.

Viu-se, sucessivamente, subirem ao convés os excursionistas, mas, infelizmente, diminuídos de número.

A partida fora alegre, a volta triste. Como lhes tinha parecido comprido o caminho que os conduzia ao Funchal!

Em primeiro lugar tiveram de ocupar-se exclusivamente de Dolly, a quem esta catástrofe parecia ter tirado a razão. Durante muito tempo todos se haviam multiplicado em torno dela. Apenas Rogério, à força de boas palavras, conseguiu aplacar tão terrível desesperação.

Quando enfim o cansaço suavizou os primeiros soluços da infeliz menina, Rogério começou tentando insuflar-lhe alguma esperança. Mr. Morgand era destro e corajoso. Havia de salvar aquela por quem se tinha dedicado.

Durante uma hora repetiu sem descanso a mesma certeza e, pouco a pouco, voltou calma relativa à alma despedaçada de Dolly.

Então ajudou-a a subir até à estrada, onde os cavalos esperavam, e depois, tendo-a colocado na sela, ficou ao lado dela, repetindo obstinadamente palavras reconfortantes de esperança.

Jack, sombrio e absorto nos seus pensamentos, nem mesmo tentava intervir nessa aflição.

Não aproveitara os laços de parentesco para reclamar esse papel de benfazejo consolador. A sua indiferença pareceria extraordinária aos companheiros, se estes não tivessem o espírito bastante preocupado pela súbita catástrofe para notarem alguma coisa do que se passava em roda deles. Caminhavam silenciosos, pensando nos lamentáveis acontecimentos que acabavam de se desenrolar. Não havia um que não alimentasse essa esperança que Rogério se esforçava caridosamente por sugerir a Dolly.

Lentamente tinham seguido a estrada que costeia a vertente oriental do Curral das Freiras, até ao seu ponto de intersecção com o Caminho Novo. Durante todo esse longo trajecto não tinham cessado de perscrutar com os olhos a água espumante, cuja cólera parecia já prestes a acalmar. Quando a noite já se avizinhava, atingiram o Caminho Novo, que depressa os afastou da torrente na qual dois amigos tinham desaparecido.

Uma hora depois estavam no Funchal e uma barca transportava-os ao Seamew, onde Thompson os esperava com inquietação não isenta de angústia.

Thompson bebeu nessa angústia a coragem do desespero. Mais valia acabar por uma vez.

Portanto, correu ao encontro dos retardatários. Precisamente foi o baronete o primeiro a emergir no portaló! Mas, pelos estalidos que se ouviam por detrás dele, percebia-se a proximidade de Saunders. Thompson tinha na frente um dos dois inimigos. O outro não estava longe.

— Que tarde chegam, senhores! — exclamou, chamando em seu socorro o sorriso mais prometedor que possuía, sem reflectir que a obscuridade lhe neutralizava o efeito. — Começávamos a estar infernalmente inquietos.

No estado em que estavam as relações com o Administrador-Geral, a expressão de Thompson devia surpreender Hamilton e Saunders.

Mas estes, preocupados com outra coisa, escutavam Thompson sem o compreender, enquanto os outros excursionistas, chegando por seu turno ao convés, formavam um semicírculo, imóveis e silenciosos.

Thompson continuou com volubilidade: — A nossa impaciência era ainda maior porque estes cavalheiros, na ausência dos senhores, pediram-me, exigiram de mim uma pequenina alteração no programa.

O Administrador disse estas últimas palavras tremendo. Como não obtivesse resposta, continuou, mais animoso: — Não é grande coisa na verdade! Estes senhores e estas senhoras, achando um pouco demorada a estada no Funchal, desejam abreviá-la partindo esta noite.

Suponho que não têm objecções a fazer a semelhante combinação, que nos faz ganhar dois dias dos três que temos de atraso?

Continuava a ausência de resposta. Thompson, admirado da facilidade do êxito alcançado, olhou mais atentamente para os mudos ouvintes. A estranheza das suas atitudes impressionou-o subitamente. Doly chorava encostada ao ombro de Rogério. Os seus quatro companheiros esperavam gravemente que o tagarela lhes desse licença para dizerem uma palavra, que devia ser séria, a julgar pela expressão revelada nos rostos.

De chofre, Thompson percorreu com o olhar o grupo dos excursionistas e apercebeu-se das falhas que a sorte nele fizera.

— Sucedeu alguma coisa? — perguntou de súbito com voz trémula.

Como provocado por advertência misteriosa, fez-se grande silêncio entre os passageiros, que se apertaram febrilmente em roda de Thompson.

— Mrs. Lindsay? — insistiu este. — Mr. Morgand?...

Saunders, com um gesto desolado, comentou um soluço abafado de Dolly. Enfim, Jack Lindsay, avançando um pouco, ia tomar a palavra quando, subitamente, recuou, pálido e com o braço estendido.

O interesse desta cena monopolizara a atenção geral. Ninguém pensara em ocupar-se do que se passava do outro lado do navio. Ao movimento de Jack, todos os olhares se dirigiram para o ponto indicado. Então, à claridade dos faróis, apareceu um grupo trágico.

Roberto, com a fronte ensanguentada, o fato a escorrer água e sujo de lodo, estava ali amparando Alice desfalecida, mas erguendo, apesar disso, energicamente, o rosto, de palidez cadavérica.

Foi ela quem respondeu à pergunta de Thompson.

— Aqui estamos — disse simplesmente, fixando os olhos ardentes de febre no cunhado, que recuou, mais pálido ainda.

— Aqui estamos — repetiu Roberto, com voz onde rugia uma acusação, uma ameaça, um desafio.

CAPÍTULO XVI

O Nascer da Lua de Fel

Assim, pois, os acontecimentos davam razão a Saunders. O céu de Thompson enevoava-se e começava a despontar essa lua de fel, cujos futuros clarões o acerbo profeta descobrira no firmamento da Horta. A discussão que Thompson fora obrigado a sustentar com a maioria dos passageiros teria continuação? O futuro o diria, mas qualquer coisa se despedaçara já entre o Administrador-Geral e os seus administrados.

Diz-se que o sono pode substituir o jantar para um estômago esfomeado. O que não poderia era restituir o bom humor a turistas irritados, e assim foi que na manhã de 2 de junho o spardeck se encheu de passageiros descontentes. Fora, contudo, grande felicidade para Thompson que a cólera latente dos passageiros se houvesse desviado do seu curso pelos acontecimentos da véspera. Constituindo o único assunto das conversações, monopolizando a atenção de todos, tinham suavizado os primeiros encontros, que, sem isso, seriam mais férteis em tempestades. Unanimemente os passageiros lamentavam Mrs. Lindsay por ter corrido um tal perigo, e, acima de tudo, exaltavam o heroísmo de Roberto Morgand.

Roberto tornara-se personagem importantíssima para os seus companheiros de viagem, já favoravelmente dispostos em benefício dele pela correcção das maneiras, e — é necessário reconhecê-lo — pelos exageros de Thompson.

Certamente os turistas lhe fariam entusiástico acolhimento logo que aparecesse no convés.

Mas, fatigado sem dúvida pela emoção e pelos esforços físicos da véspera, talvez mais ou menos ferido na luta contra a torrente furiosa, Roberto não saiu do camarote durante toda a manhã e não forneceu aos seus admiradores ocasião de lhe exprimirem o legítimo entusiasmo.

Caíram então sobre as testemunhas do drama. Saunders, Hamilton e Blockhead tiveram de fornecer numerosas edições da dramática aventura.

Todavia, não há assuntos inesgotáveis e aquele esgotou-se como todos os outros.

Depois de se terem dito e repisado todas as minúcias, depois de Rogério ter afirmado que o seu compatriota, Mr. Morgand, apenas sofria ligeiro cansaço e que se levantaria no decorrer da tarde, os turistas deixaram de se ocupar de Alice e de Roberto e foram empolgados pelas suas preocupações pessoais.

Foi então que Thompson começou a ser tratado cruelmente. Se as palavras desagradáveis estivessem sujeitas à gravidade, com certeza o Administrador teria ficado esmagado. Divididas em grupos, as vítimas da Agência desabafaram a bÍlis em pesados apartes. De novo desfilou toda a ladainha de queixas. Nenhuma que se relacionasse com Hamilton e Saunders foi esquecida.

No entanto, apesar de todos os esforços destes dois provocadores, o mau humor conservou-se platónico. Ninguém teve a ideia de ir apresentar as suas queixas a Thompson. De que serviria fazê-lo? Thompson, ainda que quisesse, nada poderia mudar ao passeio, tinham caído na tolice de acreditar nas promessas da Agência, era forçoso sofrer-lhe as conseqüências até ao fim, já próximo, desta viagem, cujo último terço valeria tanto como os dois primeiros.

Nessa ocasião começava mal esse último terço. Acabavam de deixar a Madeira e já um dissabor suplementar punha à prova a paciência dos passageiros.

O Seamew não andava. Não era necessário ser marinheiro para dar conta da incrível diminuição da velocidade. Onde estavam os doze nós anunciados, prometidos e sustentados. Durante poucos dias? Era a custo que se faziam agora cinco milhas à hora. Nesta ocasião seria de grande conveniência o reboque de um barco de pesca.

Tornava-se fácil adivinhar a causa desta excessiva diminuição de velocidade pelos ruídos da máquina, que gemia, resfolegava e rangia lamentavelmente no meio do sibilar do vapor escoando-se pelas juntas.

Deste modo toda a gente compreendia que seriam necessárias oito horas para chegar às Canárias. Mas que se havia de fazer?

Nada, evidentemente, como o capitão Pip o declarara a Thompson, aliás desolado com este atraso, bastante aborrecido para os seus interesses.

Sofreu-se em silêncio semelhante desgosto.

Compreendendo a inutilidade da cólera, os passageiros entregavam-se à tristeza.

Nos rostos, o cansaço substituíra toda a expressão ameaçadora.

Esta fadiga tranqüila devia ser profundíssima, para que os passageiros se não afastassem dela no decurso do almoço, cujo aviso soara à hora habitual.

É de crer que Thompson buscasse restabelecer um equilíbrio orçamental, cruelmente comprometido pelos atrasos sucessivos, porque a mesa ressentia-se desses desejos de economia. Que diferença entre este almoço e a refeição em cujo decurso pela primeira vez Saunders dera largas à bÍlis!

Apesar disso, mesmo em altura semelhante, ninguém pensou em formular queixas antecipadamente estéreis.

Todos comeram em silêncio, e Thompson, que, pouco receoso, vigiava as vítimas com o canto do olho, teve o direito de as supor completamente domadas.

Mas Saunders não desarmava e, cuidadosamente, escrevia esta nova razão de queixa na agenda em que assentava todas essas diárias. Nada se devia esquecer.

Mas tanto as despesas como as contrariedades seriam registadas ao mesmo tempo.

Roberto, aparecendo às duas horas no spardeck, deu alguma vida à triste assembléia. Todos os passageiros se precipitavam ao seu encontro e mais de um, que ainda não lhe dirigira a palavra, lhe apertou a mão calorosamente nesse dia.

O intérprete acolheu com modéstia polida os cumprimentos, que lhe não foram poupados, e, assim que delicadamente o pôde fazer, isolou-se com Dolly e Rogério.

Logo que a importuna reunião se dissolveu, Dolly, com os olhos cheios de alegres lágrimas, apoderou-se das mãos de Roberto. Este vivamente comovido, não tentou subtrair-se aos testemunhos de um reconhecimento tão natural. Mas, sentindo-se um pouco embaraçado, ficou satisfeito que o compatriota corresse em seu socorro.

— Suponho que nos irá contar as peripécias do salvamento? — Disse Rogério algum tempo depois de estarem reunidos.

— Conte, Sr. Morgand — suplicou Dolly.

— O que querem que lhes diga? — respondeu Roberto.

— No fundo, é tudo quanto há de mais fácil e mais simples.

Contudo, apesar das evasivas, teve de fazer aos seus amigos uma narração, que Dolly escutou ansiosamente.

"Caído na torrente, poucos segundos depois de Alice, tivera a felicidade de a alcançar logo. Mas, nesta corrente furiosa, cortada por terríveis redemoinhos, nunca se teria salvo, nem a Mrs. Lindsay, se não fosse uma árvore enorme, muito copada, que, arrancada dos declives superiores da montanha, passara mesmo a propósito para ser transformada em jangada.

Desde então o papel de Roberto reduzira-se a pouco. Levados pela árvore, Mrs. Lindsay e ele estavam quase livres do perigo. Servindo-se de um forte ramo em guisa de croque, conseguira impelir para a margem esquerda a árvore salvadora, cujo cimo se prendera no solo.

O resto compreendia-se facilmente. Com bastante custo chegara, esgotado de forças, à cabana de um camponês.

Daí, em rede, tinham alcançado o Funchal e depois o Seamew a tempo de tranquilizar os seus companheiros.

Tal foi a narração de Roberto. Dolly fê-la repetir até à saciedade, querendo conhecer a aventura nos mais ínfimos pormenores.

O toque da sineta para o jantar surpreendeu-a no meio desta ventura. Para ela o dia passara como um sonho.

Os outros passageiros não teriam podido dizer outro tanto.

A tristeza adejava sobre o navio, mudando os minutos em horas, as horas em séculos.

Se os três interlocutores absortos não se tinham apercebido disso, o jantar informou-os forçosamente. Era silenciosa esta mesa de jantar, como a do almoço. À excepção talvez dos insaciáveis Johnson e Piperboom, saltava aos olhos que todos se entediavam.

Poderiam aqueles aborrecer-se, sendo um uma esponja insaturável e o outro um abismo insondável?

Piperboom, como de costume, ia depois pacificamente fumar o seu cachimbo, cujas nuvens de fumo levariam consigo os miseráveis cuidados humanos.

Nessa ocasião, indiferente à qualidade diversa dos alimentos, engolia-os simplesmente porque eram tais as suas funções no mundo.

Digno émulo desta prodigiosa máquina de digerir, Johnson, na outra extremidade da mesa, esgotava garrafas variadas, de tal modo que excitaria a admiração do espectador mais desesperado da vida. Sempre absolutamente embriagado, conservava-se direito na cadeira, a fronte pálida coroando o rosto escarlata, a mão incerta, e o olhar vago e perturbado.

Ambos ignoravam o que os rodeava, estando como estavam na impossibilidade de falar e de compreender.

Não o teriam admitido se o tivessem conhecido.

Que viagem pode ser mais agradável quando se bebe até à saciedade e se come até rebentar?

Mas excepto estes dois bem-aventurados, somente se viam em roda da mesa rostos contraídos. Tornava-se evidente que, se os convivas de Thompson ainda não eram seus inimigos declarados, com dificuldade teria encontrado um amigo entre eles. Apesar disso, restava-lhe um. À primeira vista um recém-chegado descobriria este passageiro no meio dos outros. E esse falava e falava muito alto. Pouco se lhe dava que as suas palavras não achassem eco e se perdessem, amortecidas como algodão na frieza hostil dos seus companheiros.

Pela segunda vez contava o drama que estivera prestes a custar a vida a Mrs. Lindsay e, sem se importar com a falta de atenção dos seus vizinhos, mostrava-se pródigo em interjeições admirativas a propósito de Roberto Morgand.

— Sim, senhor — exclamava -, isso é que foi heroísmo! A vaga tinha a altura de um prédio alto, e nós víamo-la chegar com velocidade incrível. Era uma coisa aterradora, e para saltar para dentro dela foi precisa ao professor uma coragem extraordinária. Confesso que eu, que lhes estou falando, não o teria feito. É uma jóia, uma verdadeira jóia!

Era um verdadeiro amigo que Thompson possuía na pessoa do honrado merceeiro honorário. E, apesar disso, tal é o poder da cupidez, Thompson ia arriscar-se nessa ocasião a perder para sempre esse amigo fiel.

Os passageiros, tendo abandonado a mesa, subiram ao spardeck, cujo silêncio mal perturbavam. Somente Blockhead continuava a dar parte urbi et orbi da sua perpétua satisfação, e especialmente à agradável família, aumentada com o desgraçado Tigg, conservado debaixo das vistas dos seus dois carcereiros.

— Abel — dizia solenemente Blockhead -, não esqueças nunca o que te foi concedido ver no decurso desta soberba viagem. Espero...

Qual era a esperança de Blockhead? O tendeiro honorário não pôde revelá-la nessa altura: Thompson abordava-o de papel na mão.

— Peço que me desculpe, Sr. Blockhead — disse -, de lhe apresentar a minha continha. Um antigo comerciante não deve levar a mal que uma pessoa faça regularmente os seus negócios.

De chofre, Blockhead pareceu comovido.

A cara bonacheirona tornou-se menos alegre.

— Uma conta? — repetiu, repelindo o papel que Thompson lhe estendia. — Parece-me que nós não podemos ter contas um com o outro. Paguei os meus lugares.

— Mas não totalmente — rectificou Thompson, sorrindo.

— Como! Pois não pagámos tudo? — balbuciou Blockhead.

— Parece-me que a memória o trai — insistiu Thompson. — Se fizer um pequeno esforço, há-de lembrar-se de que apenas cobrei quatro lugares e meio.

— É verdade — concordou Blockhead, abrindo muito os olhos.

— Pois bem! — continuou Thompson. — Esse meio lugar era para o seu filho, Mr. Abel, aqui presente, o qual não tinha ainda feito dez anos no momento da partida. Será preciso lembrar ao pai que é exactamente no dia de hoje que ele atinge essa amável idade.

Blockhead empalidecera à medida que Thompson falava. Meterem-lhe as mãos nas algibeiras.

— Então. — insinuou, com voz débil.

— Não há já razão — respondeu Thompson -, para beneficiar da redução convencional. Contudo, a Agência, por espírito de conciliação e, considerando que a viagem já está em parte feita, renunciou espontaneamente à metade que lhe é devida. Pode ver que a conta se eleva a dez libras, nem mais nem menos.

Dizendo isto, Thompson insinuou delicadamente a nota entre os dedos do seu passageiro desmoralizado e, fazendo boquinhas, esperou a resposta.

O rosto de Blockhead perdera a habitual serenidade.

Que belo arrebatamento de cólera se a sua alma plácida fosse susceptível desse sentimento, Mas Blockhead não conhecia a cólera. Com os lábios lívidos e a fronte enrugada, permanecia silencioso, esmagado sob o olhar um pouco irônico de Thompson.

Infelizmente, Thompson dera pouca importância ao seu hóspede. O inofensivo Blockhead possuía temíveis aliados. De súbito, o Administrador-Geral viu a pequena distância dos olhos três pares de garras agudas precedendo três bocas armadas de dentes terríveis, enquanto um tríplice grito lhe retinia nos ouvidos.

Mrs. Georgina e as suaves misses Mary e Bess vinham em socorro do seu chefe.

Thompson voltou-se para o lado das assaltantes e, à vista desses rostos convulsionados pelo furor, foi empolgado por terror pânico. Rapidamente, bateu em retirada. Por outras palavras, fugiu, deixando Mrs. Georgina, miss Bess e miss Mary nos braços de Mr. Absyrthus Blockhead, que retomava com dificuldade a respiração.

CAPÍTULO XVII

O Segundo Segredo de Roberto Morgand

Tudo dormia ainda a bordo do Seamew quando, no dia seguinte de manhã, Jack Lindsay surgiu da escada dos camarotes. Com passo incerto percorreu durante instantes o spardeck, e depois, tendo ido maquinalmente assentar-se num dos bancos de bombordo, encostou-se à amurada e deixou distraidamente errar a vista pelo mar.

Uma nuvem ligeira, no horizonte de sudeste, anunciava a aproximação da primeira Canária. Mas Jack não via essa nuvem de granito. A nada dava atenção senão a si próprio, applicava-se unicamente a decifrar os pensamentos e absorvia-se no exame da sua situação, a qual, desde a véspera, não cessava de encarar debaixo de todos os aspectos. De novo revivia a cena da torrente. De novo ouvia, como se lho tivessem dado aos ouvidos, o grito de angústia soltado debalde por Alice. Neste ponto do drama impunha-se pela décima vez ao seu espírito uma pergunta obcecante, inquietadora. Teria Alice compreendido? No caso afirmativo, se tivesse visto claramente o odioso recolher da mão estendida, iria sem dúvida proceder, buscar uma protecção necessária ou talvez denunciá-lo!

E, então, que lhe restava fazer? Mas, pela décima vez, tranquilizava-o uma análise mais serena dos factos. Não, Alice não falaria. Não consentiria nunca que o seu nome se envolvesse num escândalo. Ainda que conhecedora dos factos, havia de calar-se. Finalmente, tinha Alice visto e compreendido? Nada em suma era menos certo. Devia tudo ter ficado confundido no caos dos elementos e das almas.

À força de pensar no caso, Jack chegou a tranquilizar-se por esse lado. Pensou que nenhuma dificuldade se levantaria e que poderia viver com os seus companheiros como até esse dia, sem exceptuar Alice, confiante e viva! — Rematava mentalmente. — Pondo as coisas no seu lugar, impunha-se, porém, reconhecer o miserável desfazer do plano subitamente desmoronado.

Alice estava a bordo do Seamew bem viva e senhora sempre dessa enorme fortuna que se recusava a partilhar com ele.

De resto, ainda que ela estivesse morta, as esperanças de Jack não seriam menos irrealizáveis. Não ignorava que a irmã de Alice, Dolly, não seria de fácil conquista.

O desespero dessa menina, que lançara por terra todas as barreiras das conveniências, levantadas pelo uso, permitira reconhecer ao mais cego o estado do seu espírito e Jack pensava que devia renunciar para sempre a apoderar-se-lhe do coração que pertencia inteiramente a Rogério de Sorgues. Assim, de que serviria a morte de Alice? A menos que... insinuava-lhe uma voz no íntimo. Mas Jack, encolhendo desdenhosamente os ombros, lançava para longe de si essas sugestões insensatas. Até aí assassino passivo, havia de converter-se em activo atacando abertamente as duas mulheres?... Tudo isso eram loucuras. À falta de outras razões, esse crime seria absurdo. O culpado, único herdeiro das vítimas, estaria forçosamente exposto às primeiras suspeitas. E, além disso, que meio havia de empregar para enganar a guarda zelosa de Rogério de Sorgues. Isso não resistia a um exame profundo. E Nada havia a fazer nem a esperar. Apenas uma expectativa pacífica se não existisse nenhuma

testemunha da tentativa abortada. Neste ponto Jack julgava a sua segurança absoluta. Estava completamente só com Alice quando ela lhe estendera os braços suplicantes. Nenhuma outra pessoa estava Próxima quando a vaga furiosa a arrebatara no turbilhão.

Outra pessoa?... que disparatada ideia. Precisamente quando fazia ironicamente esta pergunta, Jack sentiu pousar-lhe energicamente uma mão no ombro.

Estremeceu e levantou-se bruscamente. Era Roberto Morgand a pessoa que o defrontava.

— Senhor — balbuciou Jack num tom em que tentava mostrar tranqüilidade.

Roberto, com um gesto, cortou-lhe a palavra, e, sem deixar que a mão continuasse a pesar no ombro do miserável, declarou-lhe com frieza ameaçadora: — Vi tudo!

— Senhor — tentou Jack explicar -, não compreendo.

— Vi tudo! — repetiu Roberto, num tom mais grave, no qual Jack pôde entrever solene advertência.

Este empertigou-se e, sem aparentar por mais tempo a ignorância, disse com altivez: — Que modos tão estranhos! A Agência Thompson amestrou muito singularmente os seus empregados. Quem lhe deu o direito de me tocar?

— O senhor — respondeu Roberto, sem se dignar insurgir-se contra a intenção injuriosa contida nas palavras do americano. — Toda a gente tem o direito de pôr a mão no ombro de um assassino.

— Assassino! Assassino! — repetiu Jack Lindsay, sem se perturbar -, é muito cedo ainda para o dizer! Desse modo o senhor tem a pretensão de me prender — acrescentou zombeteiro, sem procurar desculpar-se.

— Ainda não — disse friamente Roberto -, Nesta ocasião, limito-me a adverti-lo. Se apenas o acaso me pôs desta vez entre o senhor e Mrs. Lindsay, de ora avante será a minha vontade.

Jack encolheu os ombros.

— Está entendido, meu amigo, está entendido — aquiesceu ele com irreflexão insolente. — Mas o senhor disse: Ainda não. Quer dizer que mais tarde...

— Contarei tudo a Mrs. Lindsay — interrompeu Roberto, sem sair da sua calma -, Feita sabedora por mim da questão, compete-lhe depois decidir.

Desta vez Jack perdeu os modos zombeteiros.

— Advertir Alice! — exclamou, com os olhos repentinamente rutilantes de cólera.

— Sim.

— O senhor não fará tal!

— Faço.

— Tome cuidado — rugiu Jack, ameaçador, avançando um passo para o intérprete do Seamew.

Chegou a vez de Roberto encolher os ombros.

Jack, por violento esforço, tornou-se impassível.

— Tome cuidado — repetiu, com voz sibilante -, Tome cuidado consigo e com ela.

E, sem esperar resposta, afastou-se bruscamente.

Roberto ficou só e coube-lhe a vez de pensar, Achando-se em frente do abominável Jack, fora direito ao fim e cumprira sem rodeios o que resolvera.

Bastaria esta lição provavelmente. De ordinário os maus são cobardes. Quaisquer que fossem as razões ignoradas, mas suspeitadas, que o tinham levado a este meio crime, Jack

perderia a audácia e Mrs. Lindsay nada mais teria a temer do seu perigoso parente. Mesmo, se fosse necessário, velaria por ela.

Terminada a sua breve execução, Roberto expulsou desdenhosamente do espírito a imagem do seu antipático companheiro de viagem e dirigiu o olhar ocioso para o horizonte do sudeste, onde o nevoeiro anterior se transformara numa alta ilha, enquanto mais para sul se elevavam confusamente outras terras.

— Faz-me o favor de dizer, Sr. professor, que ilha é esta? — perguntou por detrás dele uma voz chalaceadora.

Roberto, voltando-se, encontrou-se em frente de Rogério de Sorgues. Sorriu, mas conservou-se silencioso porque não sabia o nome da ilha.

— Cada vez melhor! — exclamou Rogério, irónico mas amistoso. — Com que então esquecemo-nos de consultar o nosso excelente guia? É uma felicidade o ter-me mostrado menos negligente.

— Ora — disse Roberto.

— Perfeitamente. A ilha que se eleva diante de nós é a ilha Allegranza, isto é, a ilha Alegre, Sr. professor.

Porque razão será ela alegre? Talvez porque não tem habitantes. Inculca e árida, esta terra não é com efeito visitada senão na época da colheita da orcela, planta tintureira que constitui uma das riquezas deste arquipélago. A nuvem, que o senhor vê mais ao sul, indica o lugar da grande ilha de Lancelote. Entre Lancelote e Allegranza pode-se distinguir a Graciosa, outro ilhéu desabitado, separado de Lancelote por estreito canal, o Rio e Monte Clara, simples rochedo muitas vezes funesto aos navegantes.

— Muitíssimo obrigado, Sr. intérprete — agradeceu gravemente Roberto, aproveitando a ocasião em que Rogério se calara esbaforido.

Os dois compatriotas puseram-se a rir.

— É verdade — continuou Roberto -, que tenho descurado cruelmente as minhas funções há alguns dias.

Mas também para que me fizeram perder tempo a atravessar a ilha da Madeira?

— Entende que empregou mal o seu tempo? — objectou Rogério, indicando-lhe Alice e Dolly, que caminharam enlaçadas para eles.

O passo firme de Mrs. Lindsay demonstrava que readquirira a plenitude da saúde. Um pouco de palidez e algumas ligeiras equimoses, na fronte e nas faces, eram os últimos vestígios da aventura onde estivera prestes a ser empolgada por espantosa morte. Roberto e Rogério tinham avançado para as americanas, que, vendo-os, desfizeram o grupo harmonioso. Alice apertou demoradamente a mão de Roberto e envolveu-o num olhar mais eloquente do que todos os agradecimentos verbais.

— A senhora aqui! — exclamou Roberto. — Não é imprudência abandonar tão cedo o seu quarto?

— Nenhuma — respondeu Alice com um sorriso -, nenhuma, graças ao senhor, que tão bem me protegeu, à custa da sua saúde, durante a nossa viagem involuntária — involuntária pelo menos para mim — rematou, com o olhar iluminado por caloroso agradecimento.

— Oh! minha senhora, fiz quanto é natural fazer. Os homens são muito menos frágeis do que as senhoras. Compreende que os homens...

Na sua confusão Roberto perdia-se nas explicações.

la dizer tolices.

— Olhe, minha senhora, peço-lhe que não falemos mais nisso. Julgo-me feliz pelo que se passa e não queria — palavra terrivelmente egoísta — que tal se houvesse passado. Teria ficado suficientemente pago com a minha própria alegria, se fosse necessária paga, mas a dívida para comigo a senhora pode considerar-se isenta.

Para cortar cerce qualquer novo enternecimento apressou-se a levar os seus companheiros para a amurada, e começou a fazer-lhes admirar as ilhas, que se elevavam cada vez mais no horizonte.

— Aproximamo-nos, minhas senhoras, do fim da nossa viagem — disse com volubilidade -, diante de nós está a primeira Canária, Allegranza. É uma ilha inculta e desabitada, excepto na época da colheita da orcela. esta planta tintureira constitui uma das riquezas deste arquipélago. Mais ao sul vê-se a ilha do Rio, separada por um braço de mar, o Monte Clara, de um ilhéu igualmente desabitado, chamado Lancelote, e de Graciosa, simples rochedo perdido.

Rogério cortou-lhe a palavra com uma gargalhada.

Roberto não pôde acabar a sua fantástica descrição.

— Com mil diabos, que confusão! — exclamou o oficial, ouvindo esta tradução livre da sua conferência.

— Decididamente — disse Roberto, fazendo coro com ele -, tenho de estudar um pouco mais as Canárias.

Como às dez horas o Seamew estivesse a 5 milhas de Allegranza, pôs a proa quase ao sul. Daí a uma hora passava diante do rochedo de Monte Clara, quando a sineta tocou chamando os passageiros.

O menu continuava a sua marcha descendente. A maior parte dos viajantes, imersos numa feroz resignação, pareceram não lhe ligar importância. Mas Alice, que não tinha sido beneficiada com a edição do dia anterior, experimentou certa surpresa e não pôde encobrir um pequeno trejeito.

— O sistema das compensações, Minha senhora — gritou-lhe audaciosamente Saunders através da mesa -, Quanto maior é a viagem pior é a mesa.

Alice sorriu, mas não respondeu. Thompson fingiu não ter ouvido o seu encarniçado perseguidor. Limitou-se, como sinal de indiferença, a fazer estalar a língua com um rosto prazenteiro. Estava satisfeito com a sua cozinha!

Quando os passageiros subiram ao convés, o navio tinha passado o ilhéu da Graciosa e começava a seguir, com velocidade cada vez mais reduzida, as costas de Lancelote. Roberto não devia estar no seu posto, para comentar o espectáculo que se oferecia aos olhos dos passageiros, e pronto a suportar todos os interrogatórios e a responder a todas as perguntas de algibeira?

Decerto. apesar disso o cicerone do Seamew permaneceu invisível toda a tarde.

De resto, o que poderia ele dizer? A costa ocidental de Lancelote desenrolava-se uniformemente ostentando uma selvajaria que, desde os Açores, começava a tornar-se um pouco monótona.

Primeiro é uma alta falésia, o Rio de Famara, depois a margem mais baixa cobre-se de cinzas vulcânicas, donde emerge uma multidão de cones negros, até chegar enfim à Playa Quemada, praia ardente, cujo lume indica bem a irremediável infertilidade. Por toda a parte a

desolação, por toda a parte surgem rochedos tristes, que se confundem com as plantas azuladas e carnudas, únicas que chegam a fixar as raízes neste solo. Não há cidade alguma importante nesta costa ocidental, que apenas é animada pelas pobres aldeias, em reduzido número, cujo nome é desconhecido dos cicerones mais bem informados.

Dos dois centros comerciais da ilha, um, Tehusa, está no interior das terras e o outro, Arrecife, oferece na costa oriental o abrigo do seu porto excelente. É nestas regiões e noutras análogas, sujeitas aos alísios do nordeste, que trazem consigo uma humidade benéfica, que a vida pôde estabelecer-se, enquanto o resto da ilha, em parte costeada pelo Seamew, foi principalmente transformada pela secura em verdadeiras estepes.

Eis aqui o que Roberto Morgand poderia ter dito se o tivesse sabido e se lá estivesse. Como nenhuma destas condições foi satisfeita, os turistas tiveram de passar sem cicerone, facto a que pareceram não dar importância. Com o olhar apagado e o aspecto acabrunhado deixava correr de conserva o navio e o tempo, sem manifestar curiosidade alguma. Apenas Hamilton e Saunders mantinham um pouco da natural belicosidade. O próprio Blockhead parecia desde a véspera sensivelmente deprimido. Rogério fez durante essa tarde, como de costume companhia às americanas, estas por várias vezes se admiraram da ausência de Roberto, o que o seu compatriota explicou pela necessidade de consultar o guia. Travado esta palestra, continuaram-na por muito tempo, e durante algumas horas as orelhas do intérprete do Seamew tiveram toda a razão para se conservarem quites. Dolly achava-o muito a seu gosto e Rogério aprovava-a energicamente.

— O que ele fez por Mrs. Lindsay é já sofrivelmente heróico. Mas Roberto Morgand é um desses homens que executam com simplicidade tudo o que é necessário ser executado. É um homem em toda a acepção da palavra.

Alice escutava estes elogios, sonhadora, com o olhar perdido no horizonte, vago como os pensamentos que lhe agitavam a alma.

— Bom dia, Alice! Estou satisfeitiíssimo por a ver de novo boa de saúde — disse subitamente uma personagem, cuja aproximação não tinha sido sentida pelos três conversadores, absortos nos seus elogios.

Mrs. Lindsay teve um estremecimento, rapidamente reprimido.

— Obrigado, Jack — voltou com voz calma — Com efeito, a minha saúde é excelente.

— Nenhuma notícia me pode ser mais agradável — respondeu Jack, soltando, a seu pesar, um suspiro de alívio.

Tinha-se dado esse primeiro choque, que ele tanto temia, e achava-se saído dele esplendidamente. Pelo menos até aqui, sua cunhada nada sabia.

Ficou tão animado por esta certeza que o seu carácter, ordinariamente sombrio, animou-se excepcionalmente.

Em vez de se conservar afastado, meteu-se na conversação. Tornou-se surpreendente, foi quase jovial. Dolly e Rogério, que não se preocupavam com ele, respondiam frouxamente, enquanto Alice, ou pelo menos o seu espírito, parecia não ouvir nada do que se dizia em redor dela.

Às quatro horas o Seamew deixou para a retaguarda a ilha de Lancelote e começou a costear as margens quase idênticas de Fortaventura. Se não fosse o Bocaína, canal de dez quilómetros de largura que separa as duas ilhas, ninguém teria dado pela mudança.

Roberto persistia em estar ausente. Foi de balde que Rogério, intrigado por esta desapareição total, foi até aos camarotes para repreender o seu amigo. O professor Morgand não estava no beliche.

Não o viram senão ao jantar, que foi tão triste como o almoço, e, apenas terminou a refeição desapareceu de novo. Alice, quando subiu ao spardeck, pôde ver, ao cair da noite, iluminar-se a vigia do camarote do seu incompreensível salvador.

Roberto permaneceu toda a noite invisível. Quando as passageiras americanas se foram deitar, ainda brilhava no camarote a luz estudiosa.

— Está danado! — disse Rogério, rindo, conduzindo as duas irmãs ao camarote.

Quando chegou ao beliche, Alice não se meteu na cama com a tranqüilidade costumada. As mãos prenhas demoravam-se. Mais de uma vez se surpreendeu sentada a sonhar, tendo inconscientemente interrompido os cuidados da sua toilette nocturna.

Houvera nela alguma transformação que não podia dizer. Pesava-lhe no coração angústia indefinida.

Um ruído de folhas amarrotadas no quarto vizinho provaria-lhe que Mr. Morgand estava ali a trabalhar.

Mas bem depressa Alice estremeceu. Terminara o voltar das folhas. O livro fechado com uma pancada seca, uma cadeira repelida e a seguir o ruído de uma porta fechando-se, tinham demonstrado à indiscreta escutadora que Mr. Morgand subira ao convés.

— Será porque já lá não estamos? — pensou involuntariamente Alice.

Com um movimento de cabeça, repeliu esta ideia e deliberadamente acabou a toilette.

Cinco minutos depois, estendida na cama, tentava conciliar o sono, que não devia chegar tão depressa como costumava.

Roberto, experimentando depois desta rigorosa clausura a necessidade de tomar ar, subira efectivamente ao convés.

A bitácula do spardeck, tornada luminosa na noite escura, exerceu nele certa atracção. Num relance de olhos viu que o rumo era o de sudoeste e inferiu daí que o Seamew se dirigia para a Grande Canária. Como nada tinha que fazer, voltou para a popa e deixou-se cair numa cadeira, ao lado de um fumador, que lhe passou despercebido.

O seu olhar, durante um momento, flutuou na sombra, sobre o mar invisível, e, deixando descair a fronte entre as mãos, depressa se perdeu num abismo de pensamentos.

— Sim, senhor — disse de súbito o fumador -, que tenebrosa que está esta noite, Sr. professor!

Roberto estremeceu e pôs-se de pé rapidamente. O fumador levantara-se ao mesmo tempo, e, à luz dos faróis, o professor reconheceu o seu compatriota, Rogério de Sorgues, de mão cordialmente estendida, tendo nos lábios um sorriso de bom acolhimento.

— É verdade. Estou um pouco incomodado.

— Doente? — interrogou Rogério com interesse.

— Precisamente doente, não. Talvez seja antes cansaço.

— Restos do seu mergulho do outro dia?

Roberto fez um gesto evasivo, enquanto Rogério continuava: — Mas também que diabo de ideia teve de se fechar no camarote todo o dia!

Roberto repetiu o gesto, decididamente o mesmo para todas as respostas.

Rogério insistiu: — Naturalmente esteve trabalhando?

— Devo confessar que tenho bastante necessidade disso! — retorquiu Roberto, sorrindo.

— Mas onde demônio se instalou o senhor para compulsar os seus endiabrados guias? Fartei-me de bater à porta sem obter resposta.

— Naturalmente procurou-me no momento em que eu descansava um bocado ao ar livre.

— E não foi capaz de ir ter connosco! — observou Rogério com leve censura na voz.

Roberto ficou silencioso.

— Não sou eu o único a admirar-me da sua desapareição. As senhoras manifestaram-me diversas vezes o seu desgosto pela ausência do meu amigo. Foi até a pedido de Mrs. Lindsay que me resolvi a ir atacá-lo no seu reduto.

— Será verdade! — exclamou Roberto, muito a seu pesar.

— Isto fica entre nós — insistiu amigavelmente Rogério. — A sua reclusão foi apenas devida ao amor pelo trabalho?

— De modo nenhum.

— Nesse caso — afirmou Rogério -, houve abuso e portanto andou mal. A sua ausência estragou-nos o dia. Todos nós, e especialmente Mrs. Lindsay, passámos o tempo mal-humorados.

— Que ideia! — exclamou Roberto.

A observação feita por Rogério, sem nenhuma intenção reservada, sobre o descontentamento de Mrs. Lindsay nada tinha de extraordinário. Por isso foi grande a admiração pelo efeito produzido por palavras tão simples. Depois de ter soltado a sua exclamação com voz esquisita, Roberto voltara-se. Parecia incomodado, denunciando no rosto expressão simultaneamente de alegria e de embaraço.

— Oh! oh! — exclamou Rogério, subitamente interessado, depois de curto silêncio: — Mas parece-me que avanço muito atribuindo a tristeza de Mrs. Lindsay à sua ausência. Imagine que tivemos de suportar toda a tarde esse maldito Jack Lindsay que, em geral, costuma ser menos pródigo de amabilidades, sempre desagradáveis. Contrastando com os outros dias, estava hoje muito jovial. Mas essa alegria é mais aborrecida do que a sua frieza, e eu não ficaria admirado se me dissessem que a presença dele foi suficiente para sombrear o rosto de Mrs. Lindsay.

Rogério olhou para Roberto, que nem mesmo pestanejou. Depois continuou: — Demais a mais, a pobre senhora ficou reduzida a sustentar sozinha aquele interminável assalto. Eu e miss Dolly abandonámo-la cobardemente, esquecidos do resto do Mundo, metendo na conta o tal cunhado.

Desta vez Roberto fitou o seu compatriota. Este não se fez rogar para acabar a confidência.

— Como é que acha Miss Dolly? — perguntou ao amigo, aproximando a cadeira com um movimento brusco.

— Adorável — respondeu Roberto com sinceridade.

— Não é verdade que é adorável? — disse Rogério -, Pois bem, meu caro amigo, quero que seja informado antes de todos. Amo essa menina, que, como o senhor disse, é adorável, e tenciono desposá-la quando regressar a Londres.

Roberto não pareceu muito surpreendido com esta novidade.

— Já há muito que esperava essa confidência — afirmou, sorrindo -, Na verdade o seu segredo é um pouco como o de Polichinelo. Mas dá-me licença que lhe faça uma pergunta?

Conhece essas senhoras Lindsay? Pensou alguma vez que uma união com essa família poderia achar oposição na sua?

— Na minha? — respondeu Rogério, apertando a mão do seu benévolo conselheiro -, Já não tenho família. Quando muito, alguns primos afastados, que não querem saber dos meus negócios. Além disso, amar como soldado não é amar como doido. Tratei de me haver com a prudência de um velho notário.

Assim que chegámos aos Açores — já estava infectado do micróbio do casamento — pedi pelo telégrafo informações sobre a família Lindsay, informações que me foram transmitidas na Madeira. Essas informações, à excepção de Jack — e o telégrafo nada trouxe a respeito dele que eu não tivesse adivinhado já -, foram tais que todo o homem honesto deve orgulhar-se de desposar Miss Dolly. Ou sua irmã — ajuntou, depois de pequena pausa.

Roberto soltou um leve suspiro e não respondeu.

— Ora vejam lá como o senhor se tornou silencioso! — continuou Rogério, depois de um momento de silêncio -, Naturalmente o senhor teria de formular objecções tais que...

— Pelo contrário, apenas palavras de incentivo. Miss Dolly é encantadora e o senhor é um felizardo. Mas, ao escutá-lo, tive o egoísmo de pensar em mim e, durante um momento, invejei-o... Perdoe-me este sentimento tão censurável.

— Invejou-me! Porquê? Qual seria a mulher com suficiente mau gosto para recusar o marquês de Gramond...

— Cicerone-intérprete a bordo do Seamew e possuidor de cento e cinquenta francos, muito problemáticos para quem conhece Thompson — acabou Roberto amargamente.

Rogério repeliu a objecção com gesto indiferente, dizendo com frivolidade: — Que infeliz ideia! Por acaso o amor mede-se com escudos? Tem-se visto mais de uma vez e principalmente americanas...

— Basta! — interrompeu Roberto com voz breve, apoderando-se da mão do amigo. — Confidência por confidência... Escute a minha, e há-de compreender a razão por que não posso gracejar sobre este assunto.

— Estou escutando — disse Rogério.

— Há pouco, o senhor perguntou-me a razão por que me afastei hoje do seu grupo. Pois bem Tinha-a bem forte para isso.

— Mas ora até que enfim chegámos ao ponto — pensou Rogério.

— O senhor pode deixar-se arrastar livremente pela atracção exercida por miss Dolly. Não oculta a ventura que sente em amar. A mim paralisa-me o temor de amar...

— O temor de amar! Ora aí está um temor que nunca hei-de sentir!

— Sim, temor. O acontecimento imprevisto, no decurso do qual tive a ventura de prestar um serviço a Mrs. Lindsay, elevou-me naturalmente aos seus olhos.

— Fique certo de que não tinha necessidade de ser elevado aos olhos de Mrs. Lindsay — interrompeu francamente Rogério.

— Esse acontecimento introduziu mais intimidade nas nossas relações, tornou-as menos hierárquicas, quase amistosas — prosseguiu Roberto -, Mas, ao mesmo tempo, permitiu que eu visse claro, mesmo muito claro, na minha alma. Ai de mim! Acaso teria feito o que fiz se não a amasse?

Roberto calou-se um momento. Depois continuou: — Foi por isso que a consciência me ordenou que não quisesse aproveitar, como nunca me aproveitarei, da minha nova intimidade

com Mrs. Lindsay.

— Que engraçado apaixonado me saiu! — observou Rogério, com ironia afectuosa.

— É para mim uma questão de honra —olveu Roberto -, Ignoro qual é a fortuna de Mrs. Lindsay, mas creio que é considerável, por causa de certos factos de que fui testemunha — Confidenciou Roberto.

— Que factos?

— Não me conviria muito — continuou Roberto, sem se explicar mais -, passar por fazer a corte à riqueza, suposição que seria autorizada pela minha lamentável situação.

— Vejamos, meu caro — objectou Rogério -, essa delicadeza honra-o, mas já reflectiu em que o rigor dos seus sentimentos condena um pouco os meus? Eu raciocino menos do que o senhor quando penso em Miss Dolly.

— A nossa situação não é a mesma. O senhor é rico.

— Em relação ao meu amigo — ripostou Rogério -, mas pobre em relação a miss Dolly. A minha fortuna nada é ao lado da possuída por ela.

— Mas basta para garantir a sua independência — tornou Roberto. — E, além disso, Miss Dolly ama-o com certeza.

— Parece-me que sim — admitiu Rogério. — Mas se Mrs. Lindsay o amasse?

— Se Mrs. Lindsay nutrisse por mim semelhante sentimento — murmurou Roberto.

Mas logo sacudiu a cabeça como para expulsar essa hipótese insensata, e, encostando-se à amurada, deixou vaguear de novo o olhar sobre o oceano. Rogério também se encostara ao balaústre e durante muito tempo reinou silêncio absoluto entre os dois amigos.

Assim correram tranqüilamente as horas. O timoneiro anunciara havia muito tempo a meia-noite e ainda os dois amigos seguiam os seus sonhos dançando na esteira do navio, sonhos que para um eram tão alegres e para outro tão tristes!

CAPÍTULO XVIII

Em que o Seamew Pára de Vez

Se os passageiros tivessem subido, ao romper da aurora, ao spardeck, teriam podido avistar as costas elevadas da Grande Canária, ainda muito afastada. Era ali que o Seamew iria fazer a primeira escala no arquipélago. Tenerife seria a segunda e última das viagens.

O arquipélago das Canárias compõe-se de onze ilhas ou ilhéus, dispostos em semicírculo, de concavidade voltada para o Norte. Começando na extremidade nordeste para acabar na noroeste, acha-se sucessivamente: Allegranza, Monte Clara, Graciosa, Lancelote, Lobos, Fortaventura, Grande Canária, Tenerife, Gomera, a ilha de Ferro e Palma. Estas ilhas, habitadas por uma população de cerca de duzentas e oitenta mil almas, separadas, as mais orientais, da África por um braço de mar de largura superior a cem quilómetros, reúnem entre si uma superfície superior a duzentas e setenta e cinco léguas quadradas.

As Canárias, governadas por um comandante que reside em Santa Cruz de Tenerife, e por dois alcaides, formam uma província da Espanha. É verdade que se trata de uma província longínqua e portanto um pouco desprezada. É necessário admitir este desprezo para explicar o comércio medíocre do arquipélago, que, devido à sua situação geográfica, deveria ser uma das principais hospedarias da grande estrada do oceano.

As Canárias assemelham-se pelo seu aspecto selvagem, ainda que sejam diferentes pela extensão. São todas grandes massas de rochedos, orladas apenas por estreitas faixas de areia. Ao ver estas muralhas de ferro, o viajante fica admirado do epíteto de Afortunadas que outrora foi aplicado a estas ilhas de tão desagradável aspecto. Mas o assombro desaparece, ou antes muda de natureza, quando o turista penetra no interior das terras.

Sendo todas de origem vulcânica, são talhadas pelo mesmo padrão. Eleva-se quase sempre na periferia um cinto de vulcões secundários, rodeando um vulcão principal. A justificação do epíteto criticado acha-se nas crateras dos vulcões, hoje extintos, abrigados pelas suas paredes circulares dos ventos tórridos vindos da África, nos vales que separam os cumes e nos planaltos côncavos que coroam alguns dos seus vértices. Aí reina uma primavera perpétua, aí, quase sem cultura, a natureza fornece ao homem três colheitas anuais.

A Grande Canária não é a ilha mais vasta do arquipélago. foi a coragem que os primeiros habitantes mostraram, quando João de Bettencourt as conquistou, que lhe valeu o nome que hoje tem. E a falar a verdade não é essa uma maneira de ser grande? Não vale tanto como outra qualquer?

A Agência Thompson dera provas de grande discernimento escolhendo-a como ponto de descanso. A Grande Canária é o resumo das outras ilhas. Se nela não existe um cume tão prodigioso como Tenerife, ocupa todavia um bom lugar, talvez o primeiro de todos. E ela que possui as costas mais inacessíveis, a ponto de os peixes não poderem depor ali a desova, os vales mais abrigados, os abismos mais profundos e em geral é a que contém mais curiosidades naturais.

Entretanto, ter-se-ia podido fazer à Agência Thompson uma judiciosa observação. Para ver tudo o que há de interessante na Grande Canária, para, pelo menos, fazer pequena ideia

dela, não teria sido necessária uma pequena excursão ao interior da ilha e continuar o empreendimento até ao campo?

Ora a Agência Thompson esquecera completamente este pormenor.

Aquilo que o programa anunciava era o seguinte: Chegada a Las Palmas no dia 2 de Junho, às quatro horas da manhã. Às oito horas, visita à cidade. Partida para Tenerife, no mesmo dia, à meia-noite. É verdade que o navio chegou no dia 4 de Junho, mas esse facto não era de molde a modificar os planos da Agência no sentido de ruidosa prodigalidade. Quer o navio tivesse chegado a 2 ou a 4, o resultado seria o mesmo, a partida para Tenerife havia de ser no dia da chegada. Tanto pior para os passageiros se não chegassem a ver coisa nenhuma da ilha!

Além disso, todos aceitaram facilmente esta perspectiva. O aborrecido torpor de que estavam contaminados não teria dado a ninguém forças para manifestar o descontentamento, sendo ele fundado num caso em que a Agência não fazia senão cumprir as suas promessas.

E demais, como estavam cansados e tinham de partir no mesmo dia, partiriam «no mesmo dia». Se Thompson, subitamente, tivesse proposto aumentar o descanso, com certeza a maior parte dos passageiros ter-se-ia recusado a prolongar uma viagem que se já tornara pesado fardo.

Pelas onze horas, o Seamew achava-se em frente da capital, Las Palmas.

Os turistas puderam-na contemplar à vontade. O navio, arquejando e gemendo, pouco navegava já.

Os passageiros, pela primeira vez, desde a partida de Londres, puderam experimentar franca sensação de exotismo. A cidade, edificada à entrada do grande barranco de Guinguanda, uma sucessão de terrenos de bruscos ressaltos, tem aspecto oriental. As ruas estreitas e as casas brancas, de tectos planos, justificavam o nome de Casbah com que Rogério julgou dever gratificá-la.

Ao meio-dia o Seamew parava, enfim, no porto de La luz, distante da cidade cerca de três quilómetros, que era preciso depois tornar a fazer em sentido inverso.

Thompson, assim que o navio amarrou, colocara-se no cais, onde se esforçava por formar os passageiros em coluna, à medida que desembarcavam. Era a repetição da manobra que fatigara, pelos numerosos exercícios, nos Açores, os turistas arregimentados.

Mas, ai! onde estava a bela disciplina de então? Esses recrutas, por então dóceis, insubordinavam-se murmurando.

Os movimentos indicados por Thompson eram efectuados com evidente má vontade, o batalhão murmurava, as filas, mal se formavam, deslocavam-se. Depois de um quarto de hora de esforços infinitos Thompson conseguiu reunir cerca de dez fiéis, entre os quais o plácido Piperboom — de Roterdão — e Mr. Absyrthus Blockhead, que vovera ao seu bom humor habitual, desde que já não se fazia questão com a idade do seu rebento.

A massa dos turistas ficara para trás. Reunidos em grupo compacto, opunham invencível inércia às investidas do Administrador-Geral.

— Meus senhores, então!. — dizia timidamente Thompson aos recalitrantes.

— Já está tudo visto — respondeu brutalmente Saunders, tomando autoritariamente a palavra em nome dos companheiros -, Estamos pacientemente à espera dos veículos e condutores prometidos pelo seu programa.

Saunders, dizendo isto, brandia o impresso em que, com todas as letras, se alinhavam essas fálazes promessas.

— Mas, senhores, aonde querem que vá buscar veículos? — perguntou lastimosamente Thompson.

— Muito bem! — retorquiu Saunders, no tom de voz mais áspero que encontrou — Vou tratar de arranjar uma carruagem para mim só.

Tirou da algibeira o livro de lembranças e rematou, pondo-se em marcha, ao passo que as suas articulações se enchiam de ruídos belicosos.

— Mas essa carruagem vai ser alugada à sua custa. É uma conta que há-de ser regulada em Londres.

— Vou consigo! — exclamou sir George Hamilton que, seguido por lady Hamilton e miss Hamilton, acertou o passo pelo do seu chefe de fila. Como esta adesão arrastasse outros, dois terços dos turistas tinham-se separado, alguns momentos mais tarde, dos restantes companheiros.

Nas proximidades do porto de La Luz foi visitada uma pequena cidade, com todos os recursos necessários aos navios ancorados. Saunders ia ali achar sem dúvida o que buscava. Como um pouco adiante das primeiras casas estacionavam três ou quatro carruagens, bastou Saunders fazer um sinal para que viessem ao seu encontro.

Infelizmente não chegavam para todos os turistas.

Quando as carruagens, depois de tomadas de assalto, se afastaram, a maioria dos dissidentes teve de voltar para trás, formando assim um acréscimo inesperado ao pequeno bando do general em chefe. Neste momento, Mrs. Lindsay, acompanhada pela irmã e por Rogério, abandonava por sua vez o Seamew. Thompson, ao vê-lo, bateu as palmas para activar o movimento.

— Vá, senhores, tomem os seus lugares! Pensem que o tempo está passando.

De ordinário, Mrs. Lindsay era uma viajante pacífica e muito diferente do desagradável Saunders. Contudo, fosse pela sugestão dos companheiros, fosse por julgar ter já experimentado bastante os encantos de um passeio nesse ridículo alinhamento, o certo é que não pareceu acolher com muita satisfação a proposta que, indirectamente, lhe era feita.

— Como? — murmurou, medindo com o olhar a estrada poeirenta, viúva de casas e de sombra -, vamos fazer este caminho a pé?

— Considerar-me-ei muito feliz — propôs Roberto -, indo buscar uma carruagem à cidade, se a desejar.

Que peso achara na observação de Mrs. Lindsay para expor o seu oferecimento quando ficara indiferente aos anteriores protestos e ao movimento separatista de que tinham sido seguidos, avaliando em suma que isso lhe não dizia respeito! O obsequioso oferecimento saltara-lhe de chofre dos lábios. Imediatamente foi recompensado pelo seu belo pensamento. Não tendo pedido esse auxílio que lhe era oferecido, Mrs. Lindsay aceitou-o caridosamente como obséquio que lhe fosse devido.

— Se quer ter a bondade de se dar a semelhante incómodo — volveu, pagando com um sorriso ao benévolo comissionário.

Roberto ia partir quando o deteve novo pedido.

— Já que o Sr. professor vai à cidade, não poderia fazer o favor de me procurar também uma carruagem? — pedia lady Heilbuth.

Apesar da forma polida como a senhora fez o pedido, Roberto não deixou de pensar que lady Heilbuth podia mandar em seu serviço aquele lacaio, semelhante a um arganaz, que, por

detrás dela, tinha nos braços um javanês, que fora agora provido ao lugar de favorito. Entretanto, inclinando-se respeitosamente diante da velha passageira, declarou-lhe que estava completamente às suas ordens.

Mas em breve lamentou a delicadeza da resposta. Falando ao mesmo tempo e com grande profusão de gestos, todos o encarregavam de lhes prestar o mesmo serviço que fora oferecido a Mrs. Lindsay e concedido a Lady Heilbuth.

Roberto esboçou uma careta. Fazer-se correio de Mrs. Lindsay era um prazer, encarregar-se das comissões de lady Heilbuth, vá! Mas ver-se esmagado por serviços a prestar a toda a gente, mudava singularmente a questão. Contudo, não podia recusar. Rogério veio generosamente em seu socorro.

— Vou consigo, meu caro amigo — gritou-lhe -, e traremos connosco todas as carruagens da cidade.

Elevou-se um concerto de bravos, enquanto Roberto apertava a mão do seu compatriota, cujas mostras de delicada atenção já não tinham conta.

Os dois emissários, depois de palmilhada a estrada em passo acelerado, não tiveram trabalho em achar carruagens suficientes.

Já voltavam numa delas, quando a meio caminho cruzaram com Thompson, à frente da miserável coluna composta apenas de quinze soldados, os mais pobres ou mais avarentos do seu regimento, outrora tão tãful. Roberto, deixando ao companheiro o cuidado de acabar a comissão que tinham aceitado, juntou-se a essa coluna reduzida, à qual o chamavam as suas funções.

Seria exagerado dizer-se que estava satisfeito com semelhante encontro. Mas, como não podia escolher, tomou, ainda que sem entusiasmo, o seu lugar ao lado de Thompson e pôs-se à frente dos turistas.

Quando chegaram às primeiras casas da cidade estava-lhes reservada uma surpresa.

Thompson, quando lançou um olhar para a retaguarda, ficou pasmado. Onde é que estava a coluna? Fundida, dispersa, desaparecida.

Todos os cotovelos da estrada, todos os grupos de árvores cheias de sombra, tinham sido pretexto para alguma deserção e, pouco a pouco, todos os turistas até ao último tinham desaparecido. Já não havia ninguém atrás de Thompson, a não ser o monumental Van Piperboom — de Roterdão -, que parara ao mesmo tempo que o seu chefe e esperava sem impaciência.

Roberto e Thompson trocaram um olhar não desprovido de ironia.

— Sr. professor — disse este, enfim, com sorriso dissimulado -, não posso nestas condições fazer mais do que restituir-lhe a liberdade. Cá por mim, que não me importo com Las Palmas, vou, se me dá licença, voltar para bordo.

E Thompson, teimosamente seguido pelo impenetrável holandês que, evidentemente, não se divertia também nada em Las Palmas, voltou para trás.

Roberto ainda pensava, satisfeitíssimo, nesta aventura, quando se ouviu chamado por voz alegre.

— Olá! Então que diabo faz aí? Que foi feito do seu regimento? — perguntava Rogério da carruagem, onde estava sentado em frente das duas americanas.

— O meu regimento? — respondeu Roberto no mesmo tom. — Gostava de saber notícias dele. O coronel acaba de voltar para bordo, na esperança de ali encontrar os soldados.

— Não acha lá senão o impagável Johnson — disse Rogério, rindo -, porque esse original obstina-se em fugir do contacto com a terra.

— E o senhor, que faz?

— Nada, em toda a acepção da palavra, como está vendo.

— Nesse caso — concluiu Rogério, arranjando-lhe um lugar ao lado -, venha connosco. O Sr. professor dirigir-nos-á.

O rio de Guiniguanda separa Las Palmas em duas partes desiguais: a cidade alta, apenas habitada pela nobreza e pelos funcionários, e a cidade baixa, mais especialmente comercial, que vai morrer no promontório de oeste, na extremidade do qual se eleva a fortaleza do Castillo del Rey.

Durante três horas os turistas percorreram, quer a pé, quer de carruagem, as ruas da capital, depois, sentindo-se cansados, fizeram-se conduzir ao Seamew. A quem os tivesse interrogado poderiam ter respondido o seguinte: "Las Palmas é uma cidade bem construída, de ruas estreitas e sombreadas, mas onde a natureza do terreno transforma o passeio em contínua subida, seguida de constante descida. Além da catedral, de estilo Renascença espanhol, poucos monumentos interessantes possui.

O aspecto mourisco da cidade, vista do mar, convida o viajante a esperanças ilusórias. O encanto desaparece logo que é vista de perto. Não há nada menos mourisco do que as ruas, as casas, os habitantes, que oferecem à admiração pública elegâncias exclusivamente europeias e especialmente francesas.

Limitavam-se a isto as impressões de viagem de todos.

De que modo poderiam dar maior amplitude a essas impressões? Tinham acaso vivido a vida desse povo para poderem apreciar a delicadeza e o génio obsequioso, corrigidos por uma vivacidade que muitas vezes faz sair a faca da bainha? Acaso haviam penetrado nessas habitações de fachadas correctas, mas que não contêm senão compartimentos irrisórios, porque todo o espaço é destinado à sala de visitas, em cujas dimensões rivaliza o orgulho dos Canarianos? Poderiam conhecer a alma desta população, onde a altivez do antigo hidalgo se mistura com a orgulhosa ingenuidade do Guancho, um outro antepassado agora renegado?^[20]

É este o defeito das viagens rápidas. O homem, bastante complicado, não entra no seu domínio. Apenas a natureza se deixa apreender somente com um olhar.

Mas ainda faltava observá-la um pouco mais, porém a Agência Thompson opunha-se a isso formalmente.

Roberto nem ao menos possuía essas noções tão vagas que os turistas traziam do seu passeio através de Las Palmas. Nada tinha visto no decurso dessa tarde passada na intimidade de Mrs. Lindsay. Os seus olhos não conservaram senão uma imagem, a da jovem senhora, subindo e descendo as ruas em declive, interrogando-o ou respondendo-lhe com sorridente simplicidade.

Esquecendo as suas resoluções, abandonara-se à ventura presente. Mas, apenas tocou o convés do Seamew, os cuidados dissipados durante um momento tornaram a empolgá-lo. Porque havia de usar de subterfúgios com a sua consciência? Porque havia de enveredar por caminho que não queria seguir até ao fim? Essa tarde feliz deixava nele uma amargura, a angústia de talvez não ter sabido dissimular. E se se tivesse traído por algum olhar ou por qualquer gesto, como iria interpretá-los a rica americana? Como sinal de uma inconfessável cupidez do miserável suspirador?

A estes pensamentos sentia-se corar de vergonha e prometia guardar-se melhor para o futuro, chegando até a perder a amistosa simpatia, que contudo ganhara muito bem. Mas a sorte decidira que as suas generosas resoluções seriam letra morta.

A sua história estava escrita no céu e a cadeia dos acontecimentos torná-la-ia invencível.

No momento em que os quatro turistas chegaram a bordo, Thompson e o capitão Pip conversavam animadamente. Tratava-se sem dúvida de alguma discussão muito grave, Thompson, congestionado e febril, desfazia-se como de costume em gestos exuberantes. O capitão, plácido e calmo, respondia-lhe com breves monossílabos ou ainda mais vezes com gestos enérgicos, evidentes demonstrações de recusas resolutas. Mrs. Lindsay e os seus companheiros, intrigados, detiveram-se a alguns passos dos dois interlocutores. Não eram, porém, os únicos a interessar-se por esta discussão. Alinhados no spardeck, em três filas apertadas, os outros passageiros, em grande maioria seguiam com o olhar as peripécias da contenda.

Havia um facto que contribuía para excitar a curiosidade geral: a chaminé do Seamew não lançava já fumo. Apesar de a partida estar fixada para a meia-noite, nada estava preparado para isso. Todos se perdiam em conjecturas e esperavam impacientemente que terminasse a discussão entre Thompson e o capitão para obterem de qualquer deles algumas explicações.

A sineta deu o sinal para o jantar e ainda a conversa durava. Rapidamente, os passageiros tomaram os seus lugares habituais. Com certeza a chave do enigma ser-lhes-ia dada no decurso do jantar.

Mas o jantar acabou sem Thompson julgar conveniente satisfazer a curiosidade dos convivas.

Entretanto esta curiosidade ia momentaneamente diminuindo, dominada por outro cuidado mais imediato.

O passadio de bordo dera um passo enorme na marcha descendente que ia seguindo havia alguns dias. Animado pela impunidade, Thompson julgou provavelmente que tudo lhe era permitido. Mas o caso ia passando das marcas. O menu, digno de reles taberna, pecava também pela quantidade. O apetite dos convivas estava ainda a abrir quando foi servida a sobremesa.

Olharam uns para os outros e olharam para Thompson, que parecia perfeitamente à vontade. Contudo, ninguém ainda ousara formular qualquer reclamação, quando Saunders, segundo o seu uso, pôs de parte a civilidade, chamando com voz estridente: — Steward!

— Sir! — respondeu Mr. Roastbeef, acorrendo ao chamamento.

— Steward, queira tornar a servir-me desse execrável frango. Mais vale morrer de veneno que de fome.

Mr. Roastbeef pareceu não ter compreendido toda a graça deste excelente dito de espírito.

— Já não há mais, senhor — respondeu simplesmente.

— Tanto melhor! — exclamou Saunders. — Nesse caso dê-me outra coisa. Com certeza que não será pior que qualquer das já servidas.

— Outra coisa! — lamuriou Roastbeef. — O senhor não sabe que não há a bordo alimento suficiente para encher a cova... de um dente? Os senhores passageiros nem ao menos deixaram jantar para os oficiais!

Com que amargura Roastbeef pronunciara estas palavras!

— Vejamos, Roastbeef, acaso tenciona zombar de mim? — perguntou Saunders com voz tempestuosa.

— Eu, senhor! — implorou Roastbeef.

— Então que quer dizer semelhante gracejo? Estaremos aqui como os náufragos na jangada de Medusa.

Roastbeef abriu os braços em sinal de ignorância. E esse gesto lançava toda a responsabilidade sobre Thompson, que palitava os dentes com ar descuidado. Saunders, ultrajado com essa atitude, deu um tal soco na mesa que os copos saltaram.

— Estou a falar com o senhor! — exclamou, encolerizado.

— Comigo, Sr. Saunders! — respondeu Thompson, fazendo-se ingênuo.

— Sim, com o senhor. Jurou fazer-nos morrer à fome? É verdade que seria o único meio de sufocar os nossos queixumes.

Thompson esbugalhou um dos olhos, admiradíssimo.

— Há três dias que a alimentação se tornou indigna de um cão de pedinte. Temos tido paciência até hoje. Mas hoje já passa da marca. Apelo para todos os presentes.

A interpelação de Saunders obteve um êxito a que os jornais parlamentares teriam dado o nome de «aprovação unânime» e de «aplausos frenéticos». Toda a gente desatou a falar ao mesmo tempo. Aprovavam ruidosamente. Cruzavam-se alguns "Muito bem!" "e Tem razão!..." Durante cinco minutos o barulho tornou-se formidável.

No meio da confusão Rogério ria com vontade. Esta viagem tornava-se de um irresistível cómico. Alice, Dolly e Roberto participavam da hilaridade do alegre oficial. Nenhum deles renunciaria a este jantar tão mau mas tão divertido.

Durante este tempo Thompson, sem manifestar nenhuma emoção, esforçava-se por obter um pouco de silêncio. Talvez tivesse alguma boa razão a dar, de reserva.

— Reconheço — disse quando se estabeleceu finalmente silêncio relativo -, que este jantar foi um pouco pior que os precedentes...

A palavra foi-lhe cortada por gritaria geral.

— Que os precedentes — continuou Thompson tranqüilamente -, mas a Agência é inocente desse crime e Mr. Saunders lamentará as suas críticas quando conhecer a verdade.

— Palavras! — replicou brutalmente Saunders. — Não costumo pagar-me nessa moeda. Preciso de outra — ajuntou, tirando do bolso o eterno livro de apontamentos -, outra que me há-de fornecer, quando estivermos em Londres, este livrinho, no qual assento diante de todos a nova injúria que nos é feita.

— Saibam pois todos — continuou Thompson, sem se preocupar com a interrupção -, que o leste que sofremos na Madeira fez-se sentir aqui, mas de maneira mais violenta, em razão da situação geográfica destas ilhas e da sua proximidade da África. Para cúmulo da desgraça, o leste trouxe consigo uma nuvem de gafanhotos vindos do continente. Esta invasão, aqui muito rara, produziu-se justamente à nossa chegada. Os dois flagelos reunidos queimaram, destruíram e devastaram tudo. Se a Agência se mostrou avarenta com os víveres, foi porque são muito raros na Grande Canária.

— Confesse a verdade! — replicou o implacável Saunders -, Diga que são caros.

— Mas não é a mesma coisa? — perguntou Thompson ingenuamente, deixando ver assim o fundo da alma.

Esta ingenuidade deixou os passageiros assombrados.

— É certo! — disse Saunders. — Enfim regularemos tudo em Londres. Enquanto se espera, há apenas uma coisa a fazer... façamos imediatamente. Visto que se não pode jantar na Grande Canária, vamos cear a Tenerife.

— Bravo! — gritaram os passageiros.

Thompson reclamou silêncio com um grito.

— O nosso comandante vai responder-lhes a essa questão.

— O comandante responde-lhes que não podemos partir — declarou o capitão Pip, com bastante custo. — A máquina necessita cuidadosa limpeza e as ligações têm de ser consertadas. Este trabalho, começado hoje, leva pelo menos três dias. Não podemos partir do porto de La Luz antes do dia 7 de Junho, ao meio-dia.

A comunicação do capitão gelara todas as coragens. Trocavam-se olhares acabrunhados. Tinham de passar três dias ali, sem um passeio! E com esta comida! acrescentava o encarniçado Saunders.

Bem depressa a tristeza deu lugar à cólera.

Era admissível que a Agência Thompson brincasse com os seus subscritores a tal ponto? Corria um murmúrio ameaçador pela multidão dos passageiros, quando deixaram a mesa e subiram ao spardeck.

No mesmo instante um grande navio entrava no porto. Era um dos paquetes regulares que faziam serviço entre a Inglaterra e a colónia do Cabo. Este voltava para Londres. Tal nova foi logo conhecida a bordo do Seamew. Cinco ou seis passageiros agarraram pelos cabelos esta ocasião inesperada e desembarcaram resolutamente com as bagagens. Entre esses desenganados figurava lady Heilbuth, seguida da sua querida matilha.

Thompson pareceu não dar por essas deserções. De resto, foram pouco numerosas. Ou por economia ou por qualquer outra coisa, a grande maioria dos passageiros conservou-se fiel ao Seamew. Saunders era desses fiéis, e a sua decisão nada tinha com a economia. Deixar Thompson? Nunca. Estava agarrado a ele e continuaria assim até o fim da viagem. Era então decididamente o ódio que enchia o coração deste temível passageiro?

Mas nem toda a gente tinha as razões, indubitavelmente excelentes, de Saunders ou as, ainda melhores, das pessoas de fortuna medíocre, como, por exemplo, Mrs. Lindsay. Porque havia ela de teimar em terminar essa viagem, tão rica em acontecimentos desagradáveis de toda a espécie? Que motivo a levava a conservar-se sob a administração da Agência Thompson?

Roberto, a alguns passos de Alice, a quem contemplava através da noite, fazia angustiosamente a si próprio essas perguntas.

Contudo, Mrs. Lindsay não se mexia. Vira passar o grande paquete sem lhe conceder a menor atenção. Não, ela não partiria. Roberto teve a prova disso quando a ouviu dizer a Rogério: — Parece-me que não vamos ficar a bordo estes dois dias.

— Com certeza que não — respondeu Rogério, rindo.

— Esta demora — continuou Alice -, permitir-nos-á fazer conhecimento com esta região se quisermos consagrá-la a excursões.

— Está combinado — retorquiu Rogério. — Mr. Morgand e eu podemos ir em busca de meios de transporte, ainda esta tarde. Vamos a ver: nós somos cinco, não é verdade?

Roberto estava à espera deste momento. Entendia que não se devia deixar arrastar pela serviçal amizade do seu compatriota. Por maior desgosto que devesse ter, não se juntaria à

pequena caravana e conservar-se-ia no seu lugar.

— Dá-me licença... — começou ele.

— Não, apenas quatro — interrompeu Alice, com voz tranquila.

— Meu cunhado não vai.

Roberto sentiu o coração bater mais rapidamente. Assim, era a própria Mrs. Lindsay que decidia a sua presença, que lhe distribuía o papel e queria que ele estivesse ao seu lado.

O prazer varreu-lhe os escrúpulos, formigaram nele mil pensamentos confusos.

Abandonando o protesto por acabar, aspirou largamente o ar da noite e levantou os olhos para o céu, onde lhe pareceu que começavam a cintilar novas estrelas.

CAPÍTULO XIX

O Segundo Dente da Engrenagem

No dia seguinte, às seis horas da manhã, os quatro turistas desembarcavam no cais, onde deviam encontrar o guia e os cavalos reunidos pelos cuidados de Roberto e de Rogério. Esperava-os verdadeira surpresa.

Não que os cavalos não estivessem presentes no ponto de reunião. Lá estavam, mas multiplicados por maneira imprevista. Contavam-se quinze, além do do guia, já sob o peso do cavaleiro.

O fenómeno teve explicação imediata.

Mrs. Lindsay e os seus companheiros viram chegar sucessivamente Saunders e a família Hamilton, seguida de alguns passageiros, entre os quais Tigg, de quem tinham esquecido, durante alguns dias, os sinistros projectos.

Felizmente, nem toda a gente dava mostras de espírito tão leviano. As misses Blockhead, pelo menos, persistiam na sua caridosa vigilância. Quem visse Tigg, tinha a certeza de as ver também.

E de facto, ainda desta vez, apareceram a dez passos do objecto da sua solicitude, precedendo o pai, que, obrigado, de boa ou má vontade, a submeter-se ao capricho das filhas, considerava agora com inquietação a massa de cavalos, entre os quais ia fazer escolha temerária.

Evidentemente transpirara o segredo da excursão e o passeio íntimo transformava-se em cavalgada, com muito desprazer das duas americanas e dos dois franceses.

Mas a sorte reservava-lhes ainda outro aborrecimento suplementar. Em último lugar, isolado, avançava o décimo quinto cavaleiro, Jack Lindsay.

Ao vê-lo, se Dolly e Roberto franziram o nariz, Alice e Roberto, por certas razões semelhantes, que não confiaram um ao outro, sentiram-se ruborizar de cólera.

Jack, sem prestar atenção à frieza ou à hostilidade com que o acolhiam, montou a cavalo. Sem perda de tempo, toda a gente o imitou e, num momento, a caravana ficou pronta para a partida.

Mas houve ainda um empecilho. Um dos cavaleiros tentava, todo afadigado, escalar a sua montada. Debalde se agarrava à crina, se pendurava na sela, caía sempre, vencido nesta luta desigual contra a gravidade. Esforçava-se, suando e arquejando, com os modos mais grotescos que se podia imaginar, e este espectáculo cómico parecia ser muito apreciado pelos espectadores.

— Então, papá! — disse miss Mary Blockhead num tom de censura, para o animar.

— Então, minha filha — respondeu com voz desabrida Mr. Absyrthus Blockhead. — Julgas que sou leve? que estou dentro do meu papel? Não nasci para horseguard e tenho horror a todas estas pilecas. Olha que não to mando dizer, digo-to eu. Sou sincero como os que o são!

E Blockhead, assentando definitivamente os pés no chão, limpou o suor, que lhe escorria do rosto, com ar de quem assenta numa resolução definida. Com certeza não tornava a fazer novas tentativas, sempre inúteis.

A um sinal de Roberto, o guia veio em socorro do turista atrapalhado. Auxiliado por ele Mr. Blockhead foi içado até o cume da montanha que queria tomar de assalto. Talvez fosse um pouco vivamente, porque esteve quase a cair para o outro lado. Mas, enfim, tal desastre evitou-se e a cavalgada começou a desfilar.

À frente cavalgava o guia, seguido de Roberto e Alice e, depois, de Dolly e Rogério. A terceira fila glorificava-se com a presença de sir e lady Hamilton e na quinta Tigg cavalgava ao lado de miss Margarida.

Se as Misses Blockhead não tinham podido impedir esta distribuição escandalosa, tinham-se contudo disposto de maneira a atenuar os resultados, e para tanto cercavam o sacrílego par. Na quarta fila ia miss Bess, a quem fora imposta a companhia de Saunders, e miss Mary, na sexta, reconfortava o pai, que, com o olhar desvairado e os dedos crispados na crina do cavalo, se deixava conduzir docilmente, amaldiçoando amargamente o dia em que nascera.

Deste modo Tigg não podia escapar a essa vigilância incessante. Em roda dele havia ouvidos ávidos que recolheriam as palavras que pronunciasse, e olhos penetrantes que saberiam aproveitar-se da menor fraqueza da adversária e conquistar rapidamente o lugar momentaneamente perdido.

O último turista, Jack Lindsay, avançava silencioso e só, como de costume. De tempos a tempos o olhar seguia a fila dos companheiros e fixava-se durante um segundo nos jovens que formavam o par que caminhava em primeiro lugar. Então fulgia-lhe nas pupilas um relâmpago e rapidamente desviava a vista deste espectáculo.

Roberto, sem os ver, adivinhava esses olhares. Tinha sido a presença de Jack que, inspirando-lhe surda irritação, o levava a tomar posse do primeiro lugar. Se Jack não fizesse parte da excursão, Roberto ter-se-ia dissimulado na última fila do pequeno bando.

Havia outra razão para o seu procedimento. Um instinto incompreensível levava-o a vigiar o guia, que lhe inspirava vaga desconfiança. Não que a conduta dele desse lugar a algum pensamento reservado, mas porque Roberto lhe achava um aspecto equívoco, o aspecto de perfeito sacripanta, e resolvera não o perder de vista, a fim de estar preparado para intervir se qualquer acção deste servidor ocasional viesse confirmar as suas suspeitas no decurso da excursão.

Além disto, não abusava da situação, imposta pelas circunstâncias.

Depois de ter dito algumas palavras sobre a beleza do tempo, calara-se, e Alice imitara esse silêncio, que também se coadunava com os seus pensamentos. É verdade que os olhos de Roberto, menos escravizados do que a língua, discorriam por ela e voltavam-se freqüentes vezes para o fino perfil da companheira.

Mas a intimidade, por ser silenciosa, não deixa de produzir o seu misterioso trabalho no fundo das almas. Os dois jovens, cavalgando assim lado a lado, envoltos nesse ar tépido da manhã e trocando rápidos e freqüentes olhares, sentiam-se penetrados por suave doçura.

Um íman imaterial atraía-lhes os corações tão próximos. Aprendiam essa linguagem do silêncio e ouviam a cada passo, ou, por outra, compreendiam mais palavras do que as que tinham trocado.

A coluna saiu rapidamente de Las Palmas, que começava a despertar, pelo lado de noroeste. Antes de uma hora de caminho, já o casco dos cavalos pisava o solo de uma das excelentes estradas que irradiam da capital. A que estava sendo seguida começava, como se fosse avenida, entre duas fileiras de vilas dispersas entre a verdura.

Todas as plantas exóticas brotavam nesses férteis jardins, em que se elevavam majestosamente diversas palmeiras.

Como este caminho era frequentado, os turistas cruzavam com numerosos camponeses. Encarrapitados nos camelos, cuja criação dera bons resultados nas Canárias, traziam à cidade o produto das terras. De compleição magra, de estatura média e olhos negros, que iluminavam rostos de feições regulares, não deixavam de ter verdadeira distinção natural.

Quanto mais avançava, mais a coluna se alongava. Começavam a aparecer os intervalos irregulares entre as filas.

Em breve Jack, sempre só na cauda da coluna, e Alice estavam separados por distância superior a duzentos metros.

Jack continuava, do seu lugar, a vigiar a fila da frente e progressivamente a cólera aumentava-lhe no coração.

Nem uma única das atenções de Roberto pela sua companheira escapava ao vigilante espião. Surpreendia de passagem o menor olhar e analisava-lhe a doçura impalpável e instintiva. Quase que adivinhava as palavras e pouco a pouco ia descobrindo a verdade.

Assim, era por interesse próprio que esse miserável intérprete fazia tão boa guarda, e Mrs. Lindsay parecia morder este grosseiro isco. Longe dele já, quando ainda livre, não se lhe tornaria hostil agora que amava outro? Ao pensar nisto sentia-se sufocado pela cólera. Pela asneira que fizera não tirara as castanhas do fogo para esse intrigante que o suplantava? Acaso Roberto ficaria tão bem colocado se ele, tendo estendido a mão à cunhada em perigo, tivesse tornado inútil tão interesseira dedicação?

Sim, não tinha arranjado por suas próprias mãos um rival? E que rival! Conhecedor de tudo o que se tinha passado no Cural das Freiras, Roberto Morgand estava consciente da sua força, visto ter-se até aventurado a ameaçá-lo.

Era muito duvidoso que essas ameaças fossem postas em execução. Até ali nada havia no aspecto de Alice que autorizasse Jack Lindsay a julgar que ela estivesse mais bem informada do que no dia seguinte ao da cena da torrente. Mas aquilo que se não tinha feito ainda se podia fazer, e, talvez nesse momento, Alice estivesse ouvindo a temível confidência. Era um perigo permanente suspenso sobre a cabeça de Jack e Para se defender desse perigo o único meio era a supressão de uma testemunha, a única temível.

Infelizmente, Roberto Morgand não era desses homens a quem se pode atacar impunemente. Jack não deixava de compreender que numa luta leal poucas probabilidades havia de ser vencedor. Tornava-se portanto preciso seguir outro caminho e contar mais com a astúcia do que com a audácia e a coragem. Mas, ainda que estivesse decidido a uma traição, era muito duvidoso que aparecesse ocasião azada, no meio desses quinze passageiros.

Deste modo, pouco a pouco, o ódio de Jack mudava de fito. Pelo menos momentaneamente deixava Alice, para recair com toda a força sobre Roberto. Era o segundo dente da engrenagem. Sendo o assassino, ainda que passivo, de sua cunhada, chegava agora a premeditar formalmente o assassinato de Roberto. Odiava igualmente, com o mesmo ódio, esses dois jovens, contra quem sentia impotente a cólera.

Durante esse tempo, aqueles, seguindo estrada oposta, esqueciam-se até da sua existência, e, enquanto a cólera de Jack ia aumentando, começava nascendo nos seus corações o amor.

Se, ao sair de Las Palmas, a coluna dos excursionistas se espalhara um pouco, três filas, pelo menos, conservavam-se ainda compactas e Tigg, cercado por todos os lados, não teria

podido descobrir um único meio de escapar às suas vigilantes guardas. Empolgadas por surda cólera, as misses Blockhead não se afastavam dele nem uma linha. No seu ardor, miss Mary chegou até a atirar o cavalo de encontro à garupa do de miss Margarida. Começaram então os "Tenha cuidado, menina!" e os "Mas eu vou com todo o cuidado!", trocados em voz áspera e aguda, sem que as posições ocupadas pelas beligerantes fossem ao de leve modificadas.

O terreno que atravessavam era fértil e bem tratado. Aos campos sucediam-se novos campos, apresentando todos os produtos da Europa e dos trópicos e, particularmente, vastas plantações de nopais. Não nos deveríamos admirar nada se os habitantes das Canárias não fossem grandes admiradores deste minotauro chamado Progresso.

Primitivamente entregues apenas à cultura da cana-de-açúcar, a descoberta do açúcar de beterraba veio despojá-los do fruto do seu trabalho. Cobrem, corajosamente, de vinhas a região, a filoxera, flagelo contra que os estudiosos não acharam defesa, assalta-os quase a seguir. As três quartas Partes da vinha destruída são substituídas por plantações de nopal^[21] e tornam-se em pouco tempo os principais fornecedores do precioso insecto tintureiro. Mas a ciência, que lhes depreciara a cana-de-açúcar e que os não tinha sabido defender do microscópico inimigo, atacou-os também nas suas novas tentativas. Criou as cores químicas derivadas da anilina e ameaçou os infelizes criadores de cochonilhas com um último desastre, talvez irremediável. As numerosas transformações por que passaram as suas culturas mostram, em todo o caso, o espírito de iniciativa dos habitantes. Assegura-se que nada resistiria ao seu labor paciente se não tivessem de lutar contra a secura. Nestas regiões, queimadas pelo sol, e onde semanas, meses e às vezes anos se passam sem que o céu conceda uma simples gota de água, a secura representa verdadeira calamidade. E que esforços engenhosos para se defenderem desse mal! É uma apertada rede de aquedutos, conduzindo aos vales as águas das montanhas. São cisternas cavadas na base dos nopais e dos aloés, cujas largas folhas recolhem a humidade das noites sob a forma de um orvalho branco que funde aos primeiros raios do Sol.

Pelas oito horas a cavalgada enveredou por vasto bosque de eufórbios. A estrada desenrolava a subida regular, entre duas alas dessas plantas espinhosas e torcidas, de aspecto estranho e malévolos, cuja seiva constitui veneno mortal. Mas, à medida que a estrada ia subindo, essa euphorbia canariensis dava lugar á euphorbia balsamiferu, de aspecto menos desagradável, cuja casca, reluzente e tensa, encerra um leite inofensivo, que é lançado, ao primeiro choque, até três metros de distância.

Meia hora mais tarde chegavam os turistas ao cume da Caldeira de Bandana, cratera perfeitamente circular e com um perímetro de duzentos metros, no fundo da qual se acha um casal com os respectivos campos.

De passagem visitou-se La Cima de Giramas, outra cratera atulhada, de que não existe mais do que uma chaminé sem fundo, em que os turistas se divertiram a atirar pedras, férteis em ecos, e às onze horas chegaram enfim a São Lourenço, vila de dois mil habitantes, onde o guia assegurava que encontrariam almoço.

É certo que o acharam, mas com a condição de se não mostrarem muito difíceis de contentar. A vila de São Lourenço, apesar de abundante em frutos deliciosos, é parca de recursos de outro género. Era grande felicidade que o ar puro tivesse aberto o apetite dos convivas e lhes fizesse, deste modo, descobrir encantos no golfio, que constitui prato de resistência. Este petisco nacional, espécie de caldo de farinha de trigo ou de cevada, bastante

torrada e dissolvida em leite, é na realidade de um agrado bastante discutível. Mas como a fome apertava, todos o acolheram com prazer, à excepção do irreconciliável Saunders, que severamente inscreveu: golfio, no seu eterno livro de lembranças. Imporem-lhe o golfio! Só isso valia pelo menos cem libras de indemnização!

Assim que o almoço acabou, os turistas montaram novamente. Mas a ordem de marcha sofrera algumas modificações inevitáveis. Uma das filas contava agora três cavaleiros: Tigg e as duas vigilantes sentinelas.

Graças a uma manobra bem feita, miss Margarida Hamilton fora vergonhosamente eliminada, e tanto ela como Mr. Absyrthus Blockhead trotavam agora solitários, enquanto as rivais vitoriosas cobriam a sua conquista com olhar cioso.

Esta revolução não se fizera sem luta. Quando Margarida, montado o cavalo, viu o seu lugar ocupado, irrompera-lhe da alma irritada um protesto: — Mas parece-me que esse lugar é meu — dissera, dirigindo-se indiferentemente às duas irmãs.

— A qual de nós faz a honra. — começara miss Bess, com voz gritante.

— De se dirigir, minha senhora? — terminara miss Mary, igualmente ácida.

— Parece-me que o seu lugar...

— Não é numerado!

Tigg nada ouvira deste diálogo em surdina. Como desconhecia a guerra desencadeada por sua causa, deixava-se levar, como de costume, com amável indolência, ditoso por se ver assim amimado.

Outra alteração se fizera na sucessão primitiva dos excursionistas. Jack Lindsay passara da retaguarda para a frente. Precedendo a cunhada, sempre escoltada por Roberto Morgand, caminhava agora ao lado do guia e parecia sustentar com ele conversação animada.

Esta circunstância não deixava de provocar a curiosidade de Roberto. Pelo que estava vendo, o guia conhecia o inglês. A conversa ia-se prolongando e a curiosidade de Roberto não tardou a casar-se com vaga inquietação. Com efeito, Jack Lindsay parecia temer os ouvidos indiscretos e mantinha-se com o interlocutor a cem metros, na frente do primeiro turista.

Que estavam tramando esse passageiro, de quem tinha tão fortes razões de suspeitar, e esse indígena, de aspecto tão inquietador? Era esta pergunta que Roberto dirigia a si próprio, sem obter resposta satisfatória.

Esteve quase a confiar as suas suspeitas à companheira. Como Jack o suspeitara justamente, Roberto ainda se não tinha decidido a pôr em prática as suas ameaças.

Mrs. Lindsay nada sabia. O cicerone hesitara em perturbar a jovem senhora com semelhantes confidências e confessar-se conhecedor de uma questão tão delicada, guardara silêncio, confiando na eficácia da sua vigilância. Mais uma vez deixou passar a ocasião de encetar esse perigoso assunto e resolveu simplesmente redobrar de cuidado. Em menos de três horas chegou a coluna a Gualdar, residência dos antigos reis berberes, na costa noroeste, depois, tendo atravessado, à volta, a pequena vila de Agaête, chegou a Artenara às cinco horas.

A aldeia de Artenara, situada na vertente interior da Caldeira de Tejeda, a uma altura superior a mil e duzentos metros, é o ponto mais elevado de toda a ilha. A vista, do alto desta elevação, é esplêndida. O circo, sem um desmoronamento, sem uma fractura, desenrola diante do olhar extático o seu contorno elíptico de trinta e cinco quilómetros, de onde convergem

para o centro riachos e cadeias de colinas arborizadas, ao abrigo das quais estão erguidos diversos lugarejos.

A própria aldeia é das mais singulares. Habitada apenas por carvoeiros, que, se não forem metidos na ordem, farão desaparecer em breve toda a vegetação da ilha, Artenara é uma povoação de trogloditas. Apenas a igreja eleva o seu campanário no espaço.

As moradas humanas são cavadas na parede do circo. Elevam-se umas acima das outras, iluminadas por aberturas que desempenham o papel de janelas. O chão destas casas é coberto de esteiras, nas quais os moradores se sentam para tomar as refeições. Os restantes assentos e camas são-lhes fornecidos também pela natureza, e os engenhosos Canarienses contentam-se com cimelar no próprio tufo.

Não se podia pensar em passar a noite em Artenara, onde a hospitalidade desses trogloditas teria sido muito rudimentar. Foi preciso mais um esforço de uma hora, e às seis horas pôde a coluna apear-se definitivamente em Tejeda, vilazinha cujo nome provém da Caldeira.

Era tempo. Alguns turistas já não podiam literalmente mais. Principalmente para os três Blockhead tornar-se-ia impossível o mais pequeno suplemento de viagem. Alternadamente amarelas, verdes, brancas, fora necessária a Miss Mary e a miss Bess uma alma heróica para cumprir até ao fim o dever imposto pela humanidade. Quantos gritos tiveram de sufocar, gritos de tonalidade diversa segundo o sentido dos choques a que as constrangiam as suas montadas!

Também que suspiro soltaram ao atingir o porto de salvação, isto é, a estalagem, cujo proprietário olhava com espanto para esta arribada extraordinária.

Era uma estalagem, mas nada mais do que estalagem, essa casa onde o guia conduzira os turistas. Como a julgava boa para ele, julgara-a também suficiente para os outros, e nada compreendeu dos rostos enjoados que acolheram o sinal de alto. Era porém muito tarde para recuar. Já que Tejeda nada tinha melhor do que esta estalagem, tornava-se forçoso contentarem-se com ela.

A aparência era contudo inferior à realidade. Os quinze turistas e o guia conseguiram jantar à custa de um novo golfio, que serviu de pretexto para nova menção no livro de lembranças de Saunders. Mas as coisas complicaram-se quando se tratou do alojamento.

Se, à força de engenho, se conseguiu achar abrigo para as senhoras, os homens tiveram de se contentar com o sobrado das casas ou com a erva do ar livre. Aí dormiram enrolados nas capas, cobertores, e até em sacos.

Ainda que o clima seja agradável nas Canárias, o nascer do Sol não deixa de trazer certa frescura, muito desfavorável aos reumatismos. Sir Hamilton adquiriu por experiência própria o conhecimento deste pormenor geográfico.

Acordado ao nascer do dia por lancinantes dores articulares, foi-lhe preciso friccionar-se com ardor, não sem amaldiçoar o danado Thompson, culpado destes males.

Saunders, durante este tempo, via-o entregar-se a este exercício com certa inveja. Quanto não daria ele por verificar no seu ser uma qualquer dor anormal?

Que argumento haveria melhor para fazer valer mais tarde? E Saunders examinava as articulações, fazia-as estalar, dobrava-se e encolhia-se para ver se sentia alguma dor. Trabalho inútil. Nesse corpo nodoso como um carvalho não havia maneira de entrar o reumatismo. Foi o que teve de reconhecer de má catadura.

Apesar disso, não deixou de notar no livrinho o incómodo de que sofria o seu companheiro. Ele, Saunders, não tinha tido reumatismo, mas podia tê-lo, visto que o baronete o tivera!

Julgou que o risco corrido não era para desprezar na boca de um hábil advogado.

O sono das misses Blockhead fora bem abrigado, mas, apesar disso, ao levantarem-se pareceram bastante doentes. Hirtas, com os lábios franzidos pelo sofrimento, caminhavam a custo, agarrando-se a tudo o que encontravam ao alcance da mão, paredes ou pessoas. Tigg, que foi o primeiro a informar-se da saúde de ambas, conheceu a triste verdade. As misses Blockhead tinham reumatismo lombar!

Contudo, era preciso partir. Essas duas vítimas da caridade foram, com ou sem vontade, içadas para os cavalos, não sem lamentosos gemidos, e toda a cavalgada se pôs em marcha.

Neste momento Roberto fez uma singular observação. Quando todos os cavalos da caravana, bem escovados e almofaçados pelos cuidados do estalajadeiro, pareciam completamente restabelecidos por uma noite de descanso do violento trabalho do dia anterior, as montadas do guia e de Jack Lindsay pareciam, pelo contrário, fatigadas. A mistura de pó e suor que cobria o pêlo destes animais bastaria para se jurar que tinham feito longa caminhada durante a noite.

Como este ponto não podia ser aclarado sem um interrogatório directo, interrogatório que lhe repugnava fazer, Roberto calou a suspeita que subitamente lhe nascera no espírito.

Além disso, se Jack Lindsay urdira alguma trama com o guia, era tarde para intervir eficazmente.

Os dois presumidos cúmplices tinham tomado os seus lugares favoritos, um à frente, outro na extremidade oposta do pequeno bando.

No entanto, já não formava a extrema retaguarda, — ocupada nessa altura por Mr. Absyrthus Blockhead e as suas agradáveis filhas.

Que situação tão cruel a das misses Blockhead! Agora que o amor do próximo as impelia para a frente, um lancinante cansaço constrangia-as a ficar para trás. Pouco a pouco, apesar de enérgicas, Tigg escapou à sua vigilância desfalecida e, em breve, as duas irmãs tiveram de reconhecer, já a cem metros do último turista, agarradas às cruéis selas, o triunfo da rival aborrecida. Tendo partido cedo, chegaram cedo também ao abismo de Tirjana. O caminho penetra nesta antiga cratera por uma das estreitas fracturas da parede de oeste, depois, subindo em ziguezague, transpõe a parede de este. Havia muito tempo já que durava esta ascensão quando a estrada se bifurcou em duas outras, de direcções quase paralelas e formando entre si ângulo agudo.

Alice e Roberto, que caminhavam na frente, pararam e buscaram com os olhos o guia indígena.

Este desaparecera.

Num momento todos os turistas estavam reunidos no cruzamento das duas estradas, num grupo ruidoso, onde tão singular incidente era vivamente comentado.

Enquanto os seus companheiros se expandiam em palavras, Roberto reflectia silenciosamente. Não seria essa desapareição o começo do trama suspeitado? De longe, observava Jack Lindsay, que parecia tomar sinceramente parte na surpresa dos companheiros. Nada na sua atitude era de molde a justificar os temores que se elevavam, cada vez mais, na alma do intérprete do Seamew.

Em todo o caso, antes de se pronunciar, convinha esperar os acontecimentos. A ausência do guia podia ter as causas mais simples. Talvez não tardasse que o vissem aparecer.

Mas, como decorreu meia hora sem que estivesse de volta, os turistas começaram a perder a paciência. Que diabo! Não podiam ficar eternamente nesse lugar! Na incerteza, restava embrenharem-se por qualquer das estradas, à sorte.

A qualquer parte iriam dar.

— Talvez valesse mais — sugeriu Jack Lindsay, com sensatez -, que qualquer de nós fosse explorar uma dessas estradas pelo espaço de algumas centenas de metros. Poderíamos assim fixar-nos em qualquer direcção certa. Os outros ficariam aqui, onde estamos, e esperariam o guia, que, de um momento para outro, pode voltar.

— Tem razão — respondeu Roberto, ao qual pertencia esse papel de explorador, olhando fixamente para Jack Lindsay. — Qual é o seu parecer sobre a estrada que devo seguir?

Jack esquivou-se com um gesto.

— Talvez aquela? — insinuou Roberto, indicando a estrada da direita.

— Como quiser — respondeu Jack, com ar desinteressado.

— Seja aquela — decidiu Roberto, enquanto Jack desviava o olhar, onde, mesmo contra vontade, perpassara um relâmpago de alegria.

Contudo, antes de partir, Roberto chamou de parte Rogério de Sorgues e recomendou-lhe a maior vigilância, dizendo-lhe resumidamente: — Há uns certos factos, especialmente esta desapareição do guia, que me fazem pensar numa cilada. Portanto, impõe-se a máxima vigilância.

— E o senhor? — objectou Rogério.

— Oh! — replicou Roberto. — Caso se dê alguma agressão, não será certamente dirigida contra mim. Além disso, procederei com prudência.

Roberto, depois de fazer estas recomendações a meia voz, aventurou-se pela estrada que escolhera e os turistas ficaram na expectativa.

Os dez primeiros minutos decorreram facilmente. Era preciso pelo menos esse espaço de tempo para explorar um quilómetro de estrada a trote largo. Em compensação os outros dez minutos pareceram mais longos, e cada um que passava tornava mais singular a demora de Roberto. Ao fim do vigésimo, Rogério não se conteve mais e declarou claramente: — Não podemos esperar mais. Esta desapareição do guia não me anuncia nada de bom e estou convencido de que aconteceu alguma coisa a Mr. Morgand. Por isso não espero nem mais um segundo e parto à procura dele.

— Minha irmã e eu partimos também com o senhor — declarou Alice com firmeza.

— Vamos todos — exclamaram unanimemente os turistas.

Quaisquer que fossem os seus pensamentos, Jack Lindsay nenhuma opposição fez a esta resolução e meteu o cavalo a galope largo como os restantes companheiros.

A estrada seguida pela pequena cavalgada estendia-se entre dois rochedos gredosos, cortados a pique.

— Que belo lugar para emboscadas! — resmungou Rogério por entre dentes.

Nada aparecia, porém, de anormal.

Em cinco minutos tinham transposto um quilómetro sem encontrar ser vivente.

Mas, subitamente, numa volta do caminho, os turistas detiveram-se com o ouvido à escuta. Chegava até eles sussurro confuso, semelhante ao murmúrio de uma multidão.

— Avante! — Gritou Rogério, metendo o cavalo a galope.

Em alguns segundos os cavaleiros chegaram de súbito à entrada de uma aldeia, donde saía o ruído que atraíra a sua atenção. Era uma aldeia das mais singulares, visto que não tinha casas. Dir-se-ia a reedição de Artenara. Os habitantes faziam habitação dos buracos existentes no rochedo gredoso.

Nessa ocasião as moradas dos trogloditas estavam desertas. A população, composta apenas de pretos retintos, invadira a estrada e agitava-se, soltando vociferações extraordinárias.

Era certo que a aldeia estava em alvoroço. Qual seria a razão? Os turistas nem se lembraram de a procurar. A sua atenção foi inteiramente confiscada pelo espectáculo imprevisito que se lhes oferecia.

A menos de cinqüenta metros, viram Roberto Morgand, Para quem parecia convergir a cólera da povoação. Encostado a um dos rochedos laterais, transformados em colmeia humana, defendia-se o melhor que podia, fazendo escudo do cavalo. Enervado, o animal agitava-se violentamente e os coices, que despedia para todos os lados, mantinham livre largo espaço em roda do cavaleiro. Não parecia que os negros tivessem armas de fogo. Apesar disso, quando os turistas chegaram ao teatro da luta, esta estava quase a terminar. Roberto Morgand enfraquecia visivelmente. Depois de ter descarregado o revólver, e de assim se ter desembaraçado de dois negros, que jaziam estendidos no solo, o cicerone já não possuía como arma defensiva senão o chicote, cujo largo punho tinha até aí defendido. Mas, assaltado por três lados ao mesmo tempo lapidado freneticamente por uma turba de homens, mulheres e crianças, tornava-se duvidosa a sua defesa por mais tempo. Mais de uma pedra bem lançada atingira o alvo. O sangue corria-lhe da frente. É verdade que a chegada dos turistas constituía um socorro, mas não a salvação.

Entre eles e Roberto interpunham-se, gritando, rugindo, muitas centenas de pretos, com tanta animação que nem mesmo tinham dado pela presença dos recém-vindos.

Rogério ia, como se estivesse no regimento, mandar carregar, arriscando-se a tudo, mas um dos companheiros tomou-lhe a dianteira.

De súbito, partindo das últimas filas dos excursionistas, avançou um cavaleiro, como um furacão, e, como um raio, caiu sobre os negros amontoados.

De relance, os turistas puderam reconhecer com estupefacção Mr. Blockhead, que, pálido, lívido e soltando lastimosos gritos de angústia, se agarrava ao pescoço do cavalo, assustado pelos clamores dos negros.

O gentio, a esses gritos, respondeu com exclamações de terror. O cavalo, enlouquecido, galopava, saltava e espezinhava tudo o que achava na passagem. Num momento, a estrada ficou deserta. Todos os assaltantes válidos fugiram diante deste raio da guerra e buscavam refúgio no fundo das habitações.

Todos, não. Um deles permanecia no seu lugar.

Este, um verdadeiro gigante de ombros hercúleos, só, no meio do caminho, parecia desprezar o pânico dos companheiros. Bem assente nas Pernas, em frente de Roberto, brandia com orgulho uma espécie de espingarda antiquada, um bacamarte espanhol que enchia de pólvora até à boca, havia um quarto de hora. O gigante pôs à cara essa arma, que, com certeza, lhe ia rebentar nas mãos, e apontou-a a Roberto.

Rogério, seguido pelos companheiros, lançara-se no caminho limpo pela brilhante fantasia do estimável merceeiro aposentado. Chegaria a tempo de deter o tiro quase a partir?

Felizmente um herói antepôs-se-lhe: Mr. Absyrthus Blockhead e o cavalo, embriagado pela liberdade!

De repente, este achou-se a dois passos do gigante negro, absorto no manejo extraordinário do seu antiquado engenho. Este obstáculo imprevisto intimidou o cavalo, que, escorando-se nas patas, se empinou e se deteve subitamente.

Pelo contrário, Mr. Absyrthus Blockhead continuou a corrida. Levado pelo seu ardor e um pouco também, é necessário reconhecê-lo, pela velocidade adquirida, transpôs o pescoço do seu nobre cavalo e, descrevendo uma curva harmoniosa e sábia, veio ferir o negro em pleno peito, à semelhança de um obus.

Projétil e bombardeado rolaram amarfanhados pelo solo.

No mesmo instante Rogério e todos os companheiros chegavam ao lugar deste memorável combate.

Num abrir e fechar de olhos, Blockhead foi agarrado e atravessado numa sela, enquanto um outro turista apanhava o cavalo do cavaleiro desmontado. Depois de Roberto ter montado o seu, o pequeno rancho dos europeus evadiu-se a galope da aldeia negra pela extremidade oposta àquela por onde tinha entrado.

Um minuto depois do momento em que Roberto Morgand fora encontrado, toda a gente estava em segurança. Esse espaço de tempo tão curto fora suficiente para Mr. Absyrthus Blockhead se ilustrar para sempre nos fastos da cavalaria, inventar uma nova arma de arremesso e salvar, ainda por cima, um dos seus semelhantes!

Nesta ocasião esse valoroso guerreiro não parecia estar em brilhante situação.

Uma violenta comoção cerebral mergulhara-o num desmaio que não mostrava tendências a dissipar-se.

Assim que a distância que os separava da aldeia se tornou suficiente para não haver a temer novo ataque, os viajantes apearam-se e algumas efusões de água fria bastaram para fazer voltar a si Mr. Blockhead. Em breve se declarou pronto a partir.

Contudo, antes disso, teve de aceitar os agradecimentos de Roberto, os quais — sem dúvida por um excesso de modéstia — o estimável merceeiro aposentado não pareceu compreender.

Com os cavalos a passo, os turistas contornaram durante uma hora o pico central da ilha, o Pozzo de la Nieve, assim chamado por causa das geleiras que os naturais têm disposto nas entranhas desse monte, depois atravessaram um vasto planalto, semeado de numerosos morros, a que os habitantes chamam rocs. Sucessivamente a coluna passou entre os de Sancillo del Hublo, bloco monolítico de cento e dois metros, de Rentaígo e de Cuimbre.

Fosse um resto da comoção causada pelos negros, fosse o resultado da fadiga, poucas palavras foram trocadas durante a travessia deste planalto. A maior parte dos turistas avançavam em silêncio, quase na mesma disposição tomada na ocasião da partida. Apenas algumas filas tinham sofrido ligeira modificação. Saunders por um lado colocara-se junto do valoroso Blockhead, Roberto por outro lado, cavalgava com Rogério enquanto Alice e Dolly formavam a segunda fila.

Os dois franceses falavam do incompreensível acontecimento que estivera prestes a custar a vida a um deles.

— O senhor tinha razão — disse Rogério -, prevendo uma cilada, mas enganou-se julgando que o perigo estava atrás, quando estava adiante.

— É verdade — reconheceu Roberto. — Mas podia eu supor que o ataque fosse dirigido à minha humilde pessoa? Além disso, estou convencido de que tudo foi feito pelo acaso, e que o senhor seria recebido da mesma forma, e que teria estado em risco como eu, nessa aldeia de negros.

— Mas — perguntou Rogério -, o que é então esta colónia negra em pleno país de raça branca?

— Uma antiga república de escravos fugitivos — explicou Roberto. — Essa república perdeu a razão de ser, visto que a escravatura está abolida em todos os países dependentes de um governo civilizado. Mas os pretos têm cérebros obstinados, e os descendentes persistem nos costumes dos antepassados. Continuam enterrados no fundo das suas cavernas selvagens, a viver num isolamento quase absoluto, sem se mostrarem nas cidades vizinhas às vezes durante um ano inteiro.

— Não são lá muito hospitaleiros — observou Rogério, rindo -, Que diabo lhes fez para assim se revolucionarem?

— Absolutamente nada — disse Roberto -, A revolução já tinha estalado antes da minha chegada.

— Hum! — fez Rogério. — Qual seria o motivo?

— Não foram capazes de me comunicar, mas adivinhei-o facilmente pelas injúrias com que me mimosearam. Para compreender o motivo da revolta é necessário dizer-lhe que muitos dos habitantes das Canárias vêm com maus olhos aportar à ilha todos os anos um número cada vez maior de estrangeiros. Pretendem que todos esses doentes deixam nas suas ilhas um pouco dos males de que sofrerem, e que hão-de acabar por a tornar uma região mortal. Ora esses negros imaginavam que nós vínhamos fundar na sua aldeia um hospital para leprosos e tísicos. Daí o seu furor.

— Um hospital! — exclamou Rogério. — Como é que essa ideia pôde nascer nessas cabeças lanosas?

— Alguém lha soprou — respondeu Roberto — e pode imaginar o efeito que havia de produzir essa ameaça nesses cérebros pueris, imbuídos de prejuízos locais.

— Alguém? — repetiu Rogério. — De quem é que suspeita?

— Do guia — declarou Roberto.

— Com que fim?

— Compreende-se que era o de ganhar alguma coisa. O patife contava com a sua parte nos nossos despojos.

Em verdade, esta explicação era muito plausível e não se podia duvidar que o caso se tivesse passado assim. No decurso da última noite, o guia tivera tempo de preparar a cilada e semear a cólera nos fracos cérebros dos pretos, fáceis de se encolerizarem e de serem enganados.

O que Roberto calava era a parte que Jack tinha tomado neste conluio, e isso era bem diferente do saque imediato. Depois de pensar muito, resolvera nada comunicar acerca das suas suspeitas.

Eram precisas provas para tal acusação e Roberto não as possuía. É certo que tinha presunções, mas não podia fornecer a menor prova material, visto o guia ter desaparecido.

Nestas condições mais valia deixar cair o silêncio sobre a aventura.

Ainda que possuísse provas, talvez Roberto tivesse procedido da mesma maneira. Talvez tivesse preferido deixar impune o ataque de que fora vítima, a tirar uma vingança que recairia tanto sobre Mrs. Lindsay como sobre o seu verdadeiro autor.

Enquanto os dois franceses tratavam deste ponto interessante, Saunders tinha-se encarregado de Blockhead.

— Felicito-o cordialmente, senhor! — disse-lhe, poucos instantes depois de se porem em marcha.

Blockhead ficou silencioso.

— Que diabo de mergulho! — exclamou Saunders, com zombaria afectuosa.

Blockhead continuava silencioso. Saunders aproximou-se, manifestando vivo interesse.

— Diga-me, meu caro, como vai isso?

— Nada bem! — suspirou Blockhead.

— Sim, sim — concordou Saunders: A cabeça.

— Não é na cabeça!

— Então onde é?

— Do outro lado! — gemeu Blockhead, deitado de barriga para baixo em cima do cavalo.

— Do outro lado? — repetiu Saunders. — Ah! bom! — disse, compreendendo -, é absolutamente a mesma coisa.

— Não acho nada bom! — murmurou Blockhead.

— Diabo! — replicou Saunders. — De qualquer modo de quem é a culpa? Não é da Agência Thompson? Se em vez de quinze fôssemos cem, acaso teríamos sido atacados e teria o senhor agora... dores de cabeça? Se em lugar de a excursão ser a cavalo, tivéssemos os condutores anunciados pelos seus malditos programas, acaso estaria o senhor doente... do outro lado? Eu compreendo perfeitamente que deva estar indignado, furioso.

Blockhead teve ainda forças para protestar, murmurando com voz dolente, levado pelo hábito: — Nada disso! Diga antes encantado!

— Encantado? — repetiu Saunders, estupefacto.

— Sim, senhor, encantado — afirmou Blockhead, com mais vigor -, Cavalos à farta, ilhas cheias de pretos. Tudo isto é muito extraordinário, positivamente extraordinário!

Na sua exuberância admirativa Blockhead esquecia a contusão. Levantou-se imprudentemente na sela e estendeu solenemente a mão.

— Ouro puro, senhor, Blockhead é leal. Ai! — exclamou, caindo de novo sobre o ventre, arremessado por dor aguda ao sentimento do real, enquanto Saunders se afastava deste incoercível optimista.

Às onze horas chegou-se a uma das numerosas aldeias que estão edificadas entre os contrafortes da Cumbre. A cavalgada atravessava-a conversando, quando a estrada bruscamente, desembocou numa pequenina praça sem outra saída além daquela por onde tinham entrado. Os turistas detiveram-se indecisos.

Necessariamente deviam ter-se enganado duas horas antes no entroncamento das duas estradas e o único remédio era, sem dúvida, voltar para trás.

Roberto quis conferenciar, antes de o fazer, com os habitantes da aldeia. Mas então apresentou-se uma breve dificuldade. O espanhol de Roberto parecia ininteligível para os

camponeses consultados, enquanto o espanhol desses camponeses se tornava mistério para Roberto.

Este não se mostrou muito surpreendido. Não ignorava a incrível diversidade dos dialectos do interior.

Contudo, com a ajuda de animada pantomima, à força de repetir a palavra «Tedde», nome da cidade para onde queriam dirigir-se e almoçar, Roberto acabou por obter resultado satisfatório. O indígena, batendo na testa com ar de quem entendera, chamou um rapazito, fez-lhe um discurso abundante de palavras e incompreensível, e depois convidou com um gesto, a cavalgada a seguir o novo guia improvisado.

Durante duas horas caminharam atrás do garoto, que assobiava por entre dentes uma série ininterrupta de músicas. Atrás dele subiram um caminho, desceram outro, atravessaram uma estrada, tornaram a seguir o caminho, parecendo que a viagem não tinha fim. Já há muito tempo deveriam ter chegado ao seu destino. Roberto, desconfiando da extensão da viagem, ia fazer o possível para tirar qualquer esclarecimento do pequeno condutor, quando, no momento em que se atingia nova estrada, este agitou alegremente o barrete, indicou a direcção do sul e, transpondo rapidamente um caminho de cabras, desapareceu num abrir e fechar de olhos.

Entre os turistas houve um momento de assombro. Quem diabo teria compreendido o rapaz? Mas de nada teriam servido as lamentações. A única coisa a fazer era continuar a viagem, e continuaram-na não para o sul, mas para o norte, única direcção onde havia possibilidade de encontrar a cidade de Tedde.

Passaram-se, no entanto, algumas horas antes de o campanário da povoação aparecer aos viajantes, estafados e esfaimados.

O dia foi passando enquanto a cavalgada continuava a marcha lamentável. Principalmente as misses Blockhead inspiravam profunda piedade. Deixavam-se transportar, abraçadas ao pescoço dos cavalos, sem terem sequer forças para gemer.

Às seis horas, os turistas já falavam em renunciar à viagem e em acampar ao ar livre, quando enfim começaram a aparecer casas. O andamento dos cavalos foi logo activado. Surpresa das surpresas! Estavam em Las Palmas! Uma hora depois, atravessada rapidamente a cidade, a caravana chegava ao Seamew, sem ninguém compreender o modo como ali tinham chegado.

Os viajantes apressaram-se a ocupar a mesa onde estavam começando a servir o jantar e atacaram a sopa com valentia. Infelizmente, os princípios que presidiam havia dois dias à confecção do menu continuavam vigorando a bordo do navio, e a refeição foi insufficientíssima para estômagos tão esfomeados.

Este inconveniente pareceu insignificante. Havia outro motivo para maiores preocupações. Em que ponto iam as reparações da máquina? Com certeza não tinham terminado. Bastava ouvir o ruído dos martelos, que penetrava em toda a parte, na casa de jantar, onde cortava deploravelmente as conversações, nos quartos, dos quais fazia fugir o sono. Persistiu toda a noite, levando ao rubro o exaspero dos passageiros.

Roberto, devido à fadiga, conseguiu finalmente adormecer.

Às cinco horas da manhã foi despertado pelo súbito silêncio. Tudo estava mudo a bordo do navio. Vestiu-se num abrir e fechar de olhos e subiu a ponte, agora deserta.

Debaixo do spardeck o capitão Pip e Mr. Bishop conversavam solitários. Roberto, desejando esclarecimentos, ia descer, quando a voz do capitão chegou até ele: — Então está

tudo pronto? — dizia.

— Sim, comandante — respondeu Mr. Bishop.

— Está satisfeito com as suas reparações?

— Ora! — fez Mr. Bishop.

Seguiu-se um silêncio e Mr. Bishop continuou: — Artimon seria capaz de dizer que do velho nunca se pode fazer novo...

— É certo! — aprovou o capitão. — Mas enfim parece-me que podemos partir.

— Com certeza — respondeu Mr. Bishop -, mas chegar?

Novo silêncio, mais prolongado que o precedente, cortou a conversa. Roberto, inclinándose, viu o capitão entortar os olhos horrivelmente, segundo o seu costume quando estava agitado por qualquer grande comoção. Depois, apertando a ponta do nariz e depois a mão do primeiro maquinista, em sinal de despedida, concluiu com solenidade: — Isto é apenas uma peripécia, Mr. Bishop.

Roberto julgou inútil dar parte aos companheiros dos aborrecidos prognósticos que lhe acabavam de ser confiados de modo tão singular. Nem mesmo teve necessidade de transmitir a notícia da partida. Esta notícia foi-lhes dada pelas volutas de fumo de que a chaminé se coroou quase em seguida.

Bastou essa certeza de uma próxima partida para salvar Thompson do furor dos seus administrados, exasperados por um almoço verdadeiramente intolerável.

Ninguém protestou contra isso. As vítimas limitaram-se a conservar rigorosamente de quarentena o director da Agência, culpado desse delito.

E quando, no fim do almoço, se ouviram as primeiras vozes de comando para a partida, vozes que permitiam esperar jantar mais suportável, todos os rostos exprimiram imediatamente a maior alegria.

CAPÍTULO XX

No Cume do Teyde

Cerca de cinqüenta milhas apenas separam Las Palmas de Santa Cruz. O Seamew, voltando à velocidade normal de doze nós, levou quatro horas a transpor esta distância. Às três horas e meia fundeava no porto da capital de Tenerife.

As comunicações são freqüentes e fáceis entre esta cidade, rival em importância de Las Palmas, e a Europa. Numerosas linhas de steamers unem-na a Liverpool, a Hamburgo, ao Havre, a Marselha e a Génova, sem contar a companhia local, que assegura uma passagem bimensal entre as diversas ilhas do arquipélago.

Santa Cruz, edificada em anfiteatro na sua cinta de montanhas, é de aparência sedutora e pode também sustentar, sob este ponto de vista, a comparação com Las Palmas.

Apesar disso, a sua graça foi insuficiente para sacudir a indiferença dos passageiros.

Durante a travessia apenas tinham lançado vagos olhares para essas margens grandiosas e selvagens, de rochedos nus, para as quais os impelia a hélice do Seamew. No porto, a maior parte deles contentou-se com rápido olhar sobre a terra, e a curiosidade de todos pareceu satisfeita.

Que lhes importava esse espectáculo, realmente maravilhoso, mas tornado banal pela repetição amiudada? Que lhes importava essa cidade, sem dúvida agradável, mas também muito semelhante às outras cidades já visitadas?

A sua única preocupação era o célebre pico do Teyde, mais conhecido pelo nome de pico de Tenerife, cuja ascensão, prometida pelo programa, constituía a parte principal da viagem.

Eis o que era novo e original! Bastara a aproximação de uma excursão tão desejada para fazer subir notavelmente as acções de Thompson.

Mas, a falar a verdade, os turistas do Seamew estavam com pouca sorte. Esse pico, para que tinham dirigido os olhares durante a travessia das Canárias a Tenerife, conservara-se obstinadamente oculto por detrás de espesso nevoeiro, que nem os melhores binóculos podiam atravessar. Admitindo que o céu estivesse agora limpo, era já muito tarde para o verem. A costa servia de horizonte ao olhar.

Em todo o caso, os viajantes suportavam este contratempo com filosofia. Parecia mesmo que o pico tinha excitado a curiosidade dos seus futuros assaltantes, conservando-se tão misterioso. Toda a gente falava dele e a obsessão era tamanha que Thompson pôde convencer facilmente a maior parte dos passageiros à renúncia de pisar o solo de Santa Cruz.

Os recém-casados não pertenciam a esse número. Ainda mesmo antes de a âncora morder o fundo do mar, tinham-se feito conduzir a terra, com a discrição costumada, e desapareceram rapidamente, para não tornar a aparecer senão à hora da partida.

Os restantes passageiros tê-los-iam naturalmente seguido se Thompson, notando a indiferença geral, não se tivesse arriscado a propor irem por mar à cidade de Orotava, que, situada na costa setentrional, é o ponto de partida das ascensões, em lugar de aí se dirigirem por terra, conforme rezava o programa. Pensava que desta maneira economizaria um transporte oneroso.

Com grande surpresa sua, esta proposta não encontrou nenhuma oposição e, como a partida do Seamew fora marcada para o dia seguinte, a maior parte dos turistas resolveu ficar a bordo.

Todavia, alguns viajantes práticos não imitaram esta exagerada indiferença. Esses — sempre os mesmos: Alice Lindsay e sua irmã, Rogério de Sorgues, inseparável companheiro das americanas, Saunders, munido do terrível livro de notas, sir Hamilton e a família, cumprindo rigorosamente o programa —, desembarcaram logo que o Seamew ancorou, resolvidos a chegar a Orotava por terra. Como Jack Lindsay não tinha julgado necessário juntar-se a esta excursão particular, Roberto achara preferível ficar também a bordo. Mas Rogério de Sorgues fora de opinião contrária, e conseguira que Thompson lhe adjudicasse a «propriedade exclusiva» do intérprete, cujo concurso pretendia ser indispensável no interior da ilha. Roberto fazia portanto parte da pequena coluna dissidente, infelizmente viúva dos seus mais belos florões.

E acaso podia deixar de estar assim diminuída? Acaso podia Mr. Absyrthus Blockhead continuar a exercer, através da ilha de Tenerife, as suas maravilhosas faculdades de admiração, quando dormia, havia vinte horas, de tal modo que parecia que não tornaria a acordar? E poderia ser substituído pelas suas graciosas filhas quando estas jaziam no leito da dor com a preocupação constante de não se poderem deitar de costas?

[Tiggs] aproveitou cobardemente esta lamentável situação. Também abandonou o Seamew e sem dúvida durante esta excursão não se afastou muito de miss Margarida.

Em terra o calor era sufocante. Os excursionistas resolveram, por conselho de Roberto, descansar em La Laguna, antiga capital da ilha.

Ali, assegurara-lhes, encontrar-se-ia temperatura mais benigna e sobretudo evitar-se-iam os mosquitos, que em Santa Cruz são verdadeiro flagelo.

Os turistas limitaram-se a fazer uma rápida visita à cidade. Seguiram as largas ruas, costearam as casas, geralmente providas de balcões elegantes e muitas vezes cobertas de pinturas segundo o gosto italiano, atravessaram a bela Praça da Constituição, no centro da qual se eleva um obelisco de mármore branco, guardado pelas estátuas de quatro antigos reis guanchos, e, ao darem cinco horas, já duas carruagens confortáveis levavam os turistas ao galope dos cavalos.

Daí a hora e meia estavam em La Laguna, separada da capital pela distância de dez quilómetros. Erguida num planalto de quinhentos e vinte metros, essa situação assegura-lhe temperatura agradável, e os mosquitos, como o afirmara Roberto, são aí completamente desconhecidos. Todas estas vantagens fazem de La Laguna um dos lugares de vilegiatura dos habitantes de Santa Cruz, que vêm buscar o repouso debaixo das suas grandes árvores, entre as quais domina o eucalipto.

Apesar de tudo, La Laguna é uma cidade decadente. Se aí se encontram duas belas igrejas, também se vêem numerosos monumentos em ruínas. A erva cresce no pavimento das ruas e até mesmo nos telhados das casas.

Não se tratava de fazer grande permanência nesta terra silenciosa, onde a tristeza é contagiosa. Logo de manhã os turistas abandonaram essa rainha destronada, aproveitando para isso a diligência que faz duas viagens diárias entre La Laguna e Orotava. Cheios de pulmoeira, os cinco cavalos lazentos, que a custo rebocavam o carro, levavam quatro compridas horas a transpor os trinta quilómetros que separam essas duas cidades.

Sem que nenhum viajante se dignasse apear, atravessou Tacoronte onde se encontra um museu que possui uma curiosa colecção de múmias guanches e de armas e instrumentos deste povo desaparecido, Sanzal, abundante em lava, La Matanza, cujo nome evoca a lembrança de um sanguinolento combate, Vitória, teatro de uma outra batalha, e, enfim, Santa Úrsula.

Somente ao sair desta última aldeia é que a estrada desemboca no vale de Orotava, que um ilustre viajante, Humboldt, pretendeu ser o mais belo do mundo.

É certo que seria difícil imaginar espectáculo mais harmonioso. À direita fica a imensa planície do mar, à esquerda, é um amontoamento de picos selvagens e negros, últimos contrafortes do vulcão — seus filhos, na pitoresca linguagem popular — enquanto o pai, o Teyde, se eleva majestosamente no plano do fundo. Entre estes dois grandiosos limites desenrola-se o vale de Orotava numa imensa profusão de verdura.

Pouco a pouco, à medida que os turistas avançavam, o cume do Teyde parecia descer no horizonte. Desapareceu no momento em que se começavam a distinguir, entre as árvores, as casas dos dois Orotava, por um lado, a cidade, a cinco quilómetros do mar, por outro, o porto, trezentos e oitenta metros mais abaixo. Ao mesmo tempo que a carruagem chegava à primeira, um ponto cercado de fumo parava na segunda. Esse ponto era o Seamew, conduzindo a sua carga de passageiros.

O carro fizera alto diante de um hotel de aparência confortável, o Hotel das Hespérides, como o indicavam as letras douradas da fachada. Roberto, que fora o primeiro a saltar em terra, ficou agradavelmente surpreendido ouvindo as boas-vindas pronunciadas na sua língua materna. O Hotel das Hespérides é, com efeito, dirigido por um francês, que ficou também contentíssimo quando descobriu dois compatriotas entre os recém-vindos. Também com que ardor se pôs à sua disposição! Que cuidados lhes dispensou ao almoço! Habitados aos menus do Seamew, os turistas estavam assombrados. Mais uma vez a cozinha francesa ficava triunfante.

Logo depois do almoço, Roberto dirigiu-se rapidamente para o porto, a fim de se entender com Thompson acerca da excursão do dia seguinte. Depois de receber ordens do seu chefe hierárquico e de o ter deixado dirigir-se ao Hotel das Hespérides, aguilhoado pelos cuidados, Roberto voltou para trás, levando consigo dois carros cheios de coberturas e de embrulhos.

Ainda que não fossem mais de quatro horas da tarde, o cicerone não tinha muito tempo para organizar excursão tão considerável. Essa tarefa foi-lhe felizmente facilitada pela cortesia do hospedeiro das Hespérides, que, muito ao corrente dos recursos locais, forneceu todas as indicações necessárias. Não teve mais do que seguir pontualmente as instruções que o compatriota lhe fornecera. Apesar disso, foi-lhe precisa toda a tarde e, absorvido pelo trabalho, não apareceu à hora do jantar.

Este foi digno do almoço. Os passageiros do Seamew perguntavam a si mesmos se acaso estariam a sonhar, e olhavam a furto Thompson com inquietação. Seria bem Thompson? Ou não estaria um pouco variado? Por um pouco mais, esquecendo as misérias humanas, tê-lo-iam naturalmente aclamado!

Mas havia um que não desarmava: — Parece que os gafanhotos não chegaram a Tenerife — pronunciou Saunders com voz cavernosa.

— Ah! Nunca chegam a passar da Grande Canária — respondeu, sem perceber a malícia da frase, o hospedeiro, que dava aos convivas a honra de os servir.

Saunders lançou-lhe um olhar furioso. Que precisão tinham os viajantes de informações geográficas? Mas a resposta produziu efeito, descarregando uma parte da culpa dos ombros de Thompson. Mais de um turista gratificou o Administrador-Geral com um olhar onde despontava um começo de enternecimento.

A noite confirmou estas felizes disposições. Se tinham sido confortavelmente alimentados, também foram confortavelmente agasalhados, e a aurora do dia 8 de junho encontrou os turistas prontos para a partida e cheios de bom humor.

Desde as seis horas da manhã que um verdadeiro exército, composto de infantaria e de cavalaria, os esperava.

Abatendo alguns desertores, que se tinham ausentado no porto de La Luz, a coluna de sessenta e três passageiros ficara reduzida a cinquenta e sete, além do cicerone-intérprete e do Administrador-Geral. Depois, em virtude de novas deserções, esse número baixara a cinquenta e um. Havia três dissidentes que eram já conhecidos desde as primeiras excursões. Em primeiro lugar, os recém-casados, que tinham, como de costume, desaparecido quando chegaram a Santa Cruz. Evidentemente não tornariam a aparecer senão no momento preciso da partida. Depois havia Johnson. Teria ainda medo dos tremores de terra ou das inundações?

Como Johnson se esquecera de dar qualquer razão desse modo de proceder, ninguém podia responder a semelhante pergunta. Johnson ficara simplesmente a bordo. Talvez mesmo ignorasse que o Seamew estivesse fundeado. Não havia um balanço perpétuo para ele, quer estivesse na terra, no mar ou no porto?

Havia mais cinco ausentes, mas estes contra vontade.

O reumatismo não perdoa, e Mrs. Georgina Blockhead, com o jovem Abel agarrado às saias, fora obrigada a transformar-se em enfermeira do marido e das filhas, hirtas como estacas.

Roberto teve apenas de se preocupar com cinquenta e um turistas. Era ainda assim um número respeitável e os homens e cavalgaduras de que necessitava bastavam para fazer um barulho infernal debaixo das janelas do hotel.

Primeiro contavam-se cinquenta e uma mulas, à razão de uma mula para cada viajante.

Esses animais, de passo seguro, são preciosos nos caminhos escabrosos e pouco batidos que levam ao Teyde. Depois havia vinte cavalos carregados de coberturas e de víveres. A cavalaria era formada por estes setenta e um quadrúpedes.

A infantaria, não menos imponente, compunha-se de quarenta arrieiros, vinte para as bestas de carga e vinte para ajudar as mulheres nas passagens mais difíceis, e doze guias, sob o comando de um deles, Inácio Dorta, que tomou a cabeça da caravana, logo que ela se formou.

Atrás dele pavoneava-se Thompson, seguido de Roberto, ao qual o número de pessoas presentes assegurava tranqüilidade suficiente para lhe permitir afastar-se de Alice. Seguiam-se os passageiros, numa longa fila guardada pelos onze guias e vinte arrieiros. Os cavalos fechavam a marcha conduzidos pelos restantes arrieiros.

Os habitantes de Orotava estão acostumados às excursões, mas esta era um pouco extraordinária e obteve vivo êxito de curiosidade. A cavalgada partiu no meio de numeroso concurso de povo, e guias, turistas e arrieiros atacaram os primeiros declives do Monte Verde.

Na verdade, Roberto dispusera bem as coisas. Mas, como era de justiça, a honra caía toda sobre Thompson, que no fim de contas pagaria tudo. Os amigos voltavam-lhe. A perfeita

organização desta última excursão ia serenando os administrados. Se ainda não estavam esquecidos os desgostos passados, pelo menos empalideciam pouco a pouco sem contestação. Além disso, tudo se conspirava para abrandar as cóleras. O tempo estava belo, a brisa suave, o caminho era fácil. O próprio Saunders sentia-se um bocado abalado.

Por violento esforço reagiu contra esta fraqueza. Pois quê! Acaso iria estupidamente desarmar? Reconhecer-se-ia vencido? Uma excursão bem encaminhada podia apagar as dez outras que tão mau resultado tinham dado? Além disso, essa excursão seria bem conduzida até ao fim? Era necessário esperar mais tempo. Com certeza que alguma coisa havia de claudicar antes da volta regular a Orotava. Quem vivesse veria...

Para concluir, Saunders fez estalar com ar resoluto as juntas e cobriu o rosto com a expressão mais desagradável de imaginar.

O Monte Verde deve o nome aos pinheiros de que outrora foi revestido. Desses pinheiros apenas restam agora simples vestígios.

A cavalgada avançava ao longo de um caminho encantador, marginado de gerânios floridos e de piteiras de folhas pontiagudas, primeiro á sombra de castanheiros depois à dos pinheiros que ainda subsistiam. Para além da estrada havia vinhas, campos de cereais e de nopais, onde, de tempos a tempos, alguma pobre cabana punha um pouco de vida.

Na altitude de mil metros penetraram num bosque de estevas arborescentes. Depois, quatrocentos metros mais acima, Inácio Dorta deu o sinal de pararem e os turistas sentaram-se para descansar à sombra clara dos cítisos.

Eram dez horas da manhã.

Saunders foi obrigado a confessar que o almoço se mantinha à altura. Ajudada pelo apetite, a alegria era geral entre os convivas, apesar da fadiga. Ninguém queria pensar nisso.

Convencidos da proximidade do cume, todos se extasiavam com a facilidade da ascensão. Saunders ouvia esses amargos elogios implorando da sorte clemente a aparição das primeiras dificuldades.

Teriam sido os seus malévolos desejos satisfeitos por aquele que preside aos destinos das Agências? Em todo o caso a realização desses desejos não se fez esperar.

Acabavam, depois do almoço, de se pôr em marcha, em meio dos gracejos provocados por uma boa digestão, quando o caminho mudou de aspecto. Os turistas, encurralados no desfiladeiro do Portillo, começaram a achar a ascensão menos fácil. Tornou de muito bom em muito mau, estendendo-se em numerosos meandros, o caminho, muito desigual e cortado por profundos barrancos, estava semeado de escórias e de pedra-pomes, sobre as quais tropeçavam freqüentemente as mulas.

Passados alguns minutos esta subida foi julgada, com razão, extenuante. Daí a um quarto de hora estavam extintos todos os risos e decorrida meia hora começaram a ouvir-se queixumes, ainda bastante tímidos. Que diabo! Não teria fim este caminho infernal?

Mas os meandros sucediam aos meandros e às ravinas sem fim. Houve quedas que, apesar de nenhuma gravidade, resfriaram o zelo dos turistas mais idosos. Alguns destes pensaram em não levar mais longe a excursão. Contudo, ainda hesitavam, não ousando ser os primeiros desertores.

O clergyman Cooley foi um destes. De súbito, voltou corajosamente o cavalo para trás, e, sem olhar para os companheiros, retomou tranqüilamente o caminho de Orotava.

Este exemplo foi funesto. As velhas mistress, os velhos gentlemen, à vista desta fuga, sentiram declinar o ardor. A cada minuto, o número dos fracos foi aumentando. Um bom terço da caravana já desaparecera quando, depois de duas horas desta subida fatigante, o Pico de Tenerife, até aí oculto pelas ondulações do terreno, apareceu subitamente diante dos turistas.

O Portillo foi enfim transposto e a coluna chegou ao pequeno planalto da Estância de La Cera.

Debaixo do manto branco de pedra, estriado por negras torrentes de lava, com o cume perdido num turbilhão de nuvens, elevava-se o pico, em cone regular, isolado no meio de uma planície cuja extensão nenhum olhar podia apreciar.

Montanhas, voltadas para ele, como reverenciando o senhor, indicavam as fronteiras circulares da vasta planície. A barreira dos montes apenas se quebrava para oeste e, abaixando-se, terminava em um solo caótico e convulsionado, um "Mal País", para além do qual cintilava ao sol o mar longínquo.

Este espectáculo único e sublime decidiu do êxito da excursão. Ouviram-se alguns hurras.

Thompson agradeceu modestamente. Podia julgar-se voltado aos belos dias do Faial, quando a coluna, bem instruída, obedecia ao menor sinal. De facto, não a teria reconquistado?

Então falou:

— Senhores — disse, e a sua mão parecia oferecer familiarmente o cone colossal como se fosse um delicado presente -, podeis ver mais uma vez que a Agência não recua diante de coisa nenhuma para dar satisfação aos seus subscritores. Se o desejam, vamos unir o útil ao agradável, e o Sr. professor vai elucidar-nos em poucas palavras, sobre o panorama que temos a ventura de contemplar.

Roberto, muito surpreendido com esta proposição tão fora do comum, retomou imediatamente o ar frio que convinha às circunstâncias, o ar do cicerone, como ele próprio lhe chamava.

— Senhoras e senhores — começou, enquanto se ia formando o círculo regulamentar em volta dele-, tendes diante de vós a planície de Las Canadas, cratera primitiva, agora atulhada pelos próprios detritos vomitados pelo vulcão. Pouco a pouco, no centro desta cratera, tornada planície, juntaram-se as escórias, a ponto de formar o pico do Teyde e de o elevar até mil e setecentos metros de altura. Essa actividade vulcânica, outrora prodigiosa, está hoje dormente, mas não extinta. Nesta ocasião, podeis notar na base do cone as fumarolas que servem de válvulas às forças plutónicas e às quais os indígenas deram o nome expressivo de «narizes».

"O pico de Tenerife atinge uma altitude total de três mil e oitocentos metros. É o vulcão mais alto do mundo.

"As suas proporções imponentes não podiam deixar de ferir as imaginações. Os primeiros viajantes europeus viam nele a montanha mais elevada do mundo, e atribuíram-lhe uma altura de quinze léguas. Os Guanchos, população autóctone dessas ilhas, tinham-no transformado em divindade. Adoravam-no, juravam por ele, e votavam a Guayata, génio do mal, que reside no fundo da cratera, quem quer que faltasse à palavra.

— Mr. Thompson faz mal em querer subir lá acima — interrompeu uma voz desagradável, em que todos reconheceram o órgão sedutor de Saunders.

Esta observação gelou o entusiasmo nascente. Roberto calara-se e Thompson não julgou conveniente convidá-lo a retomar o fio do discurso. A um seu sinal, Inácio Dorta deu ordem

para a partida e os turistas seguiram-no para o circo de Las Canadas.

Encetava-se esta travessia de ânimo leve. As proporções do circo pareciam bastante restritas e ninguém punha em dúvida que se chegasse à base do cone antes de meia hora.

Mas essa meia hora passou sem que se parecesse chegar ao fim de maneira sensível. No momento da partida parecia esse fim próximo, mas agora, posto houvesse algumas vagas probabilidades, já se desesperava de o atingir.

Além disso, o terreno oferecia-se pior do que o da travessia do Portillo.

O caminho era todo em elevações e depressões, sem outra vegetação que não fossem raras e miseráveis giestas.

— Faz-me o favor, Sr. professor — disse um dos turistas a Roberto -, de me informar acerca do tempo necessário para atravessar este abominável planalto?

— Cerca de três horas — respondeu Roberto.

Esta resposta pareceu fazer reflectir o turista e os seus vizinhos mais próximos.

— E depois da travessia do planalto — continuou o inquieto turista -, que distância ainda nos separará do cume?

— Cerca de mil e quinhentos metros, contados na vertical — informou laconicamente Roberto.

O perguntador abismou-se em reflexões mais profundas e praguejou muitas injúrias acerca dos obstáculos do caminho.

Deve-se confessar que o passeio nada tinha de agradável. A esta altitude o frio começava a tornar-se bastante áspero, enquanto os raios do Sol, insuficientemente abrandados pelo ar rarefeito, queimavam ainda. Torrados pela frente, gelados por detrás, os turistas apreciavam moderadamente este sistema de compensação.

Por outro lado continuando a avançar para o sul, os turistas não tardaram a sofrer mais graves inconvenientes. Sobre este solo de pedra-pomes, de um branco mais brilhante que o da neve, os raios do Sol reflectiam-se como num espelho, com grande prejuízo dos olhos, mesmo os mais fortes. Rogério, que por conselho de Roberto se munira de uma provisão de óculos azuis, pôde pôr-se e pôr os amigos ao abrigo de qualquer acidente. Mas raros eram aqueles que haviam tido esta precaução, e depressa se declararam ameaças de oftalmia, forçando muitos a recuar. Isto fez reflectir os outros, e pouco a pouco, como a travessia do circo se prolongava sem que o fim parecesse mais próximo, o maior número de cavaleiros, ou por medo da oftalmia, ou por causa da fadiga, retomou discretamente a estrada de Orotava.

Roberto, muito próximo de Inácio Dorta, caminhava na frente da caravana. Todo entregue a variados pensamentos, não pronunciou uma só palavra durante as três horas que durou a travessia do circo. Somente quando chegou ao cume da Montanha Branca, último contraforte do Pico, a doze mil e quatrocentos metros de altitude, que lançou o olhar para a retaguarda. Foi então que viu, não sem surpresa, quanto a caravana estava reduzida.

Compunha-se, nessa altura, de cerca de quinze turistas e o número dos arrieiros sofrera diminuição proporcional. O resto dispersara-se, desaparecera.

— Uma caravana inglesa — veio Rogério murmurar ao ouvido do amigo -, é, decididamente, o corpo que tem a temperatura de fusão mais baixa. Estou fazendo esta observação de química transcendente.

— Com efeito! — concordou Roberto, rindo. — Mas parece-me que o fenómeno está terminado. A solução deve estar saturada.

Os acontecimentos iam provar o contrário.

Tratava-se nessa altura de atacar o próprio cone por caminho de uma inclinação tal que parecia impossível que os cavalos e as mulas lograssem conservar aí o equilíbrio. Os últimos intrépidos recuaram à vista dessa façanha e, alegando fadiga extrema, afirmaram resolutamente o desejo de voltar a Orotava pelo caminho mais curto. Debalde Thompson insistiu e mobilizou o arsenal das seduções. Nada mais pôde obter do que recusas enérgicas, num tom que pouco tinha de amável.

Fora loucura ter imaginado uma tal excursão? Como é que um homem de juízo pudera propô-la a pessoas que não eram excursionistas de profissão? Por que razão não se organizaria a seguir uma excursão ao monte Branco.

Eis o que alguns diziam, ajuntando ainda reflexões menos benévolas.

Em alta voz arrependiam-se de, no convés do navio, terem acreditado, algumas horas antes, no êxito final da viagem. Censuravam-se de terem por um momento admitido que um projecto de Thompson pudesse ter senso comum.

Tiveram de resolver-se a deixar partir os desiludidos, adicionando-lhes uma parte dos guias e quinze dos vinte cavalos carregados de provisões. A seguir Thompson atacou a subida, sem dar aos seus fiéis tempo de reconsiderar.

Na primeira fila desses fiéis figurava Van Piperboom — de Roterdão. Havia quinze dias que, tornando-se a sombra do Administrador, não o largava um só momento. Talvez isto fosse a sua vingança. Thompson, prodigiosamente irritado, não podia desembaraçar-se deste remorso vivo. Se andava, Piperboom ia atrás dele, se falava, o holandês bebia-lhe as palavras; não tinha repouso senão durante as horas da noite.

Desta vez, como sempre, Piperboom estava no seu posto. A mula que montava podia morder a cauda da de Thompson.

Se, como sustenta um provérbio, o cavaleiro e a montada não fazem senão um corpo, esse corpo, pelo menos, consta de duas cabeças, isto é, de duas vontades distintas e às vezes opostas. Ora, se Piperboom entendia que devia seguir atrás do seu chefe de fila, se queria ir até ao ponto mais alto do cone, a mula que lhe fora distribuída era de opinião muito oposta. No fim de dez passos recusou-se energicamente a dar o décimo primeiro.

O pobre animal achava a carga muito pesada!

Foram empregados todos os argumentos físicos e morais sem resultado apreciável, até que finalmente os guias se agarraram ao freio da recalcitrante. Mas esta, que parecia ter tomado uma resolução inabalável, não se deixou convencer. Enfim, aborrecida contra as partidas que se lhe permitiam fazer, manifestou claramente o mau humor depondo no chão o pesado fardo. Piperboom viu-se, pois, na necessidade de deixar, de boa ou má vontade, o seu administrador e de voltar para trás, antes de tempo, em companhia de um guia, de dois arrieiros e de um cavalo com que lhe suavizaram a solidão, enquanto, os seus companheiros, mais felizes, continuavam a subida.

Eram dezanove ao todo: três guias, oito arrieiros, conduzindo os quatro cavalos restantes, e oito viajantes, a saber: Thompson, obrigado pela sua grandeza, à perseverança; Roberto, Rogério de Sorgues, Alice e sua irmã, Jack Lindsay, Saunders e Hamilton. Lady Hamilton e Miss Margarida deviam já ter chegado a Orotava, conduzidas por Tigg, que galantemente se obrigara a escoltá-las. Ah! Se as misses Blockhead fizessem parte da caravana! Como

desejariam antes ver o ingrato subir até ao cume do pico e precipitar-se na cratera, a vê-lo transformado em cortesão de uma rival!

Nesta coluna reduzida, Roberto voltara imediatamente aos cuidados habituais. Lançara a mula que montava entre Jack Lindsay e a cunhada, que por acaso subiam o declive um atrás do outro, com vivacidade e não sem acotovelar ao de leve Alice. Esta, como se tivesse adivinhado o móbil do intérprete, não se formalizara com essa pressa um pouco nervosa. Propositadamente, tinha-lhe cedido o lugar e pusera-se a seguir o seu fiel protector.

Jack Lindsay também notara a manobra de Roberto, mas ainda mais que a cunhada, simulara nada ter percebido. Quando muito uma ligeira crispação dos lábios traiu a cólera íntima, e continuou a subir o declive sem se voltar para o inimigo, que sabia estar atrás dele.

Foi uma ascensão extenuante. Neste solo friável e que facilmente se desmoronava, cada passo exigia verdadeiro trabalho. Quando, às seis horas da tarde, depois de duas horas de grandes esforços, soou a voz de alto, homens e animais já não podiam dar um passo.

Tinha-se chegado à Alta Vista, espécie de intumescimento do cone, sobre o qual se construíra um refúgio para os operários que exploram o enxofre. Era ali que os viajantes deviam passar a noite.

Primeiro, trataram de comer um jantar excelente, abundante em virtude da diminuição dos convivas, depois, trataram da instalação para passar a noite. O frio era intenso. O termómetro marcava apenas três graus acima de zero. Era imperiosamente necessário um tecto.

Apesar disto, não era muito provável que Alice e Dolly, apesar da sua tenacidade de viajantes, aceitassem o refúgio, já invadido pelos operários da solfatara. Talvez preferissem a noite fria a essa promiscuidade pouco convidativa.

Felizmente, Roberto previra tudo para evitar esse dissabor.

Pelos seus cuidados, os cavalos foram libertos da carga e depressa se elevou uma tenda confortável, na qual, graças a um pequeno fogão e a uma provisão suficiente de combustível, o fogo crepitou alguns minutos depois.

O dia declinava rapidamente. Às oito horas o mar foi invadido pela sombra, que se viu com a velocidade de um expresso tomar de assalto as costas, escarpas e montanhas adjacentes. Daí a dois minutos o circo de Las Canadas estava mergulhado na treva. Apenas o Pico, ainda cintilante, emergia de um invisível abismo.

O globo solar atingiu o oceano, a linha do horizonte começou a roê-lo, enquanto um imenso cone de sombra projectado pelo pico, passando num momento por todos os tons imagináveis, se estendia até à Grande Canária e o último raio passou, como uma flecha luminosa, na atmosfera obscurecida.

Alice e Dolly retiraram-se logo para a tenda-abrigo. Quanto aos homens, se não puderam, ao abrigo do refúgio, conciliar o sono por causa das nuvens de parasitas com que pareciam importar-se pouco os operários, seus hóspedes e companheiros de leito, puderam pelo menos combater o frio com a ajuda de um fogo de giestas.

Às quatro horas da manhã, depois de os insectos estarem suficientemente repletos, tinham havia pouco conseguido adormecer quando soou o sinal da partida. Não havia tempo a perder, se quisessem estar no cume da montanha ao romper do dia.

O respeito pela verdade leva a confessar que dois turistas taparam obstinadamente os ouvidos. Um, o baronete sir George Hamilton, podia alegar a impossibilidade de proceder de

outra forma. E verdadeiramente era necessária uma razão de valor para decidir o metucioso passageiro a fazer uma alteração ao programa.

Mas desta vez não estava em estado de o respeitar.

Como havia de trepar até ao alto do monte, se o menor movimento lhe causava as dores mais cruéis? Decididamente, a frescura das noites era funesta para as suas nobres articulações. Na Canária o reumatismo tivera o seu prólogo, que se transformava agora em drama em Tenerife.

O outro recalcitrante não poderia ter fornecido desculpas tão valiosas. A saúde era perfeita e, como circunstância agravante, havia fortes razões que lhe aconselhavam a coragem. Mas não há razões fortes para um homem derreado e Thompson estava derreado, ainda além do suportável. Deste modo apenas respondeu com grunhidos aos apelos de Inácio Dorta e deixou os seus últimos administrados partir sem ele. Julgava ter feito bastante pela felicidade dos turistas.

Portanto apenas seis excursionistas tiveram a coragem de atacar os quinhentos e trinta e cinco metros que separam o vértice da montanha do refúgio da Alta Vista.

Esses quinhentos e trinta e cinco metros, que é necessário transpor a pé, são realmente os mais trabalhosos.

Na noite escura, apenas iluminada pelos archotes de pinheiro empunhados pelos guias, a marcha era incerta sobre esse terreno movediço, cuja inclinação aumentava de metro para metro. Além disso, o frio não cessava de apertar e depressa o termómetro desceu abaixo de zero.

Os arrojados turistas lutavam a custo contra o vento gelado que lhes gretava os rostos.

Depois de duas horas desta difícil ascensão chegaram a Rambleta, pequeno planalto circular que orla a base do pico terminal. Ainda faltava transpor cento e cinquenta metros.

Tornou-se logo evidente que pelo menos Saunders não subiria esses cento e cinquenta metros. Mal chegara a Rambleta, estendera-se no chão e ali ficara imóvel apesar das exortações dos guias. A despeito do seu vigor, esse enorme corpo estava prostrado. O ar faltava àqueles grandes pulmões. Com o rosto terrivelmente lívido, arquejava penosamente. Inácio Dorta tranqüilizou os seus companheiros inquietos.

— A doença das montanhas — disse -, Este senhor, logo que puder descer, fica curado.

Assim tranqüilizados, os cinco sobreviventes do massacre continuaram a ascensão movimentada, deixando um dos guias com o doente. Mas o fim do percurso é também a parte mais esgotante. Neste solo com a inclinação de quarenta e cinco graus cada passo exige estudo prévio, e é necessário tempo e violentos esforços para ganhar alguns centímetros. Um excessivo dispêndio de forças ao qual a rarefacção do ar — não permite resistir senão a muito custo.

Quando chegou à terça parte do caminho, Jack teve de se declarar vencido por sua vez e a um quarto do cume da montanha, desmaiado e sacudido por espantosas náuseas, caiu pesadamente na estrada. Os companheiros que o precediam nem mesmo deram fé da sua indisposição e, sem se deterem, continuaram a marchar, enquanto o último guia ficava junto do turista fora de combate.

Cinquenta metros mais acima coube a vez a Dolly. Rogério, não sem um sorriso levemente zombeteiro, aconselhou-lhe logo o repouso e o seu alegre olhar seguiu Alice e Roberto, que, conduzidos por Inácio Dorta, atingiam enfim o ponto supremo.

Era ainda noite. Contudo um pouco de luz esparsa na sombra permitia ver confusamente o solo que os pés pisavam.

Conduzidos pelo guia, que logo se retirou, Alice e Roberto abrigaram-se numa anfractuosidade dos rochedos, e subitamente a temperatura, até ali glacial, tornou-se de doçura surpreendente.

Em breve, a luz, aumentando, fez-lhes conhecer que tinham achado abrigo na própria cratera do vulcão que se cavava diante deles, a quarenta metros de profundidade. Elevavam-se fumarolas de todos os lados. O solo esponjoso e ardente via-se crivado por pequenas escavações das quais se escapavam vapores sulfurosos.

A periferia da cratera marca um limite de uma nitidez notável. Até junto dele a terra não tem um ser, não tem uma planta. Sob a influência do seu calor benfazejo, a vida renasce no vértice.

Alice e Roberto, de pé, a três passos um do outro, contemplavam o horizonte, inflamado pela aurora. Cheios de emoção religiosa, enchiam os olhos e a alma com o espectáculo grandioso que começava a surgir-lhes à vista.

Em roda deles zumbiam moscas e abelhas, e os rápidos fringilos cruzavam-se no vôo^{22}.

Aos pés Roberto viu uma violeta, friorentamente oculta debaixo das largas folhas felpudas. Baixando-se, colheu esta flor paradoxal que desabrochava a uma altitude em que nenhum outro representante do reino vegetal poderia viver, e ofereceu-a à sua companheira, que, silenciosamente, a pregou no peito.

De súbito, a luz do dia irrompeu. O Sol subia no horizonte como esfera de metal, aquecida ao rubro-branco, incendiado, sem raios. Primeiramente, o cume da montanha flamejou à claridade, depois a sombra desceu com rapidez igual àquela com que na véspera subira. Apareceram Alta Vista e o circo de Las Canadas. E de chofre, como se se tivesse rasgado um véu, o mar imenso resplandeceu sob o infinito azulado.

A sombra do Pico desenhava-se sobre este mar na forma de um cone notavelmente regular, cuja ponta ia lambar para oeste a ilha de Goufera. Mais longe e mais ao sul apareciam nitidamente, apesar da enorme distância de cento e cinquenta quilómetros, Hierro e Palmas. Para leste elevava-se na glória da aurora a Grande Canária. e a sua capital, Las Palmas, que se ocultava na costa oposta, distinguia-se, em compensação, La Isleta e o porto de La Luz, onde três dias antes o Seamew, estivera imobilizado.

Na base do Teyde estendia-se a ilha de Tenerife, como um vasto plano. A luz rasante da manhã acusava o relevo dos desnivelamentos. Mamelonava-se energicamente de inumeráveis picos e cavava-se em barrancos selvagens e agradáveis vales, no fundo dos quais iam despertando a essa hora as aldeias.

— Como isto é belo! — suspirou Alice, depois de longa contemplação.

— Como isto é belo! — repetiu Roberto, como um eco.

Estas poucas palavras, lançadas no meio do silêncio universal que as rodeava, bastaram para quebrar o encanto. Com o mesmo movimento voltaram-se um para o outro. Alice reparou então na ausência de Dolly.

— Onde é que está minha irmã? — perguntou, como se tivesse saído de um verdadeiro sonho.

— Miss Dolly, alguma coisa incomodada, deteve-se um pouco mais abaixo, com Mr. de Sorgues — respondeu Roberto. — Se a senhora quiser, posso ir ao encontro dela.

Roberto fez o movimento de quem vai retirar-se. Alice deteve-o com o gesto.

— Não — disse ela -, fique. — Depois, tendo-se conservado alguns momentos em silêncio, continuou com surda hesitação, pouco habitual neste carácter decidido. — Tenho de lhe falar... ou, antes, de lhe agradecer.

— A mim, minha senhora! — exclamou Roberto.

— Sim — afirmou Alice. — Compreendi a protecção discreta de que me tem rodeado desde a nossa partida da Madeira e sei qual é a causa dela. Essa protecção, pode crer, é-me preciosa, mas quero tranqüilizar a sua solicitude. Eu não estou desarmada. Nada ignoro do que se passou na Madeira.

Roberto ia responder. Alice antecipou-se-lhe.

— Não me responda. Disse-lhe o que devia dizer, mas não vale a pena insistir num assunto tão desagradável. É um segredo vergonhoso que nós possuímos. Sei que será fielmente guardado.

Depois de curto silêncio, continuou com voz suave: — Como poderia não tranqüilizar a sua amizade inquieta? Não é a minha vida agora um pouco sua?

Roberto fez um gesto de protesto.

— Será capaz de desprezar a minha amizade? — perguntou Alice, com leve sorriso.

— Amizade bem curta — respondeu Roberto, melancolicamente -, Daqui a poucos dias o navio que nos conduz estará fundeado no Tamisa e cada um de nós seguirá o seu destino.

— É verdade — confirmou Alice, comovida. — As nossas existências talvez se separem, mas resta-nos a lembrança...

— Que se há-de apagar muito depressa na névoa do tempo!

Alice, com o olhar perdido no horizonte, deixou primeiro cair a exclamação cheia de desespero sem lhe responder.

— Se essas palavras traduzem fielmente o seu pensamento — disse enfim -, a vida deve ter sido muito cruel para o senhor. Estará acaso isolado na humanidade para que tenha tão pouca confiança nela? Não tem pátria? E amigos?

Roberto moveu negativamente a cabeça.

— Tive-os outrora — declarou Roberto com amargura.

— E hoje não tem nenhum? — tornou Alice -, Será o senhor tão cego que recuse esse título a Mr. de Sorgues, não falando já de mim e de minha irmã?

— A senhora! — exclamou Roberto, com voz abafada.

— É certo — prosseguiu Alice, desprezando a interrupção -, que o senhor não é nada animador para a amizade que alguém lhe ofereça. Chego a perguntar-me se sou a culpada de qualquer falta...

— E como poderia a senhora ser culpada? — interrogou Roberto, sinceramente surpreendido.

— Não sei — respondeu Alice. — Mas é evidente que, depois do acontecimento que há pouco estive recordando, o senhor se tem afastado de nós. Eu e minha irmã estávamos admiradas com esse afastamento e Mr. de Sorgues não deixa de censurar tal conduta, para que se não pode achar, segundo ele diz, explicação aceitável. Acaso algum de nós o ofendeu inconvenientemente?

— Oh, minha senhora! — protestou Roberto, confuso.

— Então não percebo.

— Porque nada há a perceber — respondeu vivamente Roberto. — Apesar do que supõe, fiquei o que era. A única diferença entre o passado e o presente reside no interesse que me valeu uma circunstância fortuita e que nunca poderia ter sido ambicionada pelo humilde intérprete do Seamew...

— O senhor para mim não é o intérprete do Seamew — replicou Alice, cujas faces se coloriram ligeiramente -, A sua explicação é má e esta contenda nem é digna de mim, nem do senhor. Confessa que nos evita, a mim, a minha irmã e mesmo a Mr. de Sorgues?

— É certo — confessou Roberto.

— Então torno a perguntar: porquê?

Roberto sentiu uma multidão de pensamentos entrechocarem-se-lhe no crânio.

Contudo conseguiu serenar e, constringendo-se a ficar silencioso, disse apenas: — Porque as nossas recíprocas situações ditam-me essa conduta e impõem-me uma grande reserva. Posso porventura desconhecer a distância que nos separa a bordo deste navio, onde vivemos sob títulos tão diferentes?

— Isso é uma péssima razão — retorquiu Alice com impaciência -, por isso que não reconhecemos essa distância de que está falando.

— O meu dever é porém lembrar-me sempre dela — declarou Roberto, com firmeza -, e não abusar de um sentimento generoso de reconhecimento, a ponto de me conceder uma liberdade que poderia ser interpretada de um outro modo.

Alice corou e o coração começou-lhe a bater com maior força. Teve a consciência de que enveredava por caminho cheio de dificuldades. Mas havia alguma coisa nela que a impelia irresistivelmente a conduzir até ao fim uma conversação que começava a tornar-se perigosa.

— Não percebo bem o que quer dizer — pronunciou, um pouco altivamente -, e não sei que juízos é que o senhor julga dever temer...

— E se fosse unicamente o seu? — exclamou Roberto, inconscientemente.

— O meu!

— Sim, o seu, minha senhora. Mesmo fora do Seamew, as nossas vidas são muito diferentes para que se possam misturar sem levantar suspeitas. Que pensariam de mim, que pensariam da senhora, se eu autorizasse alguém a supor que ousei, que ousei...

Roberto calou-se bruscamente, encerrando no coração, por um último esforço, a palavra irreparável que jurara não pronunciar.

Mas não se teria calado já tarde, e não teria dito o suficiente para que Mrs. Lindsay o compreendesse?

Se efectivamente assim sucedera, se Alice adivinhara a palavra prestes a irromper, é de crer que a não temesse. Enveredando neste beco sem saída, seguia avante, sem buscar evitá-lo por pueris subterfúgios.

Ousadamente, voltou-se para Roberto e disse resolutamente: — E então? Acabe...

Roberto julgou sentir o solo faltar-lhe debaixo dos pés. As suas últimas resoluções evolveram-se. Completamente perdido, cessou de lutar; um segundo mais e o seu coração, transbordante de afecto, ia deixar escapar o segredo.

Uma pedra rolou a dez passos dele, ao mesmo tempo que uma tosse violenta fazia vibrar o ar rarefeito. Quase a seguir apareceu Rogério amparando Dolly meio desfalecida e seguido de Inácio Dorta, que descera para os ajudar a terminar a ascensão.

Num abrir e fechar de olhos Rogério viu o embaraço dos seus amigos e facilmente reconstituiu a cena.

Todavia, fingiu nada ter percebido. Mas um sorriso invisível deslizou-lhe sob o bigode, enquanto o dedo complacente começava a indicar a Dolly o imenso panorama que se estendia diante dela.

CAPÍTULO XXI

Um Incidente que Vem a Propósito

As dez horas da manhã, o Seamew deixou o porto de Orotava. O programa fixava a partida para o dia 7, às seis horas da manhã.

Mas, como havia um atraso de quatro dias, Thompson não vira inconveniente algum em aumentá-lo quatro horas. Isto, de facto, já não tinha importância desde o momento em que o navio se aventurava pelo caminho do regresso. Deixara-se assim aos passageiros a faculdade de prolongar um repouso reparador.

Via-se que Thompson voltava ao sistema dos processos amáveis.

Agora, que cada volta da hélice o ia aproximar do cais do Tamisa, achava vantajoso acarinhar com doçura esses subscritores, alguns dos quais se tinham tornado seus inimigos. Em sete dias de travessia, um homem esperto é capaz de muitas coisas e até de fazer mudar de opinião muita gente.

Além disto, para que lhe serviria a frieza?

Não tornaria a haver nenhuma arribada e a bordo do Seamew não havia a recear nenhuma nova contrariedade.

A delicada atenção do Administrador foi muito apreciada pelos passageiros. Todos passaram a parte da manhã na cama. nem um único deixara o camarote quando o Seamew colheu a âncora.

Ainda como consequência da delicada atenção de Thompson, o capitão começara uma viagem de circum-navegação; antes de tomar o rumo da Inglaterra o navio passaria entre Tenerife e Gomera, depois contornaria a ilha de Ferro, o que constituiria um passeio encantador.

Em seguida o capitão Pip dirigiria o navio na direcção de Palma, onde chegaria, é verdade, durante a noite.

Mas isto era apenas uma coisa sem importância, porque ninguém, nem mesmo o mais exigente, podia obrigar Thompson a diminuir a velocidade da marcha do Sol. Depois desta revista final ao arquipélago das Canárias, os passageiros teriam prazer maior achando diante de si, ao acordarem no dia seguinte, o mar livre.

Em conformidade com o programa, revisto e corrigido, o Seamew costeava com a velocidade regulamentar de doze nós a parte ocidental de Tenerife, quando a sineta anunciou o almoço.

Os convivas eram bastante raros. Em virtude da fadiga ou por outra qualquer razão, muitos deles tinham ficado encerrados nos camarotes.

A descida do Pico fora contudo mais rápida e mais fácil do que a subida.

Apenas os conquistadores da crista mais alta tiveram de vencer algumas dificuldades. Se até Alta Vista não se tratara mais do que de resvalar pelo solo inclinado, a partir desse ponto foram forçados a montar nas mulas e a seguir de novo o caminho em ziguezagues, mais temeroso ainda de descer do que difícil de subir. Uma vez chegados ao circo de Las Canadas, a volta mostrara-se simplesmente semelhante à ida e, finalmente, os oito intrépidos

excursionistas tinham-se tornado a achar de perfeita saúde a bordo do Seamew, pelas sete horas da noite.

Compreendia-se que esses oito turistas tivessem necessidade de repouso. Mas os outros deviam ter já descansado depois de duas noites de sono.

O capitão Pip vira-os, na antevéspera, alcançar sucessivamente o navio. Os primeiros tinham chegado antes do meio-dia, depois seguiram-se os outros, espaçados, até Piperboom, que chegara no fim de todos, às sete horas da noite, sem outra doença além de um apetite devorador.

Contudo não faltavam vácuos entre esses inconstantes viajantes.

Que a fadiga mede-se menos pelo trabalho feito do que pelo esforço. Todos tinham qualquer doença particular. Um sofria de esfalfamento, outro da oftalmia causada pela branca estepe de Las Canadas, ainda outro a mais terrível constipação, produzida pelo vento glacial da montanha.

Em suma, os males eram pouco graves, porque daí a uma hora esses inválidos começaram a sair dos camarotes, no momento em que o Seamew dobrava a ponta Teno, pela qual termina, a oeste, a ilha de Tenerife.

A pouca distância surgia Gomera.

O Seamew aproximou-se rapidamente da costa e seguiu-a a menos de três milhas de distância.

Às duas horas o navio passou ao largo de São Sebastião, capital da ilha, vila de medíocre importância mas grande pelas recordações que evoca. Foi deste ponto que, a 7 de Setembro de 1492, Cristóvão Colombo se lançou definitivamente no desconhecido. Trinta e quatro dias depois o imortal viajante descobria a América.

Após algumas voltas da hélice, a ilha de Ferro apareceu por sua vez, separada de Gomera por um estreito de vinte e duas milhas, que o Seamew transpôs em duas horas.

Eram quatro e meia quando o Seamew começou a costear esta ilha, a mais meridional do arquipélago. Situada a cerca de 28 graus 30 de latitude norte e 20 graus de longitude oeste, não tem nenhuma importância comercial e não deve a sua celebridade relativa senão a uma particularidade geográfica: durante muito tempo o seu meridiano foi adoptado como origem de todos os outros e a longitude dos diversos pontos do mundo exprimiu-se por graus a este ou a oeste da ilha de Ferro.

Felizmente para os passageiros do Seamew, esta ilha oferece à curiosidade do viajante outras atracções, além deste interesse um pouco especial. O seu aspecto, particularmente terrível e selvagem, explicava o desvio imposto por Thompson ao seu navio. Menos elevado do que Tenerife, do que Palma, e mesmo do que a Grande Canária, essa sentinela avançada do arquipélago é à primeira vista mais desagradável do que essas terras, já pouquíssimo hospitaleiras. Um grande rochedo limita-a por todos os lados, elevando-se verticalmente a mais de mil metros de altura acima das ondas, e torna-a quase inacessível. Não existe uma fenda, nem um ancoradouro nesta muralha de aço. Os insulares, na impossibilidade de se estabelecerem na costa, tiveram de retirar-se para o interior. Vivem ali separados do resto do mundo, visto poucos navios ousarem afrontar os recifes semeados ao largo da ilha, as correntes violentas e os ventos perigosos que a rodeiam e tornam a navegação nestas paragens bastante difícil. Esses ventos e essas correntes não eram de molde a inquietar um navio a vapor. O Seamew pôde seguir imperturbavelmente esta costa desolada, em que nem uma casa,

nem uma árvore vieram alegrar durante três horas a majestade selvagem. A nordeste, por cima da ilha de Gomera, elevava-se o pico de Tenerife, todo envolvido em névoas, mostrando aos passageiros o ponto que poucos de entre eles tinham conseguido atingir. Às seis horas e meia desapareceu pela última vez o monte prodigioso, que não deviam tornar a ver, enquanto o capitão ia progressivamente pondo o rumo a norte. Entrava-se definitivamente no caminho do regresso. Às sete horas a mesa achou-se quase completa sob a presidência de Thompson, tendo o capitão em frente dele e os passageiros nos seus lugares habituais. O mar estava sereno, o menu era confortável; tudo conspirava para que essa refeição inaugurasse uma era de reconciliação. Apesar disso, principiou mal, no meio de silêncio ameaçador.

Entre Alice e Roberto, particularmente, era evidente que existia certo constrangimento.

Sobre o cume do Teyde tinham dito ao mesmo tempo muitíssimo e muito pouco e nem um nem outro ousavam recomeçar a conversa. Roberto, a quem as férias de ora avante ilimitadas já não forneciam pretextos para desaparecer, tinha toda a tarde mantido silêncio obstinado, enquanto Alice se conservava sonhadora.

Rogério, que os observava pelo canto do olho, ficou desagradavelmente surpreendido pelo resultado da sua diplomacia.

"Ora ali estão dois apaixonados que não compreendo". — dizia de si para si, ironicamente.

Apesar de tudo, a perturbação dos dois era patente quando Dolly e ele tinham chegado ao cume do Pico. Não podia ter ilusões a esse respeito. Mas o retraimento actual não era menos certo, e Rogério concluía, despeitado, que interrompera muito cedo a entrevista.

Ainda que não tivessem as mesmas razões, os outros turistas afinavam pelo mesmo diapasão. Surdo constrangimento envolvia todo o navio.

Que admirava que Jack estivesse sombrio?

Não era esse o seu estado habitual? Isolado num lugar afastado, relembrava com raiva todos os incidentes da véspera. Que se teria passado quando, apesar de todo o seu ódio, fora obrigado a deter-se, vencido, a meio caminho? Não contente com adivinhá-lo muito facilmente, teria querido ver e saber.

A cólera empolgava-o. Ah! Se pudesse de um só golpe despedaçar esse maldito navio! Com que alegria teria precipitado os companheiros e o próprio corpo nas ondas, contanto que pudesse nelas dar a morte à cunhada e ao execrável salvador!

Mas, se o mau humor de Jack se explicava facilmente, de onde provinha a tristeza dos outros? Porque é que durante a tarde não se haviam reunido em grupos como no princípio da viagem? Porque não tinham trocado impressões durante a passagem da ilha de Ferro, em lugar de ficarem isolados e silenciosos?

É que haviam perdido o mais necessário dos bens: a esperança, que pode, em caso de necessidade, substituir todos os outros.

Até essa altura o futuro fizera-lhes suportar o presente. Era possível que uma excursão bem terminada, um hotel confortável e um passeio agradável compensassem uma excursão falhada, um hotel vergonhoso e um passeio derreante. O livro, porém, fechara-se. Terminada a viagem, já não reservava nenhuma surpresa aos viajantes. E era por isso que passavam o tempo a recapitular mentalmente as contrariedades sofridas; e era por isso que, cheios de descontentamento pela última desilusão, se conservavam silenciosos pela vergonha recíproca de se terem deixado cair num laço.

Saunders gozava profundamente com esse silêncio persistente. Cheirava-lhe a electricidade latente, a tempestade que estava no choco. Cabia-lhe fazê-la estalar e para isso buscava ocasião favorável. O acaso forneceu-lha.

Já por várias vezes arriscara certas frases desagradáveis sem achar eco, quando os olhos investigadores descobriram o vácuo de dois lugares vizinhos ordinariamente ocupados.

"Dois passageiros inteligentes que se despediram à francesa em Las Palmas" — pensou primeiramente.

Mas um exame mais atento convenceu-o do erro em que labutava. Os lugares desocupados eram os dos recém-casados, que, segundo o seu costume, tinham desembarcado logo que chegaram a Santa Cruz.

Saunders fez a seguir a observação em voz alta e informou-se dos ausentes. Ninguém os vira.

— Talvez estejam incomodados — lembrou Thompson.

— Porque é que hão-de estar incomodados? — replicou impertinentemente Saunders. — Ontem já aqui não estavam.

— Onde quer então que estejam? — objectou Thompson mansamente.

— Pertence-me sabê-lo? — volveu Saunders. — Naturalmente esqueceu-os em Tenerife.

Saunders dissera isto como poderia ter dito outra coisa. Thompson encolheu os ombros.

— Como é isso possível? Pois não tinham um programa?

A estas palavras, o baronete interveio.

— Com efeito, um programa — disse com brusquidão -, que anuncia que o Seamew partiria a 7 de Junho e não a 11, de Santa Cruz e não de Orotava. Se é com semelhante programa que conta!

— Foram certamente informados da mudança — respondeu Thompson. — E, além disso, nada é mais simples do que ir bater à porta do camarote.

Passados dois minutos, Mr. Roastbeef anunciava que o beliche estava vazio. Os noivos tinham evidentemente desaparecido.

Apesar do seu aprumo ordinário, Thompson empalidecera ligeiramente; o caso desta vez era mais grave. Receber das pessoas o dinheiro de uma viagem e semeá-las tranqüilamente pelo caminho era uma fantasia que os tribunais sem dúvida apreciariam muito mal.

— Resta um meio de remediar este contratempo — disse, após um momento de reflexão. — Se estes senhores o permitem, vamos voltar a Santa Cruz de Tenerife. Graças ao desvio que temos feito, isto não nos afastará muito da nossa rota e amanhã de manhã...

Uma gritaria geral cortou a palavra a Thompson.

Todos os passageiros falavam ao mesmo tempo. Aumentar uma noite ou mesmo uma hora à viagem em companhia do Administrador-Geral — nunca!

Decididamente o relâmpago fendera as nuvens, a tempestade estalava.

Quanto ao raio, Saunders encarregava-se de o fazer cair.

Ele só falava mais alto do que todos. Gesticulava com formidável ruído de êmbolos ferrugentos.

— Parar! — exclamou. — Com um milhão de diabos!

Acaso teremos culpa de o senhor esquecer os passageiros como quem esquece um lenço de assoar? Arranje-se como puder. Teríamos de percorrer imenso caminho se fôssemos procurar tudo o que o senhor esqueceu no decurso da viagem, por exemplo as suas promessas,

que deixou de cumprir por toda a parte, nas Canárias, nos Açores, na Madeira! Liquidá-las-emos em Londres! — rematou com voz terrível, batendo com toda a força na agenda.

Thompson levantou-se e deixou a mesa.

— O senhor fala-me num tom que de nenhum modo me pode convir — disse, esforçando-se por tomar atitude cheia de dignidade -, Há-de dar-me licença que ponha ponto na conversa e que me retire.

Era muito duvidoso que as injúrias tivessem penetrado na pele de Thompson.

Essa pele, apesar de normal, tornava-se couraça para tal género de picadas.

Julgara, porém, deplorável o efeito deste insulto repentino no momento em que a conciliação se tornava a primeira das necessidades. Mais valia deixar renascer a calma. Recomeçaria então a obra de paz e alguns jantares bons bastariam para tornar benévolos os seus subscritores.

Conhecia contudo mal o inimigo. Saunders seguiu-o passo a passo ao spardeck, onde se refugiara, e atrás de Saunders todos os passageiros sem excepção, uns irritados, outros somente recreando-se com o espectáculo, como Rogério e as americanas, mas todos, em suma, aprovando não a forma mas o espírito da violenta crítica de Saunders.

— Sim — continuou este último, bloqueando o infeliz Administrador-Geral a um canto e metendo-lhe pelos olhos a agenda -, havemos de liquidar em Londres as suas promessas, e os tribunais darão aos seus excelentes gracejos o verdadeiro valor. Hei-de fechar a minha conta e provarei que o senhor me constrangeu, pela sua avareza, a gastar do meu bolso, além do preço da viagem, uma soma de vinte e sete libras esterlinas, nove xelins e cinco dinheiros que lá deviam ficar. Fá-lo-ei ciente do mergulho de Mrs. Lindsay, da avalanche de São Miguel, do almoço da Horta, do reumatismo de sir Hamilton, do lumbago de Mr. Blockhead...

— Perdão! Perdão! — reclamou fracamente Blockhead.

— E dos hotéis infectos e de todas as nossas excursões, todos os nossos passeios, tão bem organizados, sem esquecer o último, essa ascensão insensata ao pico de Tenerife, de onde vieram doentes quase todos os passageiros e de onde os mais perseverantes apenas trouxeram pulgas!

— Bravo, bravo! — gritaram todos os ouvintes, com voz estrangulada por um riso de vingança.

— Pois, meu caro senhor — continuou Saunders, lançado a toda a velocidade -, hei-de fazer tudo isso. Mas, enquanto espero, não ocultarei a verdade: nós fomos roubados, digo-lho eu, não lho mando dizer!

A cena tomava decididamente péssima feição. Thompson entendeu que devia protestar contra a violência do seu adversário, contra as palavras empregadas.

E então protestou.

— Ora aqui está uma coisa intolerável! Já que o senhor diz que se vai dirigir aos tribunais, espere que eles se pronunciem e poupe-me cenas do género destas. Desde que saímos de Londres é apenas com o senhor que tenho tido questões. Se não tivesse embarcado, todos os passageiros estariam contentes. Diga o que quer de mim! Apesar de tudo, eu não o conheço, Sr. Saunders!

— Pelo contrário, o senhor conhece-me perfeitamente — replicou Saunders.

— Eu?

— Sim, o senhor.

O irreconciliável passageiro especou-se em frente do Administrador-Geral.

— O meu nome não é Saunders — afirmou muito claramente.

— Oh! — exclamou Thompson, admirado, olhando o inimigo.

— O meu nome é Baker — gritou este, levantando o imenso braço para o céu.

— Baker!

— Sim, Baker, director de uma agência de viagens, que me orgulho de não se parecer em nada com a sua.

Nada tinha feito prever este lance teatral. Depois de soltarem uma exclamação de surpresa, os passageiros calaram-se com os olhos fixos em Baker, que esperava, numa atitude agressiva, o efeito da sua revelação, essa revelação, que, no pensar do seu autor, deveria fulminar Thompson, o tinha, pelo contrário, posto à vontade.

— Baker! — repetiu, zombeteiro. — Tudo se explica agora! Quando penso que dava importância às suas recriminações incessantes! Afinal era apenas uma questão de concorrência!

Thompson agitou a mão, com desdenhosa indiferença. Mas não o fez durante muito tempo.

Baker — conservar-lhe-emos este nome de ora avante — tomara um aspecto verdadeiramente feroz, que gelou a alegria nascente do imprudente Administrador-Geral.

— Aqui — pronunciou friamente — sou um passageiro como outro qualquer e tenho, como os outros, o direito de dizer que estou roubado.

— Mas por que razão veio o senhor cá ter? — objectou Thompson, exasperado — Quem o forçou a cá vir?

— Ah! Com que então julgava que eu me iria deixar arruinar tranqüilamente? Porque é que eu estou aqui? Para ver, e vi. Sei agora quanto ocultam os abatimentos insensatos que os farsistas da sua espécie fazem. Depois contei ainda com outro prazer. Naturalmente conhece a história do inglês que seguia um domador com a esperança de ver as feras devorá-lo? Pois bem! Comigo acontece a mesma coisa.

Thompson fez uma careta.

— Há apenas uma diferença entre mim e o inglês: é que eu tenho vontade de meter pessoalmente o dente nos despojos da Agência! Sabe que o socava bem socado se não me contivesse?

Houve em roda dos dois campeões uma trovoada de bravos. Excitado por estes clamores, Baker tomou a clássica posição de boxeur e deu um passo em frente.

Thompson desejava dar um passo à retaguarda. Mas como é que furaria essa barreira humana que o cercara por todos os lados?

— Meus senhores! — suplicava debalde.

E Baker, que continuava a avançar, ia talvez passar da palavra às obras...

De súbito, o navio foi sacudido por abalo violento e na máquina retiniu um apito ensurdecido.

Todos os passageiros, incluindo os beligerantes, ficaram estupefactos. Aos silvos misturaram-se gritos de aflição e pela escada da máquina e pelos respiradouros saiu vapor espesso. A hélice parou.

O capitão Pip fora o primeiro a precipitar-se para o lugar do perigo. Ia transpor de salto a escada de ferro que conduzia à casa das máquinas, quando um maquinista saltou para o convés e fugiu gritando.

Um outro seguiu-o, depois outro e todos, felizmente, sãos e salvos.

Faltava porém ainda um. Viram-no aparecer amparado ou, antes, transportado por Mr. Bishop.

Fora sem dúvida vítima de terrível acidente. Com o corpo cruelmente queimado, soltava gemidos lamentosos.

Logo que o homem foi estendido no convés, fora do alcance do vapor, que continuava a escapar-se com grande ruído, Mr. Bishop levantou-se e os viajantes puderam ver que ele estava também queimado no peito e no rosto. Porém não parecia dar importância a esse facto e, voltando-se para o capitão, esperou as perguntas.

— Que sucedeu? — perguntou este, com voz calma.

— Um acidente. Já lhe tinha dito, comandante, que do velho não se faz novo. A caldeira rebentou, felizmente na base, e apagou o fogo.

— O acidente é reparável?

— Não, comandante.

— Está bem — disse o capitão Pip; que, enquanto os passageiros, sob a direcção de Mr. Flyship, se apressavam a socorrer os dois feridos, subiu ao banco do quarto e mandou com voz serena: — Larga a vela grande! Larga a bujarrona! Larga tudo!

Depois, lançando um olhar a Mr. Bishop e ao maquinista, que eram transportados, desmaiados, para os camarotes, voltou-se para Artimon, ao qual nenhum acontecimento poderia afastar do seu posto regulamentar.

O capitão olhou para Artimon, e Artimon olhou para o capitão. Trocado esse simpático olhar, o primeiro entortou os olhos da maneira reservada às grandes ocasiões e, escarrando no mar com circumspecção, disse: — Pelas barbas de minha mãe, estamos metidos em boa arriosca!

CAPÍTULO XXII

Sem Rumor

No dia seguinte, a 12 de Junho, às oito horas da manhã, o capitão Pip desceu do banco de quarto onde passara a noite e foi visitar Mr. Bishop e o maquinista feridos. Os dois homens estavam melhor. Tranqüilizado por este lado, o capitão escreveu no diário de bordo: "11 de Junho. Largada às 20 horas da manhã. Saída de Orotava, de Tenerife (Canárias), com destino a Londres (Inglaterra). Modificado o rumo directo segundo as instruções do armador. Rumo a oeste.

Ao meio-dia, dobrada a ponta Teno. Avistada a ilha de Gomera. Rumo ao sul.

À uma e meia, mudado o rumo a sudoeste; deixada Gomera a estibordo. Às cinco horas, costeada a ilha de Ferro. Rumo a sul, quarta de oeste. Às seis horas e meia, dobrada a ponta Restinga da ilha de Ferro (Canárias). Dado o jantar à equipagem. Às sete horas, jantar dos oficiais. Às oito horas por través do porto Naus, a caldeira rebentou a três polegadas acima do fundo, ocasionando a extinção do fogo da máquina. Mr. Bishop, primeiro maquinista, queimado no rosto e no peito, conduzindo um fogueiro desmaiado e gravemente ferido. O maquinista declara o acidente irreparável. Largado todo o pano, rumo com vento por estibordo, pelos alísios de nordeste. Feitos os sinais regulamentares. Às oito horas e meia, virado de bordo. Como a noite se aproximasse, lançados foguetes de sinais, sem resultado. Às nove horas, virado de bordo. À meia-noite, virado de bordo.

Dia 12 de Junho. Às duas horas, virado de bordo. Às quatro horas, virado de bordo. Ao romper do dia, avistada a ilha de Ferro a cerca de vinte milhas para o norte. Lançada a sonda sem se encontrar fundo. Continuamos a descair, levados pelos alísios de nordeste.

Às nove horas, achando-me a cerca de trinta milhas da ilha de Ferro, deixei descair. Posta a proa ao sul quase de oeste, rumo com vento por bombordo para as ilhas de Cabo Verde."

Tendo acabado, o capitão estendeu-se na cama e adormeceu tranqüilamente.

Infelizmente nem todos os passageiros possuíam essa força de alma que permitia ao bravo capitão Pip descrever, em termos tão concisos e tão simples, acontecimentos tão singulares. Na noite da véspera pouco faltou para que se declarasse pânico e que as embarcações fossem tomadas de assalto como se estivesse iminente um naufrágio.

Contudo, tudo se tinha acalmado, graças ao sangue-frio do comandante, em quem depositavam confiança extrema.

Entretanto, durante parte da noite o maior número dos passageiros ficaram no spardeck, comentando as circunstâncias do acidente e discutindo as prováveis conseqüências.

Nestes grupos, Thompson não estava em cheiro de santidade. Assim, tinha não só atacado a bolsa dos subscritores mas ainda lhes punha a própria vida em perigo.

Com inconsciência indesculpável, havia-os economicamente amontoado — e neste ponto as palavras de Mr. Bishop eram esmagadoras — sobre um velho navio quase fora de serviço, que se declarava fatigado antes do fim da viagem. Agora é que se explicavam os sucessivos abatimentos consentidos pela Agência, e pelos quais tantos patetas se tinham deixado seduzir.

Eis um incidente que Baker podia notar no seu livrinho. Não havia dúvida de que isso lhe valeria grande indemnização, se estivesse em condições de pedir o auxílio dos juizes da Inglaterra.

Com efeito, nessa ocasião os turistas estavam longe desses juizes e o oceano, insensível aos argumentos deduzidos, rodeava por todos os lados o navio desamparado.

Que iria acontecer? Para que ponto dos mares seria arrastado esse steamer, esse navio sem rumo?

No entanto, quando se viu o capitão Pip subir ao seu banco do quarto, a comandar a manobra com calma; quando, largadas todas as velas, o Seamew retomou a derrota e pôs o rumo à costa meridional da ilha de Ferro, desaparecida na noite, tudo começou a serenar.

Pouco a pouco foi-se esvaziando o spardeck. Já tudo dormia à popa do Seamew, quando o timoneiro anunciou a meia-noite.

O sono dos passageiros foi agitado, e logo ao romper do dia apareceram no spardeck, sem faltar um único. Qual não foi a desilusão de todos ao avistarem a perto de vinte milhas para o norte a costa da ilha de Ferro onde pensavam desembarcar!

Para dar alguma coragem aos turistas foi preciso o espectáculo do capitão Pip continuando, como se nada tivesse sucedido, o seu eterno passeio na ponte. Mas de novo apareceram as angústias vendo a terra continuar a afastar-se à medida que o tempo passava.

Toda a gente perguntava o que queria isso dizer.

Houve um suspiro de alívio quando o capitão pediu aos passageiros que se reunissem na sala, para ouvirem uma comunicação.

Num abrir e fechar de olhos o salão ficou completamente cheio, ouvindo-se o zumbido de conversações animadas, que desapareceram subitamente à chegada do capitão.

Este, em poucas palavras, expôs claramente a situação.

O Seamew, desamparado da máquina, já não podia contar senão com as velas.

Mas um steamer não tem a mastreação de um navio à vela.

Apenas pode oferecer ao vento pequena superfície de pano. Além disso, as formas da quilha não são adaptadas a todos os andamentos. Quando um veleiro cerrado de bolina ganhasse facilmente espaço com o vento, um vapor derivaria em consequência da menor convexidade do casco e caminharia quase tanto de través como de frente.

O capitão, ainda que sem ilusões, tentara esse andamento para alcançar o arquipélago das Canárias. Toda a noite tinham bordejado, esforçando-se por ganhar terreno contra os alísios do nordeste. Como previra, o navio derivara muito e tanto mais porque era ao mesmo tempo levado por uma corrente de cerca de dois nós à hora, corrente que, sendo um ramo do Gulf-Stream, segue do norte ao sul a costa ocidental da África.

Nestas condições teria sido insensato obstinar-se contra o destino. Mais valia aproveitar-se da corrente e do vento para alcançar o mais rapidamente possível qualquer porto de socorro.

Havia dois caminhos abertos diante do navio: as possessões francesas do Senegal e as ilhas de Cabo Verde. O capitão escolhera estas últimas. Explicou que a distância era a mesma, e evitava assim a costa de África, cuja aproximação temia com um navio dispondo de tão fracos meios de acção.

Demais, não havia razão alguma para se inquietarem. O vento era bom e nesta região dos alísios devia-se considerar como muito provável que se mantivesse assim. Em suma, apenas

se tratava do prolongamento da viagem, sem que os seus riscos tivessem aumentado muito.

Terminado o discurso, o capitão cumprimentou e depois, tendo manobrado de modo a pôr o navio na nova rota, retirou-se para o camarote e, antes de adormecer fez no diário de bordo a narração obrigatória dos acontecimentos que acabavam de se desenrolar.

Os passageiros tinham ficado visivelmente acabrunhados. Pairava agora um grande silêncio no salão, ainda há pouco tão ruidoso.

Thompson recebera a comunicação do comandante ao mesmo tempo que os seus administrados. Tudo o que acontecia tinha sido por culpa do Administrador-Geral. Ninguém tinha dúvidas a este respeito.

A par disso, oferecia aspecto tão desgraçado, tão totalmente aniquilado, que ninguém teve alma de lhe fazer a menor censura. O que era ele agora senão um náufrago como os outros?

No meio deste silêncio profundo estalou de repente o Som de uma alegre gargalhada. Todos levantaram a cabeça e olharam admirados para Rogério de Sorgues, senhor desta alegria intempestiva.

O oficial francês divertia-se sinceramente com esses perigos nascentes e nem dava pela surpresa dos companheiros.

— Meu caro Thompson — disse, batendo amigavelmente no ombro do Administrador -, que viagens tão divertidas se fazem pelas agências inglesas! Partir para as Canárias num navio a vapor e abordar às ilhas de Cabo Verde num navio à vela é uma boa blague, como não há igual no mundo!

E Rogério, comunicando a sua irresistível alegria às duas passageiras americanas, subiu na companhia delas ao spardeck, enquanto no salão as línguas começavam a soltar-se. O seu riso distendera os nervos.

Fortalecera a coragem dos passageiros, melhor ainda do que o fariam as exortações mais enérgicas e os conselhos mais prudentes. Começaram a encarar esta viagem suplementar com maior serenidade, sem contudo chegarem ao optimismo do alegre oficial francês...

Deve-se confessar que a situação justificava largamente este resto de inquietação. Não era um simples passeio esse que o Seamew empreendia. Entre a ilha de Ferro e a primeira ilha de Cabo Verde havia a transpor a distância de setecentas e vinte milhas marítimas.

Essa distância exigiria, com a velocidade de cinco nós que a corrente e o velame reduzido lhe davam, oito dias de navegação, pelo menos. E em oito dias o que não poderia acontecer no caprichoso reino de Neptuno!

Apesar disto, como de nada lhes servia o desespero, os turistas resignaram-se.

Pouco a pouco o navio tomou a fisionomia habitual, e a vida retomou o seu curso, cortando-lhe apenas a monotonia as horas das refeições.

Esta questão das refeições tinha adquirido nova importância. Os turistas multiplicavam-nas mais por distração do que por apetite.

Thompson deixava-os fazer o que quisessem e mesmo por cobardia, cuja importância ia em breve ser demonstrada, favorecia essa distração às ocultas do capitão Pip, na quimérica esperança de obter o perdão dos seus administrados.

Piperboom — de Roterdão — apreciava essa distração muito particularmente.

Sempre agregado ao Administrador-Geral, tinha ouvido a explosão e escutara a comunicação do capitão Pip.

Acaso compreenderia a necessidade de mudar de rumo? Parece que sim, visto que os seus olhares se tinham dirigido para a bússola e para o Sol.

Em todo o caso, se experimentava alguma inquietação, essa inquietação não lhe tirava o apetite. Continuava a mostrar-se grande apreciador das combinações culinárias.

As refeições multiplicavam-se, dividiam-se em breakfasts, dinners, teas e luncheons.

Piperboom honrava-as a todas de maneira prodigiosa. Aquele estômago era insaciável.

Em simetria com este abismo, Johnson, o bebedor, nadava numa beatitude talvez ainda mais completa. Graças a incessantes esforços, tinha chegado ao ponto em que a embriaguez total se vai tornar em doença, e mantinha-se neste delicado ponto por meio de sábias combinações. Tinha renunciado aos seus passeios brutais no spardeck.

Já não o viam senão de longe em longe. Nessa altura, dormia continuamente, não acordando senão para beber a quantidade precisa para tornar a adormecer.

Nada sabia acerca do acidente que tinha transformado o Seamew em veleiro e da nova direcção que fora preciso adoptar. Mesmo ainda que o soubesse, esse caso não era de molde a produzir-lhe a mínima comoção. Em terra não se poderia embriagar mais do que o fazia nesse navio carregado dos álcoóis mais variados, o que lhe dava a deliciosa sensação de morar numa loja de bebidas.

Mas o mais feliz de bordo era, como sempre, Mr. Absyrthus Blockhead, esse merceeiro aposentado, a quem a natureza tinha concedido carácter tão venturoso. No momento em que se produziu o acidente, Blockhead acabava de experimentar verdadeira alegria. Pela primeira vez depois da doença, ele e as filhas tinham podido continuar as suas relações com as cadeiras sem soltar gritos de dor.

Estavam-se congratulando por esta agradável mudança, quando o silvo do vapor lhes fez prematuramente abandonar uma posição, cujo hábito tinham perdido um pouco.

É certo que Mr. Blockhead lamentava os dois feridos que tinham subido ao convés, um nos braços do outro, e é certo também que experimentava certa inquietação acerca das conseqüências do acontecimento.

Mas uma espécie de vaidosa satisfação, de correr assim perigo tão considerável, misturou-se depressa à sua angústia. Logo que o capitão Pip modificou definitivamente o rumo, então é que foram elas! A ideia de visitar um cabo verde afundou Mr. Blockhead num oceano de hipóteses.

Pelo menos até aí não regateava à desgraça comum o socorro das suas luzes. Faria o possível por activar a reduzida marcha do navio. Logo de entrada sugeriu ao capitão uma ideia de aumentar o velame oferecendo ao vento as toalhas e os lençóis do Seamew. Como essa proposta não tivesse aceitação alguma, não se deu por batido e pôs em prática pessoalmente as suas teorias.

Desde manhã até à noite podiam vê-lo sentado á popa com a mulher, o filho e as filhas, todos expondo pacientemente ao vento os lenços, como se fossem pequenas velas.

Depois, quando estavam fatigados deste exercício monótono, alinhavam-se em fileira muito correcta e sopravam o velame do Seamew até perderem o fôlego.

Se Mr. Blockhead tivesse possuído os conhecimentos de Arquimedes, teria sabido que para agir utilmente sobre qualquer corpo é necessário dispor de um ponto exterior a esse corpo.

Mas Mr. Blockhead não era um Arquimedes e não duvidava de que a viagem se não encurtasse com esses esforços meritórios, que faziam a alegria dos seus companheiros de viagem.

Quer fosse por soprar tanto, quer por qualquer outra causa, o certo é que, ao terceiro dia, terrível dor de dentes constrangeu Mr. Blockhead a findar esta desleal concorrência a Bóreas.

Em menos de duas horas a bochecha direita inchou-lhe de maneira surpreendente, dando-lhe o aspecto mais bizarro do mundo.

Devido a este extraordinário inchaço o merceeiro continuou a ser a alegria de bordo, e os companheiros, privados do espectáculo das suas experiências náuticas, apenas mudaram de prazer.

Mas como é que se entendia que miss Mary e miss Bess prestassem o seu concurso ao honrado pai? Teriam esquecido o rígido dever? Teriam renunciado a arrancar Tigg à morte?

Sim, é necessário confessar que tinham renunciado a esse caridoso encargo.

Ah! Não fora sem dor e sem luta que estes dois anjos da caridade tinham repudiado a missão que lhes fora imposta pelo seu amor do próximo! Infelizmente tinham sido obrigadas a reconhecer que uma nova guarda se havia definitivamente encarregado de reter na terra esta alma prestes a voar ao céu.

Que se teria passado na ascensão do Teyde, em que o cruel lumbago as impedira de tomar parte?

Miss Mary e miss Bess ignoravam-no, mas puderam verificar os resultados desse passeio. Desde então Miss Margarida Hamilton estava no galarim e, depois de algumas tentativas frustradas, as duas irmãs foram obrigadas a declarar-se vencidas.

Contudo, não se desinteressavam do desesperado, sobre quem tinham feito chover o maná da dedicação, e faziam o prognóstico de que Tigg, privado do seu socorro se tornaria presa dos mais cruéis acontecimentos.

— Verás, minha querida — disse Miss Mary, com ar sombrio -, que lhe acontecerá alguma desgraça!

— Mata-se — afirmava Bess, estremecendo.

A realização desta lúgubre profecia não parecia estar muito próxima. Pelo menos, nessa ocasião, Tigg, adoptado pela família Hamilton, dava mostras da mais vergonhosa ingratidão para com os seus dois anjos da guarda, e Miss Margarida Hamilton não parecia muito zangada por esta falta de memória.

O pai de miss Margarida não estava tão satisfeito. Faltava-lhe qualquer coisa para o equilíbrio da sua vida. Desde que o Seamew se colocara tão fora do programa, não havia reclamações possíveis, e essa situação era desagradável para o amável baronete.

Debalde se tinha aberto com Baker. Este último, queimados os últimos cartuchos, já nada mais podia. Os dois conspiradores estavam reduzidos a repisar os seus velhos rancores até ao dia, ainda longínquo, em que, de regresso a Londres, lhes seria possível encetar trabalhos vingadores, para os quais achariam sem dúvida aliados numerosos entre os passageiros tão fortemente maltratados...

Enquanto esperavam, o tempo corria e, por graus insensíveis, a resignação dava lugar a vaga tristeza. À medida que a travessia se prolongava, renascia pouco a pouco a inquietação.

Não havia falta a bordo dessas naturezas felizes a quem nada seria capaz de abater a alegria robusta e viril, nem desses caracteres bem temperados a que nenhum perigo pode

abalar.

Nos primeiros estavam compreendidos Rogério e Dolly, nos segundos Alice e Roberto.

Mas parecia que uma grande fatalidade caíra sobre aqueles, e a surda tristeza do quarteto sobressaía no meio da tristeza geral.

Entre Alice e Roberto aumentava de dia para dia um mal-entendido que estava longe de se esclarecer, porque nem um nem outro queriam falar.

Roberto, levado por excesso de altivez, nada fizera para aprofundar o assunto tratado no cume do Teyde, e Alice, julgando ter dito tudo, recusava-se a acrescentar alguma coisa mais. Ambos supunham terem-se compreendido mal e, por orgulho, encerravam-se numa situação dolorosa e sem saída.

As suas relações ressentiram-se do mal-estar das almas; Roberto, traduzindo voluntariamente à letra as censuras que Alice lhe fizera, evitava ficar a sós com ela e, quando Rogério se afastava, ele não tardava a fazer o mesmo sem que Alice o tentasse reter.

Rogério, vendo esta frieza, sentia-se penalizado, apesar do seu amor pessoal, que de dia para dia mais se expandia, e a sua alegria natural anuviara-se.

Estes quatro passageiros, que, cada um a seu modo, seriam capazes de prestar aos companheiros precioso socorro moral, tinham-se tornado, pelo contrário, os mais infelizes de todos.

Não de todos. A Thompson pertencia esta supremacia. Ainda que se seja inconstante e leviano, há contudo circunstâncias cuja gravidade não pode deixar-nos indiferentes.

Ora Thompson achava-se numa destas circunstâncias.

Quanto tempo estariam os viajantes retidos em Cabo Verde? Quanto tempo exigiriam as reparações dessa maldita máquina?

Durante esse descanso imprevisto cabia-lhe o cuidado de alimentar e de albergar passageiros e tripulação, num total de perto de cem pessoas. Era um desastre, a ruína das suas esperanças, uma perda enorme, em lugar do benefício esperado.

E tudo isso sem contar o processo que lhe haviam de instaurar no regresso. Já não era um gracejo de Baker. Esse acidente, que comprometia a vida dos seus passageiros, esse considerável atraso, que prejudicava os seus interesses, tudo isso forneceria aos seus inimigos uma base sólida... Thompson via já passar diante dele o espectro da fálência.

No entanto, se nada havia a tentar contra os factos consumados, não podia pelo menos melhorar o futuro?

Não podia, animando os passageiros, evitar algumas das reclamações tão temidas?

Mas esta esperança despedaçava-se contra a tristeza de bordo. Esses descontentes... seriam revoltados quando se achassem em segurança, em terra firme. Thompson tentou tudo para os alegrar. Convidou Roberto a fazer uma conferência. Ninguém apareceu. Organizou um verdadeiro baile com bolos e champanhe.

Houve quem achasse fora de propósito o piano e levantou-se uma violenta disputa entre os que queriam dormir e os que queriam dançar.

Thompson renunciara a alegrar os passageiros quando nova desgraça acabou de o abater.

O navio que, ao deixar Tenerife, devia dirigir-se a vapor para Londres e não para as ilhas de Cabo Verde, à vela, apenas tinha embarcado víveres para sete dias. Ninguém pensava nisso e Thompson foi presa de um terrível desespero quando, a 17 de Junho, às dez horas da manhã,

Mr. Roastbeef lhe veio anunciar que, se o regime não fosse modificado, já não haveria à noite a bordo do Seamew nem mesmo um bocado de pão.

CAPÍTULO XXIII

Como Uma Lâmpada que se Extingue

Semelhante descoberta era grave complicação para esses passageiros e marinheiros, a quem se podia começar a chamar náufragos.

Que seria deles se a travessia se prolongasse? Seria preciso reeditar a jangada da Medusa e comerem-se uns aos outros?

Em verdade tal hipótese não era inaceitável.

Pelos olhares de cobiça que seguiam às vezes o monumental Piperboom, evidenciava-se que essa ideia já germinara em mais de um cérebro.

Desgraçado holandês!

Ser comido é com certeza uma coisa difícil de tragar! Mais ainda mais quando aquele que é comido não sabe porquê!

Contudo Piperboom devia ter pelo menos boa compreensão da situação. Nos pequenos olhos, que lhe furavam o disco lunar do rosto, passavam relâmpagos de inquietação quando deixava a mesa, cada vez menos abundante.

Ainda que mais bem informados, os seus companheiros de viagem não sofriam mais facilmente este regime novo e frugal.

Quando o capitão Pip, posto ao corrente por Thompson, transmitiu aos passageiros a terrível nova, rebentara primeiro um concerto de desespero. Tentou, por meio de algumas palavras precisas e calmas, reanimar o rebanho amedrontado.

A situação era clara. Havia apenas víveres para uma refeição confortável.

Pois bem! Em lugar dessa refeição confortável, far-se-iam quatro, que apenas seriam menores, e assim se chegaria à noite de 18 de Junho.

Até esse dia decerto se avistaria terra ou provavelmente já estariam fundeados.

A energia do chefe deu um pouco de coragem ao grupo. Resolveram armar-se de paciência.

Mas, como os rostos estavam tristes! Como andavam melancólicos esses turistas que tinham partido em tão brilhantes condições!

Apenas a satisfação de Baker era completa. Via a ilimitada viagem da Agência Thompson afundar-se de dia para dia no lodaçal. Fazer morrer os passageiros de fome! Isso tornava-se delicioso. E se, com efeito, morressem um ou dois passageiros, seria ouro sobre azul.

Era um acontecimento decisivo! Mas, ainda que as coisas não chegassem a esse ponto, julgava já o seu adversário vencido, e com um gesto seco, que cortava os seus frequentes monólogos mudos, riscava o nome de Thompson da lista inglesa de agências de viagens económicas.

Baker nem pensava em preocupar-se com o risco que pessoalmente corria. Teria esse inglês vingativo e atrabiliário algum talismã contra a fome?

O dia 17 passou-se debaixo das normas do novo regime. Isto não pareceu muito cruel. Mas os estômagos meio vazios tornam os cérebros meio sólidos, e a desmoralização continuou a sua obra entre os passageiros.

No dia 18, o dia começou de maneira lúgubre. Os turistas gritavam-se, não se falavam, fugiam uns dos outros, tendo a vida concentrada nos olhos dirigidos para o sul, onde não aparecia sombra de terra.

Ao almoço comeram o último bocado de pão. Se a terra não estivesse á vista antes da noite, a situação tornar-se-ia realmente das mais graves.

No decurso desse dia houve uma distração, de molde a interromper o geral aborrecimento e essa distração, — talvez um pouco cruel — foi fornecida, como sempre, por Mr. Blockhead.

Decididamente o infeliz merceeiro aposentado não tinha sorte. Logo quando os últimos viveres iam faltando é que ele nem mesmo podia gozar a sua parte. O instrumento necessário quebrava-se-lhe na mão — ou, mais exactamente, na boca.

Também que ideia querer transformar-se em Aquilão! O inchaço, que essa fantasia lhe valera, não se curava.

Longe disso, aumentava de dia para dia, até tomar proporções verdadeiramente fenomenais.

À força de sofrer, Blockhead não se conteve mais.

Foi ter com Thompson e, num tom exasperado pela dor, intimou-o a aliviá-lo. Não devia haver a bordo um médico?

Thompson olhou tristemente para o novo inimigo do seu repouso.

Até este se queixava!

Que pontapé lhe reservaria o futuro?

O sofrimento de Blockhead era contudo tão evidente que Thompson quis pelo menos tentar satisfazê-lo. Afinal não é preciso ser médico para arrancar um dente. Para este serviço basta saber manejar qualquer turquês ou mesmo qualquer tenaz. Ora não havia a bordo uma categoria completa de pessoas familiares com esses instrumentos?

E, Thompson, com toda a bondade da sua alma, conduziu o dente ao posto dos maquinistas sem trabalho.

Um deles propôs-se logo para esse fim e preparou-se para executar a obra desejada.

Era um rapagão, vermelhão, de cabelo castanho e ombros hercúleos. Não havia dúvida de que tinha pulso suficiente para servir Blockhead num abrir e fechar de olhos. Mas uma porca é uma coisa e um dente é outra.

O terapeuta improvisado ficou com a experiência desse facto.

Armado de enormes tenazes, teve de repetir por três vezes a operação, no meio dos ruídos ensurdecedores do paciente instalado no convés ao ar livre e solidamente agarrado por dois marinheiros muito divertidos.

As múltiplas contorções do infeliz merceeiro aposentado não deixariam, em qualquer outra ocasião, de fazer rir os companheiros pouco caridosos. O homem é feito deste modo. O sentimento do cómico é nele mais delicado do que o sentimento do lastimável.

O riso irrompe antes de a compaixão despertar. Mas, na situação actual, Mr. Blockhead pôde ser grotesco à sua vontade. Apenas alguns pálidos sorrisos seguiram Mr. Blockhead, que, enfim liberto, fugia para o camarote, agarrado à cara.

Apesar do seu incómodo, as faculdades admirativas não estavam inteiramente abolidas nele. Ser operado por um maquinista com a ajuda de uma tenaz, a bordo de um navio

desamparado, eis o que era com certeza pouco banal e, agora que tudo terminara, Mr. Blockhead não estava descontente por ter sido herói de tal aventura.

Deste modo achou ainda forças para reclamar o dente.

Este dente seria mais tarde uma lembrança palpável de tão extraordinária viagem.

O soberbo molar foi-lhe logo entregue e Blockhead, depois de o ter contemplado com emoção, guardou-o cuidadosamente na algibeira.

— É uma arma que ele tem contra si — disse amavelmente Baker a Thompson, que conduzia para a popa o seu passageiro aliviado.

Daí em diante Blockhead já podia comer.

Infelizmente era muito tarde. Já nada havia que comer a bordo do Seamew.

Na noite desse memorável dia, que consumou a ruína da despensa, chegou-se ainda, procurando nos recantos mais ocultos, a descobrir alguns restos de vitualhas, alguns nacos de pão, com os quais conseguiram matar a fome. Mas era definitivamente a última vez. O navio fora visitado de alto a baixo, pesquisado, limpo, e, se a breve trecho não aparecesse terra, nada poderia salvar passageiros e tripulação dos horrores da fome.

Deste modo o horizonte do sul era perscrutado por olhares ansiosos! Mas debalde.

O Sol, no poente do dia 18, continuava a cortar uma circunferência impecável que não era recortada por nenhum perfil sólido.

Contudo as ilhas de Cabo Verde não podiam estar longe. Era inadmissível um erro do capitão Pip. Apenas se tratava de pequena demora. De noite, naturalmente, havia de aparecer terra. A sorte decidira outra coisa. Para cúmulo de azar o vento abrandou ao pôr do Sol e não cessou de diminuir de hora para hora. Antes da meia-noite havia calma podre.

O Seamew, sem governo, apenas contava com a fraca corrente que o fazia descair, para alcançar a terra.

Na região dos alísios as mudanças de direcção do vento são muito raras. Contudo, à força de avançar para o sul, o Seamew tinha-se notavelmente aproximado do ponto em que a brisa cessa de ser tão constante. Estava longe de atingir esse limite, mas, nas ilhas de Cabo Verde, a proximidade do continente altera o regime dos alísios. Um pouco a sudeste do arquipélago são definitivamente suprimidos, ainda que persistam nessa latitude no meio do oceano. Nesta região, os alísios não sopram com certa regularidade senão desde Outubro a Maio. Em Dezembro e Janeiro sopram os ventos de este, cujo hálito ardente seca e devora toda a vegetação. Junho, Julho e Agosto constituem a estação das chuvas, e o Seamew devia considerar-se feliz por conservar o convés seco.

Thompson teve a veleidade de arrancar os cabelos ao ver este novo desgosto que a sorte lhe infligia.

Quanto ao capitão Pip, seria muito perspicaz aquele que lhe pudesse conhecer as impressões. Foi apenas por um carregar de sobrolhos que ele autorizou Artimon a supor que o dono experimentava certo desgosto pelo contratempo.

Ainda que estivesse oculta, a inquietação do capitão não era menos real. Conservou-se toda a noite no convés. Como havia de alcançar a terra, quando estivesse à vista, com esse navio sem alma, e que nem já governava?

No entanto, o problema não podia ainda ser discutido. A aurora do dia 19 apenas iluminou uma vasta planície líquida, sem um ilhéu, sem um rochedo.

Este dia foi terrível. Logo de manhã, os estômagos, mal satisfeitos na noite da véspera, começaram a gritar com fome. Se os doentes e fracos suportavam muito bem este jejum incipiente, para os passageiros robustos foi verdadeiro sofrimento. Entre esses, Piperboom fazia-se notar pelo seu rosto transtornado. Na véspera traduzira o seu desgosto apenas por um olhar indefinido, ao notar o mutismo da campainha, e a ausência de qualquer preparativo para o jantar. Mas quando, nesse dia, as horas foram passando sem que tocasse, quer para o primeiro almoço quer para o segundo, não se pôde conter. Foi ter com Thompson e, com a ajuda de uma enérgica pantomima, fez-lhe compreender que morria de fome.

Como Thompson lhe tivesse demonstrado, também por meio de gestos, a sua impotência, o holandês caiu no abismo do desespero.

Quão menos infeliz era o esponjoso Johnson!

O álcool não faltava a bordo do Seamew, e que lhe importava não ter que comer, se tinha que beber?

Ora Johnson bebia de uma maneira prodigiosa e o seu perpétuo embrutecimento tornava-o inacessível ao medo.

Baker não tinha à sua disposição um tal remédio, mas parecia igualmente de bom humor.

Mostrava mesmo aspecto tão extraordinário que Roberto, ao meio-dia, não pôde deixar de lhe exprimir o seu assombro: — O senhor não tem fome?

— Perdão! — respondeu Baker -, Eu já não tenho fome. Há uma certa diferença...

— Com certeza — aprovou Roberto. — E seria uma grande amabilidade da sua parte se me indicasse o seu processo.

— O mais simples de todos. Comer ao modo ordinário.

— Comer? Mas o quê?

— Vou-lho mostrar — respondeu Baker, arrastando Roberto ao seu camarote. — Para mais, há aqui comer suficiente para dois.

Não havia só para dois, havia para dez. Roberto, depois de ter jurado silêncio absoluto, viu duas enormes malas cheias de vitualhas diversas.

— Como! — exclamou, admirando tal providência -, O senhor pensou nisto!

— Quando se viaja sob o pavilhão da Agência Thompson é necessário pensar em tudo — respondeu Baker, oferecendo generosamente as suas riquezas a Roberto.

Este apenas aceitou para levar a sua colheita às duas americanas, que lhe fizeram largamente honra, depois de se certificarem de que o seu previdente fornecedor tinha tirado parte.

Os outros passageiros, privados de tal socorro, achavam o tempo extraordinariamente longo. Também, que grito de alívio quando, à uma hora da tarde, das barras da mezena, caiu o grito de: "Terra!"

Tudo se julgou salvo e os olhares voltaram-se para a ponte.

O capitão não estava no seu posto.

Era urgente que fosse posto ao corrente do que se passava. Um dos passageiros foi bater à porta do camarote, mas Pip não estava ali, como não estava também em qualquer parte da popa.

Isto começava a tornar-se inquietante. Muitos turistas espalharam-se pelas diversas partes do navio, reclamando o capitão a todos os ecos.

Não o encontraram. Durante este tempo, sem que se soubesse como, espalhou-se a notícia de que um marinheiro, mandado ao porão, tinha dado conta de três pés de água.

Então foi uma loucura. Precipitaram-se para as embarcações, aliás insuficientes para tanta gente. Mas o capitão, antes de desaparecer, deixara ordens. Chocaram-se com os marinheiros, que estavam de sentinela aos escaleres, e a onda humana foi corajosamente repelida para o spardeck, onde teve a consolação de amaldiçoar tanto Thompson como o capitão Pip, cuja teimosia aniquilava os últimos meios de salvação.

Thompson não estava lá. Vendo o caminho que as coisas tomavam, tinha-se prudentemente metido a um canto e aí esperava em segurança o fim da tempestade.

Enquanto acabrunhavam com maldições o capitão, este fazia, como sempre, o seu dever.

Apenas ao corrente da nova complicação, tinha-se precipitado para o porão e, nesse momento, Procedia a minucioso exame, cujo resultado nada tinha de animador.

Baldadamente se deu a explorá-lo de ponta a ponta; apenas encontrou pequenos rombos na querena.

A falar a verdade, não havia um veio de água que pudesse ser tapado com mais ou menos dificuldade; havia-os às centenas. Se em nenhum ponto o mar penetrava abundantemente no interior do navio, infiltrava-se contudo, gota a gota, Por milhares de orifícios. As pontas dos pregos tinham dado de si, as juntas tinham-se entreaberto e o Seamew morria simplesmente de velhice.

Nada havia a fazer, e o capitão, com o ouvido encostado às escotas, escutando o sussurro da água assassina, teve de reconhecer-se desarmado.

Apesar disso, quando, alguns momentos mais tarde subiu ao spardeck, assumira a fisionomia habitual e, com voz tranqüila, deu ordem aos marinheiros para o funcionamento das bombas.

A situação não era desesperada. A terra estava próxima e podia-se contar que as bombas, corajosamente manobradas, chegariam a secar o porão.

Foi necessário renunciar a essa esperança. Sondagens freqüentes mostraram logo que o mar invasor ganhava, apesar de todos os esforços, cerca de cinco centímetros por hora.

Por outro lado a terra, sempre visível, não parecia sensivelmente mais próxima.

O Sol desapareceu no horizonte antes de a nuvem longínqua deixar de ser nuvem.

Ninguém dormiu nessa noite. Esperava-se febrilmente o nascer do Sol, que felizmente é madrugador no mês de Junho.

Pouco antes das quatro horas distinguiu-se a terra baixa e arenosa, dominada por um mamelão de altura medíocre, cerca de dez milhas para sudoeste.

Se se atender à fraca elevação do seu ponto culminante, o Pico Martins, esta ilha, designada pelo capitão com o nome de ilha do Sal, não pudera ser avistada na véspera senão de vinte a vinte e cinco milhas quando muito.

Era pois preciso que a corrente que arrastava o Seamew tivesse singularmente decrescido.

Em todo o caso, por fraca que fosse, essa corrente marchava directa à costa, e pouco a pouco, à razão de uma milha por hora, o Seamew chegaria ao meio-dia à ilha do Sal, quando a corrente, mudando subitamente de direcção, correu do norte para o sul com velocidade dupla.

Já era tempo de que a costa estivesse tão próxima. A água elevava-se no porão a dois metros e vinte centímetros.

Mas sem dúvida, sob a influência das mesmas causas que o tinham conduzido até ali, o navio não tardaria a encalhar em qualquer saliência da costa.

Esse encalhe não teria perigo algum, com este belo tempo, esta calma e este mar de leite.

Não aconteceu assim. O Seamew, inerte, verdadeiro naufrago, corria paralelamente à costa, sem se aproximar dela. Ao sabor da corrente que o levava, o navio contornava todas as sinuosidades do litoral, dobrava todas as pontas, mantendo-se à distância invariável de uma milha.

De espaço a espaço lançava-se a sonda. A resposta era sempre a mesma: — Não há fundo. — Nessas circunstâncias era impossível fundear. O capitão mordia o bigode, assaltado pela raiva surda da impotência.

Era um verdadeiro suplício de Tântalo. A salvação estava ali, ao alcance da mão, e, apesar disso, inacessível.

O aspecto da ilha nada tinha de sedutor. Não se via nem uma árvore, nem um feixe de verdura. Avistava-se apenas, em todas as regiões que o olhar podia atingir, areia e sempre areia.

À medida que se avançava, para o sul, a costa abaixava-se com toda a regularidade. A ilha tornava-se planície de mesquinhos vales e de infertilidade medonha.

Às três horas e meia o navio passou ao largo da Pedra de Lume, bom ancoradouro onde se balouçavam algumas barcas de pesca. Em vão lhes fizeram sinais de aflição. Ninguém respondeu. A Pedra de Lume passou e depois desapareceu.

Daí a duas horas dobrava a ponta Este e um sopro de esperança encheu as almas a bordo do Seamew.

Em virtude de um redemoinho, o navio fizera um grande movimento para terra.

Esta estava separada do navio pela distância de cerca de quinhentos metros.

Infelizmente, o movimento parou como tinha começado, sem que se soubesse porquê, e o Seamew continuou a costear a ilha do Sal, cujas menores particularidades apareciam nitidamente.

Se um ser humano tivesse aparecido na ilha, poder-se-ia ter chamado a tão fraca distância. Mas nada vivia nesse deserto. Diante dos olhos dos passageiros do Seamew apenas existia uma verdadeira estepe, que justificava amplamente a expressão de um viajante inglês que chamou à ilha do Sal um cúmulo de areia. Esta terra, baixa, cinzenta, sinistra, estendia-se quase ao nível do mar, defendida contra a ressaca por uma cinta de recifes.

O Seamew, seguindo com velocidade uniforme a sua impecável derrota, contornou a baía, que se cava depois da ponta de Este. Daí a uma hora dobraria a ponta do Naufrágio e depois surgiria de novo o mar profundo, no qual o navio soçobraria lentamente.

De súbito, o homem que sondava na serviola, gritou: — Vinte e cinco braças! Fundo de areia!

O capitão, na ponte, estremeceu de prazer. Evidentemente, o perfil submarino levantava-se. Se continuasse mais um instante, seria possível ancorar.

— Âncora pronta a largar! — ordenou tranqüilamente ao imediato.

O Seamew continuou seguindo ainda durante um quarto de hora o fio da corrente, enquanto a sonda acusava profundidades cada vez mais reduzidas.

— Dez braças!. Fundo de areia! — gritou o homem da sonda.

— Larga ferro! — mandou o capitão.

A cadeia correu ruidosamente pelo escovém; depois o Seamew, pondo a proa ao norte, ficou imóvel.

Imóvel, é certo, e sem o mais pequeno movimento de balanço de qualquer espécie sobre este mar, cujo espelho não era sulcado pela mais pequena ruga. Um lago teria sido menos tranqüilo.

Mas havia outro perigo, além do da tempestade, ameaçador para os turistas da Agência Thompson. O navio que os conduzia fugia-lhes debaixo dos pés.

O porão estava meio de água e, se esta continuasse a subir, depressa o convés chegaria ao nível da água.

Era necessário apressarem-se a procurar refúgio sobre a terra firme.

Mas como o Seamew podia ainda flutuar durante algum tempo, graças ao socorro das bombas, não havia necessidade de demasiada pressa.

Deste modo pôde proceder-se ao desembarque metódico, sem desordem nem precipitação.

Puderam-se esvaziar os camarotes. Nada foi esquecido, mesmo os objectos mais miúdos. Antes mesmo de salvarem as pessoas, deram-se ao luxo de salvarem as coisas.

Às sete horas e meia, todos os passageiros tinham chegado sãos e salvos à praia. Alinhados, como filas de cebolas, diante das bagagens amontoadas, um pouco perturbados pela aventura, contemplavam algo estupidamente o mar, sem encontrar palavras para dizer.

Depois de ter deixado o navio no fim de todos, como o exigem os regulamentos marítimos, o capitão Pip, com Artimon atrás dele, estava junto dos marinheiros, nesse momento seus iguais pelo abandono do navio. Também ele contemplava o mar, ainda que um observador superficial se tivesse podido enganar.

Com efeito, nunca o capitão entortara tanto os olhos e nunca o nariz passara um tão mau quarto de hora.

Desde que as bombas tinham sido abandonadas, o navio afundava-se mais rapidamente. Em meia hora, a água invadiu as escotilhas, depois subiu, subiu.

Foi exactamente às oito horas, no momento preciso em que o Sol atingia o horizonte de oeste, que o Seamew se afundou. Sem drama, sem agonia, desapareceu tranqüilamente na água, que se fechou sobre ele mansamente.

Um pouco antes ainda se via acima das águas; agora desaparecera.

Os turistas olhavam, acumulados na praia.

Nem chegavam a tomar o caso a sério.

Como diz o poeta, estavam estupidificados.

Partir alegremente para as Canárias e vir dar a um banco de areia no arquipélago de Cabo Verde, era caso para não causar orgulho a ninguém.

Ainda se tivessem sido obrigados a lutar com tempestades, ou se o navio se tivesse despedaçado de encontro aos recifes!... Mas nada disso sucedera. A natureza não deixara de se mostrar benévola: céu azul, brisa ligeira, mar clemente, nenhum trunfo faltara no jogo. Neste momento, fazia o mais belo tempo do mundo.

E, contudo, ali estavam..

Já alguém teria ouvido falar de naufrágio igual a este?

Poder-se-ia imaginar coisa mais absurda?

E os turistas conservavam-se diante do mar, boquiabertos, sentindo-se, e não sem razão, um pouco ridículos.

CAPÍTULO XXIV

Onde Thompson se Transforma em Almirante

A noite passou-se excelentemente para os passageiros do Seamew. Na falta das camas, desaparecidas no mar, a areia elástica mostrou-se muito favorável ao sono.

Deste modo o primeiro raio do Sol acordou os mais indolentes, e todos se levantaram pressurosos de conhecer o que tinham a temer ou a esperar. A verdade apareceu-lhes num relance: era por todos os lados a solidão absoluta.

Diante deles o mar sem uma vela. Acima da água aparecia a ponta dos mastros do Seamew, cujo cadáver repousava vinte metros mais abaixo, no seu húmido túmulo.

Do outro lado, um deserto cuja tristeza comprimia o coração. No sítio onde tinham desembarcado, a ilha estreitava-se em ponta. Ligada pelo norte a uma terra desolada, rodeada de mar pelos outros três lados, era apenas uma língua de areia, com a largura de uma milha, ferida pela sinistra infertilidade do solo e semeada de conchas.

Que socorro podiam esperar em semelhante terra? Era a pergunta que os viajantes faziam angustiosamente, sem encontrar para ela resposta satisfatória.

Felizmente o capitão Pip velava por todos.

Logo que viu de pé os passageiros, reuniu-os em torno, e, tomando a palavra, expôs rapidamente a situação.

Era muito simples. Por uma série de circunstâncias nas quais não convinha ao capitão insistir, achavam-se abandonados na costa sudoeste da ilha do Sal, quase na extremidade da ponta do Naufrágio. Como a ilha do Sal não oferecia nenhuns recursos, tratava-se de acordar o mais depressa possível nos meios de a abandonar.

Nesta ocasião o capitão tinha atendido ao caso mais urgente. Seguindo as suas instruções, Mr. Morgand, acompanhado pelo mestre da tripulação, partira havia uma hora para o farol elevado na extremidade da ponta do Sul, a pouca distância do teatro da catástrofe. Ali, os dois enviados documentar-se-iam e buscariam arranjar víveres. Restava esperar o regresso deles. A comunicação do capitão fez lembrar aos ouvintes que morriam de fome.

Na desordem moral em que a aventura os tinha lançado, haviam-na esquecido um pouco. Uma só palavra bastou para despertar o apetite, que não fora acalmado havia cinqüenta horas.

Contudo era preciso armarem-se de paciência, visto não haver meio algum de a saciar. Os turistas resignaram-se a passear pela praia e lentamente as horas foram deslizando. Felizmente o tempo mantinha-se sereno. O céu conservava-se puro sob a influência do nordeste, que, pouco a pouco, se tornava mais forte.

Foi somente às oito horas que Roberto e o mestre voltaram da sua expedição, escoltando um carrinho puxado por uma muar e conduzido por um cocheiro negro. O carregamento deste carro, composto dos víveres mais diversos, monopolizou por um momento a atenção geral.

Houve apertões e Thompson teve de intervir para que a distribuição dos víveres fosse feita em boa ordem. Enfim, cada um levantou a sua parte e durante muito tempo reinou profundo silêncio, apenas perturbado pelo ruído das maxilas.

Principalmente Piperboom estava soberbo.

Com um pão de cerca de dois quilos de peso numa das mãos e a perna inteira de carneiro na outra, elevava e abaixava o antebraço com a regularidade de máquina a vapor. Apesar da sua fome pessoal, os companheiros e o holandês ficaram paralisados de assombro vendo esta deglutição mecânica. Mais de um passageiro pensou: "Aquilo faz-lhe mal".

Mas Piperboom preocupava-se pouquíssimo com o efeito que produzia. As grandes manúplas continuavam o movimento de vaivém.

Progressivamente, o pão e o carneiro foram diminuindo ao mesmo tempo e por fim desapareceram. Piperboom esfregou então as mãos e acendeu o vasto cachimbo, sem parecer sentir o mínimo incómodo.

Enquanto os passageiros e a tripulação satisfaziam o apetite, o capitão conferenciava com o proprietário da carroça, por intermédio de Roberto. Os esclarecimentos que obteve eram bastante desanimadores.

A ilha do Sal é apenas uma estepe de duzentos e trinta e dois quilómetros quadrados, na qual ainda não há um século nenhum ser humano vivia. Felizmente para os naufragos, um português tivera, cinqüenta anos antes, a ideia de explorar as salinas a que a ponta deve o nome e essa indústria trouxera à ilha cerca de um milhar de habitantes. Estes habitantes, pescadores e operários das salinas, não tinham constituído em parte nenhuma aglomeração suficiente para merecer o nome de cidade ou mesmo vila. Contudo, marginando o areal da baía Mordeira, excelente ancoradouro na costa Oeste da ilha, algumas casas formavam já pequena vila, no ponto término da via férrea pela qual vagões e velas conduzem até ao mar os produtos das salinas. Nesta vila, afastada quinze quilómetros apenas, é que se achariam socorros, se fosse possível achá-los.

Thompson, tendo recebido comunicação destes esclarecimentos, partiu imediatamente com o indígena, a fim de reunir veículos suficientes para a condução de pessoas e de bagagens.

Enquanto esperavam, os passageiros foram obrigados ao mesmo passeio da manhã. Mas agora a satisfação dos estômagos soltava as línguas e todos deram expansão ao seu génio habitual.

Uns estavam tranqüilos, outros tristes, outros furiosos.

E, facto excepcional, o rosto de Mr. Absyrthus Blockhead não exprimia, como de costume, ilimitada satisfação. Sim, o honrado merceeiro aposentado mostrava-se melancólico, ou, pelo menos, preocupado. Não estava no seu estado habitual e lançava olhares para todos os lados como se tivesse perdido alguma coisa. Por fim não se conteve, e, dirigindo-se a Rogério de Sorgues, que lhe inspirava particular confiança, perguntou: — Estamos no arquipélago de Cabo Verde, não é verdade?

— É verdade — respondeu Rogério, sem saber aonde o perguntador queria chegar.

— Então, onde é que está o cabo? — explodiu Blockhead.

— Que cabo? — repetiu Rogério, estupefacto.

— Qual há-de ser? O Cabo Verde! Que diabo! Uma pessoa não tem ocasião de ver todos os dias um cabo verde, e eu quero mostrá-lo a Abel.

Rogério reprimiu a violenta vontade de rir.

— Pois, meu caro, tem de fazer cruces na boca — disse, tomando ar contristado. — Abel não verá o Cabo Verde.

— Porquê? — perguntou Blockhead, desiludido.

— Está em reparações — afirmou friamente Rogério.

— Em reparações?

— Sim, a cor estava um pouco desbotada. Mandaram-no para Inglaterra para ser pintado de novo.

Blockhead olhou para Rogério, indeciso. Mas, como este se conservasse heroicamente sério, o merceeiro aposentado ficou convencido.

— Ah! — suspirou, desanimado -, a falar a verdade, não temos sorte nenhuma.

É certo! — aprovou Rogério, sufocado, enquanto o hilariante companheiro voltava para junto da família.

No grupo dos furiosos faziam-se notar Baker e Hamilton. Tiravam o possível proveito da situação.

Donde provinham todas essas desgraças senão da avareza e da leviandade de Thompson? Era uma tese irrefutável. Por esse motivo o grupo que rodeava Baker se via formado pela maioria dos passageiros. Aquele pregava a guerra para o dia em que se estivesse na Inglaterra, e as suas belicosas diatribes achavam eco entre os turistas.

Fora descoberto em Johnson um aliado inesperado. Se até aí não causara estorvo, agora parecia furioso. Gritava mais alto do que Baker, desfazia-se em injúrias contra Thompson e a sua Agência, e repetia continuamente o juramento de o arrastar perante todas as jurisdições inglesas.

— Este ébrio hidrófilo e geófobo está desesperado de ter sido obrigado a desembarcar — disse rindo Rogério, que de longe observava o grupo em ebulição.

Nem a tristeza nem a cólera actuavam sobre Rogério. O seu bom humor sobressaía em qualquer ocasião, quer estivesse numa batalha, quer estivesse nos paroxismos da morte. Assim estava alegre na ilha deserta aonde a sorte o tinha lançado.

A observação fizera rir Dolly.

— Pobre homem! — suspirou. — Como deve sofrer por causa de desordem da despensa!

— É o único que tem direito de queixar-se — afirmou Rogério, com toda a seriedade. — Compreende-se o seu furor. Mas o dos outros!. Que mal lhes pode fazer este desembarque? Por mim acho esta viagem muitíssimo deliciosa. Já temos o nosso navio a vapor e à vela transformado em submarino e espero impacientemente que se torne balão.

— Viva o balão! — exclamou Dolly, dando palmas.

— O balão não me parece provável — observou Roberto, um pouco tristemente. — O fim do Seamew marca o da nossa viagem. Vamos dispersar-nos, segundo os meios que se nos oferecerem, para voltar à Inglaterra.

— Mas para que nos havemos de dispersar? Julgo que Mr. Thompson vai repatriar os seus passageiros e que embarcaremos no primeiro paquete que partir.

— Os passageiros, sim — replicou Roberto -, mas a tripulação e este seu servidor, não me parece.

— Ora adeus! — concluiu alegremente Rogério. — Deixe de nos atormentar com tais frioleiras; esperemos que apareça o paquete, em que não tenho muita fé! Seria uma coisa sem graça. Eu inclino-me para o balão, que me parece infinitamente mais provável.

Thompson voltou, quase à uma hora da tarde, trazendo consigo vinte carroças de diferentes modelos, mas uniformemente puxadas por mulas e guiadas por pretos. Começou logo o carregamento das bagagens.

O Administrador-Geral mostrava-se menos abatido do que se poderia esperar de um homem em tais circunstâncias. A perda do navio e o repatriamento de perto de cem pessoas, pago da sua algibeira, eram coisas capazes de entristecer homem mais jovial. Apesar disso Thompson não parecia muito triste. É que essa desgraça tinha as suas compensações. Se a obrigação de pagar a viagem a cem pessoas constituía perda sensível, o certo é que a perda total do Seamew representava verdadeira fortuna. Tendo o velho navio bem seguro em fortes companhias, Thompson encarregava-se de fazer que lho pagassem como novo.

O naufrágio tornava-se deste modo operação frutuosa e o Administrador-Geral não duvidava de que a conta se fechasse com benefício importante.

Esse benefício seria embolsado pela Agência sem remorsos. Viria engrossar o pecúlio já grosso amontoado nessa sacola que Thompson trazia em bandoleira desde o desembarque, por infatigável economia. Nessa sacola tinham-se abismado os sessenta e dois mil e quinhentos francos dos passageiros, metendo na conta o meio bilhete do jovem Abel. É verdade que algumas notas do banco — poucas no entanto — tinham saído para pagar o carvão, as excursões dos passageiros e a alimentação de bordo.

Faltava agora pagar à tripulação e aos empregados, entre os quais Roberto Morgand. Thompson, assim que chegasse à aldeia, onde, por mais pobre que fosse, se encontraria tinta e penas, desembaraçar-se-ia desta formalidade.

A soma que restasse seria então liquidada e conviria juntar-lhe mais tarde o benefício do seguro. Thompson entretinha-se a calcular o número que atingiria o total.

Um pouco depois das duas horas os turistas puseram-se em marcha, uns de carro, outros a pé. Foram-lhes precisas três horas para, caminhando por esse solo arenoso, chegarem à baía Mordeira. Algumas casas, cujo conjunto mal poderia ter o nome de aldeia, elevavam-se na margem do norte.

Nesta parte da ilha a natureza tinha aspecto menos sinistramente infértil. O solo estendia-se em ligeiros vales e alguns rochedos mostravam a sombria negrura através da delgada camada de areia, animada de espaço a espaço por tímida vegetação.

Thompson, apenas chegou, instalou-se numa miserável choupana e procedeu nessa altura à divisão que tinha decidido.

Cada um recebeu nem mais nem menos do que lhe era devido e Roberto viu-se rico em alguns momentos com os seus cento e cinquenta francos.

Durante este tempo os passageiros, vagueando pela praia, examinavam o mar com inquietação.

Teria Rogério razão quando pusera em dúvida o tal paquete?

Nem um único navio estava ancorado na baía Mordeira, onde apenas balouçavam alguns barcos de pesca.

Que ia ser deles neste miserável lugarejo, se fosse preciso estabelecerem ali residência, no meio dessa população negra, entre a qual não se mostrara ainda um único representante da raça branca?

Houve um suspiro de alívio quando Thompson tornou a aparecer. Foi logo rodeado e interrogado sobre o que decidira.

Mas Thompson nada tinha decidido, como confessou ingenuamente. Para tomar um partido faltavam-lhe as bases necessárias. Roberto, felizmente agarrado ao guia, pôde dar-lhe algumas

indicações sumárias, e Thompson escutou com prazer especial essas indicações, que não lhe custavam nada.

O arquipélago de Cabo Verde, como Roberto o fez saber ao seu auditório, contém grande número de ilhas ou ilhéus, divididos em dois grupos distintos. As ilhas de Santo António, São Vicente, São Nicolau e os ilhéus de Santa Luzia, Branco e Rosa, dispostos segundo uma linha recta que vai quase de nordeste a sudeste, constituem o primeiro grupo, chamado de Barlavento, com as duas ilhas Sal e Boa Vista. Estas duas últimas, constituindo o segundo grupo, chamado de Sotavento, formam com ele um arco cuja convexidade está voltada para a costa de África e sobre o qual se encontram sucessivamente, ao sul da Boa Vista, as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava com os ilhéus Rombos.

Visto tornar-se impossível a permanência de qualquer duração nesta miserável ilha do Sal, convinha primeiro saber se acaso haveria algum Paquete que fizesse escala pela ilha. Em caso de resposta negativa, o único partido seria alcançar, nos barcos de pesca fundeados na baía, outra ilha mais bem servida. Tratava-se agora de escolher ajuizadamente essa ilha.

— Iremos a São Vicente — decidiu Roberto, sem hesitar.

Esta ilha, que não é a mais vasta do arquipélago, monopolizou e monopoliza cada vez mais o comércio total.

Os navios vêm fundear às centenas na sua capital, Porto Grande, cuja população flutuante ultrapassa vinte vezes a população local. Neste porto, magnífico e muito frequentado, não passariam vinte e quatro horas sem que se apresentasse ensejo de partir para Inglaterra.

Consultado o capitão, este confirmou as afirmações de Roberto.

— Tem razão — disse -, Infelizmente, duvido que se possa alcançar São Vicente com este vento de nordeste. Seriam precisos dias e dias. Segundo o meu modo de pensar é a empresa irrealizável, com os barcos que estamos vendo. Entendo que devemos procurar atingir uma das ilhas de Sotavento.

— Santiago, nesse caso — declarou Roberto.

Menos comercial que São Vicente, Santiago também não é a maior ilha do arquipélago, e a cidade da Praia é a sua capital. A Praia é, além disso, porto excelente, onde o movimento marítimo ultrapassa anualmente cento e quarenta mil toneladas. Também aí se encontrariam todas as facilidades para a repatriação e, quanto à distância, a diferença não era sensível.

A única objecção era a insalubridade desta ilha, que lhe valera o nome de «mortífera».

— Ora! — disse Thompson. — Nós não contamos estabelecer-nos lá. A demora seria de um dia ou dois e, se ninguém se opõe...

Contudo, antes de mais nada, convinha tratar da questão do paquete. Mas nessa terra quase selvagem, onde não havia sombras nem de governador nem de administrador, não sabiam a quem dirigir-se. Por conselho do capitão, Thompson, escoltado por todos os companheiros de infortúnio, abordou um grupo de indígenas, que olhavam curiosamente para a multidão dos náufragos.

Os indígenas, não negros, eram apenas mulatos derivados do cruzamento de colonos portugueses com os antigos escravos.

Segundo o uso, eram marinheiros.

Roberto, tomando a palavra em nome de Thompson, dirigiu-se a um desses mulatos e perguntou-lhe se existia na ilha do Sal qualquer meio de alcançar a Inglaterra.

O marinheiro cabo-verdiano abanou a cabeça. Esse meio não existia. Os paquetes não tocavam na ilha do Sal e não era provável que achassem outro navio. Durante a estação dos alísios, de Outubro a Maio, os navios, na sua maioria à vela, não faltavam na baía Mordeira. Mas nesta época do ano, o último tinha carregamento de sal e naturalmente não voltaria nenhum mais antes do mês de Outubro seguinte.

Resolvido este ponto de maneira tão formal, já não havia que hesitar. Além disso, os marinheiros pareceram achar muito natural o projecto de alcançar outra ilha. As suas barcas eram sólidas e, em caso de necessidade, fariam maiores cruzeiros. No que dizia respeito a São Vicente, foram todos da opinião do capitão. Não se devia contar com esse rumo.

— Santiago? — insinuou Roberto.

Ouvindo esse nome, os marinheiros cabo-verdianos trocaram entre si um olhar. Antes de responder, pediram o tempo suficiente para reflectir. Evidentemente havia um pensamento que os inquietava e que não exprimiam.

— E porque não? — disse por fim um deles. — É apenas questão de preço.

— Isso é com este senhor — declarou Roberto, designando Thompson.

— Perfeitamente — declarou este, quando a resposta do mulato lhe foi traduzida -, Se o senhor e o capitão me quiserem acompanhar, este marinheiro vai-nos mostrar as barcas que nos oferece e discutiremos ao mesmo tempo as condições da viagem.

Uma hora depois tudo estava combinado. Para o transporte dos náufragos e das bagagens, o capitão escolhera seis barcas em que julgava poder arriscar-se sem imprudência. De comum acordo tinham fixado a partida para as três horas da manhã, a fim de viajar tanto quanto possível durante o dia. Tratava-se nada menos do que de transpor cento e dez milhas e eram precisas dezassete horas de travessia pelo menos.

Ninguém pensou em protestar. Tinham pressa de deixar a ilha desolada.

As bagagens foram arrumadas imediatamente. Depois do jantar os passageiros empregaram o tempo da melhor maneira que puderam. Uns passearam na praia, outros tentaram dormir, estendidos na areia. Não houve um só que pensasse em aceitar a hospitalidade um pouco rudimentar que as cabanas da aldeia podiam oferecer aos viajantes.

À hora da partida tudo estava a pé. Em seguida todos tinham tomado lugar e os seis barcos, desfraldando as velas, dobraram rapidamente a ponta das Tartarugas. Como se vê, Thompson subia de posto. O comodo transformava-se em almirante.

Uma hora depois da partida ficava a bombordo a ponta sul da ilha do Sal e, à luz do Sol nascente, no horizonte longínquo, ia aparecendo a Boa Vista.

Felizmente o céu conservava-se limpo de nuvens ameaçadoras.

Soprava do nordeste um vento bastante forte, impelindo para o largo as seis embarcações, que navegavam para o sul com andamento igual.

Às oito horas da manhã passaram ao largo da Boa Vista. Era uma terra baixa, com aspecto tão árido como a ilha do Sal, um simples banco de areia atravessado ao meio por alguns picos de basalto coroando uma elevação longitudinal que não atinge cem metros de altura.

Paralelamente às barcas abria-se a Angra Inglesa, no fundo da qual se elevam as cabanas e as raras casas de Rabil, aldeia elevada à dignidade de capital. Talvez ali, no porto, houvesse navios fundeados, mas a distância não permitia distingui-lo.

Algumas horas mais tarde, o cume de Santo António, pico culminante de Santiago, começou a recortar o horizonte. Esse pico, com a altitude de dois mil duzentos e cinquenta

metros, foi saudado com vivas pelos naufragos, aos quais indicava o fim, ainda afastado, da viagem.

Ainda que a ilha de Maio estivesse mais próxima, só depois da de Santiago é que se mostrou, devido a ser muito mais baixa do que esta última.

Eram duas horas quando se avistaram as suas margens arenosas. Às cinco horas passaram-lhe ao largo.

Era a reedição da ilha do Sal e da Boa Vista. Uma estepe de areia, sem um rio, sem nascentes nem árvores, sobre a qual as salinas reflectiam em alguns lugares os raios do Sol. Custava a acreditar que mais de três mil pessoas vivessem nessa terra tão totalmente infecunda.

O olhar, cansado desta monótona tristeza, voltava-se com prazer para o horizonte do sul, onde Santiago ia aumentando rapidamente. Os rochedos recortados, as falésias de basalto, os barrancos cheios de vegetação luxuriante lembravam um pouco o aspecto dos Açores, e, com relação à desolação das areias, esta selvajaria, outrora julgada fastidiosa, era agora agradável.

Às oito horas da noite foi dobrada a ponta Este, no momento em que se acendia o farol que a coroa. Daí a uma hora, na treva que ia aumentando, distinguiu-se o farol da ponta de Tâmara, que fecha a ocidente o porto da Praia.

Mais uma hora de navegação e, depois de terem dobrado a ponta das Biscadas, as barcas penetraram em fila indiana na água mais calma da baía, ao fundo da qual brilhavam as luzes da cidade.

Os marinheiros cabo-verdianos não se dirigiram para esta luz. Assim que dobraram a ponta das Biscadas orçaram, esforçando-se por costear a terra. Em breves momentos ancoravam a grande distância da cidade.

Roberto admirou-se desta manobra. Elucidado pelo guia, não ignorava que existia um desembarcadouro na margem ocidental.

Mas tudo o que disse foi em vão. Os mulatos, por uma razão ou por outra, persistiam no seu projecto e começavam o transbordo das pessoas e das bagagens por meio de chalupas que os barcos carregados tinham trazido.

Sucessivamente, os passageiros foram conduzidos a um pequeno rochedo situado ao pé da falésia que termina a ponta oriental da baía. Era o antigo desembarcadouro, segundo o que o guia tinha ensinado a Roberto, que se admirou da fantasia dos transportadores.

A ressaca despedaçava-se contra este rochedo e o desembarque, no meio da obscuridade, não foi nada fácil. Houve mais de uma queda na superfície escorregadia do granito, polido pelo mar durante séculos, e alguns passageiros tomaram banhos involuntários. Tudo porém terminou sem acidente notável e, um pouco depois das onze horas, todos os passageiros estavam em terra.

Com pressa extraordinária, que deu muito que pensar, as chalupas reuniram-se às respectivas barcas. Dez minutos depois os seis barcos levantavam ferro, lançavam-se para o alto mar e desapareciam na noite.

Em todo o caso, se havia nisso um mistério, não havia tempo nem era ali o lugar de o compreender. A situação dos viajantes reclamava presentemente toda a sua atenção. Não podiam dormir ao ar livre e, além disto, como transportar essas caixas, malas, bagagens que atravancavam a praia? Foi preciso ainda que o capitão interviesse. Acatando a sua decisão, as

bagagens foram deixadas para trás sob a guarda de dois marinheiros, e os restantes náufragos puseram-se em marcha na direcção da cidade, muito afastada.

Como estava mudada a brilhante coluna, que outrora Thompson dirigia com admirável mestria! Essa coluna já não era mais do que rebanho desordenado, que, deprimido, desanimado, procurava penosamente o caminho nessa costa desconhecida, semeada de rochedos espalhados e cobertos pela noite escura.

Essa estrada era extenuante mesmo para os mais valentes caminheiros. Durante mais de meia hora seguiram um caminho apenas indicado, com os pés a enterrarem-se até ao tornozelo na areia profunda e esponjosa. Depois tiveram de subir um caminho escarpado. Já tinha dado havia muito tempo a meia-noite quando os turistas, exaustos de forças, se viram rodeados de benéficas casas.

A cidade estava inteiramente adormecida. Não se via um único passeante, uma luz. No meio deste deserto de sombra e silêncio, tornava-se problema complicado achar alojamentos para tantas pessoas.

Os turistas tomaram o partido de se dividirem em três grupos. Um, conduzido pelo capitão, compreendia a tripulação do navio submerso. O segundo, dirigido por Thompson, contava Baker entre os seus membros. O terceiro confiou-se ao poliglottismo de Roberto.

Este último, no qual se tinham incorporado Rogério e as duas americanas, não teve dificuldade em encontrar um hotel.

No fim de alguns minutos, Roberto descobriu um. Bateu logo à porta com força suficiente para acordar os mais obstinados dorminhocos.

Quando o hospedeiro, atraído pelo barulho, entreabriu a porta, ficou estupefacto à vista de tanto cliente.

— Tem quartos para nós? — perguntou Roberto.

— Quartos? — repetiu o hospedeiro, como se estivesse sonhando. — Mas de onde diabo saíram os senhores — exclamou impetuosamente antes de responder. — Como é que chegaram cá?

— Como se costuma vir: de barco — explicou Roberto, impacientado.

— De barco! — repetiu o português, que parecia admiradíssimo.

— Sim, de barco — armou Roberto, exasperado. — E que há nisso de extraordinário?

— De barco! — exclamou mais uma vez o hospedeiro. — Mas a quarentena ainda não foi levantada.

— Que quarentena?

— Com um milhão de demónios! A da ilha, onde há um mês que não fundeia um único barco...

Chegou a vez de Roberto ficar pasmado.

— Então, o que é que há por cá? Qual a razão desta quarentena?

— Uma violenta epidemia de febres perniciosas.

— Perigosa?

— Já lho digo! Morrem mais de vinte pessoas por dia, numa população de quatro mil habitantes.

— Diabo! — exclamou Roberto. — Não foi lá muito brilhante a ideia que tive de aconselhar os meus companheiros a virem cá. Felizmente, não estaremos na cidade muito tempo!

— Não estarão muito tempo?! — estranhou o hospedeiro.

— Com certeza!

O português abanou a cabeça de modo pouco tranquilizador, dizendo ironicamente: — Agora, vou mostrar-lhes os quartos. Desconfio que os não deixam tão depressa. Demais, verão, por experiência própria, que, quando se está em Santiago, fica-se obrigado a ter dificuldade em sair de cá.

CAPÍTULO XXV

De Quarentena

Estavam com falta de sorte os infelizes subscritores da Agência Thompson! Efectivamente, uma das mais violentas epidemias grassava em Santiago e suprimira, havia um mês, toda a comunicação com o resto do mundo. A falar a verdade, o estado ordinário desta cidade é a insalubridade. Roberto advertira os companheiros dessa particularidade antes de deixar a ilha do Sal, citando até o nome por que era conhecida: a «ilha mortífera». Aí a febre é endémica, e faz bastantes vítimas.

Mas a doença local tinha desta vez tomado virulência desusada e revestira-se de aspecto pernicioso inabitual. Em presença das devastações que causava, o governo sobressaltara-se e, para cortar o mal pela raiz, recorrera a meios enérgicos. A ilha sofrera, por ordem superior, interdição rigorosa. É certo que os navios continuavam com o direito de fundear na baía, mas com a condição de não saírem até ao fim, impossível de prever, da quarentena e da epidemia. Compreende-se que os paquetes regulares e, os navios correios tivessem fugido a semelhante imposição e efectivamente, antes da chegada dos turistas, nenhum tinha penetrado na baía durante o longo prazo de um mês.

Explicava-se assim a hesitação dos pescadores da ilha do Sal quando se lhes falara de Santiago, e a sua fuga imediata depois do desembarque nocturno, longe da cidade, num ponto desusado. Ao corrente da situação, não tinham querido, nem perder por excessivo escrúpulo o benefício da viagem, nem verem-se retidos durante muitos dias longe das famílias e da sua terra.

Os passageiros estavam aterrados. Quantas semanas teriam de passar nesta maldita ilha?

Contudo, visto não haver maneira de mudar a ordem das coisas, era preciso acomodarem-se à situação. O único remédio seria esperar, e cada um esperou, matando o tempo a seu modo.

Uns, como Johnson e Piperboom, tinham simplesmente retomado o habitual modo de vida e pareciam satisfeitíssimos. Para a sua felicidade bastava, a um, qualquer restaurante, e, para o outro, uma loja de bebidas. Ora nem as lojas de bebidas nem os restaurantes faltavam na cidade da Praia.

Os seus companheiros não achavam as mesmas distrações na prisão que o capricho da sorte lhes dera. Absolutamente aniquilados e hipnotizados pelo terror do contágio, conservavam-se a maior parte, dia e noite, nos quartos, sem mesmo ousar abrir as janelas. Essas precauções pareciam dar bom resultado. No fim de oito dias ainda nenhum fora atingido pela epidemia. Em compensação morriam de aborrecimento e suspiravam pela libertação, ainda tão problemática.

Outros eram mais enérgicos. Deliberando ignorar a malfadada epidemia, viviam sem se importar nada com ela. Entre esses corajosos figuravam os dois franceses e as suas amigas americanas.

Pensavam, e com razão, ser mais de temer o medo do que a doença. Acompanhados por Baker, que talvez no íntimo desejasse adoecer para ter novo pretexto de recriminar o rival,

saíam e passeavam, como teriam feito em Londres ou em Paris.

Depois do desembarque em Santiago mal tinham visto Jack Lindsay, que persistia mais que nunca na sua vida afastada e solitária. Alice, absorvida por outros cuidados, já não pensava no cunhado. Se às vezes a imagem dele lhe passava pelo cérebro, repelia-a logo, já menos irritada e prestes a esquecer os seus crimes.

A aventura do Curral das Freiras empalidecia ao perpassar dos dias e perdia completamente a importância. Nem lhe passava pelo espírito a lembrança de que o cunhado podia passar de novo à malvadez activa, tanta confiança tinha na protecção de Roberto.

Pelo contrário, este, lembrando-se da Grande Canária, pensava muitas vezes no inimigo que, no seu entender, o atacara já uma vez. A inacção do adversário não o tranqüilizava muito e continuava velando com o mesmo cuidado, presa de surda inquietação. Jack, durante este tempo, seguia o rumo fatal. A sua tenebrosa acção, impremeditada, do Curral das Freiras, nada mais fora que um gesto reflexo, subitamente sugerido por ocasião inesperada. E entretanto o aborto desta primeira tentativa transmudara, no cadinho da sua alma, um simples despeito em ódio. Esse ódio, depois da desdenhosa intervenção de Roberto, misturara-se com o medo, e ao mesmo tempo fora desviado do seu fito natural. Pelo menos, Jack esquecera temporariamente a bela cunhada pelo intérprete do Seamew, a ponto de lhe preparar uma emboscada, à qual Roberto só com dificuldade escapou.

A resistência pertinaz de Roberto e a feliz intervenção de Blockhead tinham feito soçobrar mais uma vez os seus projectos.

Desde então, Jack Lindsay já não estabelecia diferença entre esses dois inimigos. Englobava Alice e Roberto no mesmo ódio, pelos sucessivos choques infligidos. A vigilância de Roberto é que causava a inacção de Jack. Assim que se apresentasse ocasião propícia, este lançaria para trás das costas os escrúpulos, e, resolvido a não sofrer a derrota, não hesitaria em se desembaraçar desses dois entes, cuja perda lhe asseguraria ao mesmo tempo a fortuna e a vingança. Mas debatia-se sem cessar com a obstinada vigilância de Roberto e, de dia para dia, perdia a esperança de encontrar tal ocasião favorável, no meio dessa cidade populosa, que os dois franceses e as duas americanas atravessavam com tranqüilidade que o fazia exasperar.

Infelizmente, a cidade da Praia não pode oferecer recursos suficientes ao turista ocioso. Encerrada entre dois vales que vêm terminar no mar em duas praias: uma a Praia Negra, a oeste, a outra a leste — aquela em que tinham desembarcado — a Praia Grande, a cidade é construída sobre uma «arcada», isto é, sobre um planalto de lavas, outrora descidas dos vulcões que, com alturas de quatrocentos a quinhentos metros, limitam ao norte o seu horizonte. O esporão deste planalto, que termina num rochedo de cerca de oitenta metros, vai até ao mar e separa as duas praias, reunidas à cidade por caminhos bastante escabrosos.

A única curiosidade da Praia, aos olhos dos viajantes europeus, é o carácter nitidamente africano, que possui em mais alto grau do que as outras terras do arquipélago. As ruas cheias de porcos, de criação e de macacos, as casas baixas e sarapintadas de cores vivas, as choupanas negras dos arrabaldes, a população de cor, no meio da qual veio implantar-se importante colónia branca, composta quase toda ela de funcionários, tudo isto constitui espectáculo original e novo.

Mas, no fim de alguns dias, o turista, já insensível a este exotismo, raras distrações encontra na cidade, de quatro mil almas.

Logo que percorra o bairro europeu, cujas ruas largas e bem lançadas irradiam da vasta praça chamada O Pelourinho, logo que tenha visto a igreja e o palácio do governador, que dá de ambos os lados para uma pequena praça à beira-mar, logo que tenha visto a câmara, a cadeia, o tribunal e finalmente o hospital, o ciclo está terminado. Pode desde então fechar os olhos sem inconveniente. É em tal altura que o aborrecimento começa.

Este momento depressa chegou para os dois franceses e companheiras, que sentiram então, não o aborrecimento desarmado contra cérebros e corações preocupados, mas uma ociosidade relativa. Pouco a pouco os passeios foram substituídos por longas permanências nas areias das praias, em frente desse mar que lhes era impossível transpor, cujas vagas embalavam com o seu ruído regular os silêncios de Roberto e Alice, e cortavam às vezes as alegres conversações de Rogério e Dolly.

Evidentemente, a melancolia não conseguira lançar a garra a estes quatro turistas. O acidente, a desapareição do Seamew e a quarentena actual não tinham tido o poder de deter a sua natural alegria.

— Que querem — dizia às vezes Rogério -, diverte-me esta ideia de ser cabo-verdiano — que diabo de nome! Eu e Miss Dolly vamo-nos afazendo à ideia de nos tornarmos pretos.

— E a febre? — lembrou Alice.

— Isso é uma peta! — respondia Rogério.

— E a sua licença, que está a acabar? — recordou Roberto.

— Caso de força maior — respondia o oficial.

— E a família que o espera em França?

— A minha família? A minha família está aqui...

Certamente que Rogério estava menos tranqüilizado do que queria parecer. Como não havia de pensar com angústia no risco que ele e os companheiros corriam nessa terra infeccionada, nessa cidade cuja população estava sendo dizimada tão cruelmente? Mas o oficial era dessas afortunadas naturezas que evitam tudo o que lhes pode estragar o presente, pelo receio do futuro. Ora o presente não deixava de ter para ele certos encantos...

Agradava-lhe viver em Santiago, visto que aí vivia mais na intimidade de Dolly. Entre eles não fora ainda pronunciada determinada palavra e apesar disso ambos estavam seguros um do outro.

Sem nunca terem falado nisso, sabiam que eram noivos. Nada havia de menos misterioso do que a sua conduta. Lia-se-lhes nas almas como num livro aberto e, como era impossível alguém ignorar sentimentos tão evidentes, julgavam supérfluo falar neles.

Mrs. Lindsay, espectadora mais interessada que outros, não parecia preocupar-se com esta situação. Dava licença à irmã de usar dessa liberdade americana de que ela própria se aproveitara também. Tinha fé na natureza sincera e virginal de Dolly, e Rogério era um desses homens de quem a confiança emana tão naturalmente como respiram. Alice deixava portanto o idílio seguir o seu curso natural, certa de que terminaria pelo casamento, como conclusão lógica e prevista de uma história muito simples.

Prouvera ao céu que ela própria possuísse a mesma tranquilidade e segurança! O mal-entendido persistia entre ela e Roberto. Falso pudor gelava-lhes as palavras nos lábios, e, à medida que os dias passavam, afastavam-se cada vez mais da explicação precisa e franca, única que lhes poderia restituir a paz.

As suas relações exteriores não tardaram a sofrer da perturbação moral. Se não fugiam um do outro era porque não podiam. Mas, perpetuamente impelidos um para o outro por força invencível, sentiam, logo que estavam frente a frente, elevar-se uma barreira de orgulho para um, de desconfiança para o outro. Então os seus corações comprimiam-se e não trocaram senão palavras frias, que prolongavam o lamentável quiproquó.

Rogério assistia tristemente a esta guerra surda. Com certeza augurara mais do resultado da entrevista no cume do Teyde. Porque não teriam comunicado o âmago dos seus pensamentos, de uma só vez e para sempre, nesse minuto de emoção, no meio dessa natureza imensa, cuja grandeza devia, por comparação, ter diminuído o pudor sentimental de um e a doentia altivez do outro? Todas essas dificuldades, que julgava um pouco estéreis, todas essas discussões sustentadas com ele não podiam ser admitidas pela natureza franca do oficial, que, sendo rei, teria amado uma mendiga, uma mulher pobre ou uma rainha com a mesma simplicidade calma. No fim de oito dias deste embate tácito e insolúvel, julgou o espectáculo insuportável e resolveu pôr tudo em pratos limpos. Sob um pretexto qualquer, arrastou uma manhã o seu compatriota para a Praia Grande, completamente deserta àquela hora, e, assentado num rochedo, encetou a explicação definitiva. Nessa manhã Mrs. Lindsay saíra só. A explicação que Rogério achava conveniente impor ao companheiro impusera-a ela a si própria, e com esse passo descuidado que é dado pela ausência da vontade dirigiu-se também à Praia Grande, cuja solidão lhe agradava. Cansada do passeio pela areia, depressa se deixou cair num lugar escolhido pelo acaso e, encostando o rosto às mãos, ficou a sondar olhando o mar. Foi arrancada a esta meditação por um ruído de vozes. Duas pessoas falavam do outro lado do rochedo em que se sentara maquinalmente. Nos dois interlocutores Mrs. Lindsay reconheceu Rogério de Sorgues e Roberto Morgand. Resolveu imediatamente mostrar-se, mas o que ouviu impediu-a de o fazer. Intrigada, escutou. Roberto seguira o seu compatriota com a indiferença que empregava em quase tudo o que fazia. Andou enquanto Rogério quis andar, sentou-se quando Rogério quis sentar-se. Mas este sabia o meio de despertar a atenção do indolente companheiro.

— Uff! — disse o oficial, detendo-se — Faz um calor enorme neste país diabólico. Parece-me indicado um pouco de descanso. Que diz, meu caro Gramond?

— Gramond? — repetiu do outro lado Alice, surpresa.

Roberto, com um gesto de assentimento, obedeceu ansiosamente ao convite.

— Olhe lá! — disse bruscamente Rogério. — Estaremos por cá muito tempo?

— Não é à minha pessoa que deve perguntar isso — respondeu Roberto, esboçando um sorriso.

— Sou de opinião contrária — replicou Rogério -, porque se a estada nesta ilha caboverdiana — que diabo de nome! — nada tem de sedutora para ninguém, deve ser particularmente desagradável para o senhor e para Mrs. Lindsay.

— Então porquê? — perguntou Roberto.

— Será capaz de negar as confidências que me fez numa certa tarde, quando costeávamos as ilhas Canárias?

— Por certo não — respondeu Roberto. — Mas não vejo muito...

— Claro — interrompeu Rogério. — Visto que ama Mrs. Lindsay — porque o senhor ama-a, não é verdade?

— É certo! — afirmou Roberto.

— Muito bem! Eu continuo. Visto que o senhor ama Mrs. Lindsay e que, por outro lado, está muito decidido a não lhe dar a saber isto, repito o que há pouco disse e pretendo que a estada neste rochedo africano deve ter, tanto para ela como para o senhor, atractivos contestáveis. Além disso, basta olhar para os dois. Têm ambos cara de quem viu o diabo. Uma raridade darem um ar da sua graça. Com o devido respeito, parecem dois gatos que não se atrevem a tirar sardinhas assadas do fogo. Como é que o senhor não nota o que salta aos olhos, isto é, que Mrs. Lindsay morre de aborrecimento e que havia de apreciar muito a distracção de uma ardente declaração.

— Meu caro de Sorgues — voltou Roberto, com voz um pouco comovida -, não compreendo como possa gracejar com um assunto tão sério. O senhor, que sabe quanto penso, que conhece a minha situação e os escrúpulos que ela me impõe.

— Ora! Ora! — interrompeu Rogério, pouco abalado com a observação. — Isso não impede que seja intolerável vê-los infelizes para agradar a si mesmo e aos outros quando tudo isso, bem visto, é tão simples!

— Que queria então que eu fizesse? — perguntou Roberto.

— Meu caro, sobre este assunto não lhe posso dar conselhos. Em semelhantes casos cada um procede conforme o temperamento. Mas porque é que o senhor não é o que era, isto é, alegre, amável e amante, visto que ama? O resto viria por si só. Olhe para miss Dolly e para mim. Acaso teremos o ar de apaixonados de melodrama?

— O senhor e ela falam à sua vontade — observou amargamente Roberto.

— Tem razão! — concordou Rogério. — Então caminhe a direito. Queime os últimos cartuchos. Quando chegar ao hotel suba ao quarto de Mrs. Lindsay, como um soldado sobe ao assalto de uma praça, e conte-lhe o caso sem rodeios. O senhor não morre por causa disso — que diabo! — e verá o que ela lhe responde.

— Se me julgasse com o direito de lhe falar nisso, nenhuma resposta me assustaria.

— Mas porquê? Por causa dessa tolice chamada fortuna? Mas olhe, eu ligo tanta importância à fortuna como ao jantar que comi ontem. Além disso, o senhor não pode oferecer o equivalente dessa riqueza? Visto que teve a mania de se mascarar com outro nome, tornar-se-á marquês de Gramond quando quiser, e parece-me que os marqueses de Gramond não andam aos pontapés pelas ruas!

Roberto pegou na mão do seu compatriota.

— Tudo o que me diz, meu caro de Sorgues, cada vez mais me prova a que ponto é meu amigo. Mas creia que vale mais fazer silêncio sobre este assunto; não é capaz de obter coisa alguma de mim. Não ignoro que a troca de que me fala é aceite geralmente. Mas, que quer, esses negócios não se dão com o meu modo de pensar.

— Isso de negócio é coisa fácil de dizer — murmurou Rogério, sem se deixar convencer. — Onde vê o senhor um negócio, se não é guiado por interesse nenhum?

— Sim — respondeu Roberto -, mas Mrs. Lindsay não o sabe. Eis aqui o ponto delicado.

— Então, com mil diabos! dê-se ao trabalho de lho fazer saber. Sejam quais forem as conseqüências desse passo, valem mais do que tornar-se desgraçado deste modo — sem falarmos em Mrs. Lindsay...

— Mrs. Lindsay? — repetiu Roberto. — Não percebo.

— E se ela o amasse? Já pensou nisso? — interrompeu Rogério. — Parece-me que não cabe a qualquer apaixonada ser a primeira a falar.

— Já por duas vezes me fez essa objecção — respondeu Roberto, um pouco tristemente. — Com certeza a julga muito forte. Se Mrs. Lindsay vivesse apaixonada da minha pessoa, isso mudaria a ordem das coisas. Mas Mrs. Lindsay não me ama e eu não tenho a fatuidade de admitir que chegue a amar-me, principalmente quando nada faço para tanto.

— Talvez por isso — murmurou Rogério por entre dentes.

— Que diz?

— Nada... ou, antes, digo que o senhor é de uma cegueira surpreendente, se não voluntária. O certo é que Mrs. Lindsay não me encarregou de lhe comunicar o seu modo de ver. Mas admita por um instante que os sentimentos, que há pouco lhe atribuíam, são com efeito os seus. Seria necessário, para que os acreditasse, que ela lhes viesse dizer?

— Isso não bastava — respondeu tranquilamente Roberto, — Oh! — fez Rogério. — Mesmo depois disso ainda teria cara de duvidar?

— Exteriormente, ser-me-ia impossível — respondeu Roberto, melancolicamente -, mas no fundo do coração ficar-me-ia uma angústia crudelíssima. Mrs. Lindsay está reconhecida pelo que fiz e, para algumas como a sua essas dívidas são mais sagradas do que as outras. Pensaria então que o amor nada mais era do que o delicado disfarce de um pesadíssimo reconhecimento.

— Que incorrigível teimoso! — exclamou Rogério, voltando para o amigo com os olhos cheios de assombro. — Confesso que não era capaz de argumentar assim contra o meu prazer. Para tornar mais leve essa língua de chumbo, será preciso esperar o fim da viagem. Talvez que então o desgosto de... perder Mrs. Alice para sempre seja mais forte do que o seu orgulho.

— Não me parece — disse Roberto.

— Veremos isso — concluiu Rogério, levantando-se -, Agora declaro que esta situação não pode continuar. Vou daqui procurar o capitão Pip e tratar com ele do meio de fugir à inglesa. Que diabo! Há barcos na baía e, a respeito dos fortes portugueses, é um gracejo tornado banal!

Os dois franceses afastaram-se para o lado da cidade, seguidos pelo olhar de Alice. Tinham desaparecido no seu rosto todos os sinais de desgosto. Alice conhecia agora a verdade, e essa verdade parecia não lhe desagradar. Já não podia duvidar: sabia-se amada, mas amada como todas as mulheres o desejariam ser, por si mesma e sem que um pensamento estranho alterasse a pureza desse sentimento.

Ainda para maior alegria, podia expulsar de si todo o constrangimento que havia tanto tempo lhe paralisava a alma. É certo que não tinha esperado essas revelações de Roberto para se sentir arrastada para ele, para estar certa, apenas pelas aparências, de que ele ocultava mistério no género do que constava da confidência que recebera de modo tão imprevisto.

Contudo, os prejuízos do mundo tinham tanto poder que a inclinação que a arrastava dera-lhe mais tristeza do que felicidade. Amar o cicerone-intérprete do Seamew, ainda que ele fosse cem vezes professor, parecia uma queda cruel para a rica americana, e desde a partida da Madeira a luta entre o orgulho e o coração tinha-a lançado num perpétuo descontentamento de si e dos outros.

Agora a situação simplificava-se. Ambos estavam ao mesmo nível. O único ponto delicado era vencer os escrúpulos, um pouco excessivos, de Roberto. Mas Alice não se importava muito com isto. Não ignorava a força de persuasão que possui naturalmente uma mulher que ama e é amada. Não era porém esse lugar o mais próprio para palavras decisivas.

Quem sabe se, antes de o dia findar, se apresentaria ocasião para Alice pagar de um modo ou de outro a sua dívida de reconhecimento e reconquistar, aos olhos de Roberto, a independência do seu coração?

Rogério fez o que dissera. Comunicou o seu projecto de fuga, sendo desnecessário dizer se o velho marinheiro se agarrou ou não a essa ideia. É certo que valia mais arriscar tudo que apodrecer nessa ilha maldita, onde tinha, segundo dizia, «a doença da terra». Apenas desejou pôr Thompson e os outros passageiros na confiança e isto era muito justo para que Rogério pudesse ter o pensamento de se opor.

O assentimento foi geral e unânime. Uns, cansados desta cidade tantas vezes visitada, outros aterrados pela abundância de cortejos fúnebres que viam passar por debaixo das janelas, todos estavam sem coragem ou sem paciência.

Havia dois passageiros a quem julgaram inútil consultar. Ter-se-ia o cuidado de levar para bordo do futuro navio bebidas e comidas em abundância.

Deste modo, para que seria preciso interrogar Johnson e Piperboom?

Decidida assim a partida, tratava-se de a pôr em prática.

Se era verdade, como Rogério observara, que havia navios ancorados na baía, era certo também serem poucos: apenas três veleiros de setecentas a mil toneladas, mas pareciam bastante arruinados aos olhos dos menos experimentados. Todos os navios em estado de navegar tinham evidentemente saído para o mar alto antes da declaração da quarentena, e apenas ancoravam na baía aqueles fora do serviço. Além disso, era necessário não perder de vista que, se fosse possível partir, essa partida devia ser levada a cabo misteriosamente. Ora qual seria o meio de dissimular o embarque de cem pessoas, com víveres e material correspondentes ao número de pessoas?

Eis um problema difícil. O capitão Pip ofereceu-se para o resolver e deram-lhe para tanto carta branca.

Como é que ele se arranjou? Não o disse a ninguém.

Mas o facto é que no dia seguinte possuía já uma colecção imensa de informações, que foram comunicadas aos naufragos reunidos na Praia Negra e em particular a Thompson, ao qual pertencia o primeiro papel na obra de repatriamento.

Dos três barcos ancorados na baía, dois eram bons para transformar em lenha — e que péssima lenha! — opinava o capitão.

Quanto ao último, chamado o Santa Maria, era, é certo, um navio velho e muito cansado, mas capaz ainda de navegar. Podiam-se confiar a ele sem grande receio para uma viagem curta.

Depois de ter visitado esse navio de um extremo a outro, o capitão arriscara-se a apalpar o terreno junto do armador e isto para ele foi um trabalho fácil. Como a quarentena paralisara completamente o comércio da ilha por tempo indeterminado, o armador acolhera de braços abertos as propostas do capitão.

Acerca das resoluções a tomar, aquele tinha-se absterido de dar o mínimo conselho. Entendeu mesmo não dever dissimular que o embarque em tais condições oferecia certo perigo, por pouco que sofressem mau tempo. Pertencia a cada um a escolha do risco que lhe parecesse menos temível: ou o risco da doença ou o do mar.

O capitão observou apenas que se diminuiria a imprudência se consentissem em evitar o golfo de Gasconha, desembarcando num ponto qualquer de Espanha ou de Portugal. Deste

modo, far-se-ia a maior parte da travessia na região dos alísios, onde o mau tempo é raro. Finalmente, em seu nome, o capitão votou por um aparelhamento pronto e jurou que preferia o risco de se afogar à certeza de morrer de febre ou de aborrecimento.

A deliberação não durou muito tempo. A partida foi resolvida imediatamente por unanimidade e o capitão foi encarregado de fazer os preparativos necessários. Este aceitou o mandato e comprometeu-se a estar pronto no prazo de quatro dias, sem despertar desconfianças.

Antes de tudo, porém, convinha tratar com o proprietário do navio e esse cuidado era do domínio de Thompson. Mas, por mais que procurassem o Administrador-Geral, não houve meio de o achar. Thompson tinha desaparecido.

Depois de terem dado curso à sua indignação, os turistas decidiram passar para um deles todos os poderes do general trânsfuga, e de delegá-lo junto do armador, com quem teria a missão de tratar nas melhores condições possíveis. Naturalmente Baker foi o escolhido, visto a sua experiência dos negócios, e deste género de negócios em particular, o designar à escolha de todos.

Baker aceitou sem dificuldade as suas novas funções e partiu logo em companhia do capitão.

Daí a duas horas estavam de volta. Ficara tudo terminado e combinado e o documento de venda assinado e reconhecido. Depois de grande discussão tinham concordado na soma de seis mil francos, mediante a qual os viajantes tinham direito ao navio até à Europa. O armador tomaria ulteriormente as disposições que julgasse convenientes para se desfazer desse navio, com o regresso do qual não teria portanto que se preocupar. O capitão não tinha de inquietar-se nem com a tripulação e estado-maior; por isso que os homens do Seamew se prestavam todos a retomar o serviço sem outros salários e gratificações, a não ser a alimentação e a passagem, nem com o aparelho do navio, cujas velas estavam envergadas. Apenas se tinha de proceder á alguns arranjos interiores, a fim de alojar um tão grande número de pessoas tanto na casa da tripulação como na entreponte, e ao embarque dos víveres suficientes para um mês de navegação. O capitão seria ajudado em tudo isto pelo armador, que, sob qualquer pretexto, mandaria proceder às reparações pelos seus próprios operários e procuraria em segredo os víveres, que os marinheiros ingleses transportariam para bordo durante a noite.

Tendo sido aprovadas estas disposições por todos, a assembléia dispersou e o capitão meteu logo mãos à obra.

Tinham de esperar quatro dias. Em tempo ordinário quatro dias não são muito, mas parecem desmedidos quando sucedem a oito dias de terror e aborrecimento.

Esses quatro dias foram passados como os precedentes, isto é, todos encafuados nos quartos, outros — adivinha-se quem eram — em perpétuo regabofe, outros, ainda em passeios que procuravam variar.

Mrs. Lindsay e os seus companheiros habituais, sendo tão incomodados como dantes por Jack Lindsay, sempre invisível, girando em roda da cidade da Praia.

Alice parecia ter voltado ao seu feliz equilíbrio dos primeiros tempos da viagem. Sob a sua doce influência, esses passeios foram outras tantas alegres diversões.

Não podiam pensar em excursões sérias ao interior da ilha, atravessada por raras estradas e essas muito más, Mas os arredores da Praia eram acessíveis e os quatro turistas visitaram-nos em todos os sentidos.

Um dia foi consagrado à antiga capital da ilha e do arquipélago, destruída pelos franceses em 1712: a cidade de Ribeira Grande. A Ribeira Grande, ainda mais insalubre que a Praia, nunca mais se levantou das ruínas desde essa época, e a sua população nunca deixou de decrescer. Hoje está num número insignificante. O coração comprime-se quando se passa pelas ruas desertas da cidade decaída.

Os outros dias foram empregados em percorrer os numerosos vales que rodeiam a capital. Nesses campos, mediocrementemente cultivados, habita uma população exclusivamente de cor, ao mesmo tempo católica e pagã, no meio das vegetações do seu país. São palmeiras, bananeiras, goiabeiras, coqueiros, ambapaieiros e tamarindeiros, à sombra dos quais se eleva uma multidão de casas africanas, que se agrupam de modo a formar pelo menos uma miserável aldeia.

Durante esses quatro últimos dias a sorte, que até aí tinha protegido os viajantes contra a epidemia, pareceu abandoná-los. No dia 2 de Julho, dois deles, Mr. Blockhead e sir George Hamilton, acordaram, com a cabeça pesada, a boca pastosa e dolorosas vertigens. Chamado um médico a toda a pressa, foi de parecer que era um caso grave da febre epidémica. Foi uma nova causa de terror para os outros. Todos perguntavam para si: "Quando chegará a minha vez?"

O dia seguinte era o fixado para a partida. Logo de manhã, os turistas, muito surpreendidos, tiveram dificuldade em reconhecer a terra em que acordaram.

O céu estava da cor amarelada do ocre, e através de um nevoeiro de natureza particular, que vibrava no ar, aquecido fortemente, era difícil divisar os contornos indecisos dos objectos.

— A areia trazida pelo vento de este — informaram os indígenas consultados.

Com efeito, durante a noite o vento passou completamente do nordeste para este.

Iria este salto do vento modificar os projectos do capitão Pip? Não, porque na tarde do mesmo dia anunciou o termo dos últimos preparativos e declarou que estava tudo preparado para largar. Por seu lado, os passageiros estavam também prontos. Desde que a partida fora resolvida, todas as noites tinham feito sair dos respectivos hotéis parte da bagagem, que os marinheiros transportaram durante a noite para bordo do Santa Maria. Apenas ficaram as malas vazias nos quartos, quando os deixaram definitivamente e de modo nenhum as puderam levar. Isto era, porém, um desgosto sem importância.

— Acresce que Thompson terá de pagar também as nossas malas — declarara Baker.

Admitindo mesmo que Thompson tivesse de sofrer as múltiplas condenações com que Baker o ameaçava, devia considerar-se como provável que essas condenações seriam pronunciadas na sua ausência. Que seria feito dele? Ninguém o podia dizer. Não o tinham tornado a ver desde que fugira à onerosa obrigação de repatriar toda a gente do Seamew.

Demais, ninguém se ocupava do Administrador-geral. Visto gostar tanto de Santiago, deixá-lo-iam ali!

O embarque, sendo furtivo, tinha de fazer-se de noite. Às onze horas, momento fixado pelo capitão, todos, sem faltar um que fosse, se acharam reunidos na Praia Negra, num sítio onde uma volta de rochedos atenuava a ressaca. O embarque começou logo.

Hamilton e Blockhead foram os primeiros a ser conduzidos para bordo do Santa Maria, depois de prestes a serem abandonados em Santiago. Grande número dos seus companheiros tinha-se abertamente insurgido contra a ideia de levar os dois doentes, que seriam causa de

infecção para os válidos. Para que renunciassem a abandoná-los pura e simplesmente tinham Rogério e as duas americanas feito em vão todos os esforços, até que o capitão Pip lançara na balança o peso da sua autoridade, declarando que não se encarregaria do comando do navio se um só dos náufragos fosse deixado em terra.

Hamilton e Blockhead deixaram pois as ilhas de Cabo Verde com os companheiros, sem terem disso consciência. Desde a véspera o seu estado piorara. A inteligência de ambos estava sepultada num delírio perpétuo e parecia duvidoso que os pudessem levar até Inglaterra.

Foram necessárias muitas viagens para transbordar toda a gente com as duas canoas do Santa Maria. No portaló encontrava-se Baker, que, tomando a sério as suas funções de administrador, indicava a cada um o lugar que lhe estava designado. É certo que os passageiros tinham direito de ter saudades do Seamew. Nada havia mais rudimentar do que a instalação improvisada à pressa. Se as senhoras, deitadas debaixo do tombadilho, na sala, não tinham muito de que se queixar dos seus camarotes exíguos mas satisfatórios, os homens tiveram de se contentar com o vasto dormitório arranjado por cima do porão com a ajuda de um tabique de madeira e de um sobrado colocado sobre os barrotes secos da entreponte.

Os diversos transportes sucederam-se sem incidente. Ninguém na ilha pareceu ter dado por este êxodo, e sem dificuldade os escaleres desatracaram do embarcadouro e atracaram ao Santa Maria.

Baker, no seu posto do portaló, teve então um movimento de surpresa. Confundido entre os outros passageiros, encolhendo-se quanto podia, Thompson, o trânsfuga, acabava de saltar para o convés.

CAPÍTULO XXVI

Em que a Bolsa de Thompson Começa a Esvaziar-se

— Mr. Thompson! — exclamou Baker, com alegria feroz.

Era efectivamente Thompson em pessoa, mas um pouco confuso, apesar do seu extraordinário aprumo.

Na luta entre o medo e a avareza, esta tinha finalmente sucumbido e Thompson, vencido, rendera-se.

Vigiara pacientemente a partida e, aproveitando a noite, reunira-se à última leva.

— Mr. Thompson! — repetiu Baker, acariciando o seu inimigo como faz um gato ao rato -, Não esperávamos ter o desgosto de o tornar a ver! Vamos então ter a maçada de voltar com o senhor para Inglaterra?

— É certo — respondeu Thompson, que seria capaz de engolir outros insultos -, Mas pago a minha passagem — acrescentou precipitadamente, esperando desarmar assim o implacável inimigo.

— Como! — admirou-se Baker. — Isso está fora do natural!

— Fora do natural? — repetiu Thompson.

— Sim. O senhor não nos habituou a semelhantes modos. Enfim! Nunca é tarde para nos emendarmos. Vamos lá ver, que quantia quer o senhor pagar?

— O que toda a gente pagou — disse Thompson, angustiado.

— Aí é que está o busilis — objectou Baker, com bonomia. — Nós não temos preços. Formamos todos, como vê, uma associação mútua, ou antes uma cooperativa, como é costume dizer, cooperativa para que cada um deu a sua parte, o senhor é um intruso, é preciso criar para si uma tarifa pessoal especial. O caso é muito delicado!

— Então — sussurrou Thompson-, — parece-me que seis libras...

— É pouco! — respondeu Baker, com ar sonhador.

— Dez libras.

— Hum! — Fez Baker.

— Vinte libras... trinta libras...

Baker abanara sempre a cabeça e parecia realmente muito desgostoso de ser obrigado a recusar ofertas tão tentadoras.

— Então, quarenta libra! — decidiu enfim Thompson, com esforço -, tanto quanto levei por o conduzir...

— A Cabo Verde! E contra minha vontade — concluiu Baker, em cujos olhos brilhava malícia infernal -, Então pensa que quarenta libras? Vá lá ás quarenta libras!... Evidentemente não é muito. Faço mal. Mas... diabos me levem se sou capaz de lhe recusar alguma coisa. Pode pagar já essa quantia?...

Thompson obedeceu suspirando e tirou do fundo da bolsa as notas de banco exigidas, notas que Baker contou duas vezes com insolência maravilhosa.

— Está certa a quantia, o que realmente é extraordinário! — disse voltando as costas ao seu passageiro, que se apressou a ir escolher um lugar no dormitório comum. Durante esta discussão o Santa Maria tinha desfraldado as velas e içado a âncora. À uma hora da manhã, com brisa de este firme, saiu sem inconvenientes nem dificuldades da baía da Praia. Diante da roda da proa estendia-se o mar livre. Já não lhe restava senão navegar bem.

Sucessivamente, os passageiros foram para a cama. Thompson fora um dos primeiros a estender-se no colchão que reservara e já dormia profundamente quando sentiu baterem-lhe no ombro. Abrindo os olhos, sobressaltado, viu Baker inclinado por cima dele.

— Que há? — perguntou Thompson, meio a dormir.

— Há um erro, ou, por outra, um mal-entendido, meu caro senhor. Estou satisfeito por o incomodar, mas não havia mesmo outra coisa a fazer quando o vi deitado, sem direito, neste colchão.

— Parece-me que paguei o meu lugar! — exclamou Thompson, com mau humor.

— A sua passagem, meu caro senhor, a sua passagem! — rectificou Baker. — Estou empregando a sua própria expressão. Faz favor de não confundir as coisas. Passagem não quer dizer lugar. Apenas tenho de o transportar e transporto-o. Os colchões são à parte na Praia e, se quer servir-se deste, terei o direito de lhe exigir um leve suplemento.

— Isso é roubar! Caí numa cilada! — Exclamou Thompson, levantando-se do colchão e passeando em torno olhares espantados -, E que quantia pretende o senhor extorquir-me para me dar licença de dormir?

— É impossível — disse sentenciosamente Baker -, não responder a pergunta formulada assim em termos tão precisos. Vamos lá ver!... Sim... rigorosamente. Sim, é possível alugar-lhe este colchão por duas libras. Bem sei que é um pouco caro... mas em Santiago os colchões...

Thompson encolheu os ombros.

— Este não vale esse dinheiro. Mas pouco importa. Vou-lhe entregar essa quantia e necessariamente tenho direito ao sossego durante toda a travessia.

— Durante toda a travessia! Tem a infantilidade de pensar nisso? Toda a travessia!... Palavra de honra, meus senhores, que este gentleman está doido — exclamou Baker, levantando as mãos ao céu e tomando por testemunhas os outros passageiros, que assistiam, deitados nas respectivas camas, a esta cena, cortada com irresistíveis gargalhadas. — São duas libras cada noite, meu caro senhor. É preciso notar que é por noite!

— Por noite? Nesse caso são sessenta libras, se a viagem durar um mês? Então fique sabendo que não pago nada. A graça não pega — respondeu raivosamente Thompson, estendendo-se de novo no colchão.

— Nesse caso — declarou Baker com fleuma imperturbável -, vou ter a honra de o pôr fora do colchão.

Thompson olhou para o adversário e viu que não gracejava. Baker estava já estendendo os grandes braços.

O Administrador-Geral não podia esperar socorro dos passageiros. Encantados com esta vingança inesperada, contorciam-se numa explosão de riso.

Thompson preferiu, cedendo, evitar uma luta, cujo resultado não era duvidoso. Levantou-se sem dizer palavra, e dirigiu-se para a escada. Antes de subir o primeiro degrau, entendeu dever protestar.

— Cedo à força — disse com dignidade -, mas protesto energicamente contra o tratamento que me é infligido. Deviam ter-me prevenido de que as quarenta libras não me davam a liberdade de dormir descansado.

— Mas era desnecessária a prevenção — replicou Baker, que parecia cair das nuvens. — Com certeza que as quarenta libras não lhe dão o direito de dormir nos colchões da Sociedade. Passagem não quer dizer colchão, cadeira, vinho e almoço. Se quiser todas essas coisas, é preciso que pague, e tudo isso é horivelmente caro no tempo que vai correndo!

E Baker estendeu-se descuidosamente no colchão que acabava de conquistar, enquanto Thompson, desfalecido, subia às apalpadelas os degraus da escada. O infeliz compreendera.

Percebe-se perfeitamente que dormiu mal. Passou a noite inteira a procurar qualquer meio de fugir à sorte que o ameaçava. Apesar do seu espírito inventivo, nada descobriu. Tinha-se deixado meter como um tolo num beco sem saída.

Thompson acabou por tranquilizar-se pensando quanto era pouco possível que Baker executasse as suas ameaças até ao fim. Tratava-se evidentemente de um gracejo, bastante desagradável, mas que cessaria a breve trecho. Contudo estas considerações optimistas não tiveram o condão de restituir a Thompson a calma suficiente para lhe permitirem conciliar o sono. Procurando sempre os meios de salvar ao mesmo tempo a vida e a bolsa, passeou toda a noite no convés, onde velavam, cada um por sua vez, os marinheiros de quarto. Enquanto Thompson velava, os outros passageiros do Santa Maria dormiam a bom dormir o sono das consciências tranquilas. O tempo mantinha-se bom, apesar da secura do vento de Este, que inchava as velas do navio. Com este andamento avançava-se rapidamente. Quando o dia nasceu, Santiago ficara já a mais de vinte milhas para o sul. Passava-se nessa altura a pequena distância da ilha de Maio, mas, à excepção de Thompson, ninguém estava no convés para contemplar a terra desolada. Já não aconteceu o mesmo quando, quatro horas mais tarde, se passou à vista da ilha da Boa Vista. Todos estavam levantados a bordo do Santa Maria e o tombadilho regurgitava de passageiros, a quem a falta de lugar obrigava a confluir para o convés. Todos os olhares se dirigiram então para a cidade de Itabil, diante da qual se distinguiam agora navios ancorados. Boa Vista ia desaparecendo no horizonte quando a sineta deu sinal do almoço. Baker, promovido a administrador desta viagem de retorno, dera curso livre à sua tendência para a ordem e para o método.

A bordo do Santa Maria entendia que as coisas deviam ser tratadas como a bordo do paquete mais regular, e aos seus olhos era essencial a pontualidade das refeições. Ainda que fossem contrárias aos gostos e aos usos da marinha, conservara as horas adoptadas pelo seu antecessor. Segundo essa resolução, a sineta tocava, como antigamente, às oito, às onze e às sete horas da noite.

Contudo, apesar de toda a sua boa vontade, não podia apresentar mesa correcta. A sala comportara a custo doze convivas. Foi então resolvido que cada um se acomodasse à vontade ou sobre o tombadilho ou sobre o convés em grupos, pelo meio dos quais passaria o antigo pessoal do Seamew, agora do Santa Maria.

Demais, este inconveniente não deixava de ter os seus encantos. Essa refeição ao ar livre dava assim a ideia de um divertimento. Em caso de mau tempo, seria preciso trocar o convés pelo dormitório da entreponte. Mas não era muito de temer que chovesse logo que tivessem abandonado as paragens das ilhas de Cabo Verde.

Durante esse almoço, no qual Thompson não tomou parte, o capitão Pip fez uma proposta inesperada.

Tendo pedido que prestassem atenção, lembrou em primeiro lugar o que dissera acerca dos perigos de tal viagem num navio como era o Santa Maria. Depois confessou que, abalado pela enorme responsabilidade que pesava sobre ele, tivera por um momento a lembrança de arribar, não à costa espanhola ou portuguesa, mas muito simplesmente à cidade de São Luís, no Senegal.

No entanto, não julgara dever propor esta resolução, visto o vento este, que se levantara, tornar essa viagem quase tão longa como seria a feita até uma das Canárias ou até um porto europeu.

Mas não podendo atingir-se São Luís, não se poderia navegar em direitura a Porto Grande, de São Vicente?

Bastaria para isso deixar decair duas quartas e antes da noite todos estariam em terra, em segurança, com a certeza de um paquete próximo.

A comunicação do capitão Pip produziu o maior efeito, visto que não costumava gastar palavras inúteis. Era necessário que julgasse o caso muito sério para se aventurar a fazer discurso tão comprido.

Foi Baker quem, na sua qualidade de administrador-delegado, tomou a palavra.

— As suas palavras são graves, comandante — disse. — Mas precisemos as coisas e diga-nos francamente se considera desarrazoada a viagem que empreendemos.

— Se fosse esse o meu pensamento, tê-lo-ia feito conhecer logo no princípio. Não, esta viagem é possível e todavia... com tanta gente a bordo...

— Enfim — interrompeu Baker -, se apenas tivesse marinheiros no navio, sentiria tamanha inquietação?

— Oh, não! — afirmou o capitão -, mas não é a mesma coisa. O nosso ofício é navegar e temos as nossas razões.

— Também nós temos as nossas —olveu Baker -, ainda que não fosse senão o dinheiro que nos obrigou a dar por este navio a avareza daquele que tinha obrigação de pagar por todos. Há ainda uma outra mais séria: a quarentena que está sofrendo a ilha de Santiago que acabamos de deixar. A esta hora, todas as ilhas do arquipélago têm os sinais do Santa Maria e tenho a certeza de que se oporiam ao nosso desembarque, tanto mais que não temos carta limpa e levamos dois doentes a bordo. Mas, se apesar de tudo, conseguíssemos desembarcar, seria para sofrer uma detenção real, isto é, infinitamente mais rigorosa que a sofrida em Santiago. Pode-se objectar que em Portugal ou na Espanha há-de acontecer o mesmo. É possível, mas não é certo, e, ainda que tal acontecesse, já teríamos chegado, e isso dar-nos-ia coragem. Nestas condições, voto pela continuação da viagem e parece-me que todos os viajantes serão da minha opinião.

O discurso de Baker obteve assentimento unânime e o capitão Pip contentou-se em fazer um gesto de aquiescência. Mas a solução não o satisfazia senão em parte e quem o escutasse na noite desse dia poderia ouvi-lo murmurar, com ar apreensivo, ao fiel Artimon: — Quer conhecer a minha opinião, master? Estamos metidos nuns bons assados, nuns verdadeiros assados!

Demais, o problema não tornaria a ser apresentado tão cedo. Às duas horas da tarde o vento rondou progressivamente para o sul e o Santa Maria começou a fazer rumo com vento de

popa. O regresso fechava-se para ele. O único rumo possível era agora o das Canárias ou da Europa.

Foi com este andamento que, às quatro horas e meia, se passou à vista da ilha do Sal, que ninguém pôde ver sem emoção.

Todos os binóculos se dirigiram para essa terra, junto da qual o Seamew, completamente esgotado de forças, viera morrer.

Um pouco antes da noite perdeu-se de vista esta última ilha do arquipélago de Cabo Verde. Agora nada perturbaria o horizonte até ao momento em que se avistassem as Canárias. Era questão de três ou quatro dias, se se mantivesse o vento. Em suma, ninguém se podia queixar desse primeiro dia de viagem. Tudo se passara esplendidamente, o que dava direito a esperar que tão boa sorte persistiria.

Havia apenas um passageiro que tinha o direito de se mostrar um pouco menos satisfeito e não é necessário atribuir-lhe o nome de Thompson. Na refeição do meio-dia procurara um prato e apresentara-se corajosamente à distribuição geral. Mas Baker velava e o prato ficara vazio. Durante a tarde Thompson tentou conferenciar com Roastbeef, na esperança de que este não teria coragem de resistir a uma ordem do seu antigo chefe. Deu, porém, de cara com Baker, que o vigiava com zelo invencível. Decididamente o caso tornava-se sério. Thompson, a morrer de fome, compreendeu que se tornava necessário ceder e decidiu-se a ir ter com o seu impassível carrasco.

— Senhor — disse ele -, tenho fome.

— Alegro-me imenso com isso — respondeu Baker, fleumaticamente -, porque prova a fortaleza do seu estômago.

— Basta de gracejos — retorquiu brutalmente Thompson, a quem o sofrimento transtornava o carácter -, e queira dizer-me até que ponto conta levar essa zombaria, de que tenho sido vítima.

— De que zombaria quer o senhor falar? — perguntou Baker, simulando não recordar-se -, Parece-me que não zombei ainda do senhor.

— Então o Senhor pensa em me deixar morrer de fome?

— Diabo! O Senhor é que não quer pagar!

— Está bem — concluiu Thompson -, pagarei. Havemos de regular esta conta mais tarde.

— Juntamente com as outras — aprovou Baker -, É muito amável.

— Faz favor de fixar o preço que me assegure a liberdade de dormir e comer até ao fim da viagem?!

— Desde o momento em que se trata da totalidade — Disse Baker, com importância -, simplifica-se tudo extraordinariamente.

Tirou da algibeira a agenda e folheou-a. — vejamos. Hum! O senhor já pagou quarenta libras. Isso. Sim. Hum!... Perfeitamente, Pois bem! Trata-se apenas de pagar um pequeno suplemento de quinhentas e setenta e duas libras, onze xelins e dois dinheiros para ter direito a todas as vantagens dos outros passageiros sem excepção.

— Quinhentas e setenta e duas libras! — exclamou Thompson. — Isso é uma loucura! Antes de atingir a tal exigência apelarei para todos os passageiros. Que diabo! Hei-de encontrar pelo menos um que seja honesto!

— Se quiser, posso antes perguntar isso mesmo — sugeriu Baker, com tranquilidade. — Contudo, aconselho-o a examinar antes de tudo como é que esta soma foi obtida.

O fretamento do Santa Maria custou-nos duzentas e quarenta libras. Tivemos de consagrar duzentas e noventa libras e nove xelins á compra dos víveres necessários para a travessia e enfim, o arranjo interior do navio levou-nos oitenta e duas libras, dois xelins e dois dinheiros, ou seja um total de seiscentas e doze libras, onze xelins e dois dinheiros, de que já deduzi as quarenta libras que pagou à entrada. Julgo que contra uma reclamação tão justa não pode obter o apoio daqueles a quem o senhor espoliou. Contudo, se o coração lhe diz...

Não, o coração não o dizia a Thompson, que o fez compreender com um gesto. Sem tentar resistência, de ora avante inútil, abriu a preciosa bolsa e tirou dela um maço de notas, que tornou a guardar cuidadosamente, depois de separar a soma exigida.

— Ainda fica dinheiro — observou Baker, apontando para a bolsa.

Thompson apenas respondeu com um pálido sorriso.

— Mas não por muito tempo! — acrescentou o feroz administrador, enquanto o sorriso esboçado desaparecia dos lábios de Thompson -, Ainda temos a regular as nossas continhas pessoais.

Antes de abandonar o seu implacável adversário, Thompson quis ter todas as vantagens que alcançara com o desembolso do seu dinheiro.

A bordo do Santa Maria achara o fiel Piperboom, o holandês. Este, como se fosse evidente legitimidade, incrustara-se de novo àquele a quem continuava a considerar como o governador da colónia errante. Thompson passeava por toda a parte essa tríplice sombra de si mesmo e a obstinação do colossal passageiro começava já a incomodá-lo.

— Portanto — perguntou ele -, está assente que tenho todos os direitos do mundo e que sou um passageiro como os outros?

— Absolutamente.

— Nesse caso, far-me-á um grande favor desembaraçando-me deste insuportável Piperboom, de que me não posso ver livre. Enquanto fui Administrador-geral tive de aturá-lo. Mas agora, pelo menos...

— Evidentemente! Evidentemente! — atalhou Baker -, Infelizmente, sou tanto administrador como o senhor. Demais, nada lhe será mais fácil — continuou o impiedoso rabugento, pesando as palavras -, do que fazer compreender a Mr. Piperboom que o incomoda.

Thompson, pálido de cólera, teve de retirar com esse viático e, a partir desse instante, Baker não tornou a dar-lhe importância.

Ao levantarem-se no dia 6 de Julho, os passageiros ficaram surpreendidos ao ver o Santa Maria quase imóvel. De noite o vento abrandara a pouco e pouco e, ao romper do dia, caíra uma calmaria podre sobre o mar, que erguia uma ondulação longa e sem rugas. O Santa Maria, balouçado por esta ondulação que vinha de oeste, batia as velas contra os mastros, gemendo e arfando de maneira desanimadora.

Este dia foi tristíssimo, apesar da satisfação muito real que todos experimentaram ao ver a que ponto, sob a influência do ar puro do mar, melhorara o estado de Hamilton e de Blockhead. Esta calmaria imprevista representava maior duração da viagem.

Contudo mais valia pouco vento do que muito, e tiveram de aceitar pacientemente um aborrecimento que não se agravava com a inquietação.

Poder-se-ia julgar que não era essa a opinião do capitão Pip, ao ver o frequente estrabismo fazer-lhe divergir os olhos e o modo como martirizava a ponta do nariz. Evidentemente alguma coisa de anormal torturava o valente capitão, cujos olhares se dirigiam

constantemente para esse horizonte de oeste, de onde vinham as ondulações que sacudiam o Santa Maria.

Muito ao corrente dos tiques e manias do seu estimável companheiro para não lhe compreenderem a misteriosa linguagem, os passageiros olhavam também para o horizonte de oeste, sem nele distinguirem nada. O céu nesse ponto como noutros estava azul, sem que se observasse nele uma única nuvem.

Apenas às duas horas da tarde é que ligeiro vapor apareceu e cresceu lentamente, passando sucessivamente do branco ao cinzento e deste ao negro.

Às cinco horas o Sol poente entrou nesse vapor e o mar tingiu-se logo de sinistra cor de cobre. Às seis horas a nuvem fuliginosa já invadira metade do céu quando o capitão soltou as primeiras vozes de comando: — Ferra a giba!... Ferra a sobregatinha!... Ferra a gata!... Ferra a sobre grande!...

Um quarto de hora mais tarde amainava-se a bujarrona e os joanetes e vinte minutos depois o sobre da proa, o estai do traquete e a vela da ré, no lugar da qual se envergara uma vela de capa. Apenas estava terminado este trabalho, o capitão mandou ferrar a vela grande, a mezena e o sobrejoanete, não deixando fora senão o traquete, as duas gáveas nos primeiros rizes e uma vela de capa no mastro da mesma.

Entretanto a atmosfera estava calma, mas essa calma, demasiado profunda, nada tinha de animadora.

Às oito horas em ponto a rajada chegou como um raio, acompanhada de torrentes de chuva.

O Santa Maria inclinou-se tanto que parecia ir virar-se; e depois, apresentando a roda da proa ao mar, começou a saltar sobre as vagas, que se ergueram subitamente.

O capitão convidou então os passageiros a deitarem-se. Já não havia mais nada a fazer. Restava esperar.

Com efeito, o Santa Maria ficou de capa até de manhã e os viajantes foram terrivelmente sacudidos nos seus catres. Infelizmente a tempestade não mostrou tendências para diminuir durante a noite. Pelo contrário, ao romper do dia pareceu redobrar de violência.

O capitão Pip não estava descontente do modo como o Santa Maria aguentava a capa. Subia ligeiramente na vaga, com a ponte apenas molhada pelos salpicos da vaga. Pelo contrário, estava menos satisfeito com a mastreação e via com desgosto a má qualidade dos cabos comprados em Santiago, Os ovéns e brandais tinham sofrido alongamento considerável por causa dos choques que o mar imprimia ao navio, e os mastros-reais jogavam nas carlingas.

Durante todo esse dia a raiva do furacão não cessou de aumentar. Sem nenhuma dúvida, tinham de lutar contra um desses ciclones capazes de devastar regiões inteiras. Antes do meio-dia as vagas monstruosas começaram a rebentar com furor.

O Santa Maria recebeu mais de uma onda que lhe encheu o convés de água.

O capitão teimava em ficar de capa. Mas às sete horas da noite o estado do vento e das ondas agravou-se de tal forma e a mastreação pôs-se a oscilar de modo tão ameaçador que julgou impossível conservar-se nessa situação. Compreendendo que seria loucura obstinar-se, resolveu fugir diante da tempestade.

Na situação em que se encontrava o Santa Maria, passar de capa a marcha com vento de popa ou vice-versa seria manobra delicada. Entre o instante em que o navio apresenta a proa

às vagas encapeladas e o instante em que toma velocidade suficiente para que elas deslizem pela grinalda da popa, há forçosamente um em que as recebe de flanco. Um navio batido nesse momento por uma vaga suficientemente forte seria rolado como uma rolha. Importa vigiar o mar e aproveitar um momento de calma. A escolha do momento propício é do mais alto interesse.

O capitão Pip colocara-se ao leme, enquanto toda a tripulação se preparava para alar os braços de bombordo da gávea.

— Cruza as vergas à retaguarda! — mandou o capitão, escolhendo com tacto o instante favorável e voltando rapidamente a roda do leme.

O navio inclinou-se de chofre para este bordo e caiu na direcção do vento. Mas ainda não estava feito tudo.

Não basta que o navio apresente a retaguarda às vagas, é preciso também que adquira velocidade suficiente para atenuar a violência dos saltos.

— Cruza as vergas à frente! — mandou o capitão logo que o navio arribou -, Ferra o velacho e o cutelo da mezena!...

A manobra dera, felizmente, resultado. Sob o impulso da mezena, que oferecia ao vento a sua vasta superfície, o Santa Maria, em poucos segundos, começou a fender as ondas com a velocidade de cavalo a galope. Como precaução suplementar arrastava atrás de si uma rede, achada no paiol do pano, cujo papel consistia em evitar que as ondas rebentassem sobre o tombadilho.

A mudança da capa para a velocidade do vento pela popa deu aos viajantes relativo repouso. Apreciaram a sua doçura e julgaram o perigo consideravelmente atenuado.

O capitão era de opinião contrária. A correr assim para este, calculava que se encontraria a costa de África antes de o navio percorrer trezentas e cinquenta milhas.

Com a velocidade que o Santa Maria levava, trezentas e cinquenta milhas não levam muito tempo a percorrer. Velou durante toda a noite. Mas o Sol do dia 8 de Julho surgiu no céu sem que os seus receios se tivessem realizado. O horizonte estava livre por todos os lados. O capitão julgou ter-se enganado e desejou uma nortada que lhe permitisse ir a todo o custo a São Luís do Senegal.

Infelizmente, a nortada esperada não veio, o vento conservou-se firme a oés-nordeste e o Santa Maria continuou a deslizar como um expresso para a costa de África.

Os passageiros, postos ao corrente da situação pela indiscrição dos homens da equipagem, partilhavam agora as angústias do capitão e buscavam com o olhar a este essa costa para a qual o navio corria.

Foi apenas às cinco horas que se começou a avistá-la à proa por bombordo. A costa cavava-se, sem dúvida, neste lugar, numa espécie de golfo, porque o Santa Maria costeava-a como flecha, em lugar de se dirigir normalmente para ela. Mas pouco a pouco a costa flectiu-se para o sul e a distância que a separava do navio diminuiu rapidamente.

Só a bombordo, no tombadilho, o capitão olhava com toda a calma esta costa baixa, arenosa, limitada no plano de fundo por dunas e defendida por barreira de recifes.

De súbito aprumou-se e, depois de escarrar no mar com violência, formulou para Artimon: — Daqui a meia hora estaremos em cima dos rochedos, mas, pelas barbas de minha mãe, havemos de resistir!

Depois, como Artimon parecesse aplaudi-lo, o capitão, entre os uivos do mar e do vento, mandou: — O leme todo a bombordo! Ferra o estai da gata!

A tripulação lançara-se à manobra. Daí a dois minutos, o Santa Maria, outra vez de capa, esforçava-se, a custo, por se aproximar da costa. De novo saltava por cima das ondas que, galgando o castelo da proa, se desfaziam por sobre todo o convés.

O capitão jogava a última cartada.

Teria ele trunfos suficientes para ganhar a partida? Ao princípio parecia que sim.

Com efeito, poucos instantes depois daquele em que o navio cessara de correr com o vento a favor, o vento e o mar manifestaram tendências para acalmar. O capitão fez logo içar o sobre grande e deixou descair uma quarta. Nestas condições não seria impossível chegar a recuperar o rumo perdido. Infelizmente, o vento, caindo num excesso oposto, ainda há pouco tão furioso, não deixou de amainar por graus sucessivos. Durante algumas horas o Santa Maria, terrivelmente sacudido pelo mar ainda encapelado, viu-se imobilizado na calma da atmosfera, em que já não havia nem um leve sopro.

O capitão ajuizou, desta mudança tão rápida, que o navio se achava mesmo no centro da tempestade e não duvidou de a ver aparecer de novo, após demora maior ou menor. Enquanto esperava, esta calmaria tornava inútil o velame do Santa Maria. O navio já não governava. Era uma espécie de lenho que a ondulação do mar levava para terra.

Às sete horas da noite a margem ficou a menos de mil metros. A cerca de trezentos metros da grinalda da proa as vagas despedaçavam-se raivosamente na barreira dos recifes.

É raro um navio poder aproximar-se tanto da costa de África. De ordinário a pequena profundidade proíbe aos navios o acesso da costa e, às vezes, esta pequena profundidade chega a quinze quilómetros de terra. Dever-se-ia agradecer ao acaso o ter, apesar de tudo, conduzido o Santa Maria a um dos raros pontos onde essa imensa sucessão de bancos de areia fora destruída pelas correntes e redemoinhos.

Contudo era impossível avançar mais.

O fundo elevava-se rapidamente. A sonda, sucessivamente lançada, não acusava já mais do que vinte braças. O capitão resolveu fundear a todo o custo.

Talvez que, ancorando com três âncoras, as duas dos escovéns e da grande escotilha, e lançando sobre cada uma delas cem braças de corrente, conseguisse fazer frente ao furacão quando este tornasse a rugir.

Era pouco provável. Quantas probabilidades contrárias de ver as correntes despedaçadas e as âncoras garrarem! Era, porém, uma esperança e um homem enérgico não deve desprezá-la.

O capitão mandou preparar as âncoras dos escovéns e as abitas da corrente. Ia dar a voz de fundear quando inesperado incidente veio mudar a face das coisas.

Subitamente, sem que nada tivesse anunciado o estranho fenómeno, o mar começara a ferver em roda do Santa Maria. Já não eram vagas. A água entrechocava-se tumultuosamente, numa espécie de monstruoso marulho.

A bordo do navio soara um grito geral. Apenas o capitão ficara impassível e observava com olhar perspicaz o novo ataque da natureza. Sem procurar as causas do fenómeno, no que perderia tempo, esforçava-se por se aproximar dele. O redemoinho impelia o Santa Maria para a costa e, circunstância favorável, graças a uma tenuíssima brisa de oeste o navio já governava. Talvez conseguisse aproximar-se da praia e fundear em melhor situação.

Precisamente diante da roda da proa, a barreira de recifes abria-se num estreito canal, para além do qual aparecia um lençol de água tranquila em frente de segunda fileira de recifes.

Se fosse possível atingi-lo, a salvação seria possível. Neste porto natural o Santa Maria, seguro ao solo pelas suas âncoras, resistiria certamente à volta prevista do furacão; Depois, esperando o regresso definitivo do bom tempo, navegaria para o mar alto saindo pelo mesmo caminho.

O capitão tomou a roda do leme e pôs a proa à terra.

Todavia, o singular aspecto do oceano não deixava de o inquietar, de modo que, antes de tudo, fez desatramancar a coberta e o convés da multidão que os enchiam. Todos os passageiros e empregados não marinheiros tiveram de abandonar os seus lugares e refugiar-se no interior. Feito isto, o capitão sentiu o espírito mais livre.

Levado pela sua mão de mestre, o Santa Maria introduziu-se no canal, e transpô-lo.

O capitão ia gritar: "Fundeia!"

Não teve tempo.

Subitamente levantara-se do mar uma vaga enorme, gigantesca, e este corcel do oceano aproximava-se rapidamente a galope sobre a areia líquida. Em três segundos atingiu o navio.

Se este a tivesse recebido de través, teria sido rolado, destruído, desfeito e disperso em fragmentos do tamanho de palitos. Mas, graças à manobra do capitão, apresentava a popa à vaga prodigiosa e esta circunstância foi a salvação. O Santa Maria foi levantado como pena, enquanto uma tromba de água caía sobre o convés; depois, levantado pela crista tumultuosa, deslizou para terra com a velocidade de bala.

A bordo reinava a confusão. Marinheiros e passageiros tinham perdido a razão, uns agarrados aos cabos, outros recuando diante da água que invadira a sala comum.

O capitão Pip conservava a plenitude do sangue-frio. Firme no posto, vigiava o navio e não largava a roda do leme, a que se agarrava no meio da desordem dos elementos. Apesar de tão pequeno no meio do grandioso furor da natureza, a sua alma dominava-a ainda e era a sua vontade soberana que guiava para a morte o navio revoltado. Nada lhe escapava ao olhar, agora perfeitamente direito. Viu a vaga bater nos rochedos, esmagar-se contra eles, tornar a curvar-se numa voluta imensa e tomar de assalto a margem, enquanto as cataratas do céu, abrindo-se subitamente, misturavam o dilúvio das águas às da terra.

O Santa Maria, como navio valente, elevara-se no vértice desta voluta de espuma. Subira com ela e com ela desceu. Deteve-lhe a marcha espantoso choque.

Houve um horrível estridor. A bordo tudo foi derribado, tudo se quebrou. Formidável golpe de mar varreu o convés da popa à proa. O capitão, arrancado da roda do leme, foi lançado do alto do tombadilho.

De uma só vez, os mastros vieram abaixo com todo o aparelho.

A catástrofe consumara-se num momento e o Santa Maria — pelo menos o que restava dele — ficou imóvel na noite, debaixo da chuva diluviana, enquanto em volta rugia a tempestade.

CAPÍTULO XXVII

Em que os Passageiros, sem Melhorarem de Situação, Mudam Apenas de Carácter

Estava-se a 9 de Julho. Havia já um mês que, segundo o programa da Agência Thompson, os passageiros deviam pisar o solo de Londres. Mas em lugar das ruas animadas, das sólidas casas da capital, que viam?

Uma simples orla de areia estendendo-se indefinidamente para o norte e para o sul e limitada de um lado por um oceano de vagas espumantes e do outro por uma cadeia ininterrupta de dunas estéreis e tristes. No meio desta orla de areia, quase ao centro da linha que media a sua largura, jazia um navio, massa de destroços informes, levado por incomensurável poder a duzentos metros do mar.

A noite fora terrível para os turistas. Tacteando na sombra espessa, a muito custo se tinham defendido da chuva, de que a ponte entreaberta os abrigava somente em parte. Felizmente, o vento não tardara em limpar o céu, o que lhes consentiu conciliar um pouco o sono no meio dos ruídos decrescentes.

Somente quando rompeu a madrugada é que puderam apreciar a extensão do desastre. Era imenso, irreparável.

Entre o mar e o navio encalhado estendiam-se mais de duzentos metros.

Que poder humano poderia fazer esse navio retrogradar a distância que o mar em poucos segundos transpusera? Os mais ignorantes das coisas da mecânica e da navegação perderam imediatamente toda a esperança de pôr a nado o Santa Maria.

Demais, o navio já não existia. Dele, via-se apenas um miserável despojo lançado pelo mar à praia.

O choque quebrara-o em dois. Uma brecha enorme rasgava-lhe os flancos. No convés nada havia senão o rasgão feito ao meio do navio. Tudo fora arrebatado: bancos, canoa, escaleres, e até a mastreação, cujos restos pendiam ainda dos ovéns quebrados.

Tal foi o espectáculo que se ofereceu aos olhos dos passageiros e os mergulhou num acabrunhamento desesperador.

Como de costume, foi a impassibilidade do capitão que lhes deu um pouco de coragem e de esperança. Em companhia de Mr. Bishop, completamente curado das queimaduras, passeava lentamente pela praia quando o Sol nasceu. Em poucos instantes os dois passeantes foram cercados pelo círculo silencioso dos passageiros.

Assim que toda a gente se reuniu em torno deles, o capitão procedeu à chamada geral. Passou-lhe um relâmpago de satisfação pelos olhos ao assegurar-se de que não faltava ninguém. A casa estava destruída, mas os habitantes estavam salvos, e esse feliz resultado era devido em grande parte à sua previdência. Se tivesse deixado que os passageiros ficassem na coberta, quantas vítimas não teria feito a terrível queda da mastreação?

Terminada a chamada, o capitão expôs em poucas palavras a verdadeira situação.

Devido a uma dessas aguagens, que os ciclones provocam tão frequentemente, o Santa Maria fora lançado sobre a costa de África de tal modo que se devia considerar irrealizável o pô-lo a nado. Eram portanto obrigados a abandoná-lo e a começar por terra uma viagem cujo fim se oferecia muito problemático.

A costa de África tem, com efeito, reputação deplorável e deve-se reconhecer que a merece bastante.

Entre Marrocos, ao norte, e o Senegal, ao sul, estendem-se os mil e duzentos quilómetros de costas saarianas.

Aqueles a quem má estrela faz abordar a qualquer ponto dessa extensão arenosa, sem água e sem vida e pintalgada de uma vegetação rara e franzina, ainda têm a temer os homens, que juntam a sua crueldade à da natureza. Ao longo destas praias inóspitas vagueiam bandos de mouros, cujo encontro é pior que o dos animais ferozes.

Era necessário saber, portanto, a que distância de um país civilizado tinha o vento levado o Santa Maria.

Dessa questão dependia a perda ou a salvação dos náufragos.

Ora para achar a solução desse problema tornava-se preciso que o capitão procedesse a observações solares, caso o Sol não ficasse oculto por detrás de um lençol de névoas.

Felizmente o vento continuava a amainar e o céu tornou-se cada vez mais puro. Às nove horas o capitão conseguiu fazer uma boa observação e uma segunda ao meio-dia.

O resultado dos seus cálculos foi imediatamente comunicado aos passageiros, que souberam assim que o Santa Maria viera despedaçar-se um pouco ao sul do cabo Mirik, a 18 graus 37 de longitude oeste e 19 graus 15 de latitude norte, portanto a mais de trezentos e quarenta quilómetros da costa setentrional do Senegal!

Um raio caindo sobre os turistas não teria produzido maior assombro. Durante cinco minutos silêncio pesado esmagou o bando dos náufragos. As mulheres não soltaram um grito. Aterradas, olhavam para os homens, pais, irmãos ou maridos, dos quais esperavam uma esperança de salvação.

Mas a palavra de esperança não vinha. A situação era claríssima na dramática simplicidade, para que ninguém tivesse ilusões sobre a sorte que lhes estava reservada. Trezentos e quarenta quilómetros a transpor! Seriam precisos pelo menos dezassete dias, admitindo que uma caravana, em cuja composição entravam mulheres, crianças e doentes, fizesse vinte quilómetros por dia nesse solo arenoso. Ora seria possível que uma caravana pudesse seguir durante dezassete dias um litoral ordinariamente sulcado por bandos de ladrões?

No meio da desolação geral levantou-se uma voz: — Onde cem pessoas não passam, pode um homem passar...

Fora Roberto quem pronunciara estas palavras, dirigidas directamente ao capitão.

Os olhos deste brilharam e levantaram-se, inquiridores.

— Não pode um de nós partir como explorador? Se estamos a trezentos e quarenta quilómetros de São Luís; antes de São Luís há Portendick, e, entre Senegal e esta feitoria, estendem-se os gomeiros em que as tropas francesas fazem frequentes patrulhas. Até lá há, quanto muito, cento e vinte quilómetros que, em caso de necessidade, um homem isolado pode vencer. Basta levar portanto dois dias de víveres. Durante esse tempo os passageiros podem começar a seguir lentamente o litoral. Tendo um bocado de sorte, o vosso emissário pode em

quatro dias conduzir aqui uma escolta com cuja protecção nada se terá a temer. Se quiserem, ofereço-me para partir já.

— Pelas barbas de minha mãe! Isso é que é falar como homem! — exclamou o capitão Pip, apertando calorosamente a mão de Roberto. — Tenho, porém, de fazer uma observação: essa viagem diz-me respeito e é a mim que compete por direito.

— Labora num erro, comandante — objectou Roberto.

— E então porquê? — perguntou o capitão, franzindo o sobrolho.

— Primeiro — respondeu Roberto tranquilamente -, há a questão da idade. O senhor sucumbirá onde eu posso resistir.

O capitão aprovou com um gesto.

— Além disso, o seu lugar é entre aqueles de quem o senhor é guia e natural sustentáculo. Um general não corre aos postos avançados...

— Não — disse o capitão, apertando de novo a mão de Roberto -, mas manda lá os seus soldados mais escolhidos. Portanto, parta!

— Daqui a uma hora estarei de marcha — declarou Roberto, começando logo os preparativos da partida.

O capitão fora o único a protestar.

Nenhum dos passageiros, que não faziam profissão de heroísmo, pensou em disputar a Roberto a perigosa honra que ele reivindicara para si.

Rogério achou muito natural a resolução do seu amigo.

Também ele teria executado esse projecto se acaso o tivesse concebido. Um outro antecipara-se. Noutra ocasião seria a sua vez. Contudo propôs a Roberto partir com ele.

Mas aquele recusou e pediu-lhe, sem maiores explicações, que velasse por Alice, que julgava particularmente em perigo e a quem abandonava com pesar.

Rogério aceitou a missão e prometeu desempenhá-la fielmente.

Deste modo sentiu emoção deveras real quando Roberto, bem armado e provido de munições e de três dias de víveres, se decidiu a partir. Silenciosamente, os dois homens estreitaram as mãos.

Mas Roberto tinha outras despedidas mais cruéis a fazer. Estava ali Mrs. Lindsay e Roberto sentia o coração cheio de tristeza.

Se tão nobremente se oferecera em holocausto, não fora porque desconhecesse os perigos da empresa. Quantas probabilidades tinha de não tornar a ver aquela a quem nessa altura via com olhar apaixonado? Fazendo apelo a toda a coragem, teve forças para sorrir, inclinando-se respeitosamente diante da passageira americana.

Esta teve o cuidado de não pronunciar uma palavra de temor ou de saudade. Pálida e trémula, estendeu a mão firme àquele que talvez fosse morrer por todos.

— Obrigada — disse-lhe simplesmente -, até breve!

E na sua voz havia mais do que uma esperança, havia uma vontade, havia uma ordem.

— Até breve! — respondeu Roberto, aprumando-se, com a certeza súbita de obedecer.

Os naufragos, que permaneciam em roda do Santa Maria, seguiram por muito tempo com os olhos o corajoso correio. Viram-no afastar-se da praia, dizer adeus com a mão uma última vez. Poucos instantes depois desaparecia por detrás das dunas que bordavam a costa.

"Estarei aqui dentro de quatro dias" — afirmara Roberto. Quer dizer que estaria de volta no dia 13 de Julho. Mas não podiam esperar esse dia ao abrigo do navio encalhado, cuja

inclinação o tornava inabitável.

O capitão improvisou portanto um acampamento sumário na praia, com a ajuda de velas e estava terminado antes da noite e os naufragos puderam dormir sob a guarda de marinheiros armados, revestando-se aos quartos, como faziam a bordo.

O sono, porém, foi tardio em chegar nessa primeira noite sobre a costa semeada de emboscadas.

Mais de um viajante ficou até ao romper da madrugada com os olhos abertos na sombra, o ouvido atento ao menor estremecimento das tendas.

A noite foi para Mrs. Lindsay uma perpétua angústia. À dor que a acabrunhava vinha juntar-se uma nova inquietação, cuja causa era a ausência inexplicável do cunhado. Ao princípio não dera importância alguma a esta desapareição, aliás muito singular. Mas, com o decorrer do tempo, começara a inquietar-se. Debalde o procurara entre os grupos dos passageiros e dos criados. Jack permanecera invisível.

No meio da sombra e do silêncio da noite Alice não podia afastar o espírito deste pensamento. Quisera afugentá-lo, mas essa desapareição impunha-se-lhe à atenção, e alguma coisa, mais forte do que ela, associava no seu temor crescente os nomes de Jack e de Roberto.

A noite passou-se sem incidentes e ao romper o dia toda a gente estava a pé.

Alice, que fora a primeira a levantar-se, pôde logo verificar a exactidão das suas suspeitas. Enumerou uns após outros todos os naufragos. Decididamente, Jack Lindsay não estava ali.

Alice guardou silêncio sobre esta ausência, que a torturava.

Para que serviria falar nisso? Se era certo o mal, a esta hora estava já praticado, dizia, com a alma gelada por este pensamento.

Jack vivera sempre tão só, tinha-se sempre conduzido de maneira tão reservada e tão sombria desde o começo da viagem, que a sua ausência passava despercebida.

À excepção de Alice, nenhum dos naufragos, além disso assaltados por outros cuidados, notara essa ausência.

Durante o dia procedeu-se à descarga do Santa Maria. As caixas de biscoito e de conservas alinharam-se pouco a pouco na praia, onde foram dispostas numa espécie de trincheira.

O capitão Pip resolvera que esperariam naquele lugar o regresso de Roberto Morgand. Se admitia que lhe era possível levar consigo bastantes víveres para fazer a viagem, não encontrara solução alguma ao problema da água e esta dificuldade insuperável ditara-lhe a resolução tomada. Não possuíam nem cabaças, nem odres em número suficiente para preservar da sede um tão grande número de pessoas. E levar atrás da coluna tonéis de água era uma empresa irrealizável. Pelo contrário, ficando ali, bastava tirá-la dos tonéis, o que poderia fazer-se durante um mês, sem medo de os esgotar.

Não havia, portanto, imprudência em retardar a partida alguns dias. Se ao fim do tempo que fixara, Roberto Morgand não estivesse de volta, então conviria tomar, custasse o que custasse, um partido enérgico. Até lá as caixas de víveres e os tonéis cheios de água ou de álcool formariam uma muralha, apoiada no mar pelas suas duas extremidades e ao abrigo da qual um grupo tão numeroso estaria a salvo de qualquer surpresa.

Todo o dia se passou nesta descarga e nestes preparativos. A inclinação do Santa Maria complicava muito o trabalho e dobrava a dificuldade dos trabalhadores. Quando o Sol se pôs,

levantara-se a última tenda no meio de um entrincheiramento sem solução de continuidade.

Em virtude da segurança que a tranquilidade da noite anterior inspirava e que ainda aumentava pelas modificações feitas no acampamento, o capitão Pip autorizou na guarda da noite uma mudança, justificada pela excessiva fadiga da equipagem.

Em lugar de se renderem por turnos, apenas dois homens ficaram velando, substituídos de hora em hora por outros marinheiros.

Assim diminuiriam as probabilidades de ver as sentinelas sucumbirem ao sono. Além disso, bastavam dois homens para dar o alarme, com as novas disposições tomadas.

O capitão Pip fez sentinela às nove horas, em companhia do fiel Artimon. Daí a uma hora era substituído pelo imediato, rendido uma hora depois pelo mestre.

Antes de se retirar para o abrigo formado pelas caixas, o capitão lançou em torno um último olhar. Nada aparecia de insólito. O deserto estava tranquilo e silencioso e Artimon não manifestava a menor inquietação.

Depois de ter recomendado ao seu substituto vigilância rigorosa, o capitão entrou na tenda, onde já repousavam bastantes passageiros, e, exausto pela fadiga, adormeceu imediatamente.

Um sonho veio perturbar-lhe o sono. Há quanto tempo dormiria ele?

Nesse sonho via, sem lhe compreender a causa, Artimon agitar-se de um modo singular. O cão, depois de ter tentado em vão acordar o dono ladrando surdamente, introduzia o focinho debaixo do pano da tenda, e depois voltava a puxar o capitão pela aba do casaco. Mas o capitão dormia a bom dormir.

Então, Artimon não hesitou mais. Saltou sobre o corpo do seu amigo, lambeu-lhe o rosto rapidamente e, como esta manobra não desse resultado, chegou mesmo a morder-lhe uma orelha.

Desta vez o capitão abriu os olhos e reconheceu que o sonho era uma realidade. Pôs-se de pé num salto e dirigiu-se rapidamente para a entrada da tenda, conduzido e sacudido por Artimon.

Não teve tempo de lá chegar.

De súbito, Artimon ladrou furiosamente e, sem ter tempo de compreender o que se passava, o capitão, lançado por terra, viu, ao cair, os seus companheiros, despertados em sobressalto, mantidos por um bando de mouros, cujos burnus os faziam na sombra assemelhar a nuvem de fantasmas.

CAPÍTULO XXVIII

Em que a Excursão da Agência Thompson Ameaça Tomar Proporções Imprevistas

Ao longo da orla líquida, com que o mar borda a margem, contornando as dunas mais altas, transpondo as outras, Roberto Morgand segue com passo ligeiro e regular a direcção do sul. A fim de lhes levantar a coragem dissimulou aos companheiros a situação verdadeira. Mas, na realidade, não se engana. Precisa de vencer o mínimo de cento e sessenta quilómetros antes de chegar ao raio da influência francesa.

Cento e sessenta quilómetros representam em marcha contínua de seis quilómetros à hora três dias de viagem e de esforços à razão de dez horas de marcha cada dia.

Roberto resolveu fazer essas dez horas de marcha nesse mesmo dia. Tendo partido às três horas da tarde, não pararia senão à uma da manhã, para tornar a partir ao romper do dia. Assim ganharia vinte e quatro horas.

O Sol descaía no horizonte. Ainda é bastante claro, mas uma frescura eleva-se do mar e estimula a coragem do caminheiro que, desde as cinco horas, seguia o seu caminho obstinadamente. Antes de uma hora surgirá a noite e então a marcha será agradável sobre esta areia duraque oferece aos pés um elástico ponto de apoio.

Em torno de Roberto estende-se o deserto e a sua pungente tristeza. Nem uma ave, nem um ser animado nesta imensidade, que o seu olhar de tempos a tempos pode percorrer até ao horizonte, segundo a ondulação caprichosa das dunas. Sobre este deserto triste apenas alguns tufos de palmeiras indicam a vida latente da terra.

A tempestade cessou e a majestade da noite cai agora do imenso céu. Tudo é calmo e silencioso. Nenhum ruído corta este silêncio, a não ser o do mar, que canta despedaçando as vagas na praia.

De súbito, Roberto pára. Quer fosse ilusão ou realidade, o sibilar de uma bala faz vibrar o ar a dois centímetros dos ouvidos, seguido logo de seca detonação, rapidamente abafada pela grandeza do deserto sem eco.

Roberto volta-se de um salto e, a dez passos atrás dele, vê, com um misto de cólera e de angústia, Jack, que chegara até ali favorecido pelo tapete de areia que lhe abafara os passos, de joelhos em terra, visando-o.

Sem perder um instante, Roberto lança-se sobre esse assassino, sobre esse cobarde.

Esse movimento é detido por um choque. Sente uma dor fulgurante no ombro e cai para a frente como pesada massa, com o rosto enterrado na areia.

Jack Lindsay, concluída a sua obra, afasta-se rapidamente. Nem mesmo se dá ao trabalho de verificar a morte do seu inimigo. Demais, para que serviria isso?

Naquele deserto não era a mesma coisa estar ferido ou morto? De qualquer modo o emissário dos naufragos não chegaria ao fim da sua viagem e o socorro não viria.

Ter detido o correio dos seus companheiros de infortúnio já era alguma coisa, mas não era tudo.

Para que Jack Lindsay se tornasse senhor de um deles era necessário que todo o bando caísse em seu poder.

Jack Lindsay desapareceu por detrás de um movimento de dunas, prosseguindo a obra começada. Roberto-cadáver-ou— ferido? — jaz na areia. Decorrera uma noite, o Sol descrevera no céu a sua curva diurna até à queda no horizonte e depois uma segunda noite começara e ia já findando, porque o oriente tingia-se de vaga claridade, desde que Roberto caíra nesse lugar.

Durante essas longas horas, nem um só movimento mostrara que lhe resta ainda um sopro de vida.

Demais, se vive, o Sol, lançando sobre ele pela segunda vez os seus raios inflamados, vai marcar-lhe o último dia de existência.

Mas alguma coisa mexe perto do corpo imóvel. Um animal, cuja espécie ninguém poderia reconhecer na sombra ainda espessa, agita-se e cava a areia sobre a qual repousa o rosto de Roberto. Já o ar pode chegar livremente até aos pulmões, se ainda têm a faculdade de respirar.

O resultado desta mudança não se fez esperar.

O intérprete solta alguns gemidos confusos, e depois tenta levantar-se. Uma dor cruel no braço esquerdo arremessa-o arquejante no solo.

Contudo, teve tempo de reconhecer o seu salvador.

— Artimon! — suspira, quase a tornar a desmaiar.

Ouvindo o seu nome, Artimon responde com latidos delirantes. Multiplica-se, agita-se. A língua húmida e tépida passeia pelo rosto do ferido, a quem desembaraça da amálgama de areia e suor que aí se acumulou.

A vida afluí ao coração de Roberto. O sangue agita-se nas artérias, as fontes batem, as forças voltam a galope.

Ao mesmo tempo renasce-lhe a memória e lembra-se das circunstâncias em que se deu a queda.

Desta vez com precauções, renova os seus esforços e depressa consegue pôr-se de joelhos. Depois arrasta-se até à borda do mar, e a frescura da água acaba de o reanimar. O dia clareou completamente. À custa de mil sofrimentos, consegue despir o casaco e examinar a ferida.

A bala achatou-se na clavícula sem a quebrar e caiu à primeira tentativa. A terrível dor que Roberto sentira fora apenas causada pelo esmagamento de um nervo, e o desmaio foi prolongado pela perda de sangue e pela diminuição da respiração motivada pela areia. Roberto compreendeu tudo isto com lucidez e metodicamente cobre a ferida com um lenço molhado em água salgada. Foi-lhe voltando a elasticidade ao membro magoado. Se não fosse a fraqueza que ainda o prostrava, Roberto seria capaz de continuar a viagem.

É preciso dominar essa fraqueza, e o intérprete procede imediatamente à sua primeira refeição, refeição que reparte irmamente com Artimon.

Mas Artimon parece aceitar com pesar o alimento que lhe é oferecido.

Vai e vem, agitado por evidente inquietação. Por fim o seu companheiro, impressionado com estas atitudes insólitas, pega no cão, fala-lhe, acaricia-o. e de súbito vê um papel na coleira do animal.

"Campo invadido. Feitos prisioneiros de mouros. Pip".

Eis a terrível notícia que Roberto recebe logo que abre febrilmente o bilhete.

Prisioneiros dos mouros! E por consequência Alice também! Rogério! E Dolly!

Num instante Roberto empacota o resto dos víveres. Põe-se de pé, já não há tempo a perder. Tem de andar: andar. O alimento absorvido dá-lhe a força que decuplica a vontade.

— Artimon! — diz Roberto, pronto para a partida.

Mas Artimon já lá não está e Roberto, olhando em volta de si, apenas vê um ponto imperceptível que se afasta, diminuindo velozmente ao longo do mar. O cão que, tendo desempenhado a sua missão, vai dar conta dela a quem o enviou. Com a cabeça baixa, a cauda entre as pernas, o dorso abaulado, corre, sem descanso, sem distração, com toda a velocidade das suas patas, ao encontro do dono.

— Valente animal! — murmurou Roberto, pondo-se em marcha.

Maquinalmente, lança um olhar para o relógio e vê com surpresa que parou na uma hora e trinta e cinco minutos. Da manhã ou da tarde? Recorda-se de lhe ter dado corda pouco antes do traiçoeiro ataque de Jack Lindsay. O seu pequeno coração de aço batera uma noite, depois um dia inteiro e somente na noite imediata é que cessara o tique-taque regular. Pensando nisto, Roberto sente bagas de suor gotejarem-lhe na fronte. Deste modo teria estado imobilizado durante perto de trinta horas! Caído na noite de 9 de Julho, apenas voltara a si na manhã de 11. Que irá acontecer àqueles que têm esperança nele?

Mas isso é mais uma razão para se apressar e Roberto estuga o passo, depois de ter acertado o relógio pelo Sol, que indica aproximadamente cinco horas da manhã.

Caminha assim até às onze horas, depois concede a si mesmo um breve repouso e adormece num sono reparador, com a cabeça à sombra de um tufo de palmeiras anãs. Esse sono fez-lhe bem. Quando acorda, às quatro horas, volta a sentir-se enérgico e forte.

Parte e não torna a parar senão às dez horas da noite.

São doze horas de marcha, durante as quais vence pelo menos setenta quilómetros.

No dia seguinte recomeça e caminha sempre, sem cessar. Mas este dia foi mais extenuante que o da véspera. A fadiga acabrunha o corajoso caminheiro.

A febre assalta-o com acessos violentos e a ferida faz que sofra cruelmente.

Depois da sesta do meio-dia já lhe custa pôr-se em marcha. Contudo vai deixando atrás de si os quilómetros, cada um dos quais é um suplício a juntar aos precedentes.

Finalmente, no crepúsculo, aparecem massas de arvoredos confusas. Roberto atinge essas árvores, cai esgotado ao pé de uma delas e adormece pesadamente.

Quando acorda, o Sol já vai alto no horizonte. É o dia 13 de Julho e Roberto censura-se de ter dormido tantas horas. É tempo perdido que se torna necessário reaver.

Ah! Como há-de reavê-lo com essa fraqueza que o prostra? As pernas são trémulas, a língua seca, a cabeça pesada. A febre devora-o. O braço está imobilizado na articulação do ombro. Que importa! Se não puder caminhar de pé, irá de joelhos.

À sombra do gomeiro, junto do qual se estendeu na véspera, Roberto obriga o estômago revoltado a receber alimento. É necessário comer para ser forte e devora com firmeza o seu último bocado de biscoito, e bebe a sua última gota de água.

Agora não tornará a parar antes de ter alcançado o fim.

São duas horas da tarde. Tendo partido às seis horas da manhã Roberto prossegue sem descanso o interminável caminho.

Já há muito tempo que compreendeu que se arrasta e que apenas vence um quilómetro por hora. Não importa! Continua sempre, tendo resolvido lutar enquanto lhe restar um sopro de

vida. Mas a luta torna-se impossível. Os olhos do infeliz agitam-se e um caleidoscópio inteiro dança diante das suas pupilas dilatadas. As pulsações do coração diminuem de força e espaçam-se.

O ar falta-lhe no peito. Roberto pouco a pouco sente-se escorregar ao longo do gomeiro a que se tinha encostado desesperadamente.

Neste momento — é naturalmente uma alucinação da febre — julga ver passar debaixo das árvores um grupo numeroso. Vê brilhar espingardas. E a brancura das barretinas de cortiça reflecte aos raios do Sol.

— Acudam! acudam! — grita Roberto.

A própria voz lhe falta. Se a tropa, que julga ver, existe, nenhum daqueles que a compõem, e que prosseguem imperturbavelmente o seu caminho, o ouviu.

— Socorro! — murmurou ainda Roberto, caindo enfim no solo, definitivamente vencido.

Esse momento em que Roberto sucumbia assim sobre a ardente terra de África era precisamente aquele que fixara para o regresso. Os náufragos não tinham esquecido o rendez-vous por ele dado, e contaram as horas esperando a salvação.

Nenhuma mudança sensível se operara na situação de todos desde que tinham caído em poder dos mouros. O campo estava ainda no seu lugar junto do Santa Maria.

Assim que o capitão Pip compreendeu que nova desgraça feria o rebanho humano de que tinha assumido a guarda, não tentou a resistência inútil. Docilmente, deixou-se amalhar com todos os outros na multidão compacta, encerrada num tríptico círculo de africanos armados. Nem mesmo conheceu a cólera contra os dois marinheiros que estavam de sentinela, quando do assalto, e que tão pouco eficientemente se haviam desempenhado da sua missão. O mal estava feito. Para que serviria recriminá-los?

O capitão Pip indagou unicamente se, nesta situação desesperada, não poderia fazer alguma coisa de útil para a salvação geral.

Pareceu-lhe logo que seria bom relatar a Roberto os últimos acontecimentos, se existisse meio de lhe fazer chegar essa comunicação. Ora o comandante tinha esse meio à sua disposição e resolveu empregá-lo imediatamente.

Rabiscou, na sombra, um bilhete e prendeu-o à coleira de Artimon, dando-lhe gravemente um beijo no focinho. Depois de lhe ter feito cheirar um objecto pertencente a Roberto, pôs o animal no chão e indicou-lhe a direcção do sul.

Artimon partiu como flecha e em menos de um segundo desapareceu nas trevas.

O capitão fizera um grande sacrifício. Expor assim o cão!

Preferiria ter-se sacrificado pessoalmente aos perigos que o animal ia correr! Mas não tinha hesitado, julgando indispensável fazer conhecer a Roberto esses acontecimentos que talvez fossem modificar os projectos que fizera.

As últimas horas da noite foram penosas para o capitão, cujo pensamento corria com o cão ao longo das praias batidas pelo Atlântico.

Quando o dia rompeu, pôde-se avaliar toda a extensão do desastre. O campo estava devastado, as tendas deitadas à terra; as caixas da trincheira, despedaçadas, deixavam ver o conteúdo. Tudo o que pertencia aos náufragos estava empilhado, representando a presa do vencedor.

Para lá do campo o espectáculo era ainda mais triste. Sobre a areia, beijada pela luz da aurora, apareciam na sombra dois corpos estendidos e nesses dois cadáveres o capitão

reconheceu, suspirando, os dois marinheiros a quem felizmente não tinha acusado no íntimo. No meio do peito de ambos, quase no mesmo lugar, estava um punhal enterrado até ao cabo.

Logo que o dia clareou completamente, notou-se certa agitação entre os africanos.

Em breve um deles, sem dúvida o xeque, se afastou dos outros e se dirigiu para o grupo de náufragos. O capitão caminhou logo ao encontro dele.

— Quem... és tu? — perguntou o xeque em mau inglês.

— O capitão.

— Eras o chefe desta gente?

— Apenas dos marinheiros. Os outros são passageiros.

— Passageiros? — repetiu o mouro com ar indeciso. — Leva contigo os que te obedecem.

Quero falar aos outros — ajuntou depois de momentos de silêncio.

Mas o capitão não se mexeu. Atreveu-se mesmo a perguntar tranquilamente: — Que queres fazer de nós?

O mouro fez um gesto evasivo.

— Sabê-lo-ás dentro em pouco — disse. — Vai-te.

O capitão executou a ordem, sem insistir mais. Daí a pouco ele e os seus homens formaram um grupo separado do dos viajantes.

O xeque começou a passar lentamente pelo meio destes, interrogando-os uns após outros, com insistência estranha. Quem era? Como se chamava? Qual era o seu país? A sua fortuna? Deixara atrás de si família?

Era um verdadeiro questionário, que repetia sem cessar, e a que cada um respondia a seu modo, uns dizendo a verdade, outros elevando a sua posição social, outros fazendo-se mais pobres do que eram.

Quando chegou a vez das passageiras americanas, Rogério respondeu por elas e pensou andar bem dando-lhes a maior importância possível. Segundo o seu modo de pensar era esse o melhor meio de lhes salvar a existência. Mas o xeque interrompeu-o logo às primeiras palavras, dizendo com brutalidade: — Não estou falando consigo. Estas mulheres são mudas?

Rogério ficou um pouco embaraçado.

— És irmão? pai? marido de qualquer delas?

— Esta é minha mulher — atreveu-se Rogério a afirmar designando Dolly.

O mouro fez um gesto de satisfação.

— Bem! Aquela?

— Irmã desta — respondeu Rogério -, Ambas são de elevada categoria no seu país.

— Elevada categoria? — insistiu o mouro, para quem estas palavras pareceram vazias de sentido.

— Sim, são rainhas.

— Rainhas? — repetiu mais uma vez o xeque.

— Enfim, o pai delas é um grande chefe — explicou Rogério à força de imagens.

Esta última palavra pareceu produzir o efeito desejado.

— Sim! Veneral, general — traduziu livremente o mouro, com ar satisfeito. — E como se chama a filha do grande chefe?

— Lindsay — respondeu Rogério.

— Lindsay! repetiu o mouro, parecendo deleitar-se com a consonância destas sílabas, deleite cuja causa era misteriosa.

— Lindsay! Bom! — acrescentou, passando ao prisioneiro seguinte, não sem dirigir um gesto amável a Rogério de Sorgues e às suas duas protegidas.

O prisioneiro seguinte era Thompson. Como estava diminuído de importância o infortunado Administrador-geral! Agora de uma timidez proporcional à sua antiga exuberância, Thompson fazia-se tão pequeno quanto possível.

— Que trazes aí? — perguntou-lhe o xequê bruscamente.

— Aqui? — balbuciou Thompson, titubeante.

— Sim... nesse saco. Dá-mo! — ordenou o mouro, deitando a mão à preciosa bolsa que o Administrador tinha em bandoleira.

Este fez instintivamente um movimento de recuo. Dois africanos lançaram-se logo sobre ele e Thompson viu-se aliviado do seu querido fardo, sem que ousasse prolongar por mais tempo uma resistência inútil.

O xequê abriu a bolsa conquistada. Os olhos brilharam-lhe de prazer.

— Bom! Muito bom! — exclamou ele.

Absolutamente aniquilado, o prisioneiro não era da mesma opinião. Fazendo séquito a Thompson, como era de justiça, arredondava a sua vasta corpulência Van Piperboom — de Roterdão. Não parecia nada perturbado. Reduzia a fumo, tranquilamente, enormes quantidades de tabaco, abrindo curiosamente os pequenos olhos para o que se passava em roda dele.

O xequê observou durante muito tempo com evidente satisfação esse gigante louro. Por fim perguntou: — Como te chamas?

— Ik begryp niet wat. U wau my wilt Mynheer ae Cheik, maar ik verondenstel dat u vensch te weten welke myu naam is en uit welk land ik ben. Ik ben de Heer Van Piperboom, em woom te Rotterdam, een der voornaamste steden van Nederland.

O xequê arrebitou as orelhas.

— Como te chamas? — insistiu.

— Ik ben. de Heer Van Piperboom nit Rotterdam — repetiu Van Piperboom, acrescentando melancolicamente: — Overigens, waartoe dent het, u dit te zeggeiu? Het is blykbaar, dat ik toch maar Hebreenwsch voor u spreck zooals ik dit voor de anderen ock doe.

O xequê encolheu os ombros e continuou o seu giro, sem se dignar responder ao gracioso cumprimento do incompreensível holandês.

Não se cansava de repetir as mesmas perguntas. Fazia-as a todos, escutando atentamente as respostas.

Contudo, quer fosse por inexplicável distração, fosse de propósito, houve um a quem se esqueceu de interrogar. Esse passageiro era Jack Lindsay.

Alice, seguindo com os olhos a fila dos náufragos, ficou surpreendida vendo seu cunhado confundido com os outros e notou com inquietação que ele não fora submetido à regra comum.

A ausência de Jack Lindsay, o seu regresso e a indiferença do xequê mouro formavam um conjunto de factos que lançou na alma de Alice perturbação tal que lhe foi necessária toda a energia para a dominar.

Acabado todo o interrogatório, o xequê ia retirar-se para junto dos seus quando o capitão Pip lhe impediu audaciosamente a passagem.

— Podes agora dizer-me o que pretendes fazer de nós? — perguntou-lhe de novo com fleuma que nada poderia alterar.

O xequê franziu os sobrolhos e depois, reflectindo, abanou a cabeça com negligência.

— Sim — disse ele. — Será dada a liberdade àqueles que puderem pagar o resgate.

— E os outros?

— Os outros!... — Repetiu o mouro.

Com um gesto largo mostrou o horizonte.

— A terra de África tem necessidade de escravos. Os novos têm força e os velhos saber.

Houve uma explosão de desespero entre os náufragos. Eis portanto o que os esperava: a morte ou a ruína!

Alice, no meio do abatimento geral, conservava intacta uma coragem extraída da sua absoluta confiança em Roberto. Este havia de atingir os postos avançados franceses. A hora marcada libertaria os seus companheiros do naufrágio. Para ela não havia dúvidas acerca deste ponto.

Uma certeza possui naturalmente uma grande força de persuasão e a sua fé entusiástica fez renascer um pouco de esperança nessas almas deprimidas.

Qual não teria sido a sua confiança, já tão completa, se tivesse estado no lugar do capitão Pip!

Às oito horas da manhã, este, com uma alegria desordenada, cuidadosamente reprimida, vira regressar Artimon. O seu regresso passara tão despercebido como a partida.

Demais, Artimon estava longe de ser irracional. Em lugar de entrar no acampamento a galope doido, girara muito tempo em torno do campo, fingindo-se despreocupado antes de entrar cautelosamente. Porque haviam os mouros de ficar inquietos por verem aquele cão preparar-se para dar um passeio matinal?

O capitão agarrou avidamente no cão e, levado pela comoção que lhe enchia o peito, gratificou o inteligente animal com uma carícia semelhante àquela com que o tinha reconfortado à partida e a que não o tinha acostumado. Com um olhar rápido verificara a desapareção do bilhete, chegado por consequência ao seu destino, e desse facto tirara conclusões favoráveis para o desenlace da aventura.

Mas logo a alegria lhe foi turvada por outra reflexão. Artimon, tendo partido à uma hora e voltado às oito da manhã, levava sete horas a vencer, ida e volta, a distância que separava os náufragos de Roberto Morgand. Quer dizer que este depois de dia e meio de viagem afastara-se quando muito trinta quilómetros.

Havia nisso um mistério próprio para atormentar a alma do mais equilibrado, mistério que o capitão teve o cuidado de não comunicar aos seus companheiros.

Estes, pouco a pouco confortados, alimentavam lentamente a esperança que não abandona a alma humana senão com a vida, e os dias 12 e 13 de Julho passaram-se facilmente.

Os mouros empregaram esses dias a esvaziar o Santa Maria e mesmo a desmontar tudo aquilo que era desmontável. Os bocados de ferro, utensílios, parafusos e cavilhas constituíam para eles outros tantos tesouros inapreciáveis, que se elevavam na praia, num montão cada vez maior, para ser ulteriormente distribuído pelos naehara do bando.

No dia 14 de Julho, acabado esse trabalho, os mouros começaram uma série de preparativos que anunciavam partida próxima. Evidentemente seria preciso abandonar a praia no dia seguinte, se até aí não tivessem sido libertos.

Esse dia pareceu imenso para os infelizes náufragos. Roberto, segundo a sua promessa, devia ter chegado na véspera à tarde.

Ainda que se fizessem entrar em linha de conta todas as dificuldades de uma tal viagem, esse atraso começava a tornar-se anormal. À excepção do capitão, que não queria entrar em explicações e deixava os companheiros perscrutar o horizonte do sul, todos se mostravam surpreendidos, começaram a irritar-se e alguns houve que se não constrangeram em acusar Roberto. Por que razão não estaria ele de volta? Naturalmente, como já estava em segurança, não era tão tolo que se expusesse a novos perigos.

A alma de Alice não conhecia essa ingratidão e essa fraqueza.

Nem mesmo o assaltara a suspeita de Roberto ter traído os seus companheiros. Morto? Talvez. Mas logo alguma coisa nela protestava contra a possibilidade de uma tal hipótese, e, por tê-la admitido um instante, a sua confiança, inquebrantável e soberba na felicidade e na vida, tornava-se ainda mais forte.

Apesar disso, todo o dia 14 se passou sem dar razão ao seu optimismo e o mesmo aconteceu na noite seguinte. A aurora do dia 15 de Julho rompeu sem que se produzisse a mínima mudança na situação dos náufragos.

Ao nascer do dia os mouros carregaram os camelos e às sete horas da manhã o xeque deu o sinal de partida. Era necessário resignarem-se a obedecer, conduzidos por um pelotão de cavaleiros na vanguarda e uma fileira de mouros de cada lado.

Entre a dupla fileira dos seus carcereiros, prisioneiros e prisioneiras seguiam a pé numa única linha, presos uns aos outros por comprida corda que lhes rodeava os pescoços e lhes apertava os pulsos. Era impossível deste modo qualquer evasão, admitindo que o mortífero deserto que os rodeava não fosse barreira suficiente.

O capitão Pip, que ia na frente, deteve-se resolutamente logo aos primeiros passos e, dirigindo-se ao xeque, perguntou com firmeza: — Aonde é que nos conduzes?

Por única resposta o xeque levantou a moca e bateu com ela no rosto do prisioneiro.

— Anda, cão! — gritou.

O capitão, com o rosto a escorrer sangue, não se movera. Com a mesma fleuma, repetiu a pergunta.

O chicote levantou-se de novo. Mas, vendo a enérgica fisionomia do prisioneiro e a longa fila dos náufragos que era necessário conduzir e cuja revolta não deixaria de lhe criar sérios embaraços, o xeque abaixou a arma ameaçadora e respondeu, enquanto o capitão, satisfeito, consentia em continuar a marcha: — A Tonbuctu!

CAPÍTULO XXIX

Onde Alice Salda a sua Dívida

A Tombuctu!

Isto é, a essa cidade onde parecem centralizar-se todos os mistérios da misteriosa África, a essa cidade de portas infranqueáveis durante séculos e que, alguns meses mais tarde, deviam abrir-se ante as tropas francesas.

Mas o mouro não podia prever o futuro e conduzia os prisioneiros ao centro lendário de todas as transacções do deserto, ao grande mercado dos escravos.

Na realidade era pouco provável que ele próprio os conduzisse ao seu destino. Os salteadores do deserto, que infestavam as costas da África, raramente se afastavam muito do mar. O mais natural era que o bando mouro, como de costume, vendesse a meio caminho os seus prisioneiros a qualquer caravana de Tuaregues, sob cuja guarda acabariam a viagem.

Mas este pormenor era apenas de mínima importância para os miseráveis náufragos. Essa viagem, quer fosse debaixo da guarda de um xeque mouro ou de um xeque targui exigiria pelo menos dois meses e meio, visto haver a percorrer mil e quinhentos quilómetros. Quantos chegariam ao seu destino? Quantos salpicariam com os ossos brancos o longo caminho, onde já tantos se misturam com a areia ardente?

O primeiro dia não pareceu naturalmente muito penoso. Os náufragos tinham descansado e a água era abundante e sã. Mas o mesmo não aconteceria já quando a sucessão das léguas fizesse sangrar os pés fatigados e magoados, quando já não houvesse, para matar a sede produzida por um sol de fogo, senão água corrompida e exiguamente distribuída.

Pelo menos Hamilton e Blockhead não chegariam a conhecer essas torturas e livrar-se-iam delas pela morte. Mal curados ainda da febre e no começo da convalescença, não teriam forças para suportar a viagem. De manhã tinha-lhes custado a fazer a primeira caminhada e deixaram-se cair como massas no momento da sesta. Mas à tarde o caso mudou de figura. Os membros, entorpecidos, recusaram-se a accionar e, ao cabo de alguns quilómetros, tornou-se-lhes impossível dar mais um passo.

A partir deste instante começou para eles e para os seus companheiros um martírio incessante.

Caindo quase a cada passo que davam, levantando-se para tornarem a cair, eram arrastados pelo resto da coluna.

À noite, à hora do alto definitivo, pareciam mais cadáveres do que seres vivos e ninguém pôs em dúvida que o dia seguinte fosse o último da vida de ambos.

Felizmente os outros passageiros suportavam melhor a provação. À frente, como já se disse, caminhava o capitão Pip, um pouco desorientado no meio dessas dunas semelhantes a vagas que um navio não pudesse romper com a proa. Continuará ainda a ter esperança? Era provável, porque um carácter dessa ténpera não podia, em circunstância alguma, ser acessível ao desespero. O rosto, tão imóvel e frio como de costume, não dava nenhuma indicação a este respeito. Acrescia ser desnecessário dá-la. Bastava o seu aspecto para reanimar o coração mais cobarde.

A ferida da frente tinha secado apenas com o sol. O sangue, que corra abundantemente, manchara-lhe o bigode, o peito e os ombros. Alguns teriam apresentado assim aspecto terrível. Mas o do capitão apenas indicava invencível vontade. Caminhava à frente dos marinheiros com passo firme como era a alma e bastava vê-lo para qualquer se sentir confortado pela sua energia e pela sua tenaz esperança.

Depois do último diálogo com o xeque não tinha pronunciado vinte palavras e ainda essas raras confidências tinham sido feitas exclusivamente ao fiel Artimon, que, de língua pendente, caminhava ao lado do dono.

— Master! — dissera primeiro o capitão, com voz cheia de ternura, que o cão soubera perfeitamente apreciar.

Depois de ter entortado os olhos de maneira assustadora e escarrando com desprezo na direcção do xeque, dissera, no tom de voz mais afirmativo: — Master! Estamos metidos nuns bons assados, pelas barbas de minha mãe!

E Artimon sacudiu as compridas orelhas, como se fosse obrigado a penosa concordância.

Depois o capitão não tornara a abrir a boca. De espaço a espaço, o homem olhava para o cão, o cão olhava para o homem — e era tudo.

Mas quantos discursos não valiam esses olhares!

No descanso, Artimon sentou-se nos quartos traseiros quando o dono se estendeu na areia, dividindo com o cão a magra refeição e a água, que foi parcimoniosamente distribuída.

Depois do capitão, vinha o estado-maior, a tripulação e os diversos criados do defunto Seamew, seguindo-se numa disposição que nada tinha de hierárquica. Em que pensariam eles? Em qualquer circunstância, subordinaram as suas opiniões pessoais à do comandante, que tinha por dever pensar por todos. Enquanto o chefe tivesse confiança, eles não desesperariam. Se lhes desse ordem para procederem estariam prontos, qualquer que fosse a ocasião.

Ao último marinheiro sucedia o primeiro passageiro, a que fazia séquito a longa fila dos seus companheiros. A maior parte das mulheres chorava ou lamentava-se a meia voz e ainda mais as esposas e filhas de Hamilton e de Blockhead que assistiam impotentes à agonia dos pais e dos maridos.

Os homens mostravam-se em geral mais firmes, traduzindo cada um a sua energia na forma peculiar ao seu carácter. Se Piperboom tinha fome, Johnson tinha sede. Se o clergyman Cooley achava na oração socorro eficaz, Baker, pelo contrário, não desarmava e não cessava de mastigar as ameaças mais terríveis. Quanto a Thompson, com a morte no coração, apenas pensava na bolsa que lhe tinham empalmado.

Rogério ainda tinha forças para se mostrar irónico. Colocado perto de Dolly, encarniçava-se em levantar o moral da donzela, fazendo-a rir pelo contágio da alegria heroicamente simulada.

Primeiro, abordando o seu assunto habitual, gracejara com o imprevisto desta viagem.

No fim de contas era um espectáculo cómico o dessa gente que, partindo para uma pequena excursão à Madeira, estava prestes a transformar-se em exploradora do deserto! Como Dolly parecesse não perceber toda a subtilidade desse cómico um pouco especial, Rogério, obstinado e jurando fazer esquecer à jovem as tristezas do caminho, entrara ousadamente no vasto campo do calemburgo. Então foi um fogo vivo de disparates mais ou menos hilariantes, de palavras mais ou menos bem achadas, para as quais tudo era bom, o xeque, os mouros, o Saara o céu e a terra, até que uma fresca gargalhada o veio recompensar de tantos esforços. Rogério

concluiu então que nada daquilo era sério, que o assalto desses bandidos, a tão pequena distância do Senegal, era uma loucura, que a coluna seria liberta o mais tardar no dia seguinte e que em caso de necessidade se libertariam por si próprios.

Como é que Dolly não havia de ter confiança em afirmações tão consoladoras? Acaso Rogério gracejaria de ânimo tão leve, se a situação fosse realmente grave? Demais, bastava olhar para sua irmã para que se lhe dissipassem as últimas inquietações.

Alice não gracejava, porque não era esse o seu feitio, mas no rosto brilhava a serenidade da sua alma. Apesar da partida da caravana, apesar do tempo que ia decorrendo, apesar de tudo, não duvidava da libertação. Sim, Rogério tinha razão para afirmar que essa salvação chegaria, e tudo isso era apenas uma triste prova sem duração.

Sentida e levada por estas duas vontades, Dolly ignorava o que era o desânimo e quando à noite adormeceu ao abrigo de uma tenda, que o xeque, por motivos só por ele conhecidos, mandara armar especialmente para as duas prisioneiras, Dolly tinha a certeza de despertar no dia seguinte em liberdade.

Apesar disso a aurora acordou-a ainda prisioneira. Os salvadores esperados não tinham vindo durante a noite e começava um novo dia que ia interpor mais quilómetros entre os naufragos e o mar.

Nesse dia, com grande espanto dos viajantes, o sinal de partida não foi dado à hora do da véspera. O Sol elevou-se no horizonte e atingiu o zénite, sem que fosse feito nenhum preparativo de partida.

Qual seria a causa deste alto imprevisto assim prolongado? Todas as suposições eram permitidas sobre este ponto de vista, mas apenas Alice possuía os elementos de uma hipótese plausível.

Tendo acordado antes de todos, nessa mesma manhã vira Jack Lindsay e o xeque em conciliábulo. Jack, escutado pelo xeque com essa calma peculiar aos orientais, falava com a máxima animação de que o seu carácter sombrio era susceptível. Evidentemente procurava provar qualquer coisa. Não obstante, o xeque e ele pareciam ser os melhores amigos do mundo e, por mais inverosímil que fosse, Alice tinha a impressão de que já se conheciam havia muito tempo.

E na verdade a sua perspicácia não a enganava. Sim, o xeque e Jack Lindsay conheciam-se.

Depois de ter visto cair Roberto, Jack, que, não podendo prever a intervenção de Artimon, considerara morto o seu inimigo, apressara-se a prosseguir na realização do plano que forjara.

Este Plano era de monstruosa simplicidade.

Como lhe era impossível atingir isoladamente a cunhada, muito bem protegida no meio dos companheiros, sem ele próprio se expor a represálias, feriria todos os naufragos. Em consequência dessa resolução começara por suprimir Roberto. Depois, tendo tornado impossível deste modo a chegada de qualquer socorro, aventurara-se no deserto em busca de aliados. Com certeza (ainda que tivesse de caminhar durante alguns dias) encontraria um bando de salteadores nessa costa percorrida por grupos de mouros atraídos pelos naufrágios como os corvos pelas batalhas.

Não teve de esperar muito tempo. No dia seguinte à tarde, assaltado de improviso por alguns mouros OuladDelim, fora arrastado à presença do xeque, com quem agora conversava, reduzido a um cativo que lhe enchia completamente as medidas.

Às perguntas deste OuladDelim, que compreendia alguma coisa de inglês, Jack respondeu com a melhor vontade deste mundo.

Disse que se chamava Jack Lindsay, acrescentando que a pouca distância desse lugar se achava um grande número de europeus, entre os quais a sua própria mulher, que, sendo riquíssima, de boa vontade pagaria grande resgate para a comum salvação dela e do marido.

Postos deste modo na pista dos náufragos, os mouros tinham invadido o campo e Rogério confirmara com a melhor das intenções os primeiros esclarecimentos dados por Jack Lindsay. Assim se explicava a satisfação do xeque ouvindo o nome de uma das suas prisioneiras e a nova afirmação da riqueza da sua família. Assim se explicava também que ele tivesse depositado suficiente confiança nas afirmações do pretendido marido, para se sentir abalado com as observações que o patife se arriscava a fazer-lhe no segundo dia de viagem, a ponto de prolongar a paragem durante um dia inteiro.

Pacientemente, Jack Lindsay dirigia-se para o fim que tinha em vista. Apenas lhe seria proveitoso o ter feito cair a caravana no poder dos mouros se conseguisse recuperar a liberdade.

Arriscara-se portanto a provar ao xeque a falta de lógica da sua conduta. Tinha-lhe demonstrado que, se conduzisse todos os náufragos para Tombuctu, ninguém teria a possibilidade de lhe pagar os resgates em que ficasse a liberdade de cada passageiro. No que particularmente dizia respeito a sua mulher, capaz de pagar uma soma considerável, como havia ela de alcançar, se não podia comunicar com a América e a Europa? Não seria até mais natural que um dos passageiros, e de preferência ele, fosse levado debaixo de escolta até às possessões francesas, onde se lhe tornaria fácil embarcar? Então apressar-se-ia em reunir o resgate de sua mulher e ao mesmo tempo o dos outros náufragos, depois voltaria a um lugar previamente fixado, por exemplo à Tripolitana ou a Tombuctu ou a outra qualquer parte, para entregar as somas convencionadas, em troca da liberdade de todos.

Jack Lindsay fizera valer, por todas as formas possíveis, essas observações, na realidade muito justas, e tivera a alegria de as ver bem acolhidas. O xeque decidira que a caravana descansasse durante todo esse dia, que deixou para fixar os resgates dos mais diversos prisioneiros.

Jack Lindsay estava quase no fim dos seus projectos. Mas as quantias, que dizia iria buscar, nem mesmo as procuraria. Os náufragos que se arranjassem como pudessem. Contentar-se-ia simplesmente em ir para a América, onde, cedo ou tarde, procuraria fazer reconhecer a morte da cunhada e herdar portanto, embora à custa de algumas irregularidades, que a habilidade, que se ufanava, saberia tornar impunes.

Certamente não lhe sorria muito a ideia de deixar atrás de si tantos acusadores possíveis, se algum dia conseguissem recuperar a liberdade. Mas não tinha por onde escolher. Demais, pode acaso fugir um prisioneiro, guardado pelos ferozes africanos pelo deserto ainda mais feroz levantava-se diante de Jack uma última dificuldade. Se quisesse partir sem embaraços, era necessário para que a partida se efectuasse com o consentimento geral. Com efeito, o xeque ia informar os náufragos da quantia que fixara para cada resgate, e dizer-lhes o nome do emissário escolhido. Jack devia pois desempenhar até ao fim o papel da dedicação, fazer todas as promessas e aceitar todas as cartas, que lançaria fora na primeira ocasião favorável. Nisto não havia dificuldade alguma, porque Jack julgava, e com razão, que os seus companheiros não tinham motivo de suspeitar dele.

Infelizmente, quando julgava tudo isto muito simples, não pensara na cunhada. Também era necessário o consentimento desta, era até mesmo o principal. Conseguiria Jack obtê-lo?

E porque não? Contudo, preocupava-se lembrando o modo como Alice recusara o seu nome, e, pensando na cena do Curral das Freiras, sentia surda inquietação.

Em todo o caso, era necessária uma explicação entre Alice e ele. Todavia, a sua hesitação era tal que durante todo esse dia de descanso recuou diante da entrevista.

Quando se decidiu a fazê-lo era já noite.

Enfim, transpôs o limiar da tenda onde a cunhada se refugiara.

Alice estava só. Com a frente encostada à mão, pensava, apenas alumada por uma lamparina de azeite, cujo clarão fumarento se perdia antes de chegar às paredes da tenda.

Ao ouvir Jack, levantou-se bruscamente e esperou que ele se dispusesse a dar a razão da visita. Mas Jack estava muito embaraçado. Não sabia como entrar na matéria. Ficou silencioso durante muito tempo, sem que ela fizesse o mais pequeno esforço para o ajudar a vencer o embaraço.

— Boa noite, Alice — disse finalmente. — Desculpe-me se a venho incomodar a semelhante hora. Tenho de fazer-lhe uma comunicação que não admite delongas.

Alice persistiu no silêncio, sem manifestar a menor curiosidade.

— Notou que a caravana não continuou hoje a sua viagem — prosseguiu Jack com timidez crescente -, e naturalmente ficou admirada por esse facto. Também eu me admirei de semelhante deliberação, mas o xeque deu-me esta noite a razão da sua conduta.

Jack fez uma pausa, esperando qualquer palavra de incitamento, palavra que não foi dita.

— Como sabe — prosseguiu -, os mouros invadiram o nosso campo, levados pela ambição do lucro. O seu objectivo é mais o de exigir fortes resgates daqueles que os puderem pagar do que reduzir-nos à escravatura. Mas é preciso ainda que alguém possa procurar a soma necessária para os resgates, e foi isso é que decidi o xeque a conservar-se aqui o tempo indispensável para enviar um de nós, à sua escolha, que reunisse, em seu nome e no dos outros passageiros as quantias ajustadas, para as entregar num ponto combinado em troca dos prisioneiros.

Jack fez de novo pausa, a fim de provocar uma interrupção.

— Não quer saber — sugeriu ele -, qual de nós foi escolhido pelo xeque para esse fim?

— Estou à espera de que me diga — respondeu Alice, num tom de voz calma, que não conseguiu tranquilizar o cunhado.

— É verdade — disse ele, sorrindo contrafeito.

Contudo entendeu que não seriam supérfluas algumas perífrases suplementares.

Portanto continuou:

— Compreende que as pessoas a quem o xeque prestou mais atenção foram a Dolly e à senhora, depois do que lhe disse Mr. de Sorgues. Basta o facto de lhes terem erguido esta tenda para a convencer do que lhe disse. Por outro lado, o xeque ficou impressionado com a semelhança dos nossos nomes, e interrogou-me por muito tempo sobre esse assunto. Julguei não fazer mal permitindo-me uma mentira semelhante à de Mr. de Sorgues. Para encurtar razões, com o fim de melhor a defender e ainda que, muito a meu pesar, isso não seja verdade disse ao xeque que era seu marido.

Jack, proferidas estas palavras, esperou um sinal de aprovação ou de reprovação. Alice não fez nem um nem outro. Apenas escutava, esperando a conclusão, que Jack era nessa altura

forçado a formular.

— Na verdade — exclamou ele -, fiquei muito surpreendido com o resultado da minha mentira. Logo que o xeque conheceu os pretensos laços que nos uniam, pensou, e nisso não se engana, em que eu empregaria na sua libertação maior entusiasmo do que qualquer náufrago e escolheu-me imediatamente para ir reunir os resgates exigidos.

Decididamente o negócio não ia mal.

— Espero — murmurou com voz mais firme -, que Alice não desaprová a escolha do xeque e que há-de consentir em me confiar as cartas e as assinaturas necessárias para me serem entregues as somas que tenho de trazer.

— Não lhe darei carta alguma — Declarou Alice friamente, fixando mais atentamente o cunhado.

— E porquê?

— Por duas razões...

— Faça favor de mas dizer — retorqui Jack -, e discuti-las-emos como bons parentes.

— Em primeiro lugar — afirmou Alice -, saiba que não estou de acordo em que se mande um mensageiro, qualquer que ele seja, nesta ocasião. O senhor parece esquecer que Mr. Morgand partiu para nos procurar socorro.

— Partiu, mas não voltará — assegurou Jack.

— Há-de voltar — sustentou Alice, num tom de invencível certeza.

— Penso que não — disse Jack, com uma angústia de que não pôde ser senhor.

Alice sentiu o coração comprimido por súbita angústia. Num enérgico esforço dominou esta fraqueza e, erguendo-se em frente do miserável cunhado, intimou: — Diga-me o que sabe! Jack, assustado com a reviravolta, bateu prudentemente em retirada.

— Não sei de nada — balbuciou -, nada. São apenas pressentimentos. Mas, para mim, estou convencido de que Mr. Morgand, que com certeza, não teria obtido bom resultado da tentativa, não voltará mais, e que nós não temos tempo a perder para tentar adquirir a liberdade unicamente com os nossos recursos.

Alice retorqui bruscamente, depois de ter adquirido de novo a sua tranquilidade: — Inclino-me a crer que o senhor possui com efeito informações particulares acerca da heróica viagem que Mr. Morgand empreendeu para a salvação comum.

— Que quer dizer com isso? — interrogou Jack, com voz trémula.

— Em tal caso, pode ser que tenha razão e Mr. Morgand achasse a morte na sua tentativa. Contudo dê-me licença que seja doutra opinião. Por mim, terei inquebrantável fé no seu regresso, até ao momento em que a extensão do tempo decorrido me prove que me enganei.

O calor com que Alice dissera estas últimas palavras mostrou que seria irredutível nesse ponto.

— Seja! — concordou Jack -, Não vejo, porém, que razão haja para que a possibilidade do regresso de Mr. Morgand se torne obstáculo à combinação que me foi proposta. Que inconveniente haverá em termos duas probabilidades do nosso lado?

— Julgo ter-lhe dito — retorqui Alice -, que tenho duas objecções a fazer ao seu projecto. Já lhe disse a primeira.

— E então qual é a outra?

— A segunda objecção — formulou Alice, apurando completamente o busto -, É que reprovo formalmente a escolha do mensageiro. Não somente não favorecerei a sua partida,

confiando-lhe as cartas que me pede, mas hei-de opor-me com todas as forças da minha alma, para reduzir desde já a sua mentira a nada.

— Na verdade, Alice — insistiu Jack, vendo por terra todos os seus projectos -, que motivos tem para proceder assim?

— O melhor de todos. A convicção que tenho de que não tornaria a voltar.

Jack, aterrado, recuou até junto da parede da tenda. Desmascaradas as suas intenções, o seu plano tornava-se irrealizável. No entanto, tentou um último esforço.

— Que terrível acusação, Alice! — exclamou, procurando dar à voz inflexão de mágoa -, Que lhe fiz eu para que lhe mereça tais suspeitas?

— Ai de mim! — respondeu tristemente Alice. — Lembro-me ainda do Curral das Freiras!

O Curral das freiras! Deste modo, Alice vira, e desde então pudera ler na alma criminosa do cunhado como num livro aberto.

Este compreendeu logo que a partida estava perdida. Não tentou uma palavra de justificação, nessa altura inútil.

Toda a lama do coração lhe saltou aos lábios.

— Pois bem! — Sibilou -, Não compreendo como tem a audácia de me censurar pelo que se passou no Curral das Freiras. Sem isso acaso teria sido salva por esse belo mancebo, como nos romances?

Alice, indignada, não se dignou responder ao venenoso insultador. Limitou-se a despedi-lo num gesto, quando se elevou de súbito uma voz à entrada da tenda, oculta pela sombra incerta do candeeiro.

— Nada receie, minha Senhora — Dizia essa voz -, Pois estou aqui para a proteger.

Alice e Jack tinham-se voltado para o som desta voz incisiva e calma e subitamente ambos soltaram um grito — de felicidade para Alice, rugido de furor para Jack — quando o inesperado visitante entrou no círculo da luz.

Roberto Morgand estava diante deles.

Roberto Morgand vivia.

Jack perdeu a razão num excesso de cólera.

— Olá! — gaguejou com a língua paralisada pela cólera. — Cá está o tal bonito rapazinho! Em que pode uma discussão de família interessar o cicerone Morgand?

Roberto, sempre sereno, deu um passo para Jack Lindsay. Mas Alice interpôs-se entre os dois homens. Com um gesto altivo obteve silêncio.

— O Marquês de Gramond tem o direito de conhecer tudo o que diz respeito a sua mulher — disse, dominando o cunhado impotente com o olhar alucinado.

— Ora aqui está um marquês feito à pressa! — gracejou Jack. — É sem dúvida em Tombuctu que esperam casar?

Atravessou-lhe o cérebro um pensamento súbito. Se Roberto chegara, não viera só. Sem dúvida o campo estava em poder dos franceses, trazidos por ele, e o que Alice lhe anunciara deixava de ser quimera para se tornar realidade. Ao pensar nisto uma onda de furor inundou-lhe o coração. Levou a mão ao cinto e retirou-a armada com esse mesmo revólver com que já tentara assassinar Roberto.

— Ainda não é marquesa, minha senhora! — exclamou, apontando o revólver para o marquês.

Mas Alice velava. De um salto lançou-se sobre Jack Lindsay. Com força consideravelmente aumentada, agarrando-se-lhe ao braço, desarmou-o.

O tiro partiu, mas a bala, desviada, perdeu-se através do tecto da tenda.

— Estamos pagos! — exclamou Alice com um sorriso de triunfo, lançando o revólver fumegante aos pés de Roberto.

Ao tiro de Jack responderam imediatamente outros tiros. Uma tempestade de balas fendeu o ar. Ouviram-se gritos, numa mistura de pragas em diversas línguas.

Jack Lindsay cambaleara: Uma bala francesa ou árabe ferira de morte o miserável. Apenas teve tempo de levar as duas mãos ao peito antes de cair prostrado.

Alice, sem nada perceber do que acontecia, voltou-se para Roberto com uma pergunta nos lábios. Os acontecimentos não lhe deram tempo para falar.

Como uma tromba, a tenda foi derrubada, um turbilhão de homens passou rugindo e, arrastada por Roberto, que logo se entranhou na sombra, Alice achou-se no meio das outras mulheres da caravana. Todas ali estavam, compreendendo Dolly, que apertou a irmã contra o coração.

Pouco depois Roberto voltava, seguido pelo capitão e por Rogério de Sorgues e por todos os outros náufragos.

Faltariam alguns? Somente no dia seguinte seria possível certificarem-se disso.

Meia hora depois de ter reunido os seus homens, distribuído as sentinelas e tomado todas as precauções contra um regresso ofensivo do inimigo, chegava um oficial francês. Cumprimentou as senhoras com alegre sorriso nos lábios, bem visível ao clarão da lua, e, dirigindo-se directamente a Roberto, comunicou-lhe satisfeito: — Os patifes foram postos em debandada.

Mas, sem esperar um agradecimento, bem natural precipitara-se para Rogério, exclamando: — Olá! De Sorgues! Pois o senhor está aqui?

— Como vai isso, meu caro Beudoizt? — volveu Rogério. — E por que razão não havia de estar?

— Que bela coisa! — afirmou filosoficamente o oficial francês, acendendo um cigarro.

CAPÍTULO XXX

Conclusão

Com o assalto vitorioso dos soldados franceses termina na realidade a história da viagem tão bem organizada pela Agência Thompson & C.a. É certo que o caminho até São Luís foi difícil e penoso. Contudo os despojos conquistados aos mouros permitiram suavizá-la o mais possível. Nos «mehara», caídos em poder dos vencedores, pôde ser transportada toda a água do Santa Maria, e à medida que esta água se ia esgotando, dar repouso às mulheres e aos doentes. Nestas condições de relativo conforto, Hamilton e Blockhead depressa recuperaram a saúde habitual e retomaram os seus respectivos caracteres, um optimista, outro resmungador.

Jack Lindsay fora felizmente a única vítima europeia da rápida escaramuça. As circunstâncias da sua morte ficaram desconhecidas e por isso não faltaram a Mrs. Lindsay as respectivas condolências. Esta recebeu a expressão unânime dessa simpatia de modo a conservar num rigoroso segredo este drama de família.

Nenhum outro turista fora atingido pelas balas mouras, e as baixas reduziam-se a dois soldados tão levemente feridos que três dias depois puderam retomar o serviço.

Este número mínimo de feridos não foi devido a não terem todos feito o seu dever. A caravana mal armada dos naufragos, conduzida pelo capitão Pip, servira de valioso auxílio à pequena força dos soldados franceses. Todos se lançaram no mais encarniçado da peleja. Roberto, Rogério de Sorgues, Baker, Piperboom, o reverendo Cooley e até o esplenético Tigg, cujo ardor fora particularmente notado. Ora para que se havia de defender tão calorosamente uma vida que se considerava odiosa?

— Diabo! — não pôde deixar de lhe dizer Baker no dia seguinte. — É mister confessar que o senhor batia-se de mais para quem não tem amor à vida! Perdeu uma boa ocasião de se fazer matar!

— Mas por que demónio não hei-de eu ter amor á vida? — perguntou Tigg, muito admirado.

— Palavra que não sei --— respondeu Baker. — Não conheço as suas razões. Mas creio que tinha bastantes no dia em que entrou no Clube dos Suicidas.

— Eu?

Baker, surpreendido por seu turno, examinou o interlocutor como nunca fizera. Forçoso lhe foi reconhecer que aqueles lábios carnudos, aqueles olhos risonhos e aquele rosto de linhas tão calmas e ponderadas, nada tinham de lúgubre.

— É boa! — retorquiu -, Mas não é verdade que o senhor projectou suicidar-se?

— Nunca na vida!

— E que é membro do clube dos Suicidas?

— Mas isso é uma loucura! — exclamou Tigg, olhando com inquietação o interlocutor, a quem julgava atacado de alienação mental.

Este tranquilizou-o, contando-lhe como e por que série de circunstâncias se tinha metido na cabeça dos turistas a ideia que acabava de exprimir. Tigg divertiu-se imenso com o caso.

— Não sei que jornal é que deu essa informação — disse -, nem aquele a quem pode designar essa letra T. O que é certo é que não se refere à minha pessoa, cujo principal objectivo é atingir cento e dez anos ou mais.

Baker divulgou a explicação, que divertiu muito a caravana. Miss Bess e Miss Mary Blockhead é que não ficaram satisfeitas com o caso.

— Oh! Já sabíamos que esse gentleman... — respondeu Miss Mary à mãe, que lhe contava a história. — era um impostor — concluiu miss Bess, franzindo desdenhosamente os lábios.

Ambas dirigiam um olhar despido de benevolência para o antigo objecto da sua afeição, que, ao mesmo tempo estava entretido com Miss Margarida Hamilton num aparte animado, no decurso do qual lhe asseguraria sem dúvida que odiaria a vida se lha não pudesse consagrar.

Mas não era provável que Miss Margarida o reduzisse a essa extremidade. Não havia dúvida possível, ao ver o modo como ela o escutava.

À excepção das Misses Blockhead, todos eram felizes como é natural ser-se quando se esteve prestes a tornar-se vítima de um destino tão cruel. Roberto vivia junto de Alice, Rogério ria desde manhã até à noite com Dolly, Baker fazia estalar alegremente as articulações, o reverendo Cooley dirigia ao céu orações cheias de gratidão e Van Piperboom — de Roterdão — comia. Apenas dois rostos permaneciam carrancudos no meio dos outros alegres.

Um passeava a fisionomia ensombrada por entre os companheiros, pensando na desapareição de certa bolsa que havia de chorar eternamente. O outro, privado da razão ordinária, admirava-se de já não andar ébrio e julgava que se escangalhava alguma coisa no Universo onde a Terra já não girava.

Thompson tinha de tentar um golpe de fortuna. Johnson era bem capaz de trocar a sua bolsa por uma provisão dos líquidos que lhe eram caros. Infelizmente havia falta dessa mercadoria, porque o comandante da força não metera o álcool no número das coisas cujo transporte julgara necessário.

Johnson teve de se privar das bebidas favoritas durante os vinte dias gastos em chegar a São Luís.

Mas como se desforrou depois! Assim que chegou às casas da cidade, deixou os companheiros e à tarde aqueles que o encontraram reconheceram que ia recuperando conscienciosamente o tempo perdido.

Esta viagem de retorno, apesar de difícil, foi feita sem perigo sob a protecção das baionetas francesas. Não houve um único acidente notável nesta marcha de trezentos e cinquenta quilómetros através do Saara.

Os socorros não faltavam em São Luís, e toda a gente se dedicou a reconfortar esses turistas tão cruelmente experimentados. Mas do que todos tinham pressa era de regressar ao seu país e aos seus lares, e em breve um confortável paquete conduziu os administrados da Agência Thompson, assim como o seu infortunado Administrador-Geral.

Ainda não decorrera um mês que tinham escapado aos mouros e aos tuaregues e já desembarcavam todos em segurança no cais do Tamisa.

Thompson teve nesse momento uma alegria enorme: viu-se desembaraçado de Piperboom. O plácido holandês, cujas impressões ninguém pudera conhecer, largou o seu Administrador logo que sentiu debaixo dos pés o solo de Londres. Desapareceu na primeira rua, de mala na

mão, levando consigo o seu mistério. Seguindo-lhe o exemplo, os outros turistas dispersaram, voltando aos seus prazeres ou aos seus trabalhos.

O reverendo Cooley encontrou intacto o rebanho dos fiéis, que já estava chorando o seu pastor.

O capitão Pip, sempre seguido por Artimon, no seu posto regulamentar. Mr. Bishop, Mr. Flyship e os restantes marinheiros, apenas desembarcaram para voltar ao mar incerto, e Mr. Roastbeef e Mr. Sandwich não tardaram a entrar para o serviço de passageiros, ora contentes, ora descontentes.

Contudo, antes de reconquistar a liberdade, o capitão Pip teve de sujeitar-se aos agradecimentos dos antigos turistas do Seamew. Estes não quiseram deixar o seu comandante sem lhe terem demonstrado o seu reconhecimento por tudo o que deviam à sua tranquila energia. Muito incomodado, o capitão entortou os olhos de modo bastante visível, jurando pelas barbas da mãe que Artimon teria feito exactamente o mesmo. No entanto, saiu um pouco da sua reserva ao despedir-se de Roberto Morgand. Apertou-lhe a mão com um calor que, melhor que discursos muito compridos, mostrava em que particular estima ele tinha o antigo intérprete do Seamew e Roberto sentiu-se profundamente comovido pela vibrante simpatia de um juiz tão perfeito em matéria de honra e de coragem.

A família Hamilton recuperara toda a sua arrogância, vendo-se definitivamente em segurança.

Sem dizer uma só palavra a toda essa gente, a quem o acaso igualara por momentos à sua aristocrática existência, sir George Hamilton, lady Evangelina e miss Margarida apressaram-se a dirigir-se para o seu confortável home, numa excelente carruagem, em que Tigg tomou lugar a pedido do baronete, lugar que pareceu aceite de muito bom grado.

A sorte dessas pessoas estava fixada.

Em contraste com os Hamilton, a família Blockhead estava só quando por sua vez desembarcou depois de o alegre chefe ter apertado todas as mãos ao seu alcance. Nenhum representante do sexo feio, em idade de casar tomou lugar na carruagem que levava a família e a bagagem. Esta interessante família chegou só à sua habitação e, aí, só Mr. Absyrthus passava o tempo contando aos conhecidos a viagem — extraordinária, senhores! — em que tomara parte; Mrs. Georgina, consagrada à educação de Abel, e Miss Bess e miss Mary encarniçando-se em busca de um marido fabuloso. Mas a caça tornara-se rara.

Miss Bess e Miss Mary nada conseguiram desta diligência difícil e acusam-se duramente de vergonhosas caçadas furtivas.

Rogério de Sorgues apenas se demorou algumas horas na Inglaterra, visto ter sido chamado a França para dar explicações sobre o irregular prolongamento da licença.

Partiu no mesmo dia em que desembarcou e daí a algumas horas estava em Paris.

Depois de facilmente regulada a sua situação militar, solicitou e obteve nova licença, atentas as ponderosas razões com que apoiou o pedido.

Pode-se acaso recusar uma licença a quem vai casar?

Ora Rogério casava-se. Fora isto combinado entre ele e miss Dolly, como coisa muito natural e que não necessitava exame algum.

A cerimónia realizou-se no dia 3 de Setembro, e, nesse mesmo dia, Alice trocava o seu apelido pelo de Roberto. Desde este momento, estes quatro corações não têm história. Para

eles o tempo segue o seu tranquilo curso e o dia seguinte traz uma ventura semelhante à da véspera.

A marquesa de Gramond e a condessa de Sorgues compraram dois palácios contíguos, na avenida do Bosque de Bolonha. Aí educam os filhos e essas vizinhas conservam-se boas amigas e irmãs afectuosas.

Muitas vezes recordam os acontecimentos que precederam os seus casamentos, e muitas vezes falam deles nas suas conversações íntimas.

Nessas recordações vão beber novas razões para amar os maridos que escolheram. Nessas conversações vêm a propósito os nomes dos seus companheiros de viagem e de infortúnio. Nunca se podem esquecer aqueles que connosco sofreram e com alguns deles as americanas conservaram relações amistosas.

Quatro anos depois da viagem organizada pela Agência Thompson, dois desses privilegiados batiam ao mesmo tempo, à hora do jantar, à porta do palácio da Marquesa de Gramond.

— Pelas barbas de minha mãe, Sr. Saunders, estou satisfeito de o ver! — exclamou um dos viajantes.

— O Sr. Baker não está menos satisfeito de se encontrar com o capitão Pip — declarou o outro visitante, estendendo amigavelmente a mão ao bravo capitão do Seamew.

Era dia de reunião familiar em casa da senhora de Gramond. Sorgues e a mulher tomaram lugar na mesa, à qual se sentaram o capitão e Baker.

Ambos ao corrente de quanto se passara, não se admiravam do luxo que rodeava o antigo intérprete da Agência Thompson & C.A. Demais, tinham visto na sua vida tanta coisa que não era fácil admirarem-se e o capitão Pip, que conhecia os homens, achava o seu hospedeiro digno de todos os favores da fortuna.

Era evidente não ser a primeira vez que se sentavam em torno desta mesa hospitaleira, servida discretamente pelos lacaios. Não havia embaraços nas suas relações, antes reinava a franca liberdade que convém a verdadeiros amigos.

Artimon sentara-se nas patas traseiras atrás da cadeira do capitão. Pertencia-lhe esse lugar e nenhum cataclismo seria capaz de o fazer afastar daí.

Demais, ninguém pensava nisso e o capitão não se envergonhava de lhe passar alguma guloseima, que Artimon aceitava com dignidade. Artimon envelhecera, mas o coração conservava-se jovem. Os olhos continuavam inteligentes e vivos, sempre postos no dono, e continuava a receber-lhe as confidências, agitando as compridas orelhas com ar de profundo interesse. Também ele conhecia a casa para onde fora convidado nessa noite. Amimado pela dona da casa, que não esquecia o salvador de seu marido, respeitado pelos criados que o veneravam como uma potência, apreciara também a alimentação do palácio e aprovava energicamente o dono e amigo quando este lhe confiava o projecto de ir dar uma volta por Paris.

— De onde regressa desta vez, comandante? — perguntou Roberto durante a refeição.

— De Nova Iorque — respondeu o capitão, que, contratado para fazer serviço na linha Cunard, estava aborrecido das eternas travessias entre a Inglaterra e a América — É aborrecida como o diabo!

— Qualquer dia encontra-nos lá — continuou Roberto. — A senhora de Sorgues e a senhora de Gramond desejam voltar ao mar, apesar de ele lhes ter pregado algumas peças.

Está-se construindo um iate de mil toneladas num estaleiro do Havre. E, a propósito disso, queria perguntar-lhe se nos pode indicar um homem seguro para capitão.

— Conheço apenas um — respondeu Pip, com bonomia -, É um sujeito chamado Pip, que, segundo se diz, não é muito mau marinheiro. Há apenas nisso um inconveniente. Esse Pip achou maneira de se casar sem arranjar mulher. Juntamente com ele é necessário contratar um cão. Mas o pobre animal está velho e já não pode durar muito tempo. Há quinze anos que navega pelo mundo e isso é uma idade muito avançada para um cão — ajuntou, dirigindo a Artimon um olhar repleto de melancólica ternura.

— Como, pois o senhor consente?! — exclamou Roberto.

— Se consinto!. — afirmou o capitão. — Estou farto de navios de passageiros. É uma mercadoria que me estorva muito. E, depois, andar eternamente de Liverpool para Nova Iorque e de Nova Iorque para Liverpool. é uma maçada dos diabos!

— Fica então combinado — disseram ao mesmo tempo Roberto e Rogério.

— Combinado — disse o capitão -, Artimon terá o seu asilo a bordo do, é verdade! Já baptizaram o futuro iate?

— Como recordação do Seamew — declarou Dolly -, eu e minha irmã chamámos-lhe a «Moette» (a gaivota).

— Boa ideia! — aprovou ironicamente Baker. — Já os estou vendo a caminho de Tombuctu!

— Trataremos de evitar essa desgraça — replicou o capitão -, Mas, a propósito do Seamew, são capazes de adivinhar quem é que encontrei em Londres, ontem?

— Thompson! — exclamaram em coro os convivas.

— Exactamente! Thompson. Bonito como uma flor, elegante, buliçoso, agitado e coberto de jóias como antigamente. Teria por acaso outra bolsa que o xeque não foi capaz de descobrir? Ou não teria o senhor posto em prática as suas ameaças? — perguntou o capitão, voltando-se para Baker.

— Não me fale desse bandido! — disse este, de mau humor. — Esse Thompson é um homem infernal que há-de dar cabo de mim. As minhas ameaças foram postas em prática. Eu e mais vinte passageiros esmagámos esse tunante com processos ganhos em toda a linha. O Thompson, incapaz de pagar, declarou-se falido; teve de fechar o escritório e o seu nome foi riscado das agências de viagens. Mas a minha satisfação não foi completa.

Esse cavalheiro atravessa-se no meu caminho a todos os momentos. Que eu saiba, não faz nada e, apesar disso, tem o aspecto de quem nada em ouro. É um animal que me contende com os nervos. Estou convencido de que tem dinheiro aferrolhado e de que fui comido.

Durante esta diatribe de Baker, as duas irmãs entreolhavam-se sorrindo.

— Esteja descansado, Sr. Baker — disse finalmente Alice -, Mr. Thompson está arruinado e bem arruinado, e incapaz de tornar a fazer-lhe concorrência.

— Então como é que ele vive? — insistiu Baker incrédulo.

— Quem sabe! — respondeu Dolly, sorrindo -, talvez de uma pensão que lhe tivesse estabelecido algum passageiro reconhecido.

Baker pôs-se a rir.

— Ah! Ah! Aí está um passageiro que eu gostava de conhecer!

— Pergunte-o a Alice! — Insinuou Dolly.

— Pergunte-o a Dolly! — sugeriu Alice.

— As senhoras! — exclamou Baker, o cumulo da admiração -, então que razões tiveram para socorrer semelhante farsista? Não se fartou de zombar das senhoras e de todos os outros? Não faltou ultrajosamente às suas promessas? Não esteve a ponto de nos deixar morrer afogados em toda a viagem, esmagados em São Miguel, de febre em Santiago, queimados pelo sol, fuzilados pelos mouros em África? Palavra de honra que não vejo nada de que lhe possam estar agradecidos.

— Devemos-lhe a felicidade — Exclamaram em coro as duas irmãs.

— Se a viagem tivesse sido bem organizada, seria eu agora condessa? — interrogou Dolly, rindo para Rogério, que respondeu com um sinal de cabeça claramente afirmativo.

— E eu marquesa? — acrescentou Alice, dirigindo a Roberto um profundo olhar, que lhe foi retribuído.

Baker nada encontrou que responder. Contudo, apesar das razões expostas pelas duas irmãs, não ficara contente. Perdoava dificilmente aos seus amigos o atenuarem, pela sua caridade sentimental, uma vingança que desejaria tivesse sido mais completa.

— Ora aqui está o que são as mulheres! — murmurou finalmente por entre dentes.

Conservou-se silencioso ainda um momento, mascando palavras confusas.

Evidentemente, não engolia, como se costuma dizer, a notícia que acabava de saber.

— Seja! — concluiu finalmente. — Considero, porém, a aventura estranha. Que pensa disto, comandante?

O capitão, bruscamente interpelado, perturbou-se. Ao choque da comoção os olhos divergiram-lhe.

É verdade que foi pouco, mas incontestavelmente entortou os olhos.

Um hábito chama um segundo e este um terceiro. Depois de entortar os olhos, martirizou delicadamente a ponta do nariz e, depois de satisfeita esta segunda mania, voltou-se com a ideia de escarrar no mar. Mas o mar estava um pouco longe e, em seu lugar, estendia-se um tapete espesso com flores vivas, num fundo branco. À vista da alcatifa o capitão ficou embaraçado e perdeu completamente a noção das coisas. Em vez de responder a Baker, julgou prudente dar parte dos seus sentimentos a Artimon, único no género. Inclinou-se para o cão, vigiado pelos olhares divertidos dos seus amigos.

— Pelas barbas de minha mãe, master, estou metido nuns bons assados! — disse sentenciosamente ao bom do cachorro, que antecipadamente sacudia as orelhas em sinal da aprovação.

FIM

Pequena Biografia de Julio Verne

Júlio Verne foi o filho mais velho dos cinco filhos de Pierre Verne, advogado (avoué), e Sophie Allote de la Fuÿe, esta de um família burguesa de Nantes. É considerado por críticos literários o precursor do gênero de ficção científica, tendo feito predições em seus livros sobre o aparecimento de novos avanços científicos, como os submarinos, máquinas voadoras e viagem à Lua.

A carreira literária de Júlio Verne começou a se destacar quando se associou a Pierre-Jules Hetzel, editor experiente que trabalhava com grandes nomes da época, como Alfred de Brehat, Victor Hugo, George Sand e Erckmann-Chatrion.

Hetzel publicou a primeira grande novela de sucesso de Júlio Verne em 1862, o relato de viagem à África em balão, intitulado Cinco semanas em um balão. Essa história continha detalhes tão minuciosos de coordenadas geográficas, culturas, animais, etc., que os leitores se perguntavam se era ficção ou um relato verídico. Na verdade, Júlio Verne nunca havia estado em um balão ou viajado à África. Toda a informação sobre a história veio de sua imaginação e capacidade de pesquisa.

Hetzel apresentou Verne a Félix Nadar, cientista interessado em navegação aérea e balonismo, de quem se tornou grande amigo e que introduziu Verne ao seu círculo de amigos cientistas, de cujas conversações o autor provavelmente tirou algumas de suas ideias.

O sucesso de Cinco semanas em um balão lhe rendeu fama e dinheiro. Sua produção literária seguia em ritmo acelerado. Quase todos os anos Hetzel publicava novo livro de Verne, quase todos grandes sucessos. Dentre eles se encontram: Vinte Mil Léguas Submarinas, Viagem ao centro da terra, A volta ao mundo em oitenta dias, Da terra à lua, Robur - o conquistador.

Seu último livro publicado foi Paris no século XX. Escrito em 1863, somente publicado em 1989, quando o manuscrito foi encontrado por bisneto de Verne. Livro de conteúdo depressivo, foi rejeitado por Hetzel, que recomendou Verne a não publicá-lo na época, por fugir à fórmula de sucesso dos livros já escritos, que falavam de aventuras extraordinárias. Verne seguiu seu conselho e guardou o manuscrito em um cofre, só sendo encontrado mais de um século depois.

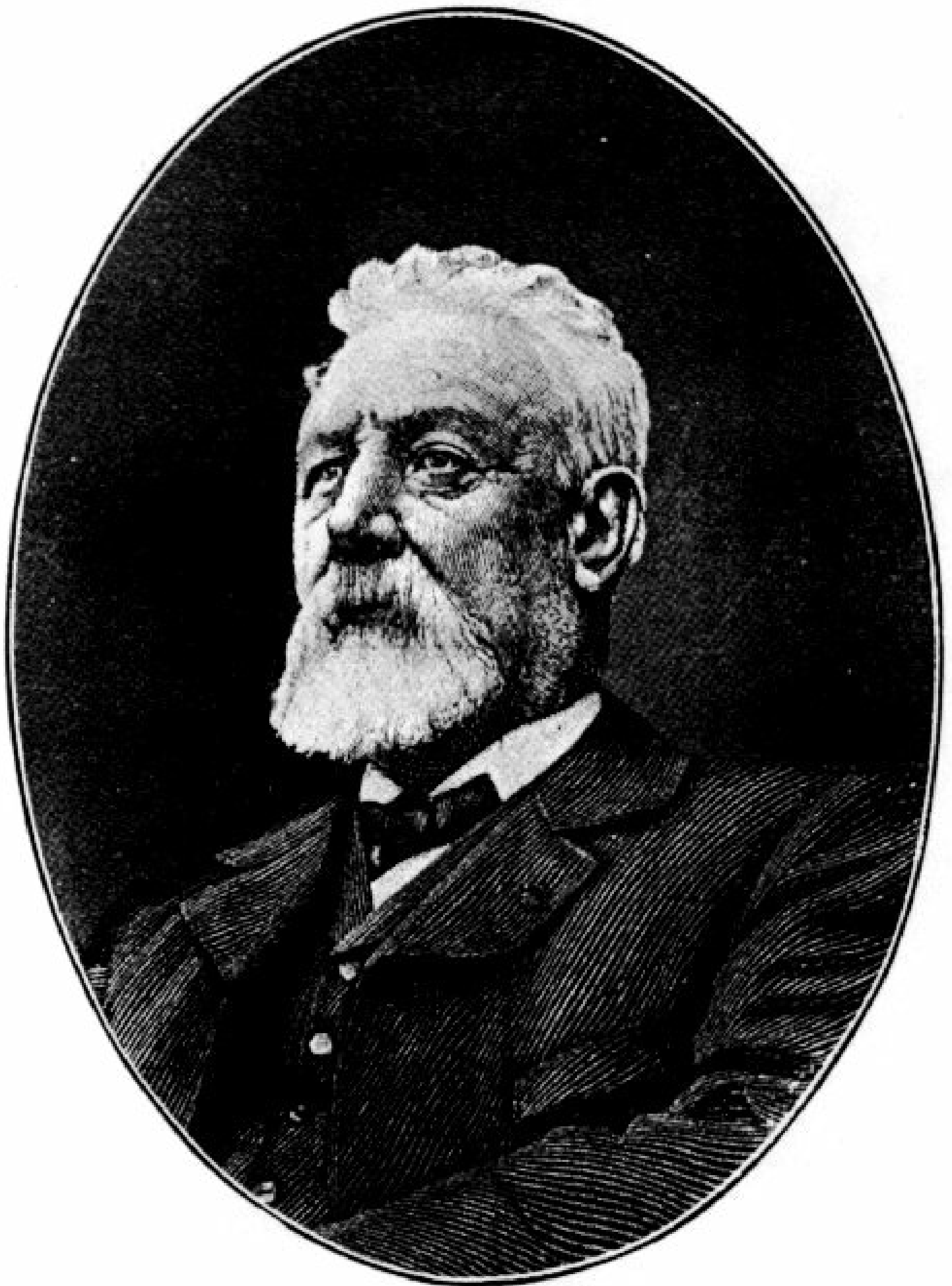
Até hoje Júlio Verne é o escritor cuja obra foi mais traduzida em toda a história, com traduções em 148 línguas, segundo estatísticas da UNESCO, tendo escrito mais de 70 livros.

Michel, seu filho, era considerado um rapaz rebelde, e não seguiu as orientações do pai. Júlio Verne mandou o seu filho, aos 16 anos, em uma viagem de instrução em um navio, por 18 meses, com esperança que a disciplina a bordo e a vida no mar corrigissem o seu carácter rebelde, mas de nada adiantou. Michel não se corrigiu e acabou por casar com uma atriz, contra a vontade do pai, tendo com ela dois filhos.

Em 9 de Março de 1886, seu sobrinho Gaston deu dois tiros contra o autor, quando este chegava em casa na cidade de Amiens. Um dos tiros o atingiu no ombro e demorou a cicatrizar, o outro atingiu o tornozelo, deixando-o coxo nos seus últimos 19 anos de vida. Não se sabe bem por que seu sobrinho tenha cometido o atentado, mas ele foi considerado louco e internado em um manicômio até o final da vida. Este episódio serviu para aproximar pai e

filho, pois Michel vendo-se em vias de perder o pai passou a encarar a vida com mais seriedade. Neste mesmo ano, morria o editor Pierre Hetzel, grande amigo de Júlio Verne, facto que o deixou muito abalado.

Nos últimos anos, Verne escreveu muitos livros sobre o uso erróneo da tecnologia e os seus impactos ambientais, sua principal preocupação naquela época. Continuou sua obra até a sua morte em 24 de Março de 1905. O seu filho Michel editou seus trabalhos incompletos e escreveu ele mesmo alguns capítulos que estavam faltando, quando da morte do pai.



- [11](#) O tempo é dinheiro.
- [12](#) Casa de trabalho.
- [13](#) Sala de leitura.
- [14](#) Chefe da cozinha.
- [15](#) Que vive exclusivamente na terra.
- [16](#) Mais um disparate de J. V.
- [17](#) Cadeira de balanço.
- [18](#) Género de peixe a que pertence a carpa.
- [19](#) Espécie de mordomo, chefe de cozinha.
- [110](#) J. V. confundiu-nos com os espanhóis. A partícula Dom é geralmente usada pelos nossos vizinhos.
- [111](#) Parece-nos engano de cifra, visto que os seis milhões de francos que noutra lugar atribui ao valor do crucifixo correspondem a cerca de mil e cem contos de réis.
- [112](#) 1100000000 de réis.
- [113](#) J. V. diverte-se inventando nomes portugueses disparatados, como disparatado é tudo quanto a nosso respeito escreve com audaciosa ignorância.
- [114](#) Ora aqui têm uma lei que somente J. V. seria capaz de descobrir na nossa legislação!
- [115](#) Em que época?
- [116](#) No original está «a lagoa seca». Não empregamos a primeira palavra por entendermos que um português nunca empregaria um artigo espanhol. Coisas de J. V.
- [117](#) Esta invasão de Portugal pelos mouros é uma das muitas invenções de J. V.
- [118](#) O lundum não é dos Açores? Onde iria J. V. desencantar esta novidade?
- [119](#) Continua a confusão com os espanhóis. Até o nome é espanhol.
- [120](#) J. V. esgotou todas as considerações vexatórias com os domínios portugueses. Quando muito, teve a grande amabilidade de achar beleza na Madeira. Para as Canárias é que foram guardados os pontos de admiração.
- [121](#) Planta da família dos cactos, da qual se extrai a cochonilha.
- [122](#) Género de silvanos conirrostros, parecidos com o pardal.